

AYURUS

DIÁRIO DE UM PEREGRINO DAS ESTRELAS



UNIVERSIDADE
DO AMOR

Os recursos arrecadados por meio dessa obra serão parcialmente destinados aos trabalhos desenvolvidos pela Universidade do Amor, uma associação de amigos voluntários que buscam, por meio da troca de conhecimento com os povos indígenas e ribeirinhos do Rio Negro, praticar a essência dos ensinamentos espirituais ancestrais mais elevados. Para conhecer mais sobre o trabalho da Universidade do Amor, acesse:

WWW.UNIVERSIDADEDOAMOR.ORG.BR

[@UNIVERSIDADE.AMOR](https://www.instagram.com/UNIVERSIDADE.AMOR)

Ilustração da Capa: ??????

Impressão: AllPrint Varella

A984d Ayrus

Diário de um peregrino das estrelas / Ayrus. – Novo Airão, AM: Universidade do Amor, 2023.

228 p. : 14,5 x 21 cm

ISBN 978-65-997666-3-3

1. Literatura 2. Espiritualidade 3. Amazônia 4. Caridade
I. Título

C.D.U.: 821(81) -3

Catálogo na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath CRB 10/1278

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

“Dedico este livro a todas as pessoas, sem exceção, que cruzaram meu caminho nesta breve existência terrena, sendo todos indubitavelmente instrumentos divinos para a minha transformação neste lindo planetinha escola-hospital azul. Que estas linhas possam inspirar a todos os leitores a também trilharem um caminho espiritual com fé e coragem de profundo autoconhecimento, nos tornando conseqüentemente seres humanos melhores na maravilhosa, eterna e infundável evolução.”

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuisse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.”

Paulo de Tarso

“ O essencial é invisível aos olhos “
O pequeno príncipe

“Primeiro eles te ignoram,
Depois riem de você,
Depois combatem você e então você vence.”
Gandhi

“Desprendido de imagens que se rompem
a um capricho dos deuses, tu regressas
ao que, fora do tempo, é tempo infundo,
no secreto semblante da verdade.”
Carlos Drummond de Andrade

“ Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu
coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu
pensamento e Amarás o teu próximo como a ti
mesmo.” Jesus

“Temet Nosce” (conhece a ti mesmo) .

“ Não existe colher ”

“Há uma diferença entre conhecer o caminho e caminhar o caminho “
Eu posso lhe mostrar o caminho mas você mesmo terá que caminha-lo.

Do filme : Matrix .

“ A felicidade só é verdadeira quando compartilhada “.

Henry David Thoreau

Calam-se portanto as palavras e falem as obras .

Santo Antonio de pádua

Pratique sempre o evangelho, se necessário for utilize-se de palavras.

São Francisco de Assis

“Meu amigo :

À maneira dos velhos peregrinos que jornadeiam sem repouso, busco-te os ouvidos pelas portas do coração.

Senta-te aqui por um momento.

Somos poucos junto à árvore seivosa da amizade perfeita.

Muitos passaram traçando-te o caminho...

Visitaram-te muitos outros, compelindo-te a dobrar os joelhos perante o Céu...

Não te imponho um figurino para atitudes exteriores.

Ofereço-te o lume da experiência.

Não te aponto normas para a contemplação das estrelas.

Rogo que vejas no firmamento, a presença divina da Divina Bondade.

Trago-te apenas as histórias simples e humildes, que ouvi de outros viajores.

Receba-as, elas são nossas.

Guardam o sorriso dos que ensinam no templo do amor e as lágrimas dos que aprendem na escola do sofrimento.

Assemelham-se a flores pobres entretecidas de júbilo e pranto, dor e bênção, que deponho em tua alma para a viagem do mundo.

Acolhe-as com tolerância e benevolência! Dir-te-ão todas elas que, além da morte, floresce a vida, tanto quanto da noite ressurge o esplendor solar, e que se há flagelação e desespero, ante o infortúnio dos homens, fulgem, sempre puras e renovadas, a esperança e a alegria, ante a glória de Deus.”

Humberto de Campos

INTRODUÇÃO

Ayurus era um jovem indiozinho com aproximadamente quinze anos, e vivia por volta de 1715 em terras amazônicas, numa linda tribo às margens do Rio Negro, no coração da floresta amazônica, no entorno das místicas ilhas de Anavilhanas, no Brasil.

Numa linda manhã ensolarada, Ayurus pegou sua pequena canoa de madeira bem cedo e saiu a remar, com muita agilidade e destreza.

A um certo ponto percebeu que uma linda e frondosa árvore brilhava como as estrelas, mesmo durante o dia, pois o reflexo do sol que banhava o Rio Negro subia e iluminava a árvore, e este belo efeito lhe chamou muito a atenção. Então atraído, encostou sua canoa e se sentou debaixo desta árvore para contemplar o lindo efeito e apreciar o lento e contínuo movimento do místico rio.

Estava ele neste estado, observando o fluir das águas, quando de relance olhou ao seu lado e viu a ponta de um objeto bem brilhante soterrado ao pé da árvore. Começou a desenterrá-lo e encontrou um pequeno baú, feito de um material muito dourado que ele nunca tinha visto.

Ayurus abriu o pequeno baú, onde encontrou um livro com uma capa azul, e quando o abriu, para sua surpresa, havia uma carta, onde incrivelmente estava escrito:

“Este livro vem do futuro e é dedicado ao jovem índio chamado Ayurus: “aquele que fala pelos espíritos elevados como um papagaio”, mas que será futuramente sempre conhecido por Ajuricaba, pela sua força e coragem como uma caba (poderosa vespa na Amazônia). Que o jovem Ayurus, bem como toda a tribo humana do lindo e pequenino planetinha azul, possam refletir nas páginas deste livro, que contará simplesmente uma linda história do futuro. Que todos aqueles que o lerem possam se inspirar nesta história do futuro para construir um feliz destino para si na eternidade de nossa evolução.”

Ayurus quase caiu para trás quando viu que a carta no livro estava endereçada a ele, pois tinha exatamente seu nome nela. Mas, como era de se esperar dele, sem medo algum e com muita curiosidade, pegou o

livro com uma linda foto, que ele compreendeu ser um ser estelar, e leu o seu título: Diário de um peregrino das estrelas. E, com ele em mãos, voltou a se sentar confortavelmente debaixo da linda árvore, agora ainda mais reluzente, e começou a ler o livro do futuro, dedicado a ele mesmo, que contava a seguinte história:

PARTE I - ANTES DA AMAZÔNIA

INFÂNCIA

O peregrino das estrelas decidiu, junto com seu mentor no plano espiritual, reencarnar na sua última existência em 1970, numa família cristã, para que aprendesse nesta sua nova vida sobre os transcendentes, profundos e transformadores ensinamentos de Jesus.

Ele já havia encarnado em muitos outros locais e planetas, e, noutras vidas passadas no planetinha azul, havia já aprendido os ensinamentos espirituais dos inigualáveis vedas e do puro e verdadeiro yoga na incrível Índia; o profundo Dharma do Buda na Mongólia e no Japão; no Egito, os secretos ensinamentos iniciáticos de Inhotep; na milenária China, com Fo-hi, Lao-Tse e Confúcio. Mas lhe faltava saber mais sobre o mestre do amor, Jesus, e assim escolheu um lar em um país onde já havia renascido antes, mas que desta vez pudesse aprender mais profundamente sobre Jesus Cristo e seu evangelho de luz. Escolheu então nascer em um berço familiar em que seu pai era católico e sua mãe, evangélica - linhagens diferentes, mas ambos seguidores mesmo mestre: o Cristo. E assim decidido no plano espiritual, dentre outras coisas, nasceu neste lindo jovem lar, em uma cidadezinha com o maravilhoso nome de Bela Vista do Paraíso, no coração do Mundo e pátria do Evangelho, no espiritual Brasil.

O peregrino nasceu com um problema ocular proposital, que fez seus pais procurarem amorosamente e generosamente ajuda por todo o país, com médicos oftalmologistas especialistas, que diziam ser um caso raríssimo. E apesar da tentativa de várias terapias, inclusive de usar óculos com tampões, que o faziam bater a cabeça pela casa toda, o fato é que estava escrito nas estrelas que nesta vida o pequeno peregrino deveria vir com esta deficiência física, cego de um de seus olhos, por escolha própria e para purificação cármica. E, também, para compreender melhor o compromisso que havia assumido para esta existência, quando futuramente viesse a descobrir o propósito desta condição, que, em realidade, nunca fez falta a ele, que nem se dava conta desta visão monocular.

Foi crescendo aos poucos e, como seu pai tinha um trabalho que mudava constantemente de cidade, aprendeu a ser desapegado de casas fixas e se adaptar a novos lugares, pessoas e realidades, e morou em muitas cidades, aprendendo a fazer sempre novos amigos por onde passava. Todo domingo era dia de ir ou numa missa católica ou numa escola dominical da igreja presbiteriana que seus pais frequentavam juntos, sem divergências ou desarmonias, num lindo respeito mútuo de cultuar a Deus e a Jesus entre o casal.

Neste contexto, percebeu como eram divergentes e incoerentes ambas as instituições, a seu ver, na distância entre o que Jesus realmente havia ensinado em sua vida e o que ali aprendia, ou seja, ser humilde, ajudar os pobres e apenas amar. Ele não compreendia a necessidade de suntuosos templos de pedras adornados em ouro, que na sua infante opinião poderiam muito bem ser mais úteis e servir de casas e abrigos para os pobres e moradores de rua, como o próprio mestre ensinava. E por não concordar com esta enorme contradição, aprendeu a se tornar admirador de Jesus sim, mas não dos homens e suas instituições, e ficava em silêncio em seus pensamentos, para não magoar seus parentes amados que naquilo ainda viam sentido.

Do Paraná, ainda bem novinho, com cinco anos, seus pais se mudaram para Minas Gerais, para uma cidade que ele amaria eternamente por suas memórias, chamada Iturama. Nela, o peregrino adorava ir na floresta, das tantas que haviam por ali, e acompanhar seu pai aos sábados em seu sítio. Ia sozinho nadar nu no riacho que havia na propriedade, e ali já ele percebia que tinha uma conexão enorme com a mata e com os bichos. Um dia ele estava no rio e viu uma cobra coral vermelha, que todos temiam, mas ele não, e, ao contrário, conversava com ela e nadava junto da mesma em harmonia.

Adorava cavalgar em pelo nos cavalos nos pastos mineiros, tirar leite das vacas e bebê-lo purinho e ainda quente com açúcar cristal, e se deleitava com a espuminha que fazia. E esta sua rica infância foi vivida em Minas Gerais, um lindo estado brasileiro que eternamente tocou seu coração pelas pessoas e sua enorme simplicidade e generosidade, e desde então se tornou um mineiro de coração, com uma enorme conexão com este estado, muito embora tivesse nascido no também lindo estado do Paraná.

Em Minas Gerais adorava aprontar, aprender música na banda , fazer experimentos de química com seu amigo Vantuir, e dizia que seria cientista.

Até de um concurso de cantor participou cantando a música : Porto Solidão de Jessé em que se divertiu e brincava de professor ensinando às outras crianças, e estudar embaixo das enormes e belíssimas figueiras, que junto com as mangueiras foram os maiores presentes que a índia deu ao Brasil, pois estas árvores são originárias de lá e vieram com os colonizadores portugueses. E principalmente ficar contemplando as nuvens e suas formas que para ele eram como sinais divinos. E, claro, o melhor de Minas, que é a sua fantástica culinária, e ele amava comer pão de queijo, curau, pamonha, picolé de murici, bolo de fubá e erva doce, balas de coco, biscoito de polvilho , doce de figo e casca de laranja, que sua mãe e amigas sempre se reuniam para fazer aos sábados, e eram a alegria da molecada e todos seus amiguinhos, toda aquela fartura e comilança.

O peregrino à noite tinha muitas visões, e tinha um recorrente e triste sonho, em que ele era um índio, morava na floresta, e via sua família morrendo queimada num enorme fogo que destruía toda sua aldeia, e ele estava impotente vendo aquela cena. Sentia uma enorme dor, gritava e acordava assustado com aquele sonho, sentia a dor da perda da família dentro dele, e corria para o quarto de seu pai e sua mãe com muito pavor, pois parecia muito real.

À noite sentia a presença de espíritos junto dele, dos quais ele também tinha muito medo, e sempre se abrigava no quarto de seu pai e mãe, que sempre se perguntavam o que tinha aquele menino que não conseguia dormir no escuro. Ele tinha pavor do escuro quando criança.

Fez os seus primeiros e eternos amigos de infância na escola: Marquinho, seu vizinho e companheiro de travessuras, e Julinho, mais tranquilo. Ele tinha, com seus tenros dez anos, em sua cabeça, a sua primeira namoradinha, Renata, para quem ele deu de presente um pequeno patinho de plástico, mas que quebrou seu coração quando foi embora com seus pais, que se mudaram. Mas logo também se apaixonou pela bela Giuliana, filha de um amigo de seu pai, o sr Reato, que viria a encontrar muitos anos depois em Ribeirão Preto, quando oferecia cursos espirituais. E se lembrou que quando era criança, o sr Reato era espírita e seu pai era colega de profissão e o admirava muito por este motivo, e

ele deu uma vez uma palestra quando nosso peregrino estava ainda no primário que o marcou, onde ele dizia que todos somos diamantes e que precisamos apenas descobrir nosso potencial tirando as sujeiras que ofuscam o nosso brilhar, e para isto deveríamos sempre praticar amor até brilharmos profundamente. E ele, o pai da Giuliana, nunca soube de sua infante paixão, e assim marcaria sua vida nestas suas eternas profundas paixões e projeções platônicas nas mulheres vindouras.

Sua mãe era sua professora de português nesta época, e sofria com nosso peregrino, que era sempre o último a entregar suas enormes redações, pois ele amava escrever e principalmente ler.

Tinha sua querida cuidadora a amiga Mira, uma moça negra que cuidava dele e de sua casa, e aprendeu com ela a amar e admirar os povos brasileiros de origem africana, que eram muito trabalhadores, doces e muito, mas muito alegres e sorridentes.

O peregrino tinha duas irmãs, que sempre foram muito próximas e que amava muito, e um cachorro que ele adorava e se chamava Bilú.

O dia mais triste desta época da vida do peregrino foi quando o Bilú foi atropelado por um caminhão na sua frente, e pela primeira vez na sua curta existência chorou a morte do seu cachorro, que viu morrer agonizando. Mas neste momento olhou para o céu lindo, onde estavam passando as nuvens que ele tanto amava, e com lágrimas nos olhos sentiu de alguma maneira que não existia morte, que aquilo era transitório e que o Bilú sempre o acompanharia, e que o reencontraria num futuro ainda nesta sua existência.

Em Minas Gerais conheceu, mesmo pequeno, com sua família, pessoas espíritas e, muito embora seus pais não o fossem, tinham abertura, flexibilidade e curiosidade em saber mais sobre esta linda fonte de cunho espiritual. Mas ele obviamente, devido a tenra idade incipiente, não se aprofundou, mas admirou aquelas pessoas com que teve contato inicial.

Ouvia de seus pais, em conversas com amigos e familiares, que na época de seu nascimento, em Bela Vista do Paraíso, na casa onde nasceu, eles ouviam e sentiam um espírito desencarnado, que lá havia morrido há pouco tempo, e que todos, inclusive suas avós católicas e evangélicas, o viram, o espírito do antigo dono da casa. Também conheceu uns amigos pessoais do trabalho de seu pai que incorporavam espíritos, e também uma senhora espanhola chamada Maria, que frequentava sem-

pre sua casa e que dava recados espirituais, como uma grande médium, a todos de várias maneiras.

O pequeno peregrino assim convivia já com estes fenômenos espirituais, cultos e missas com muita harmonia e tolerância e nunca percebeu nenhum sectarismo de seus pais sobre nenhuma vertente religiosa, assim com eles aprendeu a respeitar a todos.

Nas suas férias, ele sempre ia com sua irmã do meio, pois a mais nova ainda era muito pequena, passar meses com seus avós de origem italiana, no interior de São Paulo, onde ele amava ir na igreja com sua avó e ser coroinha ajudando o padre local, visitar os cinco primos que viviam próximo numa outra e linda fazenda de café, onde fazia pequenas incursões se considerando um arqueólogo e biólogo, coletando pequenos ossos que encontrava e objetos antigos, e amava quando sua avó cozinhava para ele, e sempre oravam antes das refeições e antes de dormir, e principalmente o pão que sua tia fazia no forno a lenha.

Sua avó paterna assim rezava com ele: “Nesta cama me deito, nesta cama me levanto, com a Virgem Maria e o Espírito Santo, e seu eu coberto por ele for não terei medo nem pavor, nem coisa deste ou de outro mundo for.”

Adorava aprender italiano com eles, que falavam entre si e com os mais velhos, numa tradição familiar, e anotava cada palavra com cuidado num caderninho e praticava com eles o idioma, e amava ouvir a difícil história de seus antepassados paternos que migraram da Itália para o Brasil, e de seus sofrimentos de árduo trabalho naqueles tempos de imigração. Nosso peregrino quando adulto foi para a Itália, para terra de suas origens na província de Mantova, num local chamado Magnacavallo, que era a pequena estação de trem de onde eles saíram na incrível viagem dali, daquele interior italiano, para o desconhecido e longínquo Brasil, e incrivelmente conseguiu reencontrar seus parentes italianos quando refez os passos de seus antepassados, que haviam perdido totalmente o contato havia mais de sessenta anos. E se emocionou quando estes seus parentes italianos reencontrados lhe disseram que ainda tinham com eles as cartas antigas guardadas trocadas que provinham do Brasil, contando a eles como era a vida na América no novo país, no novo mundo, o Brasil, e foi mais emocionante ainda quando ele colocou sua nonna para falar com seus primos distantes pelo telefone, em momentos de lágrimas e emoção.

Sua avô era uma inspiração para ele pois fazia muitas coisas manuais e tinha muitas ferramentas que ele amava: martelo, pregos, arco de pua, serrrote, alicates. E seu avô era tão habilidoso que construía para ele e sua irmã lindamente brinquedos de todos os tipos: carrinhos de rolemã, perna de pau, saquinhos de mão. E adorava ir junto com ele com ele carpir e cuidar do cafezal, cultura agrícola que era a base dos imigrantes italianos na época, e se deleitava nos finais de semana com andar de trem com seu avô, que usava um lindo chapéu, entre as pequenas cidades interioranas paulistas, visitando os parentes, amigos ou simplesmente indo fazer compras.

Mas ele também amava quando passava algum tempo com sua avó materna, pois seu avô, pastor evangélico presbiteriano, falecera quando ele era bem novinho, e brincava com sua tia, irmã da sua mãe que morava do lado da igreja, que pintava panteras cor de rosa. E nunca esqueceu quando ganhou seu primeiro relógio de pulso, de sua avó, e ele amava aquele aparelhinho e o achava incrível com seus ponteiros e marcador de data.

Assim transcorreu a linda infância do nosso peregrino das estrelas, que queria ser escoteiro mas onde morava não existiam guarnições, mas seu livro de cabeceira era o manual do escoteiro mirim. E já em tenra idade trabalhava por conta própria com seu amigo Marquinho como engraxate, vendedor de limão e picolé, até que seu pai se mudou de Minas Gerais para o estado de São Paulo, onde morou em muitas cidades até se estabelecer e se fixar definitivamente numa pequena e simpática cidadezinha chamada “clareira da mata” em idioma tupi guarani, conhecida como Caçapava, no lindíssimo Vale do Paraíba, sob os pés da Mantiqueira e bem próximo ao mar, que ele tanto amava quando seu pai o levava em viagens de carro nas férias.

Antes, porém, também morou rapidamente em Jales, Fernandópolis, Votorantim, Sorocaba e na enorme Campinas, cidade de sua mãe e avó materna, cidades das quais ele tem algumas pequenas recordações. Jales, em cuja praça tinha um Jacaré de verdade, e onde ele trabalhou numa carroça com um senhor, todas as manhãs bem cedo, entregando leite na porta das casas das pessoas, que vinham receber o leite em vasilhas. Seu segundo emprego foi encher saquinhos de mudas de café nas fazendas locais, e como travessura amava andar dentro da rede de manilhas subterrânea de esgoto com seus amigos e irmãs por toda a cidade. Votorantim e seus enormes morros e buracos, onde os cachor-

ros se escondiam, e que sempre alagava quando chovia muito. Sorocaba, onde estudou num colégio salesiano católico e não gostou nada da extrema rigidez e formalidade, e se sentia extremamente pecador por ter que confessar todas as semanas. Acabou, de tanto insistir com seus pais, saindo desta escola e mudando para uma escola pública, onde teve sua primeira experiência sensual, pois um dia saindo da escola, uma menina incrivelmente o parou e tascou-lhe um beijo de língua, o que para ele era uma sensação muito esquisita, naquele tempo com seus meros doze anos.

Em Campinas ganhou uma bolsa de pintura em um concurso de desenho de que participou e ganhou, de um jornal local, quando enviou um desenho a mão, que era uma floresta cheio de bichos, e ele realmente adorou fazer aquele curso de pintura.

Morava num bairro nobre em Campinas, mas por conta de estudar numa escola pública, que sempre preferiu em relação a escolas particulares, seus amiguinhos eram na maioria moradores de uma favela mais próxima, e eles se divertiam juntos pelas ruas do bairro aprontando muito.

Na rua em que morava todas as casas tinham sido assaltadas, menos a sua, e um dia seu pai estava no portão lavando o carro quando passou um sujeito bem forte, mas com cara de poucos amigos, e disse:

- O senhor fique despreocupado, que sua casa nunca será roubada, pois eu moro na favela ali embaixo e a gente protege ela, porque os seus filhos são amigos dos meus.

E seu pai ficou tranquilo e agradecido ouvindo aquilo, e uma coisa que o peregrino aprendeu com seus pais era nunca desrespeitar ou discriminar ninguém por classe social, cor de pele ou religião. E ele não se dava conta naquela época de que seus amiguinhos eram muito carentes e que sempre estavam na casa dele, comendo, dormindo e brincando.

Depois de um ano em Campinas, quando ele estava apenas com treze anos, seu pai e mãe se mudaram então para o lindíssimo Vale do Paraíba, em Caçapava, onde seus pais ficariam permanentemente, e de onde transcorreu o peregrino sua adolescência, sendo a cidade em que mais tempo morou. E quando lhe perguntavam de onde ela era originário, era difícil responder, mas ele sempre dizia: sou paranaense de nascimento, mineiro de coração e paulista de criação, e num futuro seria amazonense por adoção.

ADOLESCÊNCIA DO PEREGRINO

Passou sua adolescência numa rua chamada Guilherme de Almeida, em Caçapava, e viera a descobrir muito tempo mais tarde que ele havia sido o tradutor das obras do literato poeta indiano Tagore.

Nesta rua fez vários amigos novos, e era muito agitada na época onde todos se reuniam, inclusive onde teve o primeiro contato com o transformador espiritismo, pois a mãe de um de seus amiguinhos fazia estudos espíritas em sua casa, e ele ouvia e observava de longe, e gostava. Havia também as mensagens que passavam na televisão e rádio do amoroso e incrível Chico Xavier, que ele aprendia e sentia muita, mas muita paz e amor.

Lembra nosso peregrino de seus amigos vizinhos e da mãe deles que tinha uma biblioteca enorme, e ele se deleitava em ler toda aquela literatura.

Tinha um time de futebol chamado Marília Atlético Club (M.A.C) onde o peregrino jogava até bem, mas muito embora gostasse de futebol, a paixão na verdade era de seu pai, que lhe inspirou.

Também se jogava taco, a sensação na época, queimada, se tocava campanha das casas e saia correndo, jogos de botões e ping pong e uma infinidade de atividades numa pré adolescência maravilhosa, e lembrava das idas ao cine centenário em Caçapava, e arrumava suas bicicletas em dois irmãos japoneses do lado do cinema.

Teve sua primeira móbilete aos quinze anos e aquilo lhe dava muita liberdade, e adorava viajar com ela na proximidades vizinhas .

Tinha ganho de seu tio um rádio amador, e no quartinho no fundo de sua casa passava longas madrugadas falando com o Brasil e com o mundo nas ondas do rádio PX. Se apaixonou por eletrônica e foi trabalhar numa loja de eletrônica, para aprender o que viria a ser muito útil décadas depois na Amazônia, e instalava e arrumava a sensação na época, vídeo cassetes, e até uma locadora de vídeo abriu com sua tia .

Como sempre amou o trabalho, chamava suas irmãs para venderem na praça aos domingos um brinquedo de bolha de sabão que ele mesmo produzia, era um sucesso.

Depois trabalhou numa imobiliária e no primeiro mês vendeu incrivelmente uma casa e o dono da imobiliária não acreditou, e não

queria pagar a comissão ao nosso peregrino, mas o comprador e o cartorário sabendo da desonestidade do seu patrão lhe obrigaram a pagar. E depois deste evento, nosso peregrino que nunca suportou mentiras, saiu e foi trabalhar num depósito de material de construção, e neste depósito ele amava um caminhão antigo chamado F.N.M. Uma vez chegou um cliente que era caminhoneiro e nosso peregrino:

- Nossa, que demais ser caminhoneiro, tenho um sonho de um dia ir viajar pelo mundo num F.N.M também sendo caminhoneiro.

O homem se assustou, olhou nosso peregrino e perguntou: Por que você quer ir logo num F.N.M e por que me estás dizendo isto, meu jovem? Saiba que eu tinha um filho como você e foi atropelado por um F.N.M, e isto me dói no espírito, mas você me falando isto de alguma forma me alivia a dor, pois creio que é um recado dele através de você, mesmo sem você saber, e assim meu jovem vá viajar a mundo, mesmo, vá, siga seu coração, sua missão, não precisa ir num F.N.M, vá de qualquer jeito, apenas vá. E o cliente caminhoneiro chorou de alegria, sorriu e se foi, e o peregrino ficou ali em silêncio sem entender.

Sua maior diversão era ir na biblioteca municipal e viajar nos livros de história e geografia, de onde imaginava poder ir um dia, principalmente nas pirâmides do Egito e Atenas na Grécia.

Foi empacotador de supermercado e trabalhou numa papelaria, até que aos dezoito anos entrou em um Banco.

Aos quinze anos fez sua primeira viagem sozinho, indo de ônibus de Caçapava até Iturama visitar seus amigos, daí já despertou a paixão pelas viagens que norteariam sua vida.

Uma vez ouviu uma palestra com fotos na sua escola das pessoas que tinham feito de camionete de Caçapava até o deserto do Atacama, aquilo brilhou os olhos do peregrino, mal sabia que ele faria o mesmo no futuro, e que muitos anos depois se tornaria amigo dos palestrantes, e aprendeu que sempre todos nós podemos inspirar as pessoas com nossas vivências e experiências.

Adorava quando seu pai levava a ele e suas irmãs para acampar em Ubatuba, uma linda praia do litoral paulista.

Houve um evento que marcou nosso peregrino. Quando tinha por volta de 13 anos, ocorreu uma enchente no sul do Brasil em Santa Catarina, que comoveu toda a nação, e em Caçapava o exército dis-

ponibilizou muitos caminhões para coletar donativos, principalmente roupas, e o nosso peregrino então fez sua primeira ação social voluntária indo de casa em casa coletar as doações e colocar no caminhão do exército.

Ele pensou com sua tenra idade que no bairro onde morava e nos mais ricos haveriam mais doações, mas incrivelmente foram nos bairros mais pobres que os que menos tinham doaram mais, e ele não compreendeu o porquê das pessoas que tinham tanto doarem menos, e as pessoas que quase nada tinham doarem muito mais, era uma incógnita que permearia e marcaria a vida de nosso peregrino das estrelas.

Mas o fato é que o Brasil todo se mobilizou e muitas doações chegaram a amparar os irmãos catarinenses em extrema necessidade.

Entre quinze e dezoito anos seus pais se separaram e o jovem peregrino foi morar com seu pai, primos e avós, foi uma época difícil da separação mas foi aprendendo que a vida no planeta azul nunca seria um mar de rosas.

Mas adorou morar com seus avós e aprofundou ainda mais o idioma italiano e tinha muitos bichos.

PERIQUITOS E FÉ

Nosso peregrino tinha um casal de periquitos que amava muito, pois ele sempre amou papagaios e afins.

Quando morava com seus avós, um casal de seus periquitos de estimação sumiu e o peregrino ficou desolado e muito triste.

Aí sua avó disse que se ele orasse com fervor para Santo Antônio, o das causas perdidas, eles iriam voltar.

O peregrino ficou a noite toda sem dormir, orando e pedindo a Santo Antônio a volta dos seus bichinhos, e quando raiou o sol ele ouviu no quintal o grito dos periquitos, que por milagre e sem dúvida intervenção de Santo Antônio voltaram, milagrosamente, e iria muito anos depois já na Amazônia saber que Santo Antônio havia sido amigo e contemporâneo de Francisco de Assis, e ele dizia uma linda frase: Calam-se portanto as palavras e falem as obras, que nosso peregrino das estrelas receberia depois de 10 anos de afinco, desafiador e maravilhoso trabalho no coração da floresta amazônica.

PRIMEIRA VISÃO ESPIRITUAL

Quando seus pais estavam em um pizzaria, discutindo uma possível volta, e se exaltaram e começaram a se agredir verbalmente, o peregrino ficou muito triste e saiu do restaurante e foi chorar sozinho no carro, que estava estacionado do lado de fora, numa cidadezinha chamada Tremembé.

Estava chovendo muito e em meio as suas lágrimas ele viu um espírito do lado de fora do carro, um rosto familiar, que era o seu avô materno pastor, que ele não conheceu, pois havia morrido quando ele era apenas um bebê. Seus pais diziam que ele jogava o bebê peregrino para o alto mas desencarnou com meningite, e o peregrino só o conhecia por foto, e assim reconheceu aquele vulto espírito em meio as lágrimas na chuva.

Seu avô o olhou com ternura e disse apenas isto para o peregrino: Cuida da sua mãe, frase que ele guardaria por toda existência na sua primeira visão espiritual.

Em Caçapava adorava acompanhar as bandas de rock dos amigos e ir nos festivais das canções que haviam na região, e começou a despertar para uma paixão e vocação, a poesia, e escrevia seus primeiros poemas.

Comprou uma moto e teve sua primeira namorada séria, Andrea, e sonhava em viajar o mundo, mas o salário do Banco não dava nem para comer.

Fez uma viagem longa para São Tomé das Letras com sua moto, com dezenove anos, e lá viu um show em um barzinho de um cover de Raul Seixas, que depois todos disseram que era o próprio Raul, mas nunca soube se foi ele mesmo ou não.

Em seu quarto ouvia bem alto a música Onde as ruas não tem nome, e pensava em somente viajar e peregrinar, mas como, sem recursos? Mas viajava em seu violão, que até música fez e compôs.

Com esta sua moto começou a desbravar a serra da Mantiqueira, local que o peregrino teve uma enorme paixão e conexão, pois é divisa entre São Paulo e Minas Gerais.

Sua mãe depois da separação foi morar em Curitiba, e lá com ela morou um ano, e suas memórias se remetem a enormes sebos que ele tanto amava, pois havia aprendido com sua mãe a paixão pela leitura.

Ganhou de seu pai seu primeiro carro, um SP-2 vermelho que sempre quebrava pelas ruas de Curitiba, mas ele se divertia.

Voltou para o Vale do Paraíba e foi morar em São José dos Campos numa república com mais quatro homens mais velhos, onde estudava de manhã, trabalhava a tarde, em outro banco, e fazia cursinho a noite.

Foi um ano de muita intensidade naquela república de festas e viagens para o litoral norte de São Paulo, Caraguatatuba e Ubatuba, onde ia de moto com seus amigos.

Uma vez estava em Itamambuca, uma praia de surfistas em Ubatuba, quando pela primeira vez conheceu a sua maior paixão inexplicável nesta vida, os indígenas guarani, e foi a primeira aldeia que conheceu e se conectou absurdamente com aqueles povos e sua forma de vida: no

mato, simples, natural, familiar, alegre, sem formalidades, sem propriedade privada, musical e altamente espiritual.

Daquele primeiro encontro até toda sua existência, o jovem peregrino estaria, sempre, sempre em contato com os indígenas.

Uma vez em Itamambuca apareceu um rapaz da capital São Paulo e perguntou para o grupo de jovens que estava ali, quem queria ir surfar numa ilha chamada Ilhabela, e todos toparam. E assim foram todos numa caravan de Ubatuba a Ilhabela atravessando a ilha até chegar na baía de castelhanos, a praia mais linda do Brasil.

Ali devido as chuvas ficaram isolados, pois o carro não conseguia voltar, e dias se passaram neste paraíso onde nosso peregrino se encantou com o mar, com a cachoeira, com a simplicidade caiçara e ainda como seus dezoito aninhos profetizou: um dia ainda irei morar nesta ilha mágica, bela e selvagem. Eram idos de 1988 onde amava ir nos shows do RPM, Legião Urbana, Almir Sater e Beto Guedes.

Fez uma vez aula de teatro na capital São Paulo, na escola chamada macunaima paiol, e tinha uma enorme tendência a arte, mas apenas aprendeu a tocar violão sozinho, de tanto ver sua mãe tocar, exímia violeira de onde aprendeu com ela a paixão pelos livros de onde era assinante do círculo do livro que ele adorava pedir livros e lia com fervor, sendo estes seus eternos companheiros e pela música, ouvindo os discos de vinil de Richard Clauderman, Abba e claro Roberto Carlos anualmente.

Adorava acampar na pousada dos bandeirantes e suas cachoeiras próximas. E voar, sua outra paixão, nos planadores do clube de aviação Ipoã na serra da mantiqueira caçapavense.

Uma vez participou de um curso de florais e se encantou com tanta informação e sabedoria das flores, mas nem imaginava que ali estaria plantada uma semente que ficaria incubada e germinaria apenas décadas depois.

Escrevia poesias na escola, onde alguns professores lhe marcaram a existência, como dona Kioko, uma japonesa que ensinava inglês, dona Zila e Ione de matemática, Seu Laércio de geografia, dona Marlene de ciência, dona Irene de história, Zé Ramos de física e dona Gladys de português. E conheceu uma amiga poetisa, Fabia, com quem trocava sentimentos em palavras como pintores, mas ao invés de tintas e telas,

as cores são as letras e palavras postas no papel, e seus colegas de escola não entendiam o que ele escrevia e brincavam com ele dizendo “o que quer dizer lamúrias?”. E nosso peregrino ria mas não conseguia explicar de onde vinham estas palavras, possivelmente de seu mentor espiritual, um poeta indiano que descobriria muito tempo depois em Assis, Itália.

Era conhecido e chamado de Platão por alguns e conheceu um amigo filósofo chamado Ivan, e juntos começaram a estudar astronomia e espiritualidade mais ampla do espiritismo, e foram juntos na época avistar o cometa Halley que foi um furor na sua época, e viu uma manchinha que diziam ser o cometa, mas o que impressionou nosso peregrino foram todas as galáxias não apenas o cometa em si.

Com sua amiga Ana Elisa amava dialogar sobre espiritualidade e ver o pôr do sol numa ponte, onde se via ao fundo um enorme jequitibá e a linha do trem, que providencialmente por ali passava numa linda composição. Nosso peregrino dizia à amiga que gostaria de encontrar na vida não um complemento como companheira, mas um suplemento.

E assim transcorreu sua adolescência, com sua moto e viagens entre as cidades do sul de Minas, Vale do Paraíba e litoral norte de São Paulo, com muita música, boemia, cachoeiras, praias , algumas idas na distante Blumenau festejar a Oktober Fest (inclusive iria no futuro trajado de alemão na Okotober Fest original em Munique na Alemanha, mas a do Brasil era bem melhor na sua opinião, assim como no futuro iria à Itália e descobriria que a pizza brasileira é bem melhor que a original italiana) e índios de Ubatuba que tanto amava ao som de Beto Guedes , Legião Urbana e U-2, e cantava alto berrando uma música em seu quarto sozinho, que sempre o acompanhou em todos os seus momentos em suas peregrinações :

Onde as ruas não têm nome
Eu quero correr, eu quero esconder,
Eu quero derrubar as paredes,
Que me seguram por dentro,
Eu quero alcançar
e tocar na chama
Onde as ruas não têm nome.

Eu quero sentir a luz do sol no meu rosto,
Eu vejo a nuvem de poeira
desaparecer sem deixar pista,
Eu quero me abrigar,
Da chuva ácida,
Onde as ruas não têm nome,
Onde as ruas não têm nome,
Onde as ruas não têm nome.

Nós ainda estamos construindo e queimando amor,
Queimando amor,
E quando eu vou lá,
Eu vou lá com você.
(Isso é tudo que eu posso fazer)

A cidade está inundada, e nosso amor se enferruja,
Nós fomos malhados e assoprados pelo vento,
Esmagados em poeira,
Eu te mostrarei um lugar,
Acima das planícies desérticas,
Onde as ruas não têm nome,
Onde as ruas não têm nome,
Onde as ruas não têm nome.

Nós ainda estamos construindo e queimando amor,
Queimando amor,
E quando eu vou lá,
Eu vou lá com você.
(Isso é tudo que eu posso fazer)

Nosso amor se enferruja
Nós fomos malhados e soprados pelo vento,
assoprados pelo vento
Nosso amor se enferruja, veja nosso amor se enferruja
Nós fomos malhados e soprados pelo vento,
Assoprados pelo vento
E quando eu vou lá
Eu vou com você.
(Isso é tudo que eu posso fazer)

Em seu violão, outro companheiro eterno, além dos livros e da poesia tocava as músicas que mais amava, Tempo perdido e primeiros erros, que descobriu depois num show que o Autor como que psicografou a letra, pois ele contou que um dia estava em seu estúdio e “recebeu” esta música, e pensou em não colocar em seu disco, mas por fim acabou colocando e ela fez um enorme sucesso: ...se um dia um pudesse ver, meu passado inteiro, e fizesse parar de chover, nos primeiros erros.. Era a lei do karma em forma de música poesia, e claro, tempo perdido (... todos os dias quando acordo , não tenho mais o tempo que passou), seu maior sucesso que todos pediam que ele tocasse no violão nos luaus e saraus da época, que tanto amava, com seus eternos e verdadeiros amigos Eduardo, Vladi e Robin, numa parceria infinita. E em seu toca disco, ainda na época dos LPs ouvia o que mais gostava, um mineiro chamado Beto Guedes e suas poesias músicas como: O medo de amar, lumiar, amor de índio e a maravilhosa o sal da terra :

Anda!
Quero te dizer nenhum segredo
Falo nesse chão, da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar
Tempo!
Quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir
Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver
A paz na Terra, amor
O pé na terra
A paz na Terra, amor
O sal da—
Terra!
És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro

Tu que és a nave, nossa irmã
Canta!
Leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã
Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois
Deixa nascer, o amor
Deixa fluir, o amor
Deixa crescer, o amor
Deixa viver, o amor
O sal da terra
MAIORIDADE

O Brasil naquela época vivia uma crise sem precedentes economicamente, com uma inflação terrível, e nosso peregrino nem conseguia se manter com o que ganhava, mas trabalhava muito: vendeu chinelos, café, refrigerante, como ambulante com seu pequeno chevette hatch marrom, e estudava. Mas quando um presidente resolveu confiscar todas as poupanças dos brasileiros, ele viu o desespero das pessoas no banco em que trabalhava, que quebraram tudo querendo seu dinheiro que estava bloqueado, e decidiu então, aos 21 anos, em 1991, vender sua moto cb-400, comprar uma passagem aérea e ir tentar a vida na terra de seus ascendentes: Itália. O plano era simples, viver ali por alguns anos, juntar um dinheiro, comprar umas terras e viver no pantanal em meio à natureza.

Um grande amigo chamado Eduardo topou a ideia de ir junto.

Assim em março de 1991 partiu para a desconhecida Europa sozinho, pois o Eduardo o encontraria apenas um mês depois.

Quando o avião decolou do Brasil, sentiu um sentimento de pavor, pois sentiu que era uma loucura o que ele estava fazendo, pois ele não conhecia ninguém na Europa, mas com fé e coragem, as duas maiores asas do peregrino, seguiu seu destino .

Antes de viajar, seu avô lhe disse: - A Itália que irás encontrar não será a mesma dos nossos antepassados, mas se for trabalhador e honesto, com fé em Deus todas as portas sempre estarão abertas a você e tudo dará certo.

Assim com seu avô e seu pai o peregrino aprendeu a trabalhar com afinco e ser honesto (seus ancestrais diziam que nunca era necessário um homem dizer que era honesto, pois pessoas verdadeiramente honestas não precisam dizer que o são), e estas lições levou para a vida inteira, e sempre todas as portas assim lhes foram abertas e nunca lhe falou nada, e sugeria a todos que encontrasse que fizessem o mesmo com uma fórmula eficaz.

O avião aterrissou em Madri, pois na época era o voo mais barato, e pegou um trem até Milão pois a Itália era seu destino final. Cruzou a França, atravessou a fronteira e chegou na grandiosa estação central de Milão, que quando a viu pela primeira vez parecia um filme de tão grande e surreal, para um menino vindo do interior.

Eram quase meia noite quando chegou, no frio do fim do inverno europeu, começo da primavera, e se dirigiu ao pequeno albergue mais barato da cidade de metrô, mas quando lá chegou entendeu que o albergue só ficava aberto até as 22Horas e que deveria esperar e dormir fora.

Ficou desesperado, cansado, mas viu que havia um barzinho com a porta entreaberta, e lá foi e encontrou uns torcedores de futebol felizes mas embriagados, que riram de ver um brasileiro perdido ali, e que gentilmente o colocaram num carro e rodaram por vários locais em Milão até encontrar um hotelzinho que aceitasse alguém aquela hora.

Desabou na cama, mas logo pela manhã a dona do hotel literalmente o expulsou, pois estava tarde e ele cansado, mas enfim se dirigiu ao albergue e lá se hospedou, era uma segunda-feira.

Na terça deu umas voltas em Milão para conhecer e se encantou com a Catedral Duomo e a galeria Vittorio Emmanuele, mas principalmente com o castelo Sforzesco , pois era o primeiro castelo que via em sua vida, como nos livros da biblioteca de Caçapava que vira outrora.

No dia seguinte comprou um jornal chamado Seconda Mano, que vendia de tudo e oferecia emprego e tentou ligar mas percebeu que seu italiano não era ainda muito bom, pois seus avós falavam em dialeto na realidade, diferente do que ouvia nas ruas e no telefone, e foi difícil

conseguir comunicação, e os pretensos patrões já desligavam quando não compreendiam quase nada do que o peregrino dizia.

Sorte que um ex colega de banco havia morado na Itália antes, na época da copa em 1990, e lhe deu um contato de um padeiro com quem tinha trabalhado por alguns meses, numa cidadela perdida no meio da Itália chamada Azzano d'Asti, na região chamada Piemonte.

Ligou para o padeiro e agendaram um encontro em um bar na frente da estação de trem de Asti, pois Azzano era a uns quilômetros dali, e estava esperando no pub cavour, onde viria a trabalhar depois como garçom também futuramente aos finais de semana. Encontrou seu novo patrão, o padeiro Dino, que levou o peregrino para sua pequena padaria no interior do norte da Itália, primeiramente hospedando em sua casa, junto da esposa.

O começo foi bem difícil, trabalhava a madrugada toda, o idioma capengava, e nunca o peregrino havia feito pão, pizzas, doces na sua vida, mas aprendeu bem.

Morou por meses bem solitário em cima da padaria e sentia muito a presença espiritual ali dos antigos moradores, que em verdade até faziam companhia a ele, pois Azzano d'Asti era minúscula e com pouquíssimos moradores.

Eduardo, seu amigo, chegou um mês depois e arrumou emprego na cidade de Asti, ficavam separados mas se viam nos finais de semana e passaram assim juntos esta temporada na Itália fortalecendo ainda mais o laço de amizade que já existia desde que se conheceram na escola, pois se uniram ainda mais para enfrentar o país e cultura distinta e a solidão.

Um evento maravilhoso foi ter ido ver o brasileiro Ayrton Senna no autódromo de Imola, onde nosso peregrino aprendeu com este corredor de fórmula um a se esforçar sempre, a fazer o seu melhor onde estivesse e no que fizesse, e principalmente amar o amoroso Brasil que Senna sempre enaltecia.

O tempo passou, o idioma fluiu, mas era uma vida de muito trabalho e isolamento, e o que o peregrino ganhava mal dava para se manter, e viu que seu sonho de ter uma fazenda no pantanal não se concretizaria daquela forma, muito embora ele arrumasse vários bicos como pedreiro.

Mas foi uma experiência muito válida, ficou muito amigo do padeiro Dino e conseguiu visitar lindos lugares, conhecer gente nova, to-

car a neve, Paris, Venezia, Roma e outros pontos na Europa, e percebeu o quanto seu país, o Brasil era muito maravilhoso, e deu muito valor à sua gente, e se tornou um melhor brasileiro dando mais valor a maior riqueza do seu país: o povo e sua fantástica miscigenação. E sentia muita saudade da língua, dos amigos, da família e decidiu retornar depois de tanta solidão e trabalho e estudar para sim, depois de formado em alguma universidade, voltar para estudar na Europa, pois ali não tinha futuro como serviços gerais.

Assim decidido, voltou ao Brasil fluente em italiano, e com o pouco dinheiro que economizou, e com a ajuda de uns amigos da igreja que conheceu em Asti, que lhe ofereceram a passagem de volta generosamente, arrendou um sítio, comprou uma antiga camionete f-75 e foi tentar virar fazendeiro. Mas percebeu que não conseguiria, pois teria que matar os bichos para ter lucro, e desistiu quando comprou frangos para engordar e no dia do abate ficou com enorme compaixão deles e viu que não tinha futuro mesmo, e descobriu que na verdade não queria ser fazendeiro, ele queria era morar na floresta com os bichos no pantanal.

O Brasil ainda vivia uma enorme crise econômica e a forma que nosso peregrino encontrou para sobreviver foi começar a dar aulas de italiano, e com um outro amigo criou um fliperama, ou seja, uma loja de jogos eletrônicos. E passou assim muitas dificuldades, apenas almoçava pois não tinha condições econômicas de obter as três refeições diárias, até que conseguiu ingressar na faculdade de Direito em Taubaté no curso noturno, pois durante o dia trabalhava. Era uma época muito politizada no Brasil e nosso peregrino, muito embora ciente de que seu reino não era deste mundo, participou ativamente junto com seus colegas para tentar conseguir apoio aos estudantes, mas viu como a política é um desafio enorme de grandes egos, hipocrisias e demagogias, ficando um grande aprendizado para si, de onde aprendeu a fazer sua parte independentemente de política para um mundo melhor.

Nesta época visitou um local muito especial, que remetia a ele memórias inconscientes de vidas passadas, aonde iria voltar muitas vezes em toda sua vida, a fazenda Nova Gokula.

A primeira vez foi numa noite com vários amigos e ficou fascinado com a maravilhosa comida indiana, as cores, a música e alegria, mas ainda não se relembra dos ensinamentos indianos que no futuro seriam a bússola de sua vida.

No fliperama vez vários amigos, pessoas locais mas principalmente um jovem americano mórmon, com quem ele aproveitava para melhorar seu inglês, e dois jogadores de basquete, um do Rio de Janeiro, Claudiney, e outro da Bahia, Jurandir. Os dois eram muito altos e negros, e se tornaram grandes amigos, inclusive o Claudiney convidou o nosso peregrino a ir conhecer a família dele numa comunidade no Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO

Nosso peregrino sempre admirou e teve ótimos momentos na cidade maravilhosa.

Antes de ir visitar o Claudiney, foi com seu pai de ônibus em 1988 para a feira internacional de computação, onde seu pai amorosamente o levou, pois nosso peregrino amava tecnologia, e o Brasil na época era fechado e ele tinha seus TK-85 e TK 2000 e já fazia seus primeiro programas. E tiveram lindos momentos juntos, principalmente andando de circular na cidade maravilhosa, e nesta visita vale contar uma história do pai do peregrino. Como ele havia se separado, estava namorando uma japonesa chamada Rosinha, e o jovem peregrino era amigo do filho dela, que também amava computadores. Mas a história da Rosinha e seu pai era linda, pois quando eles eram muito jovens, eles se apaixonaram, mas pelo enorme preconceito e ignorância na época, os pais dela não permitiam o namoro por ele ser de origem italiana, e queriam um de origem japonesa para ela, mas eles estavam tão apaixonados que o pai da Rosinha se mudou e nunca mais se viram, e o jovem pai do peregrino ficou de coração partido.

Quis o destino que, depois de mais de vinte anos, eles se reencontrassem casualmente numa praça em Caçapava, e incredivelmente se reconheceram. E como ambos estavam separados, finalmente namoraram, num final feliz desta incrível história, pois seu pai sempre disse durante toda infância a sua história com a Rosinha ao peregrino e as suas irmãs, que em verdade deveríamos ser mestiços, diante de tanto amor. A mãe do peregrino achava graça na história e não tinha ciúme, e ela também dizia que era apaixonada por um outro rapaz de apelido gato, coisas da vida na nossa eterna insustentável leveza do ser.

Voltando ao Rio de Janeiro, uma vez nosso peregrino foi ainda muito jovem no famoso maracanã numa excursão de futebol saindo de SP, e nesta partida o inusitado aconteceu, como tudo na vida dele. Uma mulher soltou um foguete e acabaram a partida antes do fim, e descobriram que fora tudo uma armação depois para eliminarem o Brasil. A partida ficou famosa, mas o peregrino ficou triste por ter visto meia partida, mas feliz pela emoção que sentiu com a torcida, e se lembra que quando o Brasil fez o gol, antes da armação, a torcida já comemorava antes pois sabia que era certo o gol, ou seja nem tinha saído o gol ainda mas todos sabiam que seria.

Nosso peregrino na hora do gol foi abraçado e beijado por um enorme negro botafoguense, de tanta felicidade que não cabia nele e ficaram amigos.

Visitando o Claudiney conheceu a realidade dura mas linda de uma comunidade carioca, e juntos passaram lindos momentos na cidade maravilhosa, inesquecíveis. Depois de mais de trinta anos desta experiência, nosso peregrino resolveu procurar informações de Claudiney, mas descobriu que ele havia desencarnado, mas incrivelmente ele havia deixado de legado um projeto social que ajuda meninos de rua a deixarem o crime para se tornarem esportistas e jogadores de basquetebol.

Ficou muito feliz descobrindo isto, este amigo carioca que ele havia feito em sua juventude.

Outra história no Rio de Janeiro era quando nosso peregrino conheceu uma equipe de filmagem que havia feito um lindo documentário (Only when I Dance) de um jovem da comunidade bailarino que conseguiu uma vaga na companhia de ballet nos Estados Unidos, e junto com eles exibiram aos pais e amigos do jovem este documentário na comunidade de origem, numa linda história de força e superação, típico dos brasileiros de periferia.

Assim voltou inúmeras vezes ao lindo rio de janeiro, que pelos índios tucanos é considerado um local sagrado chamado lago de leite, de onde a cobra grande se nutriu para subir até a Amazônia. Aprendeu esta história quando foi com um amigo indígena amazonense que lhe contou esta linda história no maravilhoso alto do pão de açúcar, e foi no Rio que ofereceu o transformador e maravilhoso curso de medicina espiritual, que seria uma de suas inúmeras missões para oferecer à hu-

manidade, e sempre teve uma relação muito próxima ao Rio de Janeiro, e a próxima história será no início da Universidade do Amor, que sabemos mais adiante nas páginas deste , sempre nele no surpreendente e intenso Rio de Janeiro.

Vendeu seu fliperama e teve a brilhante ideia de dar aulas de italiano na sua faculdade que recém iniciara, e com apoio dos professores da universidade, que acabaram se tornando seus alunos, e se mantinha assim, dando aulas de italiano e traduções e estudando direito a noite.

As aulas eram animadas com muita música e comida e tinha um querido amigo aluno chamado Diógenes, que viera a desencarnar, e tinha uma música italiana que o inspirava chamada FORZA DELLA VITA, Força da vida, que dizia que existe uma força da vida que existe dentro de nós que é imbatível, ou ASCOLTA IL TUO CUORE (escute teu coração).

Seus grandes professores da universidade foram dois, um chamado João Laerte Salles, que lhe ensinava que o verdadeiro advogado deveria ser o operário da lei para lutar em prol dos fracos e oprimidos, e Edson Natalino, que teve um diálogo marcante em sua vida dizendo ao peregrino que ele deveria enveredar sua carreira no Direito internacional, mas não público e sim no privado.

No primeiro ano da faculdade o nosso peregrino amava estudar filosofia, o que sempre lhe fascinou, da escola de Pitágoras a Heráclito de Éfeso, onde estudou na nova acrópole, ordem rosa cruz, a filantrópica maçonaria , e altos diálogos com os alunos da faculdade vizinha de psicologia lhe ampliavam o conhecimento. Foi um tempo de boemia, poesia , muita dificuldade financeira mas muito aprendizado, mas se lembra de um colega que disse a ele com ênfase nas lindas discussões filosóficas que tinha com todos na época: Peregrino, cuidado, a filosofia inibe a ação. E realmente compreendeu aquela colocação, pois a filosofia verdadeira à moda antiga deve refletir a vida da pessoa e não apenas meras palavras ou teoria, que sem aplicação pode ser considerada inútil, mas deve sim ser posta em prática, e assim o fez, sempre.

Foi nesta época que fez sua primeira ação social e imprimiu um livreto de poesias cuja venda seria revertida para a Associação de Pais e Amigos de Crianças Excepcionais (A.P.A.E de Caçapava), e esta pequena ação fez seu olho brilhar e seu coração transbordar.

Na Faculdade conheceu um colega que se tornou amigo e sócio, que se chamava Mário, brasileiro de origem japonesa e que lhe ofereceu um emprego de vendedor de plano de saúde, com o qual ele ganharia apenas comissão e uma ajuda de custo para comer. E o que ele ganhava apenas pagava um pequeno quarto, onde moraria então.

Nesta época havia um senhor alemão que escrevia um jornalzinho com suas histórias pessoais de muitas caronas, viagens e aventuras e distribuía gratuitamente em Caçapava, e se chama o AUGÉ DA LOUCURA, que nosso peregrino adorava e que um dia viria a se inspirar e viajar muito como o alemão escritor.

Uma vez com seu inseparável amigo Eduardo, sem seu pai saber, foram buscar em Sorocaba um lindo cachorro Husky Siberiano, que logo seu pai doou pois ele caçava os patos dos vizinhos, e seu pai literalmente pagava os patos.

JAPONESES

O Mario sempre levava para almoçar em sua casa o peregrino, e ali conheceu seus pais, dois japoneses que, como seus ascendentes, migraram ao Brasil na mesma época. Admirava muito sua cultura e tinha uma enorme afinidade com o idioma também.

Participou, junto com esta colônia fechada e restrita, de vários eventos, desde ir ao kaikan a vê-lo jogando gateball, e amava a comida, que era maravilhosa.

Lembrava dos fazendeiros vizinhos do seu avô, os quais também admirava, pois por serem italianos, aos domingos se recolhiam e iam na missa, enquanto os Japoneses trabalhavam. Incrivelmente eram povos mais esforçados e trabalhadores que os próprios italianos, e isto despertava mais a admiração do nosso peregrino, além da inteligência, do culto aos ancestrais, do amor aos jardins, flores e o budismo, que era uma vertente filosófica religiosa que ressoava no coração de nosso peregrino, que desde pequeno sempre começava a ler os seus livros de trás para frente, como os japoneses faziam - estas vidas passadas que todos temos e mantemos os hábitos e sinais.

Quando criança nosso peregrino adorava dois desenhos animados japoneses: Speedy Racer e a Princesa e o Cavaleiro, com a linda Sa-

fire, e claro, como a maioria, tinha como ídolos Ultraman, Ultraseven e Spectreman, e um lindo desenho animado japonês chamado O Príncipe Suzano e o Dragão de Oito Cabeças, que foi uma metáfora do que seria a vida de todos nós, e que o inspirou sempre a combater o mal dentro de si e sempre praticar o bem.

Fez um curso em Viçosa que marcou sua jornada pois além do campus da universidade ser maravilhoso e imerso na natureza o curso feito lhe motivou a fazer tudo diferente e não ser repetitivo e seguir padrões, e assim fez por todo seu caminho pessoal e profissão, fazendo diferente do trivial e assim em três anos de muito esforço, trabalho, criatividade, comprometimento e parceria com o Mário, nosso peregrino ficou rico, criou sua própria seguradora, sua própria importadora de produtos italianos, para onde viajava frequentemente, e conheceu sua família não de sangue, mas de consideração. Na Itália, com seu amigo Guglielmo, um senhor que era representante comercial de produtos italianos, nosso peregrino viajava e se divertia, localizando fornecedores dentro do interior da belíssima Itália, e se estabeleceu muito além da relação comercial uma enorme e eterna amizade, tanto que Guglielmo veio visitá-lo no Brasil para lindas viagens nas praias brasileiras, bem na época do carnaval. Também conheceu um casal de italianos pela internet, Dario e Elenora, de Bergamo, que também viriam visitá-lo no Brasil e se tornariam seus eternos amigos. E conseguiu os bens materiais que lhe faltavam tanto, mas em verdade ele nunca ligou para isto, o dinheiro, mas sim o que lhe movia eram o desafio e a novidades.

SÍTIO, CAVALOS E RAIOS

Construí uma linda casa num sítio em Caçapava, com banheira e tudo, e com estábulos de cavalos, e criou um mini haras com seu amigo e aluno de faculdade, Angelo.

Num sábado estava nosso peregrino plantando no seu sítio, pois ele amava plantar, quando ouviu uma voz do plano espiritual lhe dizendo: CORRE. Ele não entendeu e ouviu bem forte novamente, CORRE, AGORA, e ele com uma enxada na mão saiu correndo, e no mesmo instante um raio caiu numa pequena árvore seca que estava do seu lado, que arremessou nosso peregrino longe num voo involuntário. Quando

se deu conta, olhou a árvore em chamas e, meio chamuscado com o choque, entendeu que havia recebido um sinal divino de seu mentor espiritual, evitando seu prematuro desencarne, e assim ainda não compreendia sua mediunidade cético extremo que ainda era.

INDÍGENAS DO CANADÁ

Durante sua faculdade foi ao Canadá estudar inglês por um mês, e assim nosso peregrino conheceu Toronto, foi na fantástica peça o fantasma da ópera (uma segunda vez depois em Londres), que o tocou, além de Montreal e Quebec, e ficou fascinado com aquele país, principalmente pela tradição indígena.

Um dia estava ele caminhando num parque em Montreal quando viu um cartaz que dizia que próximo dali, numa área rural haveria um encontro de várias etnias indígenas canadenses, e assim foi ele conhecer os nativos canadenses, e se maravilhou com a festa que fizeram num espetáculo de danças e sons, e aprendeu o que era um totem, um protetor de madeira que os indígenas canadenses utilizam.

Foi conhecer a famosa cataratas do Niágara, mas ficou desapontado, pois ela era bem pequena comparada com a exuberância de Foz do Iguaçu, que é incomparável.

Quase abandonou a faculdade pelo sucesso econômico que tinha com suas empresas, mas por conselhos de amigos próximos resolver seguir e se formou afinal como bacharel em Direito, o doutor dos doutores segundo a rainha de Portugal Dona Maria, a louca, como seu professor João Laerte Salles lhe ensinou, e uma vez nosso peregrino visitou a casa deste seu professor e ficou abismado com a quantidade de livros que ele tinha em biblioteca particular, e que o apresentou com livros antigos. Aquilo o fascinava, e lembrou quando queria dar aulas de italiano na faculdade, e este seu professor o levou ao reitor e lhe apresentou dizendo: Este jovem não é qualquer um, é uns dos brilhantes, e ele quer sua autorização para dar aulas de italiano na faculdade, e eu dou o aval. O reitor olhou para o peregrino e o seu colega professor e disse: Para os amigos tudo, para os demais a lei, e aquilo marcou a vida do peregrino, para compreender o que viria pela frente na sua carreira.

Terminada a faculdade, junto com uns amigos brasileiros fizeram a formatura numa linda viagem cruzando a Europa, saindo de Bruxelas, cruzando a França, Suíça, Itália, até a linda Grécia em Atenas e as ilhas de Santorini e Ios, onde ficaram algumas semanas. Era engraçado pois um era de origem japonesa, outros bem morenos e o peregrino bem branco, e quando falavam em português, as pessoas achavam curiosa aquela miscigenação, falando o mesmo idioma, e pensavam que era esperanto. Mas não, eram apenas brasileiros sendo brasileiros, o lindo país multiétnico e de uma enorme riqueza cultural e espiritual.

Na Grécia e em suas ilhas paradisíacas aprendeu profundamente a sentir e ouvir o vento, lição que levaria para a vida inteira.

Nosso peregrino realizou assim um sonho de infância em conhecer o Parthenon grego, quando ia na biblioteca em Caçapava olhar os livros e as suas aulas de história, e no futuro iria também nas pirâmides do Egito, finalmente um outro sonho realizado numa experiência espiritual muito forte.

Foi um mês de muita alegria e diversão com seus queridos amigos em terras europeias.

Se candidatou a uma pós graduação em direito internacional na Itália e passou, e assim depois de sete anos voltou para a Itália em grande estilo, e como sempre foi desapegado, nosso peregrino vendeu tudo o que tinha, empresas, carro e bancou seus estudos na Europa, e por lá ficou, agora em outra condição e situação na mesma Itália de outrora e terra de seus ascendentes paternos.

Quando terminou sua especialização em direito internacional, retornou ao Brasil e abriu um escritório de assessoria em direito internacional mas logo foi contratado para ir trabalhar numa multinacional suíça, sendo assim fechou seu escritório e trabalhou no mundo corporativo por muito tempo, completamente imerso no mundo material.

NO CRUEL, FRIO E INSANO MUNDO CORPORATIVO

O mundo corporativo trouxe ao peregrino muitas viagens, muito dinheiro e muitas, mas muitas ilusões efêmeras.

Quantas vezes nosso peregrino se olhava no espelho para colocar sua gravata , naquela rotina avassaladora e se perguntava a si mesmo

o porquê de tudo aquilo, e muito embora tivesse sucesso na carreira, sentia um inexplicável vazio que tentava suprir com mais festas, mais bebidas, mais viagens, mais consumo e mais companhias femininas.

Sempre nas manhãs por muitos anos, ele dava o nó na gravata e se perguntava...o que estou fazendo da minha vida? Qual o sentido disto tudo?

Mas seguia em busca de mais dinheiro, mais sucesso, mais bebida, mais namoradas, mais carros, criou uma banda de rock em que era o vocalista (zech son's), mais imóveis, mais, mais, mais numa corrida que ele nem mesmo tinha entendido como havia entrado.

Mas era competente e competitivo, e muito jovem galgou postos importantes na empresa, e conseguiu um contrato de dois anos em Luxemburgo, por tamanho esforço e resultados.

Uma vez numa reunião de gerentes e diretores num fim de semana, foi perguntado aos presentes que todos escrevessem em uma palavra o que mais eles gostariam que a empresa tivesse. Uns escreveram: competência, missão, esforço, disciplina, etc e nosso peregrino escreveu em letras garrafais: AMOR. E todos ali o ridiculizaram e riram, mas era efetivamente o que aquele ambiente corporativo e as pessoas presente, inclusive ele, precisavam: AMOR.

Nesta época comprou uma cabana linda na montanha, na sua amada Serra da Mantiqueira, que além das festas, era seu refúgio, e se isolava nos finais de semana aos pés da lareira, na poesia, na literatura e na natureza exuberante, sua eterna paixão, e em muitas companhias femininas, que na verdade o deixavam ainda mais só.

Mas ao menos ali havia momentos de muita paz para ele, ao menos sábados e domingos.

Neste período o que mais gostava era de lecionar, pois nas noites dava aula de direito internacional para algumas faculdades em São Paulo, e junto com seus alunos criou um lindo projeto, chamado girassol, que amparava uma favela local próxima à faculdade. Eles iam todos os sábados e além de levar coisas materiais aos mais necessitados, levavam os interessados a conhecerem um ambiente universitário para quem sabe um dia eles pudessem com seus esforços também estudarem lá.

Os alunos adoravam o professor peregrino das estrelas, pois ele não fingia que estava ensinando nem os alunos fingiam que estavam

aprendendo, ele ensinava mesmo, e a reitoria não gostava muito de seu método inovador. E uma das universidades em que ele dava aula por este motivo o desligou, mas os alunos ficaram revoltados e fizeram um abaixo assinado para a reitoria trazê-lo de volta, e assim o fizeram. Ele ficou lisonjeado, mas como o clima não ficou bom, ele disse aos alunos que agradecia mas que partiria, e assim o fez e seguiu, triste pelo sistema de ensino comercial mas feliz por ter sido reconhecido.

Infelizmente teve que acabar com o projeto girassol quando foi transferido para Luxemburgo, o país mais rico da Europa, e foi engraçado na sua mudança quando o carregador lhe perguntou, depois de um enorme esforço em carregar tantos livros: você leu todos estes livros mesmo? Numa ironia da vida, e o peregrino sem graça, sorriu e disse: Sim.

Décadas depois passaria na frente da antiga favela onde fazia o projeto e veria que ela não existia mais, e ficou feliz pois ninguém está fadado à miséria perpetuamente e tudo flui e evolui no universo.

LUXEMBURGO

O seu diretor, para lhe agradar, reservou um hotel gigantesco para nosso peregrino, que até campo de golfe tinha, em sua chegada a Luxemburgo.

Fez seu trabalho dignamente, mas Luxemburgo era um país onde quase não se via o sol e isto fazia muita falta.

A linda ponte histórica era o local de altíssimo índice de suicidas, tanto que o governo local teve que colocar um tapume de acrílico para evitar os saltos suicidas.

Era incoerente para ele viver no país mais rico da Europa e as pessoas se suicidarem. Isto nosso peregrino compreenderia somente depois com os ensinamentos espirituais.

Mas aproveitou e nos finais de semana conheceu bem a Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Suécia, a Holanda, a Bélgica, onde ia muito a uma cidadezinha chamada Namour, a França, e claro a Itália, aonde ia regularmente visitar seus amigos e principalmente desfrutar de um lindo vale que tanto amava para cavalgar na Toscana: o Vale d'Orcia, aonde retornaria inúmeras vezes em sua existência.

Uma vez foi cavalgar de Montalcino a Grosseto por alguns dias, numa magia sem fim os dias que ali passou.

Ficou fascinado quando cruzou de carro toda a Inglaterra, conheceu Londres, onde amou comer cogumelos fritos pela manhã com pimenta do reino, que depois faria um curso de como produzi-los com o pai de seu amigo, mas nunca logrou sucesso. Visitou o bairro Notting Hill, reviu a peça o fantasma da ópera, e se dirigiu até a Escócia, local mágico, conhecendo antes Yorshire, lago Ness, Glasglow, Edimburgo, e ficou encantado mas principalmente no extremo norte dos highlands da Escócia, numa região chamada Skye Islands, em que sentiu a presença celta, dos druidas, em sua maravilhosa música que tocou seu coração, esta inacreditável região e toda a Escócia e seu povo.

Uma das poucas coisas que gostava de fazer era viajar de carro nos campos nevados e viu um cemitério de soldados da segunda guerra e sentiu a insanidade humana de fazer guerras, e ia aos domingo numa igreja, que tinha um órgão enorme, apreciar sua sonoridade, muito embora a missa fosse em alemão e não compreendesse nada, mas a música sim, pois ela fala e nos toca o coração sem utilizar de palavras.

Também foi ver outro esportista brasileiro nato que na época estava no auge, o tenista Guga em Paris, que também inspirava a todos e elogiava e orgulhava o Brasil.

Uma vez estava sozinho na sede na empresa uma cidade suíça chamada Basel, e lá estava ele no auge de seu emprego e caminhava sozinho por bares e ruas e observava a todos e a si mesmo se embriagando com caras bebidas em bares noturnos chiques, com músicas clássicas, mas ele aquilo tudo observava e sentia um vazio enorme e se perguntava: para que tudo isto que não se leva a nada, qual o sentido da vida? E caminhava sozinho nas noites cheias de pessoas mas se sentindo solitário na rica Europa.

Nesta multinacional uma das suas funções era fretar aeronaves e sempre que podia fazia a loucura de sair de Luxemburgo numa sexta a tarde, chegar no Brasil num sábado pela manhã, se refugir na sua cabana na montanha para voltar no domingo a Luxemburgo. Era uma insanidade , mas a saudade do Brasil e o voo sem custos o faziam fazer isto regularmente, e se tornou amigo dos pilotos, que faziam escalas no Equador e no maravilhoso latacunga, uma montanha belíssima - e era sempre muito difícil os pilotos pousarem no pequeno aeroporto, na ilha

caribenha lindíssima de Barbados, Argentina e Colômbia, e carregavam no avião muitas flores.

Mas seu coração estava triste e queria desesperadamente voltar ao Brasil, não aguentava mais aquela vida e a fria mas linda Europa.

Sua empresa até o mandou estudar na Inglaterra, onde ficou algum tempo e fez um curso rápido na Cranfield University (já havia estudado na FGV em SP e na PUC SP em especializações também, nosso peregrino era muito trabalhador e estudioso), mas queria mesmo voltar. Tentou com seus diretores um retorno, mas como seu contrato era de dois anos, tinha que cumpri-lo, mas após seis eternos meses em Luxemburgo, seu frio, neve e nenhum sol, decidiu abandonar o emprego e voltar ao Brasil, e assim o fez.

A PRIMEIRA VEZ NA AMAZÔNIA – Nesta vida.

Chegando no Brasil, o peregrino tinha certeza de que seria demitido justa causa, mas como era um excelente funcionário e dava muito retorno financeiro à empresa, ao invés de demiti-lo, o presidente da empresa o enviou para uma filial na zona franca de Manaus, que é um polo industrial e aonde na verdade nenhum executivo queria ir, e como “castigo” ele tinha a única opção ou de ir a Manaus ou ser demitido.

Em silêncio aceitou a proposta e o desafio de ir a Manaus, mas na verdade quando ouvir a palavra Manaus ele vibrou em seu íntimo, pois Manaus é a terra de maior indígenas no Brasil e porta de entrada da maior floresta do mundo: a Amazônia, mal sabia seu superior que não era um castigo mas sim uma enorme benção para o peregrino, e assim foi em 2002 para Manaus.

MANAOS

Ajuricaba, tucupi, carapanã, tucuxi, bodó, chibata, pitiú, cauxi, cupuaçu, taperebá, sons que explodiam na cabeça do peregrino em sua chegada em Manaus.

Foi morar no bairro mais nobre de Manaus, Ponta Negra, numa mansão paga pela sua multinacional, e ali passou um ano trabalhando muito no meio da semana, e nos finais de semana se embrenhava na

mata para conhecer as inigualáveis belezas amazônicas e ir encontrar seus irmãos indígenas.

Manaus era uma cidade como outra qualquer, mas quando o peregrino entrava na floresta, era como entrar em outra dimensão, e como que abduzido ficou em êxtase em poder descobrir aquele novo universo fascinante e os povos da floresta.

Anavilhanas era seu lugar preferido, indescritível de tão belo e místico e ele ali se sentia em casa.

Apesar das festas corporativas em sua enorme casa que o aborreciam, o que mais enchia seu coração era realmente estar na mata, sempre que podia, e assim eternamente se apaixonou pela sua musa: a Amazônia.

Dançou no festival de Parintins, visitou inúmeras vezes o místico arquipélago de Anavilhanas e a fantástica e incrível caverna Maruaga, e as cachoeiras de Presidente Figueiredo, voou de helicóptero em urucu numa base de petróleo no meio da Amazônia, fretou um avião e conheceu a linda Caracas na Venezuela, foi de carro até a Guiana Inglesa, passando pelo indígenas macuxi em Roraima, na serra do Tepequem, próximo a Boa vista, e teve três gravíssimos acidentes de carro, dois em Manaus e um na serra de Mogi-Bertioga, em que não teve culpa nem desencarnou por misericórdia divina. Mas mesmo assim não compreendeu os sinais enviados, de que deveria urgentemente mudar de vida, que aquela vida de executivo e de completo hedonismo não era seu destino, mas ainda era cego e surdo espiritualmente, muito embora em Manaus de vez em quando fosse na fundação Allan Kardec receber uns passes espíritas.

Um vez fretou uma aeronave antiga e fez um voo de Manaus a São José dos Campos, junto com os pilotos, e no meio da viagem, pane total no avião, todos os equipamentos a bordo apagaram e o voo ficou tenso, muito tenso.

Momentos raros até que algumas horas depois o avião conseguiu pousar em São José dos Campos, sãos e salvos.

Esta aeronave se chamava Daniel e está até hoje estacionada no cemitério de aviões no aeroporto de Manaus, de onde nosso peregrino sempre o vê e se lembra deste enorme frio na barriga, mas mesmo assim ele não compreendia os sinais. Ainda bem que a espiritualidade

amiga é compreensiva e paciente, pois o peregrino era completamente ateu, graças a Deus.

Com um amigo Daniel de moto fez uma linda viagem pelo sul da Bahia: Porto Seguro, Trancoso, Praia do Espelho e a linda Caraíva, onde se encantou com seu céu. A Bahia sempre o fascinou e visitou várias vezes a praia do forte, ilha de Boipeba, Morro de São Paulo e sempre se sentiu em casa com os alegres e divertidos baianos.

CURITIBA

Depois de um ano de novo excelente trabalho em Manaus ele foi transferido para Curitiba para assumir a filial local e várias contas importantes da multinacional, e ali foi para mais desafios e trabalho.

Aliás, quando ele saiu de Manaus, ele criou uma tradição, comprou uma pulseira dos indígenas waimiri atroari e dizia que quando ela se rompesse era hora de voltar para a Amazônia, mas o fato era que depois de 2002, desde então voltava com tanta frequência para a floresta amazônica que nem conta mais ele tinha, pois cada feriado lá estava ele nas ilhas de Anavilhanas, acampado com os indígenas.

Novamente morava numa mansão, num condomínio com campo de golfe e ganhando muito dinheiro, tendo muitas companhias, muitas atividades, viagens, consumo, mas o vazio ainda estava lá e o preenchia com muitos goles de vinho e cervejas caras, e até uma moto estradeira potente comprou, além do absurdo de comprar uma t.v. absurdamente cara, tentando em vão suprir tanto vazio e solidão acompanhado com a famosa frase: eu mereço.

Retornou à capital do Paraná, onde tinha morado antes com dezoito anos, mas desta vez era outra pessoa, um gerente de filial, jovem e talentoso.

Três eventos ocorrem neste ano que ele passou na fria e linda Curitiba que marcaram sua existência.

Foi com uma colega Renata, que virou sua amiga rara no mundo corporativo, visitar uma A.P.A.E local que sua tia cuidava e de alguma maneira contribuiu ali, e frequentava uma casa espírita apenas para tomar passes, que lhe faziam muito bem, mas era cego e ignorante ainda da enormidade que ali estava presente em ensinamentos, mas o deixava muito pleno e feliz.

Do mundo corporativo, restariam muitos poucos verdadeiros amigos, eram apenas interesses mas alguns pouquíssimos restaram como a Renata, e André e Michel, estes que cruzaram juntos o Paraná até Buenos Aires de ônibus na Argentina, a trabalho, e estabeleceram uma afinidade entre eles, demonstrando a crueldade do mundo corporativo de relações meramente com algum interesse por trás, triste, vazio e falso.

Nosso peregrino adorava a Argentina e fez sempre grandes amigos nesta terra misto Itália e América do Sul.

Cavalejou por lá, dançou tango, tomou mate e procurou saber mais dos indígenas de lá, os famosos Quilmes e Mapuches, e comprou um lindo quadro na feirinha linda de San Telmo um quadro que marcou sua vida: SE VENDE POESIA, a foto em si era uma poesia.

Uma vez nosso peregrino estava caminhando pela bucólica cidade de Paraty no Rio de Janeiro, e nas vielas dali ouviu ao fundo um lindo tango e, atraído pela música, foi ver e viu uma linda cena de um homem de olhos fechados, muito introspectivo ouvindo o tango, quem sabe lembranças de um amor, pensou nosso peregrino.

Amava nas ruas da Paraty encontrar os indígenas Guarani e seu lindo artesanato, lembrando que antes da invasão portuguesa ao Brasil esta terra já tinha habitantes, como dizia o grande índio gaúcho Sepé Tiaraju.

Um dia no seu escritório no rico bairro do Batel teve numa manhã um piripaque de saúde que começou a incomodá-lo. Com 33 anos sua visão começou a embaralhar e ficar turva em pleno horário de expediente, e se assustou e foi em um hospital local, onde o outro também jovem médico lhe disse: rapaz, quanto tempo você quer viver? Se continuar a ser assim com este estilo de vida, não vai chegar nem a 40 anos, você está completamente desregulado e desarmonizado, sugiro mudar de vida, agora.

Mais um recado, mas o peregrino ainda não conseguia ouvir que deveria mudar de vida, mas ao menos desta vez guardou a informação para si.

Uma vez estava em seu escritório em Curitiba, quando sua secretária disse que alguém queria falar em particular com ele, mas não queria se identificar.

Nosso peregrino se recusou a atender de primeiro momento, mas de tanto insistir sua secretária dizendo que era importante, atendeu a ligação:

Olá, é o peregrino das estrelas? Não sei se lembra de mim, sou a Maria, nos conhecemos numa favela alguns anos atrás e você me levou para conhecer uma faculdade num sábado. Pois é, eu procurei muito e consegui te encontrar para lhe AGRADECER, pois hoje eu curso uma faculdade e foi por causa de sua inspiração que cheguei lá, e estou muito feliz. Era somente isto que queria lhe comunicar, Deus o abençoe sempre, muito obrigada.

O peregrino não sabia o que dizer, aquela ligação tocou seu coração e ficou sem palavras e muito mas muito feliz, de ver que uma sementinha de alguma maneira tinha dado algum fruto.

Uma vez estava na celebração do natal na casa de uma namorada em Curitiba, quando a mãe da mesma olhou toda aquela fartura de comida e vinho, um enorme banquete e disse a todos: que não esqueçamos os mais pobres, espírita que era, e aquela frase bem dita e posta tocou o coração ainda extremamente egoísta e hedonista do nosso peregrino.

ESTRADA BONITA

Nosso peregrino ia com frequência à linda estrada bonita, antes de Joinville, visitar seu tio músico que tanto amava e havia desde sua infância admirado, pelo violão, alegria e trailer, em que ele sempre foi com irmãs e primos pelo litoral paranaense (Matinhos). E nesta estradinha que tem muitos alemães que fazem geleias e comidas maravilhosas, comprou uma carroça antiga e levou até sua cabana em Santo Antônio do Pinhal, tamanha era a beleza dela e loucura dele. E amava ir também na Ilha do Mel, terra amada por seu primo márcio, filho do mesmo tio, que acabou desencarnando cedo em um acidente de bicicleta.

GUARAQUEÇABA

No litoral do Paraná, não muito distante de Curitiba, nosso peregrino uma vez fez uma linda viagem de barco de Paranaguá a Ilha do Cardoso, passando por Guaraqueçaba e Cananeia, por dentro do fan-

tástico parque de Superagui, viu muitos botos na Ilha das Peças (lugar mágico), nadou no salto morato e se lembrou muito da sua Amazônia.

Nesta cidade conheceu uns jovens que eram médicos e enfermeiros que trabalhavam na saúde, e a convite deles, os acompanhou em uma pequena lancha em atendimento médico domiciliar nas pequenas e isoladas comunidades caiçaras, e ficou deslumbrado com aquele trabalho maravilhoso e pensou como por brincadeira, que um dia poderia fazer aquilo na Amazônia. Mal sabia nosso peregrino que estava sendo inspirado e treinado a num futuro realizar o mesmo lindo trabalho no local em que mais se sentia em casa: a floresta amazônica, com seus amados irmãos indígenas principalmente os curumins, que tanto amava.

Uma vez, com estes amigos que trabalhavam na saúde em Guaraqueçaba, fez uma linda viagem de bicicleta cruzando o litoral paulista e paranaense num local de extrema natureza em pleno sudeste brasileiro.

VIAGENS COM O PAI

Neste período em Curitiba fez uma linda viagem com seu pai para o pantanal, passando por Bonito onde visitou a incrível flutuação nos cristalinos rios, desceu e mergulhou no magnífico e gigantesco abismo anhumas, visitou o maravilhoso buraco das araras vendo a espécie de aves que nosso peregrino mais ama: psitacídeos, rodou na mágica e riquíssima em fauna transpantaneira, até a divisa com a Bolívia em Corumbá.

Seu amado pai fez várias viagens com ele e sua irmã, uma enorme e linda viagem de São Paulo ao Uruguai, Argentina e até divisa do Chile, onde eles como brasileiros viram a maior sensação que queriam, a neve.

Nosso peregrino amava viajar ao lado de seu pai, era sempre uma alegria viajar juntos pai e filho, momentos memoráveis e inesquecíveis.

JALAPÃO COM SEU PAI- CRUZANDO O BRASIL

Um vez seu pai disse assim ao peregrino:

- Quero fazer uma nova viagem contigo à sua maneira e você escolhe o destino.

O peregrino sorriu, colocou seu pai num jipão que tinha, e cruzaram o Brasil até o fantástico deserto do Jalapão, onde passaram dias fotografando fauna, outra paixão de nosso peregrino, e conhecendo lugares mágicos dentro do deserto brasileiro.

Fortaleceram os laços de pais e filhos em histórias íntimas e de descoberta para ambos. Além de seu pai, ele era um grande amigo do nosso peregrino.

Foi engraçado que quando estavam voltando, em extrema alegria por tanta beleza visitada e vivenciada, um amigo professor de yoga do peregrino estava em Alto Paraíso, na chapada dos veadeiros em Goiás, e o convidou a passar por lá para dar um abraço, e lá chegando estava o Yogui dependurado numa árvore nas alturas e seu pai disse: não vai me dizer que seu amigo que passamos aqui para visitar é aquele lá em cima pendurado que nem macaco, e riram todos daquela situação. No fim o pai ficou muito amigo do Yogui em profundas e engraçadas conversações em um local ainda mais raro ao pai, que era um espaço em forma de Gota d'água enorme onde se faziam apresentações musicais, e seu pai se divertia com tanta novidade, era muito compreensível e flexível mentalmente, ainda bem.

Seu pai era um querido, todos seus amigos o adoravam pois ele levava todos para pescar, viajar, andar a cavalo, e como seus amiguinhos não tinham pais próximos, uns morreram, outros divorciaram, então o peregrino dividiu seu pai com outros amigos, pois no coração de seu pai cabia todo mundo.

Uma linda recordação de seu pai foi quando tinha 15 anos, quando seu pai era um aficionado por futebol, e nosso peregrino no estádio lotado de Taubaté, que fazia a preliminar do campeonato paulista contra a Portuguesa de São Paulo, quase marcou um gol, driblando todo mundo do lado direito do campo, e estavam seus primos na torcida neste memorável dia. Mas a emoção veio mesmo quando num sábado pela manhã no time titular em que seu pai jogava em Tremembé o peregrino ainda com tenra idade estava na reserva, e no finalzinho do jogo o técnico colocou ele para jogar com seu pai no time principal, e incrivelmente, numa linda jogada que ficará escrita nas estrelas, seu pai cruzou a bola e o peregrino magistralmente fez um golaço - a partida parou e todos choraram emocionados, até os adversários, por um pai ter cruzado uma

bola e um filho ter feito um gol, sonho de todo pai, sem dúvida nenhuma realizado pelos dois.

O futebol sempre foi, pelo olhar do pai, uma pequena paixão do peregrino.

CAMPINAS

Depois de mais um ano em Curitiba sua empresa lhe enviou para mais um desafio que era Campinas, interior de SP, para onde ele queria voltar, pois estava cansado da gélida Curitiba, e assim passou ali seu derradeiro tempo na cidade onde ele havia morado quando criança, mas já estava cansado de tudo e todos, somente queria ficar em sua cabana na montanha.

Lembrou de quando sua avó materna, que era campineira, o levou quando criança, e ela já bem velhinha, nas aulas que ela lecionava a noite, indo de ônibus público, em Sumaré, cidade próxima. Ficava orgulhoso de ver sua avó professora, e os alunos adoravam o peregrino, e pensava em ser professor um dia também, fato que ocorreu. Alias, tudo que pensou ocorreu, e nosso peregrino percebeu que o pensamento aliado à vontade, tudo se materializa e acontece, se for para ser efetivamente.

UM SINAL DIVINO – UM FILME JAPONÊS CHAMADO DEPOIS DA VIDA

Sempre ia de campinas para São Paulo em maçantes e incessantes reuniões de Diretoria.

Teve uma vez que nosso peregrino estava numa mesa enorme com aqueles diretores todos engravatados, e ele também, e observou tudo aquilo, olhou para fora da janela e viu aquela cidade enorme, gigantesca, com o rio pinheiros poluído e a marginal lotada e se olhou, olhou e se perguntou, o que estou fazendo aqui afinal? Para que tudo isto? E fortemente se questionou, mas desta vez profundamente.

Depois da reunião insuportável, saiu para caminhar, tomou um metrô e foi até a Avenida Paulista, e estava observando a todos ali sem compreender nada daquilo, daquela correria, daquela indiferença, dos

pedintes, dos engravatados como ele, da poluição, do trânsito, e nesta meia paranoia ele foi até a Consolação e entrou no primeiro cinema que viu. Estava tendo um festival de cinema japonês, ah o Japão, que ele tanto admirava, e entrou no primeiro filme que viu, e ali no filme compreendeu que era um sinal divino a ele e a todos para compreendermos o sentido da vida, ao menos.

O filme era muito simples, lento mas extremamente profundo.

Conta a história das pessoas que morriam e se encontravam num pré-estágio de irem para o céu.

Ali todo mundo que chegava, recém desencarnado, recebia um vídeo completo de toda sua vida e deveria ficar num quarto e assisti-lo.

Assim as pessoas assistiam tudo o que haviam feito em suas vidas, neste filme de si mesmo neste quartinho.

Depois todo mundo deveria escolher um evento, apenas um, o que mais gostou ou os emocionou na vida e o escolhido seria reproduzido novamente, e com este sentimento de alegria seriam levados ao nirvana.

Nosso peregrino se colocou naquela situação e se perguntou? Se eu tivesse morrido e tivesse recebido um filme da minha vida, qual seria a melhor cena?

E nesta profunda reflexão viu que estava grandiosamente desperdiçando sua vida, e o único momento que havia escolhido, ele já com seus 35 anos, era o do telefonema da moça da favela que entrou na faculdade, mas achou pouco, muito, muito pouco e dali do cinema saiu já com um enorme recado: a vida passa rapidamente e o que levamos daqui são as coisas boas que fizemos. E lembrou de uma frase de outro filme que o tocou (*Blade Runner*) que o personagem principal diz: Todos nossos momentos vividos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva.

E percebeu que estava perdendo vida, muita vida, para nada, mas mesmo assim continuou na roda da vida, no “rat race” da canção do Bob Marley, ou como um cachorro correndo atrás do seu próprio rabo.

Nesta época em Campinas que durou aproximadamente um ano, as únicas lembranças que teve positivas foi quando conheceu uns índios e comprou um enorme cocar para dar uma força aos irmãos que queriam vendê-lo, e as visitas que fazia em Holambra nos produtores

de flores, em fazendas lindas que ele ajudava a exportar, mas como ele tanto queria, finalmente foi desligado por benção divina da empresa e decidiu então abrir a sua própria empresa, não sendo mais empregado, e havia decidido que nunca mais o seria, e se transferiu para onde mais queria morar, no seu amado Vale do Paraíba, em SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, onde tinha um escritório principal, e Caçapava, onde tinha um armazém e atingiu um status que nunca havia imaginado. Estava indo a Miami de onde claro visitou a Disneylândia , mergulhou com peixes bois marinhos em Pernambuco, finalmente comprou um lindo caminhão 1113 realizando um sonho de jovem quando disse querer ser caminhoneiro (na verdade queria peregrinar) e fez uma linda viagem num carro conversível até Key West, numa estrada que corta o mar, linda, e ficou consternado com o extremo materialismo e consumismo daquele país, sem sentido ao seu olhar, mas preferia ir mesmo na Europa, que era mais cultural e mais sua cara, como ir a Paris e contemplar a torre Eiffel do trocadero e comprar livros às margens do rio sena nas banquinhas locais. Viajava com tanta frequência ao exterior que até sua irmã que era sua gerente disse: nossa, você vai para o exterior como nós vamos para o mercado.

Um dia aconteceu um alagamento enorme em São Paulo que parou toda a marginal, e nosso peregrino dormiu no carro, pensando que seu carro seria tragado pelo rio e neste momento não compreendia mesmo o que estava fazendo ali, naquele trânsito, naquela situação, naquele insano tráfego e cada vez se sentia mais perdido em sua caótica , sem sentido mas de muito sucesso, sua rica pobre existência.

Por intermédio de amigos começou a frequentar uma casa espírita em São José dos Campos, onde aprendeu a dar passes, fez um curso de reiki, e a professora do curso lhe deu uma babosa gigante de presente e lhe disse profetizando: um dia você irá trabalhar com plantas medicinais, mas ele não entendeu nada daquilo.

Nesta casa espírita aplicava em conjunto passes nas pessoas que iam procurar amparo, e principalmente lindas moças jovens, garotas de programa de um prostíbulo famoso próximo, que o deixavam impressionado com a situação caótica em que chegavam para o tratamento, triste a vida, pobres e sofridas prostitutas com uma energia densa e terrível, mas ainda bem que elas ao menos iam as vezes receber o amparo espiritual.

Uma vez ele estava aplicando um passe em uma criança que olhou para ele e disse: Nossa um índio vermelho.

Todos na sala riram, o peregrino não entendeu, mas a criança viu nele um índio vermelho na sala de passe, mas ele ficou feliz, afinal era uma honra e orgulho ser um índio.

E assim ele estava, trabalhando, ganhando, viajando, gastando e com o vazio ainda cada vez maior, que nenhuma companheira sua ou amigo conseguia entender o porquê, pois na visão de todos ele estava no auge, com enorme sucesso.

Um dia em sua cabana, sua mãe olhou para o peregrino num final de semana e sentenciou: Filho, eu não tenho nada a ver com sua vida, mas você não está nada bem e está muito infeliz, apenas sua mãe o compreendia.

Trabalhar era seu destino, e se tornou tradutor juramentado, corretor de seguros, vendeu batata recheada numa feira de festa junina, e até uma loja de artesanatos de produtos brasileiros com uns amigos abriu na capital de São Paulo no lindo bairro chique chamado Brooklin.

Trabalhar era sua paixão, mas trabalhar em prol do próximo num futuro: sua missão, pois nosso peregrino nunca desistia de seus objetivos e aprendeu uma frase com um filósofo que dizia: eu tenho um propósito de viver e posso enfrentar qualquer como.

UM ABRAÇO

Uma vez nosso peregrino estava estacionando seu carrão importado quando viu um homem se aproximar com um semblante sisudo e de poucos amigos, bateu no vidro e pediu uma esmola.

Nosso peregrino olhou para o irmão do lado de fora e lhe disse: - Não vou te dar dinheiro, vou lhe dar um abraço, e assim desceu do carro e abraçou o homem pedinte, que o abraçou muito forte pois era também um homem muito forte, e depois se virou e disse: - Meu irmão, eu acabei de sair do presídio estes dia e estou procurando emprego, mas todo mundo me rejeita pelo meu histórico, por isto estou mendigando, mas o que mais precisava hoje era deste abraço e não do dinheiro, muito obrigado, e o homem de despediu e seguiu seu destino.

Todos nós às vezes queremos tão somente um abraço.

PEÇA DE TEATRO

Numa tarde de trabalho nosso peregrino resolveu ir numa escola assistir uma peça de teatro infantil, para ver coisas novas em sua rotina de enorme e desgastante trabalho, e foi uma peça que o inspirou muito, pois era a história de um pássaro livre que voava com toda a liberdade pelos lugares mais lindos do mundo e contava a uma amiga humana por onde tinha ido e estado.

A moça que ouvia as histórias ficava fascinada com as viagens do seu amigo pássaro e gostaria muito de viajar, mas tinha medo, muito medo.

Um dia ela resolveu prender o pássaro numa gaiola, para que ele não mais saísse de perto dela, sem que o pássaro soubesse ela armou uma armadilha deixando doces numa gaiola e ofereceu a ele, e quando ele entrou para comer ela o fechou na gaiola.

Ele não entendeu e perguntou: Por que você está me prendendo?

E ela disse, eu quero você só para mim e não quero mais que voes por aí, livre.

Ai ele disse: mas isto é muito egoísmo, me deixe voar, viver, pois eu sempre te contei tudo.

E ela disse NÃO, você nunca mais vai voar.

E assim se passaram os dias e o pássaro morreu na gaiola de tanta tristeza, e a moça chorou.

Acabou a peça e nosso peregrino fez uma alusão daquela simples e infantil peça com a vida, onde pessoas que não estão livres e com muito medo não querem ver outros livres e felizes. E percebeu um lindo recado de que realmente a liberdade assusta e muito a todos aqueles que ainda não estão livres, e nosso peregrino ainda não estava livre, mas em breve se libertaria de sua prisão mental, de si mesmo, de sua gaiola em que ele mesmo se aprisionou por imposição e modelo social vigente, que assola a todos, onde quem não está livre não quer que ninguém também o fique.

Ficou fascinado com o filme MATRIX e percebeu como vivíamos mesmo em uma enorme ilusão, e viu um concerto de um conjunto português chamado MADREDEUS, do qual ficou fã. E uma vez num voo

de Marília a São Paulo, ouvindo este conjunto, enfrentou uma enorme tempestade e turbulência em que todos entraram em pânico, e nosso peregrino ouvia em seu fones a música da voz da linda cantora, olhava na janela do avião e observava como era efêmera e turbulenta a assim chamada vida...

VÔO LIVRE

Voar era umas das suas paixões e fez vários vôos para aprender a pilotar com planador em Caçapava e em Jundiá, mas decidiu fazer voo livre e aprendeu a voar de parapente, e também foi aeromodelista por anos, sempre em busca de voar, mas o que nosso peregrino não sabia ainda era que voaria muito e sempre, seja fisicamente mas principalmente espiritualmente.

Uma vez teve uma experiência incrível praticando esporte, jogando ping pong, decidiu focar completamente e sentir que todo o movimento do seu corpo estava integrado à sua mente e sentiu como se estivesse fora do corpo mas consciente de toda ação corpórea, que era uma incrível fluidez, transcendental, sentimento que depois entenderia que muitos esportistas já sentiram, mente unida e fluida ao movimento, sensação incrível e indescritível para nosso peregrino.

Assim, em busca de adrenalina, já havia aprendido a mergulhar antes em Fernando de Noronha, mas voar era muito além.

Começou a aprender na serra da Mantiqueira, próximo a sua cabana, e fez seus primeiros vôos na pedra do baú e pico agudo, e depois alguns mais em Balneário Camboriú.

Em seu primeiro voo solo, por imprudência do professor, entrou em fortes ventos e nuvens e ficou ali meio perdido, mas conseguiu pousar numa colina intacto, e recebeu de um amigo Adriano, que mais tarde viria a lhe aconselhar a ser mais prudente, uma placa grafada em madeira que dizia:

Seja bem vindo ao seletivo grupo de homens que inconformados com as suas limitações ousaram voar.

Era um esporte muito lindo, mas muito radical e ele em verdade estava buscando algo muito profundo e a adrenalina do voo o anestesiava, mas era muito inconstante, e um amigo lhe sugeriu que tomasse

maior precaução, pois um erro no voo livre era órbita, e havia feito uma promessa a si mesmo que quando algum de seus colegas que aprenderam a voar juntos contemporaneamente morresse, ele pararia, e infelizmente isto ocorreu, e nosso peregrino abandonou o voo livre para seu próprio bem, pois em verdade ele queria era dar outro tipo de voo, ou seja abandonar o mundo material, mas como? O que faria? Como sobreviveria?

Um dia entrou rapidamente numa escola de Yoga, sentiu mas não viu, ainda julgava e pensava que aquilo ali era para pessoas que não tinham o que fazer, que ironia que o destino estava preparando a ele, mas estava buscando, engatinhando mas estava.

Lembrou da época em que era estudante de direito, e se fantasiou de palhaço para uma casa espírita em Taubaté num sábado, para alegrar as crianças, e como aquele dia e aquela ação o tinham feito feliz, lembrou do projeto girassol, das poesias da APAE, e que quando ele era útil a alguém se sentia feliz e pleno, mas ainda nosso peregrino estava iludido com o enorme véu de maya e os prazeres sensoriais, mas seu destino estava escrito nas estrelas, por ele mesmo.

IMPERMANÊNCIA

No passado quando jovem um amigo havia desencarnado em um acidente de automóvel na estrada, mas uma vez estava em seu escritório em São José dos Campos, quando seu colega e amigo Anselmo pediu para sair mais cedo, pois iria num show em São Paulo.

Durante a madrugada nosso peregrino recebeu uma ligação dizendo que seu amigo tinha desencarnado em um acidente automobilístico.

Ficou pasmo, incrédulo e triste de saber que numa tarde havia visto seu amigo e na madrugada havia desencarnado. Foi em seu funeral e na comoção dele e da família ficou extremamente pensativo da efemeridade da vida e agravando ainda mais o seu vazio interior.

OUTRO SINAL DIVINO: A CIGANA

Estava nosso peregrino bem cedo numa segunda feira abastecendo sentando seu lindo carrão importado num posto de gasolina em São José dos Campos para ir trabalhar em São Paulo, quando uma senhora cigana bateu em seu vidro e disse que queria ler a mão dele.

Ele negou, mas ela insistiu tanto que não teve jeito e abaixou o vidro e de fora a cigana pegou sua mão, viu, se espantou e não disse nada.

Aí o peregrino curioso disse, o que você está lendo aí?

Ela disse: Meu amigo, você tem enormes compromissos nesta vida e seu caminho é lindo, lindíssimo, e o que você faz hoje não tem absolutamente nada a ver com você. Em breve tudo vai mudar, muito embora todos nós temos nosso livre arbítrio, seu caminho é de um peregrino das estrelas para aqui neste planetinha azul ousar amar.

E a cigana se foi sem cobrar absolutamente nada, e o nosso peregrino ouviu , mas não entendeu, pensou que ela era uma louca, mas sentiu algo dentro, uma sementinha e seguiu seu trajeto na loucura material desvairada e foi para São Paulo.

Na outra semana, logo após este encontro ocorreu finalmente um fato que o faria DESPERTAR, ACORDAR para a VERDADEIRA VIDA, um assalto num banco.

Gostaria nosso peregrino que um dia aqueles assaltantes soubessem que mesmo causando um mal terrível a eles mesmos pela lei implacável de causa e efeito, eles foram de algum modo instrumentos divinos na vida do peregrino das estrelas e cocriaram a futura Universidade do Amor, inacreditavelmente, onde nosso peregrino aprenderá que no fundo só existe amor e devemos em tudo, tudo mesmo dar graças, mesmo talvez sofrendo ou não compreendo o que está nos acontecendo, mas que tenhamos a plena fé e esperança que é para o nosso próprio bem. E assim se deu em São José dos Campos, na linda avenida São João, numa quinta feira de 2007, o transformador e derradeiro sinal que finalmente faria despertar nosso adormecido peregrino nos véus da ilusão material.

A FAMOSA VIRADA DE CHAVE : UM ASSALTO NO BANCO

Era uma quinta feira de manhã em 2007, quando e nosso peregrino das estrelas com 37 anos, empresário, rico materialmente (mas miserável espiritualmente), imerso nas ilusões da matéria que somente lhe traziam conforto material mas uma desilusão enorme espiritual, num nível profissional que jamais havia pensado em atingir, foi abrir mais uma das inúmeras contas correntes em um banco famoso norte americano.

Quando estava assinando uns documentos, sentiu alguém lhe bater as costas e pedir para ele se levantar e quando olhou para trás viu um homem armado e toda a agência dominada, como num filme de assalto a banco, onde o homem apenas lhe perguntou se ele estava armado e que colocasse o celular no cesto de lixo desligado, pois eles queriam apenas roubar o dinheiro do banco e não dos clientes.

O homem pediu que ele junto com outros clientes e funcionários ficassem sentados e os ladrões queriam o dinheiro a qualquer custo , mas as funcionárias, que eram em grande maioria jovens mulheres, choravam e diziam que apenas o tesoureiro tinha a chave e ele tinha saído, e ficou aquele clima tenso por pelo menos uns quinze minutos, até que o tesoureiro chegou, os bandidos conseguiram pegar o dinheiro do cofre e fugiram.

Nestes quinze minutos, no transcorrer de tudo, nosso peregrino teve uma catarse.

Ele se auto indagou, se caso ele morresse ali naquele assalto, o que ele efetivamente tinha feito em sua vida?

Carros e motos importadas, inúmeras viagens, praias, restaurantes caros, vinhos e cervejas importadas, mulheres lindas, imóveis, sua empresa, eram mesmo o fim de sua existência?

Ficou ali num espiral de pensamentos, enquanto os ladrões com suas armas pressionavam a presença do tesoureiro ou a chave do cofre.

Nosso peregrino sabia que ali poderia morrer, e muito embora não tivesse medo da morte, se morresse neste assalto sentiria que havia perdido mais uma oportunidade, mais uma vida desperdiçada, e ficou

ali numa espiral incessante de pensamentos consigo mesmo: O que fiz e faço da minha vida? Esta minha vida não tem sentido nenhum, e não encontrava respostas.

O assalto terminou, e minutos depois da saída dos ladrões, chegaram dois policiais de bicicleta na ronda de bairro e graças a Deus depois, pois sem dúvidas teriam sido mortos os dois e se tornado uma catástrofe tudo.

(quem sabe um dia estes bandidos não leiam este livro e reconheçam seu erro, paguem seu karma inevitável, mas percebam que mesmo nesta terrível ação, foi o início do despertar do peregrino das estrelas para criar a Universidade do amor no futuro próximo e apenas praticar amor. Que estes irmãos doentes de 2007, perdidos também na ilusão da matéria e contrários às leis divinas, que colherão o que plantaram, pois quem rouba perde posteriormente em dobro o valor ou coisa roubada, possam ao menos ter este bálsamo e seguir o que o mestre do amor, Jesus, nos ensinou: Vamos todos em paz , mas sem nunca mais errar, pois o assalto é um enorme equívoco, mas que saibam que daí nasceu de alguma sorte um lindo movimento e assim aprendemos em tudo, tudo mesmo DARMOS GRAÇAS).

Nosso peregrino saiu do banco e foi para seu lindo apartamento em São José dos Campos e ali ficou o dia todo, nesta catarse emocional na mesma espiral de pensamentos, questionando a sua vazia vida de pobre homem rico, de onde surgiu tudo aquilo, para quê? Por quê? E sentiu que tinha ficado louco, pois ficou horas e horas neste intenso questionamento.

Ao final do dia, não sabia o que fazer e por fim telefonou a um amigo que coincidentemente havia nascido no mesmo dia que ele, 28 de março, era ariano, e nosso peregrino sabia que ele havia, após uma dolorosa separação, ficado imerso em seu apartamento também em buscas de superar o trauma, e combinaram de sair para jantar. O amigo ouvindo a história sugeriu ao peregrino: quando eu estava envolto em minhas dúvidas, eu fiz uma peregrinação na Espanha chamada o caminho de Santiago, e sugiro que o faça para encontrar também as tuas respostas.

Caminho de Santiago já havia ressoado no passado quando bem jovem na cabeça de nosso peregrino, e ali mesmo no jantar, diante da excelente sugestão do amigo, decidiu que iria trilhar o caminho. Deci-

dido que sempre foi, no outro dia pela manhã, comprou ali mesmo as passagens, deixou sua empresa na gerência de sua irmã, avisando-a que iria viajar sem data para voltar e embarcou na sexta feira a noite para a Europa, apenas um dia após o assalto, em direção à Espanha, desesperadamente, mas muito esperançoso em busca de respostas.

PARTE II

Do 37 Anos até os dias atuais – VIDA ESPIRITUAL

PARADA NA ITÁLIA ANTES DO CAMINHO

Antes de ir para a França e começar o caminho de Santiago, nosso peregrino fez uma parada na Itália para rever seu caro amigo Guglielmo e família, como sempre o fazia quando ia viajar. Era tanta a proximidade que até um quarto o Guglielmo havia disponibilizado ao peregrino permanentemente.

Chegando lá foi aquela festa, fizeram um lindo almoço no sábado com outros amigos na belíssima montanha do lado do lago de Como, e no domingo a noite um jantar. Na manhã seguinte nosso peregrino pegaria o avião, numa segunda-feira.

Nesta noite no jantar, seu amigo Guglielmo surpreendentemente disse a toda família que ele também iria fazer o caminho junto com o peregrino, pegando a todos de surpresa.

A família não acreditou e desencorajou, devido a idade avançada, a saúde, mas não teve argumento que o tirasse da decisão de ir com nosso peregrino fazer a pé o longo caminho de Santiago, de 800 quilômetros, ele disse batendo na mesa: Eu vou, já está decidido.

O peregrino ficou sem saber o que dizer, mas como amava seu amigo, sem problemas, seria uma linda companhia a trilhar os passos com ele em busca de respostas que indubitavelmente seu amigos e todos queremos encontrar.

Foram todos dormir depois do jantar e pela manhã bem cedo a esposa de Guglielmo foi acordar o peregrino que dormia em seu quarto do lado do casal e disse: Peregrino, o Guglielmo não quer se levantar, isto é estranho pois ele sempre acorda muito cedo, antes de mim.

E o peregrino se dirigiu até o quarto deles e viu seu amigo com um rosto tranquilo de estar dormindo em paz calmamente e quando se

aproximou e o chamou, percebeu e compreendeu claramente que seu amigo havia desencarnado, falecido.

Foi uma comoção ao peregrino, a esposa começou a chorar, ligou para a emergência que rapidamente chegou mas não havia o que fazer, e a tristeza enorme tomou conta de toda família, naturalmente, e do próprio peregrino, que ficou sem palavras por haver ocorrido coincidentemente o desencarne quando ele ali, numa possibilidade improvável, mas assim quis o destino, e ele assim prorrogou sua viagem de início ao caminho e fez dias de luto junto com a família que doravante fortaleceria ainda mais seus vínculos.

Quando ocorria o velório, o peregrino sentiu fortemente um aroma maravilhoso de flores que amparou as suas lágrimas e sentimento de tristeza da partida do amado amigo, e sentiu que era seu amigo em espírito lhe transmitindo através do odor das flores um abraço de carinho e gratidão direto do plano espiritual.

Dias depois de todo o funeral, nosso peregrino, comovido, se despediu da família e se dirigiu finalmente ao seu caminho, tomando um avião até Pamplona na Espanha, e depois contratou um taxista que o levou, cruzando os pireneus, até a pequena cidade francesa de Saint Jean Pied de Port, de onde começaria a transformadora jornada num lindo, longo, difícil mas maravilhoso caminhar.

Foi engraçado porque o taxista disse: peregrino você está me pagando para ir de carro o que irás fazer de volta tudo a pé e ficaram rindo da engraçada situação que o taxista estava já habituado.

Chegou tarde na cidade e começou o caminho depois do almoço, o que já não era adequado pois todos partiam bem cedo, mas o peregrino queria tanto caminhar que assim mesmo partiu, e cruzou as longas subidas e caminhadas pela floresta francesa na divisa com a Espanha, nos íngremes e silentes mas lindos Pirineus, em terras bascas.

Chegou por volta da meia noite no albergue que o acolheu e desmaiou.

No dia seguinte, partiu cedo e foi caminhando, caminhando e ele haveria de entender e aprender no caminho de tanto caminhar, uma célebre frase que o levaria para a sua vida, de um poeta espanhol chamado Antonio Machado:

Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.

LIÇÕES PRINCIPAIS NO CAMINHO

Foram 33 dias de longas caminhadas diárias, transformadoras na vida de nosso peregrino pelos fantásticos 800 km até o destino final: Santiago.

No caminho conheceu muita gente, pessoas de vários países, histórias diferentes, buscas diferentes, alguns somente por esporte ou aventura, mas a grande maioria como ele em busca de respostas, mas a pessoa que ele mais precisava conhecer, ele enfim com 37 anos conheceu: A si mesmo.

No caminho foi a primeira vez que nosso peregrino encontrou a si mesmo, conversou e dialogou consigo mesmo.

Percebeu que durante sua vida ele sempre ouvia os outros, seguia o caminho que a sociedade havia lhe imposto, fazia os que os outros mandavam ou sugeriam, e nunca se questionou porque de estar fazendo aquilo, apenas seguiu o fluxo e se perdeu em meio a roda da vida por sua própria negligência de escutar a si mesmo, seu coração, o que ele mesmo gostaria de fazer com sua vida, e no caminho foi um lindo encontro dele com ele mesmo. Em suas longas caminhadas conversou profundamente consigo mesmo e percebeu que ele até aquele momento não tinha feito nada do que gostaria mesmo de fazer, mas sim feito o que os outros todos faziam e lhe diziam para fazer. E se lembrou quando criança que viu um quadrinho que marcou sua vida, onde no primeiro quadrinho havia um cardume de peixes seguindo na mesma direção. No segundo quadrinho um peixinho sai do meio do cardume e se questiona: porque estamos todos indo na mesma direção? E no terceiro quadrinho o peixinho questionador segue o lado oposto, sozinho do cardume, e percebeu que aquele momento era ele se questionando por que seguia o cardume, e sem dúvida faria doravante o oposto, não seguiria a multidão mas sim seu coração.

Se perguntava porque havia falado com o mundo, mas não consigo mesmo e decidiu então se aprofundar em si mesmo e travou ao longo do caminho profundos diálogos consigo mesmo, e chorou por não ter em muitos momentos de sua vida ouvido a si mesmo, mas de agora em diante tudo seria diferente e se aprofundaria no seu âmago, encontrando aí as respostas que tanto buscava. E descobriu nesta auto

observação profunda o que era meditar, e futuramente leria dois livros maravilhosos que lembrariam estes seus momentos no caminho de Santiago chamado: um filósofo autodidata de Ibn Tufayl, assim como O profeta, de Khalil Gibran.

No caminho ele comprou umas cartas do caminho, que cada dia ele tirava uma e vinham mensagens diárias a nosso peregrino, de força, esperança e fé, e lembrou de sua infância, quando em sua casa havia, do seu avô materno, uma caixinha com inúmeras mensagens, que pegava a cada dia. E este hábito o seguiria sempre, seja nas folhinhas da seicho-no-ie, seja nas mensagens mágicas que o profundo e mágico fonte viva do espírito Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, que diariamente ao léu nosso peregrino abre uma página e recebe o alento que necessita, e uma carta do caminho que o marcou foi:

Não Sonhe sua vida, viva teu sonho, e em breve descobriria nos ensinamentos de Buda que a vida é como um tecido de um sonho, um lindo sonho lúcido.

No caminho conheceu muita gente, mas seu grupo de caminhan-tes foi formado por uma alemã: Susanne, uma dinamarquesa, Linda, um outro alemão músico, Jens, e um sueco, Caspar. E juntos caminham, se divertiram e aprenderam muito as lições que o caminho oferece, principalmente em ter amizades puras e verdadeiras sem esperar absolutamente nada em troca. E ali não importava a classe social, o patrimônio, a profissão, mas sim o que a pessoa era em essência, pois no caminho eram todos iguais.

Susanne, como professora de yoga, oferecia nas tardes finais do caminho, práticas de Yoga e nosso peregrino fazia pela enorme amizade com a Susanne que se estabeleceu ao longo do caminho. Tanto que ao final ela o convidou a ir para a Alemanha, na incrível Bavaria na bela Munique, passar uns dias com ela aprofundando no Yoga, e nosso peregrino aceitou, e foi depois do término do caminho.

Durante o caminho conheceu um senhor que era inglês e morava num motorhome e ficava ali apoiando os peregrinos, oferecendo e vendendo água e sucos, e ficou horas ali conversando para saber com o homem como era morar um motorhome, e pensou: um dia irei morar num motorhome, já profetizando o que iria realmente acontecer. A relação pensamento - vontade na maioria das vezes se materializa mesmo.

O seu ritmo era assim: acordava , caminhava por volta de duas horas, parava em algum local, tomava um café com as deliciosas tortillas espanholas, depois voltava a caminhar por mais duas a três hora, almoçava, dormia e depois caminhava até algum possível destino livre sem compromissos, mas eram uma média de 25 quilômetros por dia.

As vezes caminhava sozinho, as vezes com seus amigos, e ia assim num misto de solidão e companhia que permearia a jornada mágica neste constante caminhar.

ACIDENTE DA TAM

Um dia estava tomando café no meio do caminho e todos estavam comentando com ele sobre o grave acidente aéreo que acabara de acontecer em São Paulo de um voo proveniente de Porto Alegre, em que 199 pessoas morreram tragicamente.

Ficou pensativo e triste com o que soube e refletiu que a vida de todos pode acabar a qualquer momento, e a pergunta era: o que todos estamos fazendo de nossas vidas?

Orou pelos desencarnados e familiares e ficou muito pensativo sobre a efemeridade da vida.

No meio do caminho seus pés estavam muito inchados e não conseguia mais caminhar, e pensou que era o fim, pois era muita dor, e acabou ficando uns dias numa pequena hospedaria de um brasileiro e uma italiana, que disseram a ele, pois tinham muita experiência, que ele estava assim devido a estar amarrando muito forte sua bota, o que estava inchando os pés, e deveria deixá-las mais frouxas e assim caminhar melhor. E ele ali ficou por três dias e compreendeu a lição que aquilo queria lhe dizer, de não apertar demais a nossa vida senão não conseguimos caminhar, de relaxar e seguir calmo e constante, e ali conheceu muitos peregrinos, e seus amigos que estavam caminhando com ele tiveram toda a paciência de também esperar ali até a sua recuperação, e percebeu a linda amizade que havia se estabelecido. Aprendeu ali com os donos da pequena pousada que a peregrinação proporciona momentos para você refletir suas escolhas, encontrar sua essência, seus valores e buscar o sentido da existência evoluindo espiritualmente, mesmo sem ter consciência disto, e o caminho de Santiago é um caminho espiritual

que muita gente havia feito e o faz para purificar o karma de equívocos feitos nesta vida, e a energia desta purificação exala ao longo de todo trajeto.

Suas maiores lições no caminho foram principalmente sobre viver o presente. Sim, o presente plenamente. As vezes as pessoas se perdem vivendo um passado que já passou e um futuro que não existe e esquecem de viver o que é real: o presente. E no caminho nosso peregrino a cada passo aprendeu a viver intensamente e desfrutar o presente, esquecendo o passado e o futuro que são ilusões da mente, inexistentes, e lembrou de um maravilhoso livro que elucida esta enorme sabedoria chamado: O poder do agora, de Eckhart Tolle, e com isto em mente no caminho, jogou seu relógio no lixo e viveria apenas o presente e na fluidez da vida, sem mais ser escravo de um tempo que não existe: o futuro, e viveria plenamente e sempre o presente.

Ao longo da caminho foi percebendo que não precisava de muito para viver e que sua mochila estava pesada com muitas coisas, e foi doando a outros pelo caminho até ficar com apenas duas camisetas e duas bermudas ou seja apenas o que realmente precisava, e que o minimalismo e a simplicidade são benção na leveza do viver, pois ter muitas coisas pesa, e aprendeu que devemos ter apenas o necessário, o excedente acumula e nos pesa, nos amarra como âncoras, e assim aprendeu a ter consigo apenas e tão somente o que precisava.

No caminho dormiu em hospedarias, igrejas e albergues, e ficou fascinado quando teve uma experiência mística a noite no Arroyo San Bol, numa noite de muita música, e quando saiu para ver o céu extremamente estrelado, sentiu que era um peregrino das estrelas em rápida passagem pela terra, pois viu deitado no solo as estrelas como que caírem sobre si, percebendo que fazia parte de um todo, sem separatividade, e ficou em êxtase esta noite imerso em si mesmo em meio as infinitas estrelas do céu.

Todo o caminho foi um enorme aprendizado em seus cenários de Don quixote, em campos de girassóis, terrenos áridos, cavalgadas, músicas, menus do peregrino, festas nos albergues, encontros, igrejas, conventos, ninhos de cegonha, chuva, frio, sol escaldante e muitos, muitos passos e muito tempo para travar um profundo e maravilhoso diálogo interno que nosso peregrino aproveitou.

Houve um local especial numa igreja, que mais parecia um castelo medieval, onde alguns antigos peregrinos iam lavar os pés dos peregrinos em trânsito, num lindo ritual em memória ao mestre do amor, nosso Jesus, que fez o mesmo com seus discípulos ensinando-os a serem humildes, e isto marcou nosso peregrino no caminho.

Quando se aproximou do monte do gozo, que é um alto de uma colina que assim é chamado porque faltam ai poucos quilômetros de descida para se chegar ao destino final, que é a linda cidade de Santiago na sua catedral, onde todo mundo que ali chega sabe que conseguiu terminar o caminho, e é um gozo contemplar Santiago do alto, nosso peregrino sentiu neste local um forte aroma e perfume de flores, o mesmo que havia sentido no funeral de seu amigo Guglielmo, e entendeu perfeitamente que realmente seu amigo havia sim, como havia dito, feito o caminho de Santiago junto com nosso peregrino, mas em espírito e não em corpo físico, e foi um lindo momento de conexão emocionante de sair lágrimas de tanta alegria e emoção, e compreender que realmente não existe morte.

Chegando na frente da catedral de Santiago, nosso peregrino tinha finalmente encontrado a resposta que tanto buscava, que nunca mais iria fazer o que os outros dissessem para ele fazer, mas sim fazer o que seu coração indicava a ser feito, não obstante as críticas, dificuldades e negativas. E no fim do caminho ele ainda não sabia o que faria da sua vida dali para frente, mas ao menos tinha a certeza que o que ele tinha feito até então, não o faria nunca mais, e estava pleno com ao menos esta definição, e seguiria agora como o vento o simples fluir da vida. Simples fluir como dizia seu filósofo preferido > Heráclito de Éfeso = Tudo flui.

Quando se termina o caminho, os peregrinos se dirigem a um local para pedir a compostelana, que é o salvo induto dado a todos os peregrinos de seus equívocos passados, comprovando que o peregrino fez o trajeto mostrando a credencial e os carimbos dos locais visitados ao longo do caminho.

Nosso peregrino foi na verdade pedir uma para seu amigo Guglielmo, explicando ao padre local toda a história, e então foi concedida a Guglielmo também sua compostelana, que nosso peregrino levou a sua família na Itália e disse: realmente, vosso pai fez o caminho comigo,

como ele havia dito a todos nós no jantar antes de seu falecimento e desencarne, e a família carinhosamente recebeu e todos se emocionaram.

Depois seguiu para a Alemanha a convite da alemã Susanne, mas antes visitando a linda cidade de LA CORUÑA, onde nosso peregrino passou algumas semanas na Bavaria , antes de retornar ao Brasil.

Visitou os lagos alemães em locais belíssimos, os incríveis campos floridos de tulipas, os jardins alemães onde muitas pessoas caminham nuas e festejou no lago Isa as respostas encontradas, e claro ficou num lindo lago na Alemanha onde se praticava nudismo, como havia feito na Grécia e o fazia sempre quando estava imerso na natureza, sentindo o seu corpo, sua veste carnal transitória que lhe dava as sensações do mundo físico.

Antes de pegar o avião de volta ao Brasil, sua amiga lhe ofereceu uma prática de Yoga em sua escola junto com outros alunos, e nesta última noite na Alemanha nosso peregrino, deitado em profunda meditação dentro da prática, ouviu uma música que lhe soou muito familiar, uma música cujo idioma ele não compreendia racionalmente, mas no fundo de seu espírito compreendia o que ela queria dizer, e nosso peregrino já tinha esta aptidão de sentir o que a música diz em essência sem palavras, como os pianos de Bach, Beethoven ou os violinos de Vivaldi, onde compreendemos a mensagem ali escondida nos sons.

E esta música foi entrando em seu espírito e quando abriu os olhos viu a sua frente a imagem do BUDA.

No término da aula perguntou à sua amiga que música era aquela e ela disse: é um mantra budista indiano chamado GATE GATE, e quando ela disse estas palavras, ele disse para si mesmo: INDIA, INDIA, eu vou para a INDIA.

O mantra cantado belamente pela cantora alemã Deva Premal, que nosso peregrino levaria em seu espaço em Ilhabela apenas um ano depois, que não gostou dos borrachudos mas ao menos gostou do espaço de estudos, diz assim na língua sânscrita, que é uma língua espiritual trazida pelos médiuns rishis da floresta do plano espiritual, em que cada palavra tem uma vibração, e como tudo no universo é vibração o som ressoa em nosso íntimo: Gate Gate, para gate, parasamgate, Bodi Soha, que é uma frase que o Buda disse num ensinamento maravilhoso cha-

mado de Sutra do Coração – O que nos leva para a outra margem, que quer dizer: Além, Além, Muito Além, muito mais além, até atingir a minha purificação (iluminação) e que diz assim:

Avalokiteshvara,
enquanto praticava profundamente
a Compreensão que nos Leva à Outra Margem,
repentinamente descobriu que
todos os cinco Skandhas são igualmente vazios e,
por meio dessa constatação,
ele superou todo o Mal-estar.
“Ouça, Sariputra,
este Corpo em si mesmo é o Vazio
e o Vazio em si mesmo é este corpo.
Este corpo nada mais é que o Vazio
e o Vazio nada mais é que este Corpo.
O mesmo é válido para Sentimentos,
Percepções, Formas Mentais,
e a Consciência.
“Ouça, Sariputra,
todos os fenômenos carregam a marca do Vazio;
sua verdadeira natureza é a natureza do
nem Nascimento, nem Morte,
nem Ser, nem não-Ser,
nem Impureza, nem Pureza,
nem Acréscimo, nem Decréscimo.
“É por isso que, no Vazio,
Corpo, Sentimentos, Percepções,
Formas Mentais e Consciência
não são entidades individuais independentes.
Os Dezoito Domínios dos Fenômenos,
que são os seis Órgãos dos Sentidos,
os seis Objetos dos Sentidos,
e as seis Consciências,
tampouco são entidades individuais independentes.
Os Doze Elos do Surgimento Interdependente
e a sua Extinção
também não são entidades individuais independentes.

O Mal-estar, as Causas do Mal-estar,
o Fim do Mal-estar, o Caminho,
compreensão e realização,
também não são entidades individuais independentes.
Quem puder enxergar isto
não necessita de mais nada para alcançar.
Bodhisattvas que praticam
a Compreensão que nos Leva à Outra Margem
não veem mais obstáculos em suas mentes,
e porque não há
mais obstáculos em suas mentes,
podem superar qualquer medo,
destruir todas as percepções equivocadas
e alcançar o Nirvana Perfeito.
“Todos os Budas no passado, presente e futuro
pela prática
da Compreensão que nos Leva à Outra Margem
são capazes de alcançar
Autêntica e Perfeita Iluminação.
“Portanto, Sariputra,
deve-se ser entendido que
a Compreensão que Nos Leva à Outra Margem
é um Grande Mantra,
o mais esclarecedor dos mantras,
o maior dos mantras,
o mantra além de qualquer comparação,
a Verdadeira Sabedoria que possui o poder
de cessar todos os tipos de sofrimento.
Portanto, proclamemos
um mantra para louvar
a Compreensão que Nos Leva à Outra Margem.
Gate, Gate, Paragate, Parasamgate, Bodhi Svaha!
Gate, Gate, Paragate, Parasamgate, Bodhi Svaha!
Gate, Gate, Paragate, Parasamgate, Bodhi Svaha!”

A tradução de “A Compreensão que Nos Leva à Outra Margem”
para o inglês por Thich Nhat Hanh

DE VOLTA AO BRASIL - A TERRA DO CRUZEIRO

Nosso peregrino chegou no Brasil decidido a tirar o famoso ano sabático e realizar um sonho desde seus 18 anos, ir morar na beira do mar. Havia morado em muitas cidades, lugares e países mas nunca de frente para o oceano, e assim como havia prometido a si mesmo em 1988 com 18 anos, decidiu abandonar seu trabalho, vender sua empresa, e ir morar em Ilhabela, pois ele nunca mais iria fazer o que havia feito até então. Mas como não sabia o que fazer resolveu ir morar em Ilhabela e decidir lá o que fazer, pois com o patrimônio que tinha, teria condições de não trabalhar por ao menos um ano. Mas como ele tinha medo de sucumbir e cair na roda da vida, ele decidiu fazer uma pequena tatuagem na perna direita, de onde sempre se dá o primeiro passo, do símbolo do caminho de Santiago, que é uma concha enorme que simboliza que todos os caminhos levam a Deus, ou existem muitos caminhos possíveis para se chegar à iluminação, e uma seta, que são os ensinamentos espirituais, e basta segui-los. E assim fez a tatuagem, e caso em algum momento hesitasse em sua decisão, olharia a tatuagem para se lembrar do que aprendeu no caminho, mas nunca houve este momento de dúvida de ter que olhar, devido a que agora ele seguiria seu coração e não mais sua razão.

E assim o fez junto com um amigo italiano que, sabendo de sua decisão, queria muito fazer algo com ele, e então decidiram inicialmente comprar um terreno na ilha e fazer um espaço de estudos espirituais, casa, hospedaria, tudo junto, e ainda uma operadora de turismo para receber e levar estrangeiros por lugares maravilhosos no Brasil.

Decisão tomada, ação feita, nosso peregrino vendeu tudo, encerrou suas atividades no mundo corporativo, comprou um lindo terreno em Ilhabela e começou a construir sua hospedaria com bistrô, que se chamou AYURUS, em homenagem aos papagaios da Ilhabela que faziam morada em seu terreno nos finais de tarde, e ingressou logo numa escola de yoga, que iria inclusive sugerir o nome de sua amada amiga e professora para que ela fizesse seu movimento com o nome de Yogaia.

Foi um ano de muita diversão, nosso peregrino comprou um jipão 4x4, uma cachorra Golden chamada Cacau, e quando foi buscá-la na ninhada de muitos cachorrinhos, ela quem escolheu ao nosso pere-

grino, se tornando assim sua eterna companheira (possivelmente era a reencarnação do cachorro Bilú de sua infância) em algumas viagens, surf, praia, bicicleta, esportes, trilhas, cachoeiras, e assim passou este ano na construção e vida hedonista, curtindo a vida adoidado.

Quando pronta a hospedaria e espaço de estudos espirituais Ayurus, que até bistrô indiano vegetariano tinha, onde nosso peregrino que sempre amou cozinhar fazia aflorar seus dotes culinários, e claro devido à sua ascendência também com cozinha italiana, sua paixão.

Neste ano recebeu e viajou com alguns turistas pelo Brasil, mais por diversão, e visitou lindos locais como Lençóis Maranhenses, Pantanal, Fernando de Noronha, Bahia e todo seu litoral, Jericoacora e a fantástica Tatajuba, Rio de Janeiro, Paraty, Ubatuba, Florianópolis e claro a fantástica Ilhabela, terra dos papagaios e dos borrachudos, que tem uma natureza exuberante.

Mas logo nos primeiros turistas se deu conta de que aquele ali não era seu caminho, e não iria gostar nada de levar turistas ricos europeus para desfrutar a vida futilmente, e mudou rapidamente e decidiu abrir ali na sua hospedaria um local de estudos espirituais, onde receberia pessoas interessadas em aprofundar seus estudos em Yoga, meditação e todas as vertentes religiosas de uma maneira livre, onde ele aprenderia com os professores, e as pessoas participariam contribuindo e mantendo as despesas, e nosso peregrino estava em sua linda vida agora em Ilhabela, longe do caos corporativo e mais imerso em si mesmo, muito embora ainda apenas no desfrute do *carpe diem*.

Quando inaugurou a hospedaria fez um primeiro lindo evento no dia das luzes na Índia, com uma amiga italiana professora de yoga que morava na ilha, Laura, e se chamou DIWALI 2018, e depois um outro retiro de Yoga com locais, e assim começou em seu lindo espaço a receber pessoas muito interessantes, devotos de Krishna, Yoguis, budistas e uma infinidade de pessoas que falavam de espiritualidade, oferecendo cursos e retiros em seu espaço, e ele ia aos poucos aprendendo e vendo o que lhe era interessante ou não, e ele sentiu que ele também poderia oferecer alguma coisa em seu espaço. Então resolver ir finalmente para a Índia estudar, e como gostava de ler alguns livros do OSHO, entrou em contato com esta escola na Índia e foi para lá para poder se formar, se graduar e criar um OSHO CENTER em seu espaço e assim se inscreveu, se matriculou e foi para a Índia com este intuito.

ÍNDIA PRIMEIRA VEZ

Assim em 2009 nosso peregrino foi para a incrível e única Índia, pousou em Mumbai, e já no aeroporto quando saiu do portão principal, sentiu a Índia num rápido choque de realidade, num misto de barulho, gente, poluição, e muitos tuk-tuk (rickshaw) e a caminho do hotel viu um cenário indescritível que nunca poderia imaginar.

Visitou a Ilha de elefanta e viu muitos macacos, começou uma saga forte na Índia de todos quererem tirar fotos com ele, por ter aparência ocidental, todos sem exceção, mas ele se divertia com isto e aproveitava para interagir com os indianos.

Quis pegar o trem de terceira classe para ir com os mais pobres para Pune, cidade do ashram do Osho, mas não deixaram pois estrangeiros tinham prioridade, inclusive na fila para comprar passagens, o que achou muito estranho, mas também como descrever uma fila na Índia para comprar passagens de trem? Impossível.

Chegando em Pune se alojou numa pequena hospedaria e começou seu curso de formação no requintando e bem bonito Osho center, um contraste entre o que se via nas ruas, muita simplicidade, e o que se tinha internamente , muito luxo.

Fez todo o curso, se graduou, teve uma linda experiência transcendental, numa meditação sufi de rodar sem parar por uma hora com a pessoa no centro olhando para a palma de sua mão, que pensou que não conseguiria fazer nem por um minuto, mas foi o único que conseguiu de todos os alunos, e realmente foi a que mais sentiu.

Uma vez no intervalo das aulas, saiu para almoçar fora do OSHO CENTER e estava comendo e pitando um cigarrinho indiano chamado biri, e um jovem rapaz, enviado divino, lhe fez esta singela pergunta: Por que vocês ocidentais bebem álcool e fumam tabaco se faz mal à saúde?

Esta pergunta reverberou por anos na cabeça de nosso peregrino até que finalmente um dia ele se livrou do terrível vício do álcool e nunca mais fumou qualquer coisa, lembrando daquela jovem e sábia colocação um dia na mágica Índia, recados dos céus que todos sem exceção sempre recebemos.

Se formou e seus colegas de turma foram todos para GOA, uma praia de baladas, mas nosso peregrino sentiu em seu coração que aquilo não era seu caminho, nem abrir Osho center nenhum, que sua vontade era ir mais simples e mais profunda na verdadeira Índia, e muito embora tenha gostado da experiência, não era o que ele pessoalmente buscava, e ao invés de ir para a balada, decidiu ir para o interior da Índia fazer os passos do Buda, viagem a que chamou de “a caminho de moksha”.

NOS PASSOS DE BUDA – A CAMINHO DE MOKSHA

Ah o Buda, iria nosso peregrino fazer os passos daquele que como Francisco de Assis abandonou tudo e foi buscar um caminho espiritual, em histórias similares mas em épocas, contextos e países muito diferentes, mas com o mesmo fim, encontrar respostas que o mundo material não pode oferecer, como já sabia nosso peregrino.

E assim partiu de Pune com a primeira destinação a um lugar mágico no interior da Índia: as cavernas de Ajanta e Ellora.

Em Ellora viu os monumentos hinduístas, mas o que o fascinou foram as cavernas de Ajanta, que foram construídas bem antes em uma incrível galeria de templos dentro da rocha, feito pelos budistas.

Depois partiu para o Rajastão, numa cidezinha única chamada Jalsemeir, onde ficou dias no deserto junto de seu camelo em noites de mil estrelas e muitos chapatis e crianças indianas do deserto, que o fascinaram. O Rajastão é a região de origem dos ciganos e de uma beleza única, e lá participou de uma holly fest, festa das cores que os indianos amam, se jogando pós de tintas uns nos outros numa beleza memorável.

Rapidamente passou pelo Taj Mahal, mas não sentiu nenhuma conexão com a pompa e luxo e partiu para a mística e sagrada Varanasi, onde finalmente remou no rio Ganges e viu a Índia que sempre havia escutado, com suas cores e sabores, os funerais, a ritualística, as comidas de rua, os encantadores de najas, as carroças, as roupas coloridas, os mantras, as músicas, os yoguis, enfim, tudo o que a Índia tem está concentrado em Varanasi, cidade sagrada e única.

Depois foi para a região do Bihar, considerada a mais carente da Índia e viu no profundo a miséria e descaso humano nas estações de trem, no campo e nas ruas da cidade, onde inúmeras famílias dormiam

ao relento, mulheres subiam em árvores para coletar lenha para fazer fogo e comida quando tinham, e milhares de crianças disputando com macacos e vacas comida que estava nos lixos ao longo da estrada, e chegou em Bodigaya, na árvore onde o Buda se iluminou, e ficou mais triste ainda ao ver tanta pompa em muitos templos de pedra adornados em homenagem ao Buda, enquanto na rua muitas crianças pobres precisando de ajuda, sem lugar para dormir e com fome. E nosso peregrino nunca conseguiu compreender porque por todo o mundo tantos templos de ouro, enormes, sem sentido, em homenagem a vários espíritos de luz mas completamente contrário aos ensinamentos dos mesmos, pois o nosso peregrino sabia que os ensinamentos de todos eles: Buda, Jesus, Krishna, Shiva, Hanuman, Ganesh, ensinavam claramente que ao invés daqueles templos enormes, os recursos poderiam ser utilizados para se fazer útil principalmente para as crianças pobres, que sempre estão na frente ou do lado destes locais, seguindo puramente e verdadeiramente, o que os homenageados simbolicamente ensinavam no altruísmo superando o egoísmo. Mas nosso peregrino teria que ter muita compreensão, paciência e amor com seus irmãozinhos, pois infelizmente ainda assim era no planeta azul, devido aos enormes véus da ignorância e do ego latente humano ainda presente no lindo, mas primitivo planetinha onde escolheu encarnar.

Mas ao menos neste local ele curtiu momentos de alegria, andando junto com estas crianças pobres, que lhe mostraram toda a cidade, e contaram toda a história do Buda, e viu neles, nos olhos, a semente do próprio Buda, e aspirou do fundo do seu coração, que um dia todos os templos do mundo, todos os centros espirituais, de qualquer tradição, se transformassem em abrigos para as crianças pobres de nosso planeta, todos sem exceção, e não templos suntuosos de pedra, que são constrangedores num planeta ainda com tanta criança necessitada.

Dali partiu para Dharamsala, terra dos tibetanos refugiados e onde está o Dalai Lama, e se encantou com o budismo tibetano, em sua simbiose com o xamanismo, pois os tibetanos são xamânicos, e o budismo foi trazido por guru Rinpoche, o mestre que levou o dharma do Buda ao Tibet.

Meditou nos Himalaias, sorriu com os monges budistas em Ma-
cleod Ganj, onde uma vez um destes monges estava meditando nas colinas em volta da casa do Dalai Lama, e ele se sentou ao seu lado e travou

um diálogo sem entender uma palavra, pois o monge somente falava em tibetano e sorria, sorria e falava com o nosso peregrino num idioma que deveria ser mundial, chamado sorrisos e alegria. Se encantou com os Tibetanos, que encontraram uma nova pátria na Índia, um país que os acolheu com muito amor depois da invasão chinesa.

Queria meditar mais profundamente e foi num local de vipassana, mas estava lotado, haveria de fazer depois no Brasil numa linda experiência, mas entrou e conheceu o CÉU DE TUSHITA, um templo budista tibetano onde ficou, conheceu, participou de um lindo ritual, meditou e recebeu os ensinamentos inacreditavelmente de uma monja, como era a transmissão antigamente, nem oral e nem escrita, mas sim mentalmente, do puro e maravilhoso DHARMA, dos ensinamentos do Buda que transformaria sua vida num breve futuro.

Seguiu para Delhi de ônibus numa viagem inacreditável, ficou dias sem andar direito, e conheceu o exuberante templo de Lotus. E foi para o Nepal em Kathmandu visitar o famoso olhos de Buda Boudhanat stupa, onde colocou a foto de seu recém nascido sobrinho, que foi uma criança para lá de especial que uniu sua família e ensinou a todos o PERDÃO, que nosso peregrino aprendeu vendo sua mãe cuidando dele, e da ABNEGAÇÃO E AMOR INCONDICIONAL DE UMA MÃE PARA COM O FILHO, vendo sua irmã e sua mãe, a avó, fazendo todo o possível e imaginável para ele ter o melhor, e cumpriu sua linda missão e desencarnou ensinando a todos a AMAR. E depois retornou ao Brasil, de volta a Ilhabela, com o DHARMA PURO DO BUDA lembrado em sua memória, e agradeceu aos céus por nesta vida ter renascido no Brasil, diante de tanto sofrimento, visto que sofriam o maravilhoso povo da linda mas longínqua Índia, que muito embora tenha sido o berço da espiritualidade no mundo, recebendo os ensinamentos espirituais mais puros, infelizmente se perdeu numa enorme confusão, que até o absurdo das castas criaram, e templos sem fim. Ao invés da construção e veneração deles, se praticassem o que eles, os espíritos puros nos ensinaram: a prática incessante do altruísmo, da caridade e de levar incessantemente benefícios aos seres. Mas a cegueira do ego ainda é enorme, muito embora a luz dos ensinamentos espirituais mais elevados tenham surgido lá, e o próprio Buda tenha tentado trazer de volta a origem, a luz da verdade, como Francisco de Assis tentou fazer igualmente com os ensinamentos do Cristo diante da enorme igreja criada por Roma. Mas

nosso peregrino aprendeu com tudo isto que vivenciou, e com Buda e Francisco de Assis, a não julgar e fazer a sua parte seguindo fielmente os ensinamentos dos mestres Krishna, Buda e Jesus, que seus ensinamentos comuns e similares norteiam a vida de nosso peregrino doravante pós Índia, onde aprendeu com eles que o nosso verdadeiro templo que devemos trabalhar e construir com afinco, adornando de ouro, são nossas virtudes e atitudes amorosas em relação à vida, é nosso próprio coração, internamente.

DIAS DE ILHABELA

Voltando a sua rotina hedonista em Ilhabela, continuou seus estudos de YOGA e entrou num grupo de estudos budistas, participou de alguns retiros espirituais e muitas viagens, mas tocado pela Índia, nosso peregrino durante este período de transição experimentou ainda inúmeras várias viagens que brevemente serão aqui relatadas:

Visitou nosso peregrino inúmeros centros espirituais pelo Brasil e conheceu pessoas maravilhosas, monges, lamas, devotos, yoguis, yoguinis e professores espirituais de toda sorte e tipo, e fez muitos amigos verdadeiros nestes retiros e locais que visitou, e se aprofundou nos ensinamentos que cada mensageiro trazia, sem se apegar aos mensageiros em si, mas sim à mensagem.

Com estes amigos que fez ao longo de seus retiros criou um movimento chamado DHARMASTE, que foi uma escola espiritual livre, que se formaria em Ilhabela e em Curitiba, junto com um grande amigo que o emocionou numa palestra, num destes retiros, em uma história linda e emocionante que conto aqui:

Este amigo de Curitiba contou a todos em um retiro espiritual que ele era professor de meditação e yoga e que tinha contraído um câncer avassalador, e estava internado sem expectativa de vida nenhuma, e os médicos o desalentaram dizendo para se despedir da família, porque não havia mais nada a ser feito.

Seu filho foi visitá-lo, e sabendo da situação começou a chorar e pediu ao seu pai que NÃO morresse, pois ele ela ainda muito jovem.

O amigo internado do peregrino ficou muito tocado com aquele pedido do filho e chorou muito, e decidiu ali a fazer o que ele ensinava, ou seja, uma prática meditativa de cura para sair daquela situação.

Ele contou que após a saída de seu filho do quarto, fechou os olhos e conversou intimamente e profundamente com cada célula cancerígena de seu corpo para se restabelecerem, para poder ele continuar a viver e poder ser pai, e ali ficou horas e horas neste estado meditativo de diálogo com suas células, e por misericórdia divina ele se curou, para a alegria do filho e surpresa incrédula dos médicos, e assim seguiu sua vida e inspirou a todos com suas lindas palestras deste poder da mente, de uma possível auto cura com, claro, a permissão divina.

E além dele fez outros maravilhosos amigos que posteriormente o apoiaram na criação da Universidade do Amor que iria nascer, e estes retiros eram apenas o preparar do terreno para o florescer do verdadeiro e puro movimento que brotaria no coração da floresta amazônica.

AYAHUASCA

Nosso peregrino teve algumas experiências com esta forte droga alucinógena que ilude em seu potencial psicotrópico, e em uma delas tinha a certeza que iria verdadeiramente morrer, e imerso naquele terrível transe no auge do efeito da droga, lhe foi dado uma séria advertência direta do seu mentor espiritual que lhe disse naquele momento que ingerir drogas não era o seu caminho. E humildemente aceitou e compreendeu profundamente que nenhum ser humano necessita utilizar nenhuma substância que altere a consciência para se acessar o plano espiritual, ao contrário, isto cria uma enorme fragilidade espiritual tornando as pessoas vulneráveis a obsessões profundas, fascinações e graves surtos psicóticos gravíssimos, que já mataram muitas pessoas, dirigentes e usuários, inclusive infelizmente, mas como a ele e outros apenas foi mais uma experiência por sorte, pois poderia ter sido pior. E entendeu que ele teve que ter aquela experiência para sempre compartilhar a todos que cruzam seu caminho sobre o perigo que esta droga considerada legal ocasiona às pessoas, e sugerir veementemente que se se todos, ao invés de se drogarem, praticassem amor através da incessante caridade, atingiriam verdadeiros estados de êxtase e paz interior duradouro sem necessitar ingerir absolutamente nada, como sempre foi ensinado pelos grandes mestres como Krishna, Buda e Jesus, de que a caridade pura aliada à meditação profunda é o único verdadeiro e puro caminho para a luz.

VIPASSANA

Um retiro de silêncio que nosso peregrino fez no interior do Rio de Janeiro em Miguel Couto, onde acentuou sua mediunidade, e quando lá estava lembrou que havia sonhado com aquele momento num lindo dejavu, e aprendeu uma linda lição ali que jamais esqueceria, e se livraria por completo do ego dos pseudo mestres e da fragilidade humana em encontrar mestres, com a seguinte passagem contada por Goenka, que pode abrir os olhos de todos nós para não cairmos em armadilhas diante de nossa pureza, busca e fragilidade, nestes movimentos que iludem a todos nós mas não nos libertam, ao contrário, nos aprisionam:

“ Imaginem uma pessoa muito doente que em busca de cura vai num médico.

O médico analisa a pessoa e lhe prescreve uma receita.

A pessoa doente pega a receita e leva para casa, coloca a receita sobre uma mesa e fica olhando para ela e pensa: Nossa como é bom aquele médico, muito bom, eu vou fazer uma estátua dele de madeira . E a pessoa faz a estátua e coloca na frente da receita.

Não contente a pessoa coloca a estátua da pessoa na sua cabeceira de sua cama e começa toda noite a rezar para a estátua do médico, dizendo como é bom aquele médico.

Depois começa a fazer rituais à estátua do médico, oferecendo comida, incenso, velas, flores e diariamente assim o faz, num incessante e enorme ritual.

Vai além, constrói um templo enorme de ouro e pedra e coloca a estátua lá, numa cega e insana veneração e se ilude com tudo aquilo, e não faz o principal, que é simplesmente seguir a receita que o médico prescreveu.”

Nosso peregrino assim aprendeu que as pessoas fazem isto constantemente, e não seguem a receita que Krishna, Buda e Jesus prescreveram a todos nós: Amar incondicionalmente, tão somente. Aprendeu com o BUDA uma frase que marcaria sua vida, que a vida era como um tecido de um sonho e poderíamos fazer o que quiséssemos aqui, a vida é como um sonho, e precisaríamos acordar para vivê-la baseado na verdade, nos libertando da ignorância e nossas amarras mentais de medo, ego

e prazeres sensoriais, e descobrir a verdadeira felicidade, que nada mais é que querer a felicidade do outro. E sempre se lembrava da imagem do Buda que viu na caverna de Ajanta, dele deitado quando estava prestes a desencarnar deste mundo, e disse a transcendental frase antes da passagem: vim num mundo de sonho, manifestado em forma de sonho, para beneficiar seres de sonho, eu não vim e eu não vou.

Diante desta premissa, seguiu sua vida em Ilhabela como um tecido de um sonho, e viajava muito, em muitas transformadoras e preparatórias viagens que as relato brevemente aqui:

EMBARCADO COM AS BALEIAS JUBARTE EM CARAVELAS SUL DA BAHIA E BALEIAS FRANCA EM SANTA CATARINA

Nosso peregrino tem duas enormes paixões em sua vida, viver e fotografar Indígenas, e a maravilhosa fauna do lindo planetinha azul, e assim o fez por muitos anos registrando lindos momentos quando não estava em Ilhabela.

Uma das grandes experiências foi embarcar com biólogos marinhos pesquisadores para monitorar baleias no maravilhoso arquipélago de Abrolhos no litoral sul da Bahia, e ficou uma semana em lindos momentos juntos das enormes, dóceis e sonoras baleias jubartes.

Numa manhã, estavam atacadados, quando ele se levantou e viu um filhote, que levantou sua enorme cabeça e olhou dentro do barco, e fitou nosso peregrino um lindo momento de interação e beleza entre um cetáceo e um humano, num trocar de olhares inesquecível, que fez nosso peregrino finalmente nunca mais comer carne (já havia aprendido na Índia) e deixar de comer seus irmãos inferiores.

Foram momentos mágicos no barco com a equipe e a baleia, que tocariam eternamente seu coração, e foi depois para o sul do Brasil com sua cachorra e o companheiro dela, Marley, outro cachorro, que apareceu em sua vida, presente de sua tia e mãe, e juntos foram fotografar baleias e aves marinhas no lindíssimo litoral catarinense, em Garopaba e Farol de Santa Marta, passando pelas estradas incríveis da serra do rio do rastro e do corvo branco.

APRENDENDO A VIVER SEM DINHEIRO

Nosso peregrino num determinado mês do ano resolveu não utilizar a energia da economia a que chamamos de Dinheiro, e queria fazer um teste apenas sobrevivendo do que a natureza oferecia.

E incrivelmente o mês transcorreu e nosso peregrino não gastou um centavo e viveu comendo exclusivamente das frutas e raízes que ele obtinha em Ilhabela, pois já não mais se alimentava dos irmãos inferiores, os animais, que tem todo direito à vida como todos no planeta azul, e adquiriu assim uma tranquilidade em saber que realmente a fonte energética primordial de tudo, Deus, realmente a tudo provê, basta termos uma vida simples.

GALÁPAGOS

A convite de uns amigos, ficou um mês em Galápagos, imerso em meio a tubarões, lobos marinhos, pelicanos, tartarugas e uma infinidade de fauna marinha que só aquelas magníficas ilhas poderiam lhe proporcionar, e inúmeras aves, muitas aves que inspiraram a Darwin e sua evolução das espécies, muito embora tenha sido Alfred Russel Wallace que iniciara tudo, mas não levou a fama. Inclusive Wallace era muito espiritualista e viajou ao longo do rio Negro na magnífica Amazônia.

Nosso peregrino teve lindos momentos com a fauna local, ficou imerso entre leões marinhos e aves, mas teve uma linda experiência quando foi fazer um mergulho e estava na lancha com uns amigos, e um monte de golfinhos os acompanharam, e ele saltou para nadar com eles, numa interação mágica e única. Tratou de uma leozinha marinha com uma amiga suíça de um profundo corte que tinha, nosso peregrino amava tanto os animais que sempre procurava ajudá-los. Uma vez em Ilhabela resgatou um pinguim, com seu pai e irmã resgatou outro no Rio Grande do Sul, levando até um centro de resgate, e em todas as estradas que andou, resgatou cobras, aranhas, pássaros, pois sempre amou os irmãos inferiores divinos. E também por vezes teve lindos momentos, até os difíceis, quando uma vez foi expulso do mar por um lobo marinho alfa, mas antes brincou muito com os lobinhos, que são muito brincalhões. Fez uma linda expedição nas várias ilhas do arquipélagos, mergulhando com muitos tubarões com um amigo francês e russo.

TUBARÕES MARTELO

Nosso peregrino queria muito mergulhar com tubarões martelo, e assim foi em uma das ilhas de Galápagos onde conheceu um mergulhador brasileiro, que disse que havia apenas um ponto remoto e isolado em alto mar, onde havia umas lindas formações rochosas pontiagudas distantes, e assim foi ele com um grupo que não iria mergulhar, apenas passear, e combinou com o piloto de deixá-lo no possível ponto de encontrar os tubarões martelo.

Chegando no ponto específico, um lindo local, o piloto do barco disse ao peregrino, se equipa e pode saltar que se eles estiverem é aqui, e nosso peregrino sem pensar apenas seguiu a enorme vontade de interagir com estes lindos animais marinhos e se jogou no mar, e viu a lancha se afastando com os demais do grupo, até ele não mais vê-la, e ali sozinho, percebeu a enorme imprudência feita, pois como o piloto o acharia de volta naquele lugar?

Ficou atônito e decidiu ficar apenas na superfície para que o piloto conseguisse vê-lo quando voltasse, e deu uma olhada com sua máscara no fundo do mar e se viu rodeado de incontáveis tubarões martelos bem abaixo dele e ficou em êxtase de estar ele, o peregrino, Deus acima e os tubarões martelo embaixo no oceano azul do incrível e gelado pacífico, muito embora a insanidade de estar ali sozinho, contrário às leis de mergulho e na esperança que o piloto mais irresponsável ainda que o peregrino o encontrasse.

Mas felizmente ocorreu um final feliz nesta história que poderia ter sido trágica, mas que marcou Galápagos em seu coração.

NA ESTRADA

Assim vivia nosso peregrino, de dezembro a fevereiro na hospedaria em Ilhabela, o restante do ano em peregrinações.

Uma vez fez uma linda viagem cruzando o Brasil até o Norte, queria conhecer do Oiapoque ao Chuí, e partiu passando pelo primeiro parque nacional do Brasil em Itatiaia, cruzando toda Minas Gerais que tanto ama até a Serra da Canastra, onde viu o pato mergulhão, a nascen-

te do Rio São Francisco, as lindas cachoeiras, e se deleitou com o maravilhoso queijo canastra. Passou pela Serra do Roncador para conhecer o parque nacional do XINGU e foi convidado para participar de um KUARUP, onde ficou imerso em 10 dias de rituais e cerimônias lindas, de sons de flautas e tradicionais ancestrais mágicas, junto dos kuikuro e dezenas de outras etnias, e ficou extasiado de tanta força dos povos indígenas tradicionais, se sentindo em casa. Conheceu os xavantes rapidamente, cruzou o rio Tocantins, passou por Palmas e continuou subindo até a chapada das mesas. Na bucólica Carolina no Maranhão conheceu os KRAHOS e foi batizado numa linda cerimônia como Krahô, nesta linda reserva indígena. Depois seguiu para a incrível Belém do Pará e seu mercado de ver o peso, e comeu muito açaí nas luzes vermelhas da cidade, conheceu a Ilha do Marajó e dançou muito carimbó, e depois num barco foi até o Amapá, na organizada e linda Macapá e seu lindo forte, mas na travessia de Belém a Macapá, ficou triste vendo crianças ribeirinhas numa canoa de madeira a remo tentarem se enganchar no barco para venderem seu artesanatos e frutas em troca de açúcar, sal, pois ali não tinha nada, o que o marcou. E viu a enorme dificuldade e carência da região amazônica apesar de sua exuberante beleza, e cruzou em terras indígenas de terra até chegar na divisa com a Guiana Francesa, finalmente conhecendo o Oiapoque.

De lá cruzou a fronteira saindo do Brasil, e se dirigiu até Cayane e suas casas de madeira, parou no lindo museu de astronomia no local de lançamento de satélites europeus, ficou com os índios no litoral fotografando e vivenciado o desovar das gigantes tartarugas de couro, num espetáculo inigualável da natureza. Conheceu os rastafari e os maroni, que são os indígenas que estão na divisa do Suriname, no rio de mesmo nome (maroni), e aprendeu com eles a cultura indígena negra rasta.

Passou ao Suriname na linda Paramaribo, que os locais carinhosamente chamam de PARBO, e com um amigo cruzou até a Guyana Inglesa e ficou fascinado com a presença indiana lá, com vários templos hindus e comida indiana devido a forte imigração nos tempos em que era de domínio inglês.

Visitou a indescritível Kaieteur Falls de avião num lindo sobrevoar pela floresta amazônica.

Depois cruzou uma terrível mas linda estrada transamazônica até chegar na savana quase na divisa com o Brasil no estado de Roraima, e

ali ficou numa base com amigos norte americanos que faziam um trabalho social com os indígenas locais (macuxis). E depois foi na linda e redonda Boa Vista, com suas infundáveis rotatórias, e visitou o parque do Tepequem e o incrível lugar mágico e exuberante chamado Monte Roraima, que fez com os índios locais venezuelanos por uma semana, sem palavras para descrever a beleza deste local, apenas ir e sentir a enorme energia que emana destes tepuis, templos naturais de Deus na savana.

Chegou a Manaus que já conhecia para claro, um lindo banho no rio Negro, e visitar seus irmãos indígenas de lá, e seguiu depois cruzando Rondônia, onde uma vez foi visitar um lindo evento dos papagaios no barranco no rio madeira. Cruzou o Acre na transpacífico, entrando no Peru numa linda região de transição de floresta para cordilheira, com os indígenas locais típicos e muito gentis e muitas lhamas, até chegar em MACHU PICCHU, a cidade perdida, onde passou seu aniversário, meditou muito, e ficou fascinado com todo o vale sagrado, bem como o lago Titicaca, a ilha do sol mágica, a pequena Copacabana e Brasil, de volta a Ilhabela, passando pelo maravilhoso pantanal, parque das emas, no paraíso verde plano do Brasil, o lindo Goiás até a sua mágica ilha, onde no pico do Baepi colocou um cristal para purificar as ações negativas possíveis dos ilhéus e visitantes.

CUBA

Queria conhecer Cuba nosso peregrino, e ver como era a famosa ilha ícone de liberdade socialista da América Latina, e com um amigo a conheceu toda, Santiago, Havana, Varadero para turistas, em linda praias, música e similaridades com o Brasil, mas ficou muito triste em ver uma situação de uma ditadura cruel que impede o lindo povo cubano de inclusive viajar internamente, pois pra um cubano viajar de uma cidade local a outra, precisa de autorização, e viajar ao exterior é uma missão impossível, infelizmente.

Uma vez teve um diálogo que retratou bem aquela situação do povo cubano, onde no malecon, um muro de havana que dá para o mar, um homem cubano de sua idade tocava uma música de um cantor brasileiro a uma moça em espanhol, e ele a uma curta distância cantava junto em português pois conhecia a letra, e o músico curioso perguntou quem ele era, e ele se apresentou como brasileiro, e o musico lhe per-

guntou: como você conseguiu chegar até aqui? O Brasil não é socialista como Cuba? E eu expliquei que não, o Brasil era bem sócio democrata, que havia trabalhado na minha hospedaria, conseguido recursos e ido lá passar um mês com um amigo, e o cubano ficou cabisbaixo e disse, pois é, eu gostaria de conhecer o Brasil e outros países com minha música, mas aqui em Cuba somos proibidos de sair de nosso país, e nem passaporte podemos tirar, que ninguém permite, e estou preso nesta ilha sem possibilidade alguma de sair. E voltou a tocar a sua música, e aquilo tocou o coração de nosso peregrino.

Uma realidade triste para um país lindo, de um povo digno, mas imersos numa ditadura sem fim que a maioria espera silente que um dia acabe.

PANAMÁ

Depois de Cuba, foi ao moderno Panamá e ficou encantando com as ilhas de San Blás no Caribe, juntos dos indígenas kunaialas, em cenários paradisíacos num lugar mágico de coqueiros, praias desertas, veleiros e muito local lindo para mergulhar, e que sem dúvidas era um dos locais mais lindos que havia visitado, permanecendo dias de paz e tranquilidade.

SALTO MORATO – A MAIOR CACHOEIRA DO MUNDO

Nosso peregrino fez uma linda viagem de avião até a maravilhosa Venezuela, na maior cachoeira do mundo chamada Salto Morato, onde passou dias dentro de um barquinho e acampando na floresta até chegar ao pé desta enorme cachoeira, que lhe lembrou que o planetinha azul é lindo mesmo, e se questionou porque não conseguíamos viver em paz e em harmonia com a natureza e a resposta é muito simples: Egoísmo e Orgulho de todos nós.

Teve um momento no retorno onde o piloto do aviãozinho era muito obeso e acabou o combustível em pleno voo, dando um ar maior de aventura, mas rapidamente o piloto lembrou do tanque reserva, e retomou o voo sem maiores complicações, apenas um enorme frio na barriga em todos.

SEMENTINHA DA UNIVERSIDADE DO AMOR

Dialogando uma vez com um casal que tinha um lindo Golden retriever, em seu bistrô em Ilhabela, o peregrino das estrelas contou um pouco da sua história, pois a maioria dos hóspedes queria saber como ele havia parado, ali e fez assim muitos amigos pelo mundo que iam na hospedaria, e o rapaz olhou para ele e disse: Então você saiu de uma prisão (o mundo corporativo) e entrou em outra (Hedonismo).

Aquela colocação verdadeira tocou no fundo do âmago de nosso peregrino, o que o fez pensar muito.

Já ficava antes olhando para aquela maravilha que havia criado em sua vida, e ficava pensando e olhando para a frente, como que tocando o que via: será que a vida é somente isto mesmo? Não tem algo além?

E nesta noite muito reflexivo e pensativo, nosso peregrino resolveu escrever um PROJETO para de alguma maneira contribuir com a vida, de tanto que tinha recebido, e se sentou em sua linda casa de frente para o mar, do lado da cachoeira em Ilhabela, na linda e isolada hospedaria Ayurus, em meio à mata atlântica, e começou a escrever um projeto ecológico social, e na primeira página apareceu um lindo BEIJA FLOR que ficou voando na sua frente como que lhe dizendo: faça, escreva, pois isto será maravilhoso.

Estas páginas que estão sendo escritas agora, depois de mais de uma década, neste diário de um peregrino das estrelas, quando começou a ser escrito na linda Igatu, na Chapada Diamantina, no interior da Bahia, apareceu um lindo BEIJA FLOR, confirmando que ele deveria ser escrito e compartilhado com todos, para que todos possam seguir um caminho espiritual.

E assim escreveu em 2009 um lindo projeto socioambiental, que preservava os bichos locais, aves e animais marinhos, e contribuía com as comunidades locais, Caiçaras, e indígenas de todo o Brasil. E o chamou pela primeira vez de PROJETO AYURUS, que seria a linda semente abençoada pelo BEIJA FLOR, que desabrocharia no futuro de muito trabalho, disciplina e esforço na UNIVERSIDADE DO AMOR.

O projeto ficou ainda algum tempo armazenado em seu computador, quando uma linda jovem bióloga marinha que se hospedara na

hospedaria, sabendo que ele havia escrito um projeto, pediu para ler e disse que era muito bonito para ficar parado e que o peregrino devia colocar em prática. E posteriormente junto com ela, a incentivadora, e outros jovens e amigos da Ilha, em parceria com o parque estadual local, começaram as lindas atividades de conservação ambiental, monitoramento de trilhas, monitoramento de cetáceos, resgate de fauna marinha, cinemas educacionais, palestras nas escolas, oficinas em comunidades caiçara, e comunidades indígenas do litoral norte e também da Amazônia. E mudou de vários nomes, de Projeto Ayurus para projeto papagaio moleiro, para Projeto Guyrá, CeBIO- Centro de Conservação da Biodiversidade, e Instituto Dharma, que no futuro já na Amazônia se chamaria Instituto Amor, e finalmente Universidade do Amor.

Foram lindos anos de muito trabalho e amor pela fauna e populações carentes, quando nosso peregrino até cursou biologia a distância, fazendo uma pós graduação em biologia marinha para contribuir melhor com o projeto, e conheceu muitos cientistas, ornitólogos, oceanógrafos, pesquisadores que apoiaram o projeto, visitou outros tantos e foi dar oficinas em Novo Airão-AM, que já conhecia, e nem imaginaria que ali seria a sede maior da Universidade, e até no interior do Pará, em Alter do Chão, onde conheceu um médico paulista que havia abandonado tudo para ajudar aquelas populações ribeirinhas que o inspiraram, que o levou para conhecer a linda FLONA do Tapajós de fusca. E que quando as galinhas atravessaram na frente deles numa estradinha, freou bruscamente o carro e disse: o mundo vai acabar, faz 20 anos que passo aqui e as galinhas passam da direita para a esquerda, e hoje elas cruzaram da esquerda para a direita e isto está muito errado, e riu da situação e da seriedade da afirmação do médico, que o levou para conhecer a fordlandia em Belterra-PA, uma aventura da fábrica FORD em terras amazônicas que deu errado, ainda bem para a floresta. E até o levantamento da biota marinha, lista da avifauna da ilha, muitos registros de fotos inclusive submarina fizeram, bem como a avaliação populacional do papagaio moleiro, abundante em Ilhabela e uma de suas paixões.

ÁGUA DE BEBER

Nas oficinas que fazia juntos com os voluntários, conseguiu conhecer no profundo comunidades caiçaras isoladas como Bonete, Castelhanos, Serraria, e os bairros muitos carentes de Ilhabela, como morro do camarão, entres outros, e suas dificuldades enormes, e seriam uma ótima escola para o futuro que viria na imensa Amazônia, junto aos povos da floresta.

Uma vez, à noite, estava no paradisíaco Bonete, e meditando a noite na praia, sentiu o mesmo que havia sentido em San Bol no caminho de Santiago na Espanha: as estrelas do céu se misturarem com ele numa mesma união e conexão, percebendo que estamos imersos em uma energia única dentro da mesma força criadora: Deus, de onde surge, as estrelas e nós mesmos.

Fez vários amigos locais, ensinou muitos a fazerem artes para sua sobrevivência, como camisetas da fauna local, a se tornarem guias de observadores de fauna, e até com sua amiga artista plástica local a fazer bichos de papel machê, utilizando material reciclado do lixo de um pasteleiro, chamado Augusto, que era seu amigo e parceiro, e fazia ainda um maravilhoso pastel na pracinha da ilha.

Deu aulas em várias escolas locais de Ilhabela, sobre o amor à natureza e a si mesmo, atividade que mais amava: compartilhar conhecimento a todos. E com sua pequena lancha chamada rainhacita, em homenagem à jovem bióloga que o incentivou a dar andamento no projeto que havia escrito e estava no fundo do seu computador, e foi a mola propulsora de tudo acontecer, mesmo ela sem saber, junto com sua inseparável cadela Cacau, que amava o mar, e o seu outro cachorro, Marley, que não ia junto pois não gostava nada de água.

Esta lanchinha rainhacita foi utilizada para as oficinas e levar os jovens estudantes a observarem a fauna marinha da Ilhabela bem como foi útil para as crianças especiais de Ilhabela em homenagem a seu sobrinho especial, que mudara sua concepção de vida, o lindo Thiaguinho, onde numa associação local junto com amigos tocavam violão e levavam alegria às crianças de lá.

Sempre tocava duas músicas por onde passava e fechava os olhos com suas inúmeras recordações que lhe marcaram a vida: Primeiros er-

ros de Kiko Zambianchi, e Tempo perdido de Renato Russo, com letras lindíssimas que o inspiravam como: meu caminho é cada manhã, não procure saber onde estou, meu destino não é de ninguém e eu não deixo meus passos no chão, se você não me entende não vê e se não me vê não me entende, não procure saber onde estou, se meu jeito te surpreende... e todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas temos muito tempo..temos todo tempo do mundo..

Certa vez em Ilhabela conheceu o baterista do Kiko Zambianchi e soube que a música por ele composta primeiros erros ele nem iria colocar no seu disco, pois ele sabia que aquela música não era dele, tinha vindo do plano espiritual (como a maioria de todas as belas músicas do planeta azul como a fantástica Clair de Lune – sonata ao luar de Beethoven, que nosso peregrino amava, e que ele a compôs surdo e lhe foi sussurrada a canção, ele sentia a vibração do piano apenas nota por nota). Mas afinal sentiu que devia colocá-la e assim o fez, e esta canção fez ele se tornar famoso e fez e faz um enorme sucesso.

Na linda Ilhabela, com outros amigos nosso peregrino se tornou novamente palhaço, depois de tantos anos que havia feito em Taubaté, indo todas as segundas no hospital da ilha, levando alegria aos pacientes, mas principalmente aos funcionários do hospital, médicos, enfermeiros, entre outros, que em verdade eram os que mais apreciavam, mas claro os pacientes também, e junto com sua irmã Márcia, fez um curso em São José dos Campos de como ser um palhaço melhor.

A Marcinha era uma excelente médium, uma vez quando era criança, quando estava toda a família reunida em uma viagem na estrada, ela disse a todos que estava vendo Nossa Senhora, a mãe de Jesus no alto do céu, e todos ficamos em silêncio, pois somente ela via e futuramente ela se tornaria uma professora de yoga para crianças de todas as idades.

Nosso peregrino sempre quis ser criança e palhaço numa síndrome de Peter Pan e Pequeno Príncipe, pois o olhar puro de uma criança em relação à vida era o que mais queria.

Numa destas oficinas conheceu um homem de sua idade, que se tornaria seu amigo, um sérvio que havia combatido na guerra da Jugoslávia, e morava isolado com sua esposa e filhos dentro da mata no Bonete, que uma noite contou ao nosso peregrino a seguinte história:

Peregrino, depois da guerra eu rodei a Europa em desespero diante de tantas atrocidades que vi, numa boemia sem fim.

Um dia diante de tanta dor que havia dentro de mim, resolvi me suicidar.

Comprei remédios muito fortes , aluguei um quarto na Alemanha onde estava, e decidi acabar com tudo.

Quando estava pronto para este extremo ato de tirar minha própria vida, eu antes decidi ligar o rádio que estava do meu lado para morrer ouvindo música, que tanto amava.

Quando liguei o rádio, tocou uma música que nunca havia ouvido e me senti muito tocado. Era uma música num idioma que eu não compreendia, e no fim o radialista disse: acabamos de ouvir Água de beber, uma música do Brasil.

Brasil, aquilo soou em minha cabeça e decidi de imediato que ao invés de me matar iria conhecer o país daquela música que me salvou, e eis-me aqui nesta praia linda chamada Bonete, neste país que me acolheu, e hoje tenho família e duas filhas lindas, e graças a Deus por ter ouvido esta linda canção eu não fiz a maior covardia que poderia fazer, que era tirar minha própria vida, pois um suicida em verdade quer tirar sua dor, mas eu consegui superá-la.

Nosso peregrino ficou emocionado com aquele depoimento e disse: ainda bem, meu amigo, que você não se suicidou, pois não existe morte, e os suicidas sofrem muito, mas muito mais, no plano espiritual.

Uma vez foi até Tefé, em Mamirauá, visitar e conhecer aquela estação ecológica, onde dentro de uma comunidade isolada conheceu uma veterinária de São Paulo, que trabalhava com botos rosas, e o convidou para passar uns dias numa base muito remota e isolada, linda, onde ela monitorava os botos rosas da região, e passou dias incríveis ali com ela fazendo uma enorme amizade, e se lembrou de 2002, quando morou em Manaus, de uma vez ter ido a esta cidade e pedido a um barqueiro local para o deixar num local bem remoto e isolado para fotografar botos. E assim fizeram, e nosso peregrino ficou numa ilha, sozinho o dia todo na mata, onde um bando de botos ficava na sua frente se acasalando num festival que ele jamais esqueceria, e sua conexão enorme que sempre teve com todos os bichos, desde sempre, ele parecia de alguma maneira sempre se comunicar com seus irmãos inferiores.

Foi visitar a Sardenha na Itália, com uma amiga que o convidou, esta incrível ilha onde um dia estava nadando no meio de seu transparente e tranquilo mar, quando percebeu ao seu redor milhões de água vivas, num espetáculo inesquecível de cores e um pouquinho de receio delas poderem queimar nosso peregrino se o tocasse, mas nada, foram lindos momentos de interação e lembrou quando fez seu batismo de mergulho pela primeira vez na fantástica ilha de Fernando de Noronha e viu um polvo ficar psicodélico em mil cores, e ficou fascinado por este bicho, e também quando em Ilhabela mergulhava com as lulas lindas, e pensou que quando um pessoa mergulha com estes animais marinhos, não conseguiria mais comê-los. E ficou fascinado com uma cidadezinha chamada Bonifácio, na Córsega, onde os velejadores ficavam devido a estar encrostada numa encosta, num cenário lindo.

Tentou esquiar nos vales nevados da Suíça, de onde cruzou de carro conversível até a Toscana, e passou novamente por um local que sempre considerou maravilhoso, e seus vilarejos nos alpes tiroleses, entre Alemanha, Itália, Suíça e Áustria, montanhas mágicas para nosso peregrino, que sempre que podia retornava à bela mas extremamente materialista Europa.

Foram anos mágicos de trabalho em Ilhabela, que fazia brilhar os olhos de nosso peregrino, junto com os jovens voluntários, tanto trabalho que marcaram a vida de todos que dele participaram.

Fez uma linda especialização em ornitologia nos lençóis maranhenses, local pelo qual já era apaixonado de tanto cruzar pela praia, numa época em que quase ninguém conhecia: Fortaleza, Fleixeiras, Moitas, um vilarejo lindo onde passou dias com os nativos, pois seu jeep foi coberto pela água da maré quando atolou no manguezal, mas passou momentos verdadeiros com o povo de lá, que nunca esqueceu. Preá, Jijoca, Jericoacoara, onde foi quando ninguém conhecia, e dormiu num estábulo de jegues, comeu na padaria do meio e dançou um forrozinho, e a fantástica Tatajuba, depois de Castelhanos em Ilhabela, seria para ele considerada a praia mais linda do Brasil. Camocim, Delta do Parnaíba, Piauí, até os pequenos e grandes lençóis maranhense que haveria de fazer inúmeras vezes de tanta beleza em 4x4 pela praia.

Com um especialista em araras azuis, foi ao pantanal fazer o censo destas aves num local mágico, onde nas noites ia atrás de sapos, cobras, onças e tamanduás, e ficou muito triste quando ouviu os bezerras

serem separados da mãe a noite para serem abatidos, ainda no planeta azul que come irmãos inferiores, infelizmente, mas ficou ao menos feliz de dar de presente um binóculos que contava as aves ao filho do capataz local, que ficou muito feliz.

Teve a honra de ser convidado ao congresso internacional de ornitologia no Peru para apresentar o lindo de trabalho de sua orientadora especialista em Beija flores, e decidiu retornar ao Peru de carro novamente, cruzando o lindo Brasil até Foz do Iguaçu, entrando no lindo Paraguai e o lindo idioma guarani, passando pelo norte da Argentina em locais lindos como as missões jesuíticas, o parque Esteros de Iberá na Argentina, o chaco, onde conheceu amigos para sempre como o Gaúcho Bingo e uma família de franceses que viaja pelo mundo de land rover: Salta la linda, Pumamarca Hamauaca , a incrível Iruya até la Quiaca, na divisa com a Bolívia, na belíssima argentina andina, e visitou o parque nacional los cardones e seus gigantes cactos na bucólica Cachi, onde visitou ainda bem abaixo de cafiyate outra pequena e acolhedora cidade, a cidade sagrada dos QUILMES, e pela primeira vez neste sítio arqueológico que os indígenas tomam conta viu um condor lindo, exuberante, e sentiu a presença espiritual e sábia dos antigos indígenas.

GAUCHITO GIL

Nas estradas da Argentina se podem ver sempre pequenos monumentos com faixas e bandeiras vermelhas de um santo local chamado Gauchito Gil.

Nosso peregrino visitou o local tradicional em Mercedes e, ainda cético que era, ironizou a devoção das pessoas por aquele santo e sentiu uma forte presença espiritual que o acompanhou na estrada, se dando conta que havia cometido um pequeno equívoco, se desculpou, sentiu a energia se normalizar e até um santinho comprou e colocou no seu carro, como forma de humildemente pedir desculpas ao desrespeito à fé das pessoas e dele, e sentiu que foi perdoado, e aprendeu mais uma lição de ser humilde, sempre humilde quando se trata de espiritualidade, e mais uma vez sentiu a presença de sua mediunidade.

Depois entrou no Chile , no silêncio, imenso e mágico deserto do ATACAMA e ficou por lá uns dias em São Pedro do Atacama, vendo

aquele céu de milhões de estrelas e um gêiser, sobre o qual havia lido nos livros da Barsa na biblioteca de Caçapava na sua infância, e entrou na Bolívia cruzando o parque nacional Eduardo Avaroa, maravilhoso, com seus lagos, termas e flamingos, e durante esta travessia num vale de montanhas estava nosso peregrino sozinho a caminho do Peru para o congresso, e viu que ali estavam presentes muitos espíritos de luz elevados de indígenas, que o observavam em silêncio e lhe transmitiam uma mensagem mentalmente: estamos com você, se prepare para o que virá, não tema, apenas siga seu coração com muita humildade.

E seguiu na estrada e cruzou perigosamente sozinho todo o salar de Uyuni, que é fantástico, e cruzou a linda Bolívia e seus povos indígenas, até novamente cruzar o lago Titicaca e chegar em Cusco, local do congresso onde fez a linda apresentação, voltou a visitar o vale sagrado, e cruzou novamente a cordilheira em direção a Amazônia, na magnífica transpacífico. E foi visitar um lindo projeto chamado Tambopata Research center, em que havia muitas araras, na região amazônica peruana, e ingressou no Brasil novamente, retornando pelo pantanal de onde veria in loco as gigantes e exuberantes onças no rio Paraguai e chegando até seu destino final, Ilhabela.

Uma vez infelizmente um dos jovens, Rafael, que participavam do projeto, sofreu um acidente de carro e perdeu uma das mãos, abalando a todos, e o nosso peregrino decidiu, para amenizar a dor dele, convidá-lo para participar de um congresso de biologia a que fora convidado em João Pessoa, na Paraíba, cruzando o Brasil de carro e voltando até Foz do Iguaçu, e finalizando em Ilhabela.

Rafael topou na hora, e assim foram numa linda viagem cruzando o Rio de Janeiro, dedo de deus, Vitória, Bahia, Sergipe, Pernambuco, onde visitaram e fotografaram os peixe bois marinhos e participaram do congresso, e partiram para o sertão nordestino, passando pelo sensacional parque dos dinossauros em Souza no sertão, conheceu a terra e monumento do padre Cícero, tomou cajuína na linda Teresina, no grandioso Piauí, que tem o inigualável parque da Serra da Capivara, onde se tem as pinturas rupestres fantásticas e o primeiro registro da presença humana em terras americanas.

Depois cruzaram o Rio São Francisco, entraram na chapada diamantina e visitaram locais fantásticos como pai Inácio, capão, pratinha, conheceram uns indianos e fizeram um PUJA da festa das luzes na beira

do rio em Lençóis, e pararam uns dias lindos em IGATU (onde este diário começou a ser escrito, com a visita do beija-flor, e neste momento outros beija flores aparecem, na feitura desta na linda chapada dos veadeiros, confirmando os sinais de que ele deve mesmo nascer) onde teve mais uma experiência mística.

Dormiram em uma linda pousada e Rafael foi caminhar enquanto o nosso peregrino foi meditar perto de um riacho, e quando lá se sentou, do outro lado da margem ele viu o BUDA, que sorria e mentalmente dizia a ele, se você quiser chegar deste lado que eu estou, pegue a canoa do DHARMA e atravesse até aqui.

Esta experiência marcou nosso peregrino, eis o motivo de ter escolhido IGATU para nascer este livro, pois depois deste evento em breve sua vida mudaria.

Muitos anos depois desta visão do BUDA, o peregrino contou a Rafael, que ficou muito feliz e disse: Naquele dia de manhã em que o peregrino foi meditar, eu saí para caminhar e encontrei umas crianças que me chamaram para brincar, e eu chorei muito de alegria, porque eu não ligava de ter perdido a mão no acidente, meu medo era as crianças terem medo de mim, e assim nosso peregrino chorou de emoção em saber muito anos depois que no mesmo dia, ambos tiveram uma linda experiência na vida, e que a viagem tinha valido a pena e cumprido seu objetivo afinal, e perceberam que a relação dos dois era muito além de amigos, talvez de pai e filho de vidas passadas, quem saberia dizer com certeza, mas ficou o sentimento em ambos.

Continuaram a viagem, passaram por Minas, resgataram um filhote de cachorro quase morto na belíssima Diamantina, e próximo a Belo Horizonte, num local lindo de onde se pode ver lobos guarás, o cachorrinho estava quase morto, mas ele veio caminhando e olhou bem no fundo dos olhos de nosso peregrino, como que agradecendo pelo resgate, pela comida, pela tentativa, se despediu e partiu para o plano espiritual. Nosso peregrino ficou triste mas feliz de ter tentando de tudo para salvar o filhotinho com o Rafael.

Foram até Foz do Iguaçu e visitaram e levaram muitos presentes para uma comunidade indígena guarani paranaense, onde a antiga enfermeira amiga do peregrino, que havia conhecido em Guaraqueçaba, estava trabalhando, e foram dias felizes, desde os quais Rafael então iria

sempre visitar os indígenas, junto com nosso peregrino, e viajar muito com ele também futuramente.

Mas como tudo na vida tem início, meio e fim, o projeto acabou terminando na ilha, devido a partida da jovem bióloga marinha que havia com ele viajado em muitos lugares e compartilhado vida e puro amor incondicional, e no dia final da separação, numa estrada a caminho de foz do iguaçu, ele prometeu a ela que ele doravante em sua vida realizaria seu sonho e missão de vida: apenas ajudar os mais carentes, principalmente as crianças indígenas, e ser como Francisco de Assis, doar tudo que tinha para ajudar os curumins. E também os outros demais jovens do projeto seguiram suas vidas para outros caminhos, e isto contribuiu bem, como ver sua irmã sofrendo com seu sobrinho Thiaguinho, que ainda ele não compreendia que tinha vindo em uma missão divina e seu resgate kármico, pois somente num futuro na Amazônia que nosso peregrino iria compreender que não existe punição, mas reencarnação, e que se olharmos apenas com as vistas de uma vida nada faz sentido, mas se olharmos com a perspectiva de várias vidas, passadas e futuras, compreenderemos que em cada vida, em cada renascimento, nosso espírito encarnado em um corpo físico vem aqui aprender, e cada espírito vem com uma lição específica. Seu sobrinho com certeza veio com um propósito de evoluir, e veio numa existência bem sofrida, mas com a necessidade que o espírito dele tinha, e veio também nos oferecer a oportunidade de todos da família envolvidos sermos mais humildes, aprendendo a compreender e aceitar esta situação compreendendo que Deus era puro amor e que a situação dele era, sob uma perspectiva espiritual, para seu próprio bem e para todos aos redor, que afinal conseguiu unir a família toda para o devido amparo a ele. Mas como ainda era ignorante e estava se sentindo muito, mas muito solitário em Ilhabela, e revoltado com Deus, que pediu o porquê de tudo aquilo, e implorava uma prova divina, e a sua linda, mas vazia vida hedonista e egoísta de viagens sem fim já não fazia mais sentido. E com esta imensa dor no coração, decidiu, inspirado no filme Na Natureza selvagem, ir até o Alaska de Kombi, desta vez profundamente estudando e praticando o puro Dharma do BUDA, fazendo como Francisco de Assis e praticando o que havia recebido na Índia no céu de tushita, para superar a terrível dor da separação, solidão e fim do projeto, mas não com a Tina, a linda kombi amarela com que também tanto viajou, ou o seu jipão chama-

do Fredão, que seriam vendidos no futuro, mas com a que compraria, a ANETTE MAYA, e criaria então dentro do INSTITUTO DHARMA oficialmente o lindo projeto ALEGRIA SOBRE RODAS, isto em 2012.

ANETTE MAYA E O PROJETO ALEGRIA SOBRE RODAS – CINEMA PARA CURUMINS NA AMÉRICA DO SUL

Nosso peregrino, uma vez ainda no mundo corporativo, em sua cabana na montanha, estava indo a uma lan house para enviar e-mails de trabalho, quando viu estacionado uma linda kombi motor home, que fez brilhar seus olhos e conheceu dentro da lan house um senhor, a quem perguntou – Esta kombi é sua? E ele: não, é do meu pai, eu sou piloto de avião comercial na China e venho aqui a passeio, e dou umas voltas nela para não enferrujar.

Estava escrito nas estrelas e quis o destino que muitos anos depois, estava nosso peregrino fotografando aves na montanha com sua kombi amarela Tina, e viu numa chácara a kombi motorhome que havia visto tantos anos atrás. Bateu na chácara e apareceu uma mulher, a quem ele perguntou se ela não queria vender, e ela respondeu dizendo que ela era apenas a caseira, mas o dono morava em Campos do Jordão, e que passaria meu telefone a ele.

Dias depois o telefone tocou e uma outra senhora disse que venderia a Kombi, mas que na verdade era de seu pai que tinha Alzheimer, estava muito debilitado, mas falaria com os irmãos para ver se eles aceitavam vender.

Acertaram o preço, quando ela ligou novamente dizendo que todos os irmãos havia aceito, menos um, um piloto de avião da China, o mesmo que ele havia conhecido a muitos anos atrás, mas que no final consentiu pelos outros irmãos.

Feliz, decidi dar o nome dela de MAYA, uma alusão à ilusão da vida a que nos apegamos e tanto nos faz sofrer, e foi com seu pai buscar a nova Kombi em Campos do Jordão, cidade turística da montanha que sempre ia desde jovem com amigos e dormiam em seus carros no lindo pico do Itapeva para sentir o frio e tomarem chocolate quente, e na hora do pagamento e transferência de documentos, nosso peregrino disse a senhora que gostaria de conhecer o pai dela, dono da kombi verdadei-

ramente. Ela disse que sim, tudo bem, poderiam tomar um café na casa dela onde seu pai estava, mas ele não falava fazia muitos anos, devido ao seu Alzheimer.

Enfim, foram todos, o peregrino, seu pai e a filha vendedora, e chegando lá, o senhor dono da kombi estava sentado no sofá imóvel e com o olhar fixo no nada, e sem dar uma palavra.

O café foi servido, e nosso peregrino se sentou ao lado do senhor dono da kombi, e contou a ele que naquela Kombi ele iria criar um projeto, de ir nas comunidades carentes, em praças, favelas, escolas, creches, asilos, enfim onde ele pudesse passar um filme para levar um pouco de ALEGRIA às pessoas, e que iria ainda estudar e praticar com afinco e profundamente o PURO E MARAVILHOSO DHARMA DO BUDA, que simplesmente diz que TODAS NOSSAS AÇÕES DE CORPO, FALA E MENTE SEJAM PARA LEVAR BENEFÍCIOS A TODOS OS SERES, e finalizou sua explicação do motivo da compra da Kombi perguntando: A sua Kombi tem nome?

E o senhor virou o rosto para nosso peregrino e disse: Ela se chama ANETTE.

Foi uma comoção geral, a filha não acreditava que seu pai havia falado, e o peregrino feliz olhou para ele e disse, pronto ela tem nome e sobrenome: ANETTE MAYA e saiu dali feliz, com a felicidade de todos já com os olhos na sua aventura, de sair com ela de Ilhabela para o Alasca, um dia.

Chamou sua mãe para tomar conta da hospedaria e de seus cachorros, que aceitou de bom grado e em Março de 2012 partiu, com o silente voto de que daquele momento em diante, iria apenas em todas as suas ações levar benefícios aos seres, com o cineminha na kombi, levando alegria sobre rodas, estudando e praticando o Dharma = o amor incondicional, sendo esta a sua pura, verdadeira e única motivação e assim o fez, saindo levando alegria a todas as crianças pobres e carentes, principalmente às indígenas pela américa do sul, oferecendo a elas a alegria de um cineminha, projeto na própria kombi.

Parou inicialmente na linda aldeia guarani, Rio Silveiras, em São Sebastião, para fazer o primeiro cineminha para os curumins de lá, onde Rafael e Gabi, que eram do antigo projeto, o ajudaram, e seguiu adiante, passando por Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e Viamão,

onde conheceu uma amiga Ana Terra, e outro amigo poeta Paulo, que no futuro também faria, inspirado no peregrino, o mesmo projeto mas com uma van, levando literatura, e isto deixou o peregrino feliz, devido a estar espalhando sementes de amor por onde passava.

Visitou o lindo centro budista de Três Coroas, entre outros, e no Rio Grande do Sul conheceu um gaúcho chamado Pedro Maroin, que futuramente inspirado naquela atividade, criaria uma van ambulante, levando literatura e poesia a cidades do interior do Rio grande do Sul, e fez muitos amigos e retiros budistas, onde começou a perceber que a vida é mesmo como um tecido de sonho, e que aqui temos o livre arbítrio de fazer o que quisermos, e colheremos o que plantarmos efetivamente dentro da lei divina universal de causa e efeito, e passou pelo maravilhoso parque nacional aparados da serra, em Cambará do Sul, e passou pelo magnífico litoral gaúcho, pela praia em mostardas até rio grande, onde era possível ver muita fauna marinha e aves, o que mais amava noutro parque chamado lagoa do peixe e taim, um refúgio nos pampas.

Entrou no Uruguay , passando por Chuy, Cabo Polônio, Punta del Diablo, ficou uns dias numa linda cidade chamada Rocha, que tem um projeto de tartarugas marinhas chamado Karumbé, onde ficou por uns dias e visitou o lindo paesito, nas praias dos dedos em Puta de Leste, até a linda colônia de sacramento, para atravessar de balsa até Buenos Aires na Argentina, capital que sempre amou, deste lindo e gigantesco país como o Brasil, e encontrou um irmão que fez na hospedaria e até entrevista na rádio local deu, falando do cineminha pela estrada, levando através da luz do cinema um pouco de alegria a todos.

Deu carona para várias pessoas, que tocaram violão, jogaram malabares, leram seu calendário maya, e todos ajudavam no lindo cineminha nas noites deste local, e o filme que sempre projetava era da ararinha azul chamado RIO, e que todos se divertiam na luz do cinema na Kombi.

Depois de Buenos Aires, onde visitou o famoso quadro ABO-PURU da Tarsila do Amaral, que sempre admirou, seguiu viagem para a linda e extrema Patagônia, que o encantou um pouco menos que a Amazônia, mas era muito linda e extrema igual ao que ele mais amava.

Cruzou a Bahia Blanca e chegou na fantástica Península Valdez, numa cidadezinha chamada Puerto Pirâmide, onde ficou semanas vi-

sitando locais para fotografar pinguins, orcas caçando leões marinhos, nadou com lobos marinhos, viu muitos golfinhos, baleias, raposas, aves, num paraíso de fauna, e conheceu muitos amigos e se divertiu por lá e fazia o cineminha numa escola local, e se juntou a ele uma das voluntárias de Ilhabela, chamada Gabi, que viera para participar de um congresso de biologia marinha, bióloga marinha que era.

Na Patagônia venta muito, e às vezes não conseguia nem trafegar devido as tempestades de vento, e Anette Maya guerreira ia bem devagarzinho, pois se parasse iria chacoalhar muito.

Passou por Rio Galegos, que adorou, e entrou na terra do fogo, e no Chile foi parado e multado por ter apenas um tomate dentro da kombi, proibido nas enormes burocracias fronteiriças do Planeta azul.

Cruzou a terra do fogo até chegar no FIM DO MUNDO com a Anette Maya em Ushuaia, onde ofereceu o cinema num camping que ficou diante de tanto frio, onde conheceu um norte americano que tinha esta linda história e travou um lindo diálogo com nosso peregrino.

A PÉ DOS ESTADOS UNIDOS A USHUAIA COM UM BURRO

O norte americano contou ao nosso peregrino que uma vez estava cansado da vida nos Estados Unidos e foi dar uma volta a pé, sem destino, e gostou tanto que foi até o México, e lá lhe deram de presente um burro.

Com este presente ele se animou e cruzou a América Central, até entrar na Colômbia e Brasil, e seguiu com seu burro por dez anos, pois ele queria chegar a Ushuaia no fim do mundo. Mas no Brasil, no Rio Grande do Sul, seu burro morreu de velhice e ele ficou muito triste, e decidiu parar ali a viagem e retornar aos Estados Unidos. Uma família gaúcha, sabendo da história e comovida, resolveu dar um burro novo ao norte americano, e ele ficou feliz com o presente, que o motivou a continuar a viagem, mas sem nenhum burro. Agradeceu o presente, mas aquele ato foi o suficiente para ele continuar a viagem sozinho a pé até o destino final em Ushuaia.

Nosso peregrino ouviu aquela incrível história e disse ao rapaz: posso lhe fazer uma pergunta? E ele sim, claro, e nosso peregrino man-

dou esta: depois de tantos anos caminhando assim, o que é para você a verdadeira liberdade?

O norte americano ficou surpreso com a pergunta e refletiu muito profundamente, e respondeu: pode parecer loucura, mas eu não saberia responder.

E nosso peregrino disse, vou compartilhar contigo o que o Buda disse sobre a verdadeira liberdade, que não é fazer somente o que queremos, mas sim a verdadeira liberdade é estarmos bem, com nossa energia estável, equânime, independentemente de quaisquer causas e condições, ciente de que tudo é impermanente.

O rapaz fitou o peregrino e disse: É, isto eu concordo.

E ambos ficaram felizes e foram ver um filme, não RIO desta vez, no cinema na kombi, mas o profundo e filosófico WAKING LIFE, e ficaram horas depois discutindo sobre as impressões de cada um. E neste dia um rapaz brasileiro ali, que tomava conta do hostel onde todos estavam, disse ao nosso peregrino algo que o marcou: Nossa, você está parecendo o Jack Kerouac com esta história de numa Kombi praticar o Dharma.

Nosso peregrino nunca havia ouvido falar neste escritor, mas depois de pesquisar sobre ele, ficou impressionado com a biografia similar do mesmo com ele, a Índia mexicana esperança, a boemia, o dharma e a incompreensão da vida, seria um indício de uma vida passada? Isto ficou ressoando na cabeça do peregrino das estrelas, pois teria ele perdido mais uma vida confundindo liberdade com libertinagem? Talvez até o motivo de escrever este livro seja um possível resgate desta possível vida passada, quem saberia dizer, apenas uma possibilidade entre milhões no universo, mas o fato é que nosso peregrino aprendeu sozinho e muito fácil e rapidamente a falar inglês, muito embora falasse outros também... indícios...vidas passadas todos tivemos e muitas...

Recebeu a mensagem de um antigo amigo músico chamado Gustavo, de Caçapava, que lhe escreveu profeticamente: Simbólico você ir para esse lugar apelidado de fim do mundo e lutar por um novo nascimento do mundo. Faz sentido.

Partiu de Ushuaia para o Chile, na terra do fogo, em meio a muitos pinguins em sua Kombi 1979, linda mas velhinha, na estrada de terra até chegar em Punta Arenas, num frio sem tamanho abaixo de zero,

onde nosso peregrino se enchia de cobertores, mesmo dirigindo, e onde os policiais da estrada o pararam e perguntaram: Você realmente veio do Brasil até aqui com este carro nesta idade e condições? O peregrino respondeu que sim, e eles todos riram da situação.

Entrou no fantástico parque chileno TORRES DEL PAINE, e ficou extasiado de tanta beleza, entrou no lado argentino novamente para ir conhecer o glaciário PERITO MORENO em El Calafate, e neste caminho conheceu um que seria um grande amigo chamado CARLOS, que estava fazendo a Patagônia de bicicleta, com o qual se reencontraria anos depois no Brasil numa linda história de amor que contarei em breve.

Ficou uns dias em El Calafate, conheceu uns amigos e foi até o monte Fitz Roy, local de trilha internacional muito lindo em El Chalten, e seguiu até o magnífico El Bolsón, o lago puelo nas lindas estradas da cordilheira dos andes, terras dos índios mapuche, e conheceu um casal de colombianos e juntos passaram por Bariloche, Villa La Angostura, San Martín de Los Andes na Argentina, e cruzaram a maravilhosa e nevada cordilheira até o Chile, chegando no vale de Pucón, depois Valdivia onde comeu e amou a alga marinha chamada cochayuyo. E conheceu um pintor maravilhoso de rua, Domingo Nahuelpan, de quem comprou um pequeno quadro lindo e o colocou na Anette, a bela capital Santiago, Valparaíso, Viña del Mar no litoral e seguiram até los andes na divisa com Mendoza na Argentina. E se dividiram daí para frente, mas ficaram muito amigos, e eles sempre o ajudaram a fazer o cineminha por onde paravam, e depois se despediram, cada um para seu lado, como sempre, e nosso peregrino fez uma pequena canção nesta época em espanhol: mañana me voy, mañana me voy, por caminos desconocidos, encontrar mi destino, e assim seguiu.

Entrou no norte do Chile no fabuloso, silente e vermelho DESERTO DO ATACAMA.

No deserto viajava muito, sozinho com a Anette Maya, em lugares muitos remotos, mas estava muito pleno e feliz nosso peregrino, e ele achava que aquilo ali seria sempre sua vida, viajar, levar alegria com seu cineminha e vivia plenamente o presente seguindo à risca o mais puro dharma, e se encontrava em paz e muito, mas muito feliz.

Foi quando numa noite entrou numa estrada deserta secundária saindo da via principal de asfalto, e se sentou em cima de sua kombi para meditar e aquele mar de estrelas incríveis, como havia visto um dia em San Bol no caminho de santigo, ele estava naquele estado meditativo, quando ouviu uma voz, igual aquela que havia dito para ele correr quando caiu um raio no seu sítio muitos anos atrás, que dizia: VAI PARA A AMAZÔNIA, e ele questionou: o quê? E ouviu novamente: VAI PARA A AMAZÔNIA, e nosso peregrino sorriu e decidiu, vou para a Amazônia. E assim o fez, interrompeu sua ida ao Alasca, e no outro dia tomou a direção para a Amazônia, mas terminou o Chile de ponta a ponta até chegar em Arica, ficar numa linda eco vila da consciência de Krishna e incredivelmente subir até a Bolívia cruzando a altíssima cordilheira acima de 5 mil metros na fronteira em K'si Ksini, onde nosso peregrino sentiu a força do soroche saindo do nível do mar em Arica até esta enorme altitude, devendo tomar muito chá de coca para se estabilizar. E conheceu no lindo e indígena Peru uma caravana de médicos que atuava em comunidades remotas, e ali ficou uns dias conhecendo o trabalho deles, se inspirando para o que viria a fazer no futuro, e brincou e fez seu cineminha nesta cidadezinha, que tocou seu coração. E voltou para o Brasil já decidido a ir para a Amazônia, que já conhecia e tanto amava, pegando inclusive uma carona com Anette e tudo num caminhão cegonha que estava saindo do norte ao sul, e saia mais barato e bem mais cômodo que pagar a gasolina, e por uns dias teve a experiência do que era ser caminhoneiro, o que dizia querer ser quando era bem jovem em Caçapava.

POLÍCIA PERU

Nosso peregrino se deparou com várias situações engraçadas nas fronteiras e com policiais do planetinha azul, mas a mais engraçada foi quando foi parado no Peru e dois policiais muito gentis disseram: Peregrino, está vendo aquela montanha, e nosso peregrino disse sim, e eles continuaram, pois é, daquelas montanhas rolam pedras que as vezes cruzam estas estradas e causam acidentes, e estamos coletando “fundos” para construir um muro e evitar que elas passem na estrada salvando muitas vidas... Nosso peregrino achou engraçado aquilo, pois a montanha estava muito longe dali, e perguntou...mas qual o valor? E eles disse-

ram: sua consciência...o peregrinou riu, doou o valor e pensou: esta foi a maneira mais linda que alguém poderia pedir propina, mas sempre com alegria, amor e respeito sempre teve reciprocidade por onde passou, e encontrou vários policiais e autoridades, humildade é tudo.

MECÂNICOS

A Anette pouco quebrou em seus milhares de quilômetros pela América do Sul, mas quando precisava, nosso peregrino ficava amigo dos mecânicos, pois dormia nela e dentro das garagens enquanto se arrumava a mesma, e era bem divertido para todos.

Mas um mecânico em especial nosso peregrino conheceu em Caçapava do Sul, cidade homônima da sua paulista mas esta nos pampas gaúchos, onde sua Anette resolveu quebrar num final de domingo na estrada.

As estradas do Rio Grande do sul, tristemente, estavam cheias de comunidades indígenas nos acostamentos em situações precárias, mas nosso peregrino sempre parava para visitá-los e trocar profundas ideias, saboreando o maravilhoso chimarrão.

Com a kombi quebrada na rodovia próximo a Caçapava do Sul, teve que caminhar alguns quilômetros até chegar num mecânico.

Era um domingo e estava fechado, e falou com um rapaz que estava na frente, que era filho do mecânico que disse: vixe, meu pai não gosta de mexer em kombis...mas fale com ele, ele está ali.

O peregrino encontrou o senhor com uma cara de poucos amigos e perguntou se ele poderia arrumar sua kombi, e o velho respondeu rispidamente: EU NÃO MEXO COM KOMBIS.

O Peregrino tentou argumentar, mas não teve jeito. Meio desolado, sem saber o que fazer, começou a voltar a pé para a Kombi quando o filho do mecânico disse: vou te dar uma carona e rebocamos a kombi aqui, vou convencer ele a te ajudar.

Assim fizeram, gentilmente o rapaz rebocou a kombi e a deixou na frente da oficina do seu pai, que olhou e gritou de longe: JÁ DISSE QUE NÃO MEXO COM KOMBI.

O peregrino dormiu lá na frente e de manhã também fez seu chimarrão, e o velho mecânico resmungando que não iria mexer na kombi,

que era um carro muito velho e enfim, como nosso peregrino não tinha escolha, ficou ali observando ele trabalhar e o dia passou. No final da tarde o senhor disse: Paciência, vou ver tua Kombi então, já que você não desiste. E enfim olhou o motor e disse que era apenas uma peça que não estava boa, bastava comprar que ele trocava, mas aí teria que ser no outro dia, pois estaria tudo fechado em Caçapava.

Nosso peregrino pensou, bem, se ele tivesse visto de manhã já estaria na estrada, mas paciência.

Quando era por volta das 19 horas, o senhor mecânico deu um berro e convidou nosso peregrino para jantar, e ele até levou um susto, mas aceitou de bom grado.

Foi uma cena hilária, o mecânico gaúcho ali resmungando e só reclamando da vida para a esposa que apenas esquentava água numa chaleira e colocava água quente em seu chimarrão.

E aí o senhor perguntou ao peregrino o que ele estava fazendo por aquelas bandas, e ele contou que estava a caminho do Alasca, fazendo cineminhas pelas comunidades por onde passava, e que tinha ouvido um chamado para ir à Amazônia e estava a caminho.

O Gaúcho percebeu que o peregrino era espiritualizado e longamente por toda a noite contou sua história, que comoveu o peregrino, principalmente quando o senhor contou que perdeu um filho que havia morrido assassinado.

Compreendeu a dor daquele senhor e conversaram a noite toda sobre a vida e sobre o PURO DHARMA e ficaram afinal amigos, e o peregrino deixou uma sementinha de esperança no coração daquele velho mecânico gaúcho, que se emocionou ao vê-lo partir.

Nosso peregrino era apaixonado pelas músicas gaúchas e adorava ouvir rádio AM com as músicas locais, e até tinha um programa em dialeto italiano na serra gaúcha, local com que ele se identificou por suas origens italianas e por falar o idioma.

Um lindo filme que retrata o Brasil com o olhar da música se chama O milagre de Santa Luzia, onde conheceu o fantástico Gilberto Monteiro e a música que inspirou a este livro ser escrito: PRELÚDIO DE UM BEIJA FLOR, e claro as poesias de Mário Quintana: TODOS PASSARÃO, e eu PASSARINHO, e se lembrou de uma passagem de uma jornalista gaúcha Eliane Brum, que contou uma vez que estava fa-

zendo a cobertura de uma feira agropecuária, e se encantou com o Vanderley o louco, que remete à história de Diógenes e Alexandre o grande.

Havia um homem chamado Vanderley que era considerado louco porque ele ia com um cabo de vassoura embaixo dele, dizendo que era seu cavalo de raça.

A Jornalista disse que perguntou a ele: Vanderley, você é louco? E ele olhou para ela como se ela fosse a louca e lhe disse: você acha que eu não sei que este meu cavalo é um cabo de vassoura, mas você não acha que é muito melhor eu acreditar que o meu cabo de vassoura é um cavalo de raça, pois eu nunca vou conseguir ter um cavalo de raça? E ela sentiu e aprendeu com o Vanderley que a maioria das pessoas tem um cabo de vassoura querendo um cavalo de raça, sendo a vida esta nossa travessia de um cabo de vassoura até um cavalo de raça, que a gente busca freneticamente e nunca alcança.

Soava como a história de Diógenes, que vivia na Grécia e era considerado louco, pois vivia nu em um barril e andava com uma lamparina na mão em pleno dia procurando homens verdadeiros.

Quando Alexandre o grande dominou a Grécia, ele perguntou quem era o homem mais inteligente de lá, e os gregos para pregarem uma peça nele disseram que era Diógenes.

Alexandre então foi ao encontro de Diógenes nas ruas de Atenas e quando o encontrou ele estava nu tomando sol.

Alexandre lhe disse: Soube que você é o homem mais inteligente da Grécia, assim você pode me pedir qualquer coisa que eu lhe darei, pois me tornei o imperador deste país.

Diógenes olhou profundamente para Alexandre e lhe disse: Eu tenho um único pedido, que o senhor se afaste do sol, que está fazendo sombra em mim, e **NÃO ME OFEREÇAS O QUE NÃO ME PODES DAR.**

Alexandre, surpreso com aquela resposta, percebeu a grandiosidade daquela colocação, pois ele poderia dar tudo materialmente falando, mas não o sol ou coisas além deste mundo, e respeitando a Diógenes, que de louco não tinha nada, disse: **SE EU NÃO FOSSE ALEXANDRE, EU SERIA DIÓGENES.**

Assim nosso peregrino começou a compreender que desta vida não levamos nada, a não ser as experiências verdadeiras e o bem que aqui se faz, onde a matéria se esvai como o corpo físico.

A CAMINHO DA AMAZÔNIA

Resolveu chamar o amigo Rafael novamente, seu amigo filho, parceiro fiel, depois do claro chamado no deserto do Atacama, passaram num mosteiro budista no interior de São Paulo, em um lama amigo do peregrino, e com as bênçãos dadas e pedidas a guru Rinponche (o homem que levou o budismo ao Tibet), juntos foram cruzando, mais uma vez numa fantástica e longa jornada, fotografando fauna e passando por Bonito, Pantanal, Bolívia, lago Titicaca, Peru, Machu Picchu, a transpacífico até o Acre, passando por Xapuri e visitando o Museu de Chico Mendes, Rondônia, pegando um barco em Porto Velho, chegando em Manaus, findando onde a estrada acabava, ou seja em Novo Airão, no portal do parque nacional das ilhas de Anavilhanas.

Rafa voltou para São Paulo, e nosso peregrino ali ficou de outubro a fim de novembro para conhecer a pequena cidade e ver como se manifestaria o chamado ouvido no deserto do Atacama, e assim alugou um pequeno quarto e passou dias em que muitas coisas aconteceram para ele decidir ali ficar e aprofundar, deste vez não apenas os estudos do DHARMA, mas sim sua efetiva prática.

40 DIAS INICIAIS EM NOVO AIRÃO

Assim, entre outubro e novembro de 2013, começou a conhecer e desbravar a pequena cidade chamada Novo Airão. Ela originalmente se chamava Tauapessaçu, que quer dizer lugar de grande lamaçal. O nome condiz mesmo com o local, pois quando o rio Negro está baixo, na parte do porto não tem como caminhar e não ter uma crosta de lama nos pés, melhor nome dado pelos índios não haveria de ser, e Novo Airão é porque as cidades amazônicas trouxeram nomes de cidades portuguesas como: Santarém, Barcelos, Óbidos e Airão, mas como a cidadezinha mudou da antiga Airão, que era uma fazenda de seringa, que se encontra hoje bem abaixo, se tornou Novo Airão.

Diz a lenda que foram as formigas que tomaram a cidade de Airão, por isto a mudança, mas o fato é que com o declínio da borracha, a fazenda foi abandonada e se transferiu para o local atual.

Enfim chegando em Novo Airão, depois da longa viagem pela América do Sul, os seus primeiros dias na pequena cidade foram interessantes e esclarecedores para nosso peregrino.

Conheceu um grupo de espíritas locais, que estudavam espiritismo, fizeram uma ação para ajudar os carentes da cidade (por isto admirava o espiritismo, pela incessante prática da caridade), e ali junto com eles oferecia o Dharma do Buda e compartilhava meditação, e fez amizade com um professor de Manaus que estava ali há alguns anos.

Trabalhou como guia turístico para expedições de estrangeiros no local, pois falava vários idiomas, mas com a motivação apenas de conhecer a realidade das comunidades indígenas e ribeirinhas dali, e conhecer mais profundamente o interior da Amazônia.

Colocou na praça central que tem um engraçado dinossauro, uma geladeira cheia de livros onde as pessoas podiam levar livros e deixar se quisessem e esta ação marcou muitas pessoas.

Nestas rápidas e poucas expedições conheceu um professor de música de uma universidade na Alemanha e uns australianos, e estabeleceram interessantes contatos iniciais.

Um dia seu amigo, professor do grupo de meditação e estudos espíritas, disse ao nosso peregrino que tinha tido um sonho em que um grupo de pessoas vestidas de vermelho, como monges budistas, iria se estabelecer na cidade, e ainda dias depois uma colega de trabalho sua teve o mesmo sonho, e disse que seria no terreno dele, que ele tinha próximo de uma comunidade ribeirinha.

Nosso peregrino ouviu aquela história e ficou intrigado, porque ele também tivera um sonho, onde ele na sua Anette Maya estava com um monge budista ao seu lado, a caminho da floresta para abençoarem um local ainda desconhecido.

Diante destes sonhos comuns, o professor disse ao peregrino que tinha um terreno e que ali tinha planos de abrir uma pousada ou um local de prática de Yoga, com uma sua amiga que morava em Miami, para trazer grupos, e queria mostra a ele.

Organizaram a viagem e foram juntos conhecer e visitar o terreno do professor, que dista uma hora de voadeira da cidadezinha de Novo Airão, e chegando no terreno nosso peregrino viu uma árvore a beira rio, que lembrou da árvore bodhi do Buda, onde ele se iluminou na

Índia, e estava ocorrendo bem no momento da chegada um lindo fenômeno em que o sol forte amazônico refletia no lindo rio Negro que espelhava na árvore, como luzes espirituais em movimento, e aquilo já foi o recado de que ali seria a futura sede, o local de buscar a verdade (ashram) da Universidade do Amor.

Dormiram lá e quando voltaram à cidadezinha, o professor disse ao peregrino: Eu senti que este terreno é para você, você quer comprá-lo?

Nosso peregrino respondeu que não tinha dinheiro para comprar, mas o professor disse, faça uma proposta que eu analiso, e o peregrino disse que iria ver e oferecer algo, pois tinha sentido muito forte que seria ali onde seria um local perfeito, isolado no meio da floresta, para ele se sentar e meditar profundamente, como o Buda havia feito 2600 anos atrás.

Nosso peregrino ofereceu uma proposta, o professor aceitou e menos de quinze dias que lá estava já tinha um terreno e local para onde nosso peregrino iria se transferir definitivamente, em março de 2014, e começar efetivamente a UNIVERSIDADE DO AMOR, mas que começou antes com o nome de Instituto Dharma, proveniente de Ilhabela.

Tomou um avião, retornou a Ilhabela no final de novembro, colocou a hospedaria a venda, avisando sua mãe e seu sócio italiano que estaria de mudança para a Amazônia, e incrivelmente vendeu a pousada logo na semana que anunciou, para uma querida vizinha que lá manteve até hoje a motivação do espaço, e que se chama Templo do Ser.

Passou ainda o réveillon e carnaval por lá, e se mudou definitivamente para Novo Airão, para onde conseguiu uma carona com uns antigos amigos do mundo corporativo de Manaus, que pensaram que ele estava louco, e até choraram por ele dizendo, como ele deixaria a linda Ilhabela para morar em Novo Airão, no interior do Amazonas, até seu carinhoso pai lhe disse : filho te dou um terreno aqui em São Paulo para ajudar os pobres daqui e não precisa assim mudar para a Amazônia, mas todos eles não compreendiam que nosso peregrino estava em busca de um caminho espiritual, não mais material, pois se eles olhassem apenas com o olhar material, pareceria insanidade, mas com o olhar devido e profundo espiritual, seria a sua libertação.

Nesta noite mesmo em Novo Airão, com estes amigos, estava jantando quando chegou uma menina chamada Jackeline, chorando deses-

perada que estava sendo ameaçada pelo namorado da mãe, e ali nosso peregrino começou a perceber onde estava chegando e as enormes dificuldades e diferenças sociais desta pequena cidade do interior do Amazonas, onde havia hotéis de selva e expedições de luxo para pessoas de altíssimo poder aquisitivo que ali visitavam, e onde ele mesmo havia se hospedado no passado, em contraste com a enorme pobreza material e espiritual da esmagadora maioria dos habitantes daquele local, que viviam em invasões, cabanas em condições inenarráveis para um mínimo de decência humana aceitável. Eram as disparidades que iria confrontar doravante e aprender pouco a pouco e passo a passo a não julgar e fazer ao menos sua parte, mas sempre se lembrando de Jesus, que dizia que era muito mas muito difícil um rico (de posses materiais) entrar no reino dos céus (planos espirituais mais elevados).

No começo acompanhou de perto esta Jackeline, e um dia a levou para Manaus para ser tratada de um braço que ela havia quebrado, e viu a catástrofe em nível de atendimento, que era o sistema de saúde para pessoas vindas do interior do Amazonas na capital, bem como moradores, e ele tentava pedir auxílio a médicos particulares e seus lindos consultórios, que sempre se recusavam, mas sempre encontrava meios e pessoas generosas mesmo nestes ambientes, e assim seguia.

Uma vez ele se lembra que precisava de um especialista para um ribeirinho, pois a fila do SUS estava em anos de espera, e ligou para um consultório em Manaus e explicou à secretária quem era o caso e se era possível ser feito pro bono, pois a consulta era R\$350,00 particular e era muito cara, e a secretária gentilmente disse que ela não podia conceder a consulta mas que falaria com o médico. Algumas horas depois recebeu a ligação de que o médico havia concedido R\$50 de desconto, deixando por “apenas” R\$300,00 como forma de ajudar, e nosso peregrino ficou muito triste e não podia crer naquela desumanidade, mas enfim aquele “médico” perdeu uma oportunidade de praticar caridade, e seguiu em busca de outros profissionais que encontrou posteriormente. Assim foi aprendendo que no planetinha azul existiam toda a sorte de espírito, de extremamente egoístas a generosos, e mesmo encontrando sempre indiferença, recusas e até ridicularização, seguia e neste seguir encontrava as pessoas justas e generosas, e aos poucos ia mantendo a fé e a esperança.

OS AUSTRALIANOS E O HAPPY KIP

Em uma das excursões turísticas que fez, conheceu dois casais de australianos que eram de uma certa idade mas estavam se aventurando pelo mundo, e se conectou principalmente com um casal que se chamavam Walter e Isobel.

Eles estavam no Brasil para conhecer a Amazônia, mas o motivo principal da viagem é que Isobel, quando era criança, tinha morado com o pai no Brasil, no interior do estado do Rio de Janeiro e ele, o pai, amava o Brasil, e acabou falecendo e foi enterrado na fazenda que ele tinha, pois ele era botânico.

Enfim a mãe vendeu a fazenda, e eles foram para a Austrália e se passaram muitos anos, e a Isobel tinha um sonho de reencontrar a fazenda no interior do Brasil, onde ela passou a infância com o pai e onde ele havia sido enterrado, mas ela já tinha contratado advogados, peritos, gastado muito dinheiro mas ninguém localizava a fazenda onde estava o túmulo do pai.

Nosso peregrino perguntou a Isobel quais documentos ela tinha, e ela mostrou um mapa muito simples, sem nenhuma indicação, apenas com o nome da Fazenda Esperança, num município no interior do Rio de Janeiro, e que ela com seu marido iriam depois da excursão na Amazônia passar o réveillon no Rio de Janeiro, e iriam tentar de alguma maneira localizar a fazenda e o túmulo.

Naquele momento sentiu nosso peregrino que ele poderia ser útil para eles, pois procurar um local no interior do Rio de Janeiro seria como procurar uma agulha no palheiro, pois eles eram estrangeiros, não falavam português e não conheciam o Rio, e por irem sozinhos seria muito, mas muito difícil encontrarem.

Aí nosso peregrino disse a eles: Olha, se quiserem eu ajudo vocês, eu no fim desta excursão vou voltar para Ilhabela-SP, vender tudo o que tenho e vir me estabelecer na Amazônia, nesta região de Anavilhanas, devendo retornar logo depois do carnaval, e se vocês quiserem posso ir ao Rio de Janeiro ajudar nesta busca.

Eles aceitaram de bom grado, muito embora um pouco desconfiados, pois o Rio era bem longe da Amazônia, mas mesmo assim com-

binamos de nos encontrar no Rio num hotel que eles tinham já reservado em Janeiro de 2014, depois do réveillon.

O tempo passou, nosso peregrino voltou decidido a voltar para a Amazônia, e quando vendeu a pousada em Ilhabela e já pronto para partir de vez em Março de 2014, ele recebeu um inusitado e-mail do ciclista Carlos, chileno que ele havia conhecido quando estava ainda na Patagônia, que estava de passagem próximo a Ilhabela e quem sabe não poderiam se reencontrar.

CARLOS

Como conheceu o Carlos e tudo que aconteceu foi demais.

Estava cruzando o Chile e entrando na Argentina perto da maravilhosa região montanhosa patagônica, onde havia um pequeno posto de gasolina bem antigo, e que não tinha nada, apenas o posto e uma delegacia de fronteira, e era final do dia e parou para abastecer, e estavam lá dois caras de bike procurando um local para acampar. Um era o Carlos chileno, o outro norte americano, e incrivelmente os dois falavam português, pois o pai do Carlos morava no Brasil e o americano também.

Falaram um pouco, se apresentando, mas nosso peregrino resolveu seguir viagem, mas depois de uns 30 quilômetros pensou, puxa, eu sempre fico sozinho, seria bom passar a noite com estes dois amigos e conhecê-los melhor. E assim incrivelmente ele retornou com sua nave espacial, a sua Kombi: Anette Maya, para procurá-los e os encontrou ao lado da delegacia, com as barracas prontas.

Estacionou a Kombi ao lado deles, e com o frio absurdo que fazia os dois se enfiaram na Kombi para comerem algo e ficaram a noite conversando, falando principalmente do Dharma.

No outro dia se despediram, e eles estavam indo a Ushuaia direção Sul, que nosso peregrino acabara de conhecer, e o peregrino rumo Norte, e o Carlos disse: eu estou a caminho do Brasil depois de Ushuaia, quero fazer todo o litoral, e nosso peregrino disse a ele: ah que maravilha, se passar por Ilhabela, tem um canto para você repousar lá, e deixou o e-mail da pousada a ele, pois na Pousada Ayurus havia um espaço chamado cantinho dos amigos, por onde muita gente passou.

Enfim a vida seguiu, dois anos mais ou menos se passaram, e eis nosso peregrino passando seus últimos meses em Ilhabela antes de ir de vez para a Amazônia, e recebeu este incrível e-mail do Carlos, dizendo que estava passando pela Ilha, e foi uma incrível coincidência que se materializou.

Ele chegou com sua bike, e muito felizes pelo reencontro, nosso peregrino contou tudo o que tinha lhe acontecido e que estava de mudança, e o Carlos disse: ficarei apenas uns dias e volto para a estrada, e aí foi que nosso peregrino o convidou para ir ao Rio de Janeiro para ajudar os australianos, naquela história interessante, e para ele conhecer o Rio também, e assim foram juntos.

RIO DE JANEIRO NOVAMENTE

O Rio de Janeiro sempre fascinou nosso peregrino, principalmente a Urca e a praia de Botafogo, e claro caminhar em Copacabana, que é demais.

Enfim, estavam o peregrino e o Carlos, encontraram Walter e Isabel, que ficaram felizes e impressionados de vê-lo e disseram: você é um homem de palavra mesmo.

Aí, o Carlos ficou na cidade, para conhecer melhor o Rio, e os três alugaram um carro e foram tentar encontrar a fazenda e o túmulo do pai da Isabel, que se chamava FAZENDA ESPERANÇA.

Em primeiro lugar foram no cemitério e cartório local da cidadezinha no interior do Rio, que constava no documento que eles tinham (era um pequeno mapa com um nome de uma cidade apenas), para saber se sabiam de algum australiano que tinha comprado no passado uma fazenda por ali, e tinha depois de seu desencarne sido enterrado por lá, onde fizeram um pequeno túmulo. Mas infelizmente não havia informações e ninguém sabia de nada daquelas perguntas que ressoavam esdrúxulas. Mas no cemitério, o coveiro local sugeriu irem num bar próximo, pois o dono de lá era vem velhinho e antigo, e conhecia toda a história daquela região.

Foram no bar, falaram com o dono, e ele disse que não sabia de nada, de nenhum australiano, mas que todas as antigas fazendas lá tinham sido vendidas e virado condomínios, e que seria impossível en-

contrar a fazenda e o túmulo, se ainda existisse, e a única coisa que sabia é que a poucos quilômetros dali existia um condomínio chamado esperança, apenas isto.

Seguindo sua forte intuição, nosso peregrino junto com os australianos foram até o mencionado condomínio na zona rural, e quando passaram em cima de uma ponte bem pequena, a Isobel teve um lampejo de memória e disse, deve ser por aqui, me lembro deste riozinho e desta ponte.

Chegando na portaria do condomínio esperança, o porteiro disse a eles: olha eu não sei de nada e não posso deixar vocês entrarem aqui neste condomínio se vocês não conhecem ninguém, e não os deixou entrar e nem mesmo falar com o síndico. Nosso peregrino insistiu, insistiu, mas o porteiro não permitiu. Neste momento Isobel e Walter ficaram bem tristes dizendo: puxa, viemos de tão longe e não podemos fazer nada, nem entrar.

Nosso peregrino não sabia o que dizer, mas incredivelmente sentado no chão da portaria, um andarilho que ouvia em silêncio a conversa e depois se aproximou do nosso peregrino e disse: eu conheço esta história e sei onde está o túmulo.

O peregrino olhou e não acreditou muito, talvez o andarilho quisesse apenas dinheiro, mas ele disse: eu sei onde é mas eu não vou levar vocês pois tenho medo.

Nós três ficamos perplexos, o Walter ofereceu muito dinheiro a ele que se recusou e disse, olha eu não vou por dinheiro nenhum, e nem quero dinheiro, mas vou ensinar a vocês o caminho, e assim o fez, e lhes explicou um caminho labiríntico a ser feito naquelas serras no interior do Rio de Janeiro.

Saíram assim da porta do condomínio, e andando por alguns quilômetros tentando seguir as orientações do andarilho, viram um enorme portão de ferro escrito fazenda esperança, que estava fechado com cadeado, mas justamente naquele momento apareceu um senhor com um carro, e nosso peregrino disse o motivo de estarem ali, e o senhor disse para irmos até o final da estradinha de terra, e lá encontraríamos uma casa antiga, para falarmos com o caseiro e vermos se ele sabia de alguma coisa, pois ele mesmo não sabia.

Assim andaram mais alguns quilômetros e viram uma casa antiga, e a Isobel começou a chorar pois ela reconheceu a sua antiga casa de quando era criança, e havia passado a infância dela com seu pai ali.

Procuraram o caseiro e ele muito gentil os recebeu e disse: Olha, meu pai sempre me contou deste australiano, ele trabalhou com ele, e era uma pessoa muito boa, mas acontece que esta fazenda foi vendida para uns bicheiros ricos da capital, e eles mandaram destruir o túmulo, por medo, mas eu ainda sei onde ele ficava, se quiserem os levo até lá numa caminhada.

O peregrino e o casal de australianos ficaram muito felizes, e assim o caseiro os levou numa trilha na pequena mata na beira de um lindo riacho, e lá finalmente encontramos os restos do antigo túmulo do Pai da Isobel, que incrivelmente ainda tinha a base, destruída, e ela encontrou a sola do sapato do pai, que ela reconheceu e que levou consigo.

Foi um momento mágico de muita emoção e alegria para todos naquele interior do Rio de Janeiro, e nosso peregrino se jogou no riachinho lindo que ali corria abaixo do antigo túmulo, e se sentiu numa plenitude incrível de ter sido um mero instrumento nas mãos divinas para este momento tão especial ao casal, principalmente para a Isobel, a australiana que tinha vindo ao Brasil apenas para este fim.

Todos muito felizes, retornaram à capital do Rio de Janeiro em êxtase com tudo, celebraram a noite e antes de partir com o Carlos para Ilhabela, Walter queria pagar ao peregrino de qualquer jeito e ele recusou dizendo que ele não precisava mesmo, que tinha sido um lindo passeio e só a história em si já não tinha preço, e se despediram, e eles retornaram à Austrália e o peregrino para Ilhabela, querendo ir logo para a Amazônia.

Meses depois, já na Amazônia, Walter lhe envia um e-mail dizendo que enviaria um valor para nosso peregrino começar o trabalho da Universidade do Amor, como forma de agradecimento, que foi a primeira doação da Universidade do Amor, e que com o valor o peregrino comprou um lindo barquinho chamado Happy Kip, em homenagem ao pai da Isobel que se chamava Kip, e que deveria estar muito feliz no plano espiritual pelo lindo desfecho desta história, e começava assim os muitos sinais do que viria ser e se transformar a Universidade do Amor, que seria uma linda cuia do Buda.

CUIA DO BUDA

Voltaram Carlos e nosso peregrino a Ilhabela e fizeram juntos algumas ações sociais, e Carlos disse ao peregrino: Amanhã vou seguir viagem com minha bicicleta a caminho da Bahia.

Nosso peregrino disse: Ah meu amigo, eu sei bem como é a vida de peregrinos, de querer estar sempre na estrada, e disse a ele que então naquela noite iriam celebrar e se despedir num forrozinho em Ilhabela. E aí o destino mostrou sua linda face, pois neste forró Carlos conheceu uma amiga do peregrino chamada Joyce, se apaixonaram nesta noite e acabaram se casando anos depois, e nosso peregrino ficou honrado em ser chamado para padrinho, e o amigo chileno ciclista Carlos nunca mais sairia de Ilhabela.

No dia do casamento dele, numa linda festa a beira mar na fantástica Ilhabela, na hora do discurso, Carlos contou a incrível história de que se ele não tivesse conhecido o peregrino no meio do nada na Patagônia, e nosso peregrino não tivesse decidido voltar uns 30 quilômetros para trás para encontrá-lo, para conhecer melhor a ele e o outro norte americano ciclista, este encontro entre Carlos e Joyce nunca teria acontecido, e eles nunca teriam se casado.

PARTE II – PÓS AMAZÔNIA

Nosso peregrino, com a pousada vendida, pagou a parte de seu amigo italiano da hospedaria e comprou outra Kombi 1971, a terceira de sua vida, e junto com seus dois cachorros, Cacau e Marley, e uma montanha de livros que foram doados por amigos de Bauru e outros de São Paulo, para as crianças amazonenses, partiu.

No caminho visitou seu irmão amigo Robin e sua linda família, e parou primeiramente e finalmente na antiga casa de Chico Xavier em Uberaba.

Chico Xavier, que tanto lhe inspirava por sua sabedoria, humildade, simplicidade e principalmente caridade, aos olhos do mundo material incompreendido até hoje, aos olhos do mundo espiritual um servo fiel de Jesus, e instrumento divino com sua mediunidade, que nos trouxe os ensinamentos espirituais mais elevados gratuitamente, em mais de 400 livros psicografados.

Nosso peregrino conheceu o local onde Chico vivia e virou hoje um pequeno museu, de que seu filho adotivo cuida e está sempre presente, e ele gentilmente abriu a porta do quarto onde Chico dormia, e com seus dois cachorros lá meditou por alguns instante, e o filho do Chico disse: Não se preocupe com os cachorros , meu pai gostava muito deles.

Quando foi saindo a sua kombi, a terceira, chamada Tinita, em homenagem a antiga tina, a primeira, ela não quis ligar, e incrivelmente o filho do Chico ajudou a empurrar até ela ligar, e nosso peregrino sabia que aquele era o empurrãozinho que precisava para ir em sua difícil mas linda missão na Amazônia. Decorridos dez anos, nosso peregrino voltou a Uberaba e deu de presente ao filho do Chico uma pequena kombi de brinquedo, lembrando a ele e contando um pouco do que tinha se tornado a universidade do amor.

Ainda em Uberaba, nosso peregrino ainda focado nos estudos do maravilhoso Buda, foi num bairro carente procurar um abacateiro, uma árvore onde aos sábados o maravilhoso Chico Xavier ia distribuir roupas, comida e oferecer os ensinamentos de Jesus com seu evangelho de Luz. E lá neste local conheceu uma senhora que havia conhecido Chico, a árvore está em seu terreno, e conta histórias maravilhosas deste imenso ser de luz chamado Chico Xavier. E ficaram amigos, e nosso peregrino voltaria a visitá-la várias vezes no futuro, quase todas as vezes em que passava por Uberaba, e sempre que podia enviava a ela a pomada produzida na Amazônia, para ser distribuída por lá.

Quando saiu do abacateiro com a Kombi e os 2 cachorros em direção à Amazônia, nosso peregrino olhou para o céu, como fazia quando era criança nas mesmas Minas Gerais em Iturama, não muito longe dali, pois era no triângulo mineiro, e quando olhava para cima num céu azul em uma linda tarde de sol viu a face de nosso senhor Jesus Cristo sorrindo a ele e transmitindo mentalmente a ele: Esta terra está sob minhas bênçãos, seja o Brasil como todo o planeta. Ficou em silêncio nosso peregrino, sorriu e seguiu para seu destino: A Universidade do amor.

Nosso peregrino ficou reticente em contar esta história e outras que virão com as mensagens vindas do mestre do amor, mas viu um vídeo de um incrível rapaz australiano chamado Nick Vujicic que o inspirou, pois ele dizia: se você sentiu Jesus, testemunhe Jesus. E eis os relatos neste e que possam inspirar a tantos, pois não houve outro como Jesus, nem perto, muito embora nosso peregrino sempre beberia e seria grato a fonte que brotou na índia de Krishna e Buda, com seus ensinamentos iguais inclusive, mas os dois foram enviados de Jesus como preceptores dele para sua vinda, profetizada por tantos.

Depois desta linda e forte visão, seguiu, e chegando no interior do Brasil entre Goiás e Mato Grosso, numa cidadezinha, foi caminhar num lindo parque com seus cachorros enquanto um mecânico revisava a tinita kombi 71, e enquanto caminhava se questionou se aquela visão de dias atrás em Uberaba era real ou fruto de sua imaginação, e neste questionamento olhou para o céu e viu novamente a face do maravilhoso Jesus sorrindo e mentalmente dizendo: Esta terra está sob meu amor, principalmente o Brasil. E depois foi ler o livro do Chico Xavier que explica bem a função do Brasil na terra, não porque seja especial em relação aos demais, mas por ser o coração do mundo e pátria do evangelho,

tem em seu povo a manifestação destes ensinamentos na humildade, diversidade, generosidade, alegria e fé, e tendo visto pela segunda vez, não duvidou mais.

Depois de dias na estrada, chegou nosso peregrino novamente em Manaus, por uma Balsa que cruzou todo o rio madeira, onde distribuía livros com presentes às populações ribeirinhas que encontrava ao longo dos dez dias de travessia pela floresta, e chegou até Novo Airão.

Logo, um alemão que morava em Novo Airão viu a kombi tinita e a comprou de imediato, pois era antiga, para vender ao exterior, e assim ele a vendeu e aproveitou a oportunidade, e ficou apenas com a Anette Maya, mas a tinita cumpriu seu papel, trazendo os dois cachorros e os livros de doação.

Nosso peregrino chegou em 2014 de vez na Amazônia, numa época de festa pela copa do mundo, em que o Brasil perdeu de 7x1 da Alemanha, e nosso peregrino estava contrariado com tantos recursos públicos gastos com estádios de futebol, como as arenas de Roma, construídas em cidades muito carentes como Manaus, que poderiam ter sido investido em escolas, hospitais e transporte público, mas era sempre opinião vencida e tinha que ter paciência no planeta azul. E depois deste evento não mais seguiu o futebol que tinha virado tão somente mais um negócio, apesar de ser apaixonante tinha se tornado hipócrita e triste, para o qual as pessoas dão tanta energia e gastam tantos recursos que poderiam ser investidos para ajudar e muito as crianças carentes, mas coisas ainda do lindo planetinha azul.

INÍCIO

Nosso peregrino chegou em Novo Airão finalmente, e com seus cachorros foi morar no terreno que comprou em plena floresta para meditar como o Buda meditou um dia, e quem sabe se iluminar. E também aos poucos começou a construir o que viria a ser a sede da Universidade do Amor, que foi batizada de DHARMAZÔNIA, um local bem simples, mas aconchegante para que todos que futuramente quisessem, pudessem também meditar no coração da floresta amazônica, num ponto equidistante entre o atlântico e o pacífico.

Estava assim com uma forte determinação, nosso peregrino, em efetivamente praticar ainda mais a fundo o dharma do Buda e seus transformadores ensinamentos de puro amor, com uma linda e pura motivação, e assim o fez por alguns meses debaixo da árvore que o inspirou a ali comprar o terreno, querendo do fundo do seu coração se livrar das amarras mentais, do mundo condicionado, das ilusões (maya) e do ciclo de renascimentos (samsara) neste lindo planetinha azul, mas muito difícil e primitivo ainda, e queria que ali futuramente se chamasse Universidade Livre da Amazônia, mas manteve o nome que mudou quando saiu de Ilhabela: Instituto Dharma, para levar benefícios a todos os seres sem exceção.

INSTITUTO DHARMA EM AÇÃO

Sentando em meditação, lembrou ali os inúmeros amigos e situações engraçadas que obteve em retiros de todos os tipos, onde compreendeu profundamente que neste planeta azul não existem mestres, mas sim estamos todos em purificação espiritual.

Mas com quem mais aprendeu foi com os seus colegas buscadores que conheceu nestes inúmeros retiros, em que claro sempre algo aprendia, mas principalmente como NÃO SER, se afastando do EGO o maior algoz de si mesmo, e fez grandes amigos. Mas claro, admirava além dos maiorais como Krishna, Buda e Jesus, que sempre foram sua fonte de inspiração e aprendizado, outros como Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Francisco de Assis e Chico Xavier, todos que tiveram lindas histórias que conheceremos ao longo deste livro com nosso peregrino.

Enfim, meditando na floresta, se deparou com muitas coisas internas e começou a linda prática de meditar, que é simplesmente se auto conhecer profundamente, se auto observar, e ali ficava como um antigo yogui, um antigo rishi imerso na floresta.

Porém os habitantes ao redor, indígenas e ribeirinhos, começaram a achar estranho aquela pessoa estranha sozinha ali naquele local, e ficaram com medo que ele fosse um fugitivo da polícia ou algo assim.

Percebendo isto nosso peregrino resolveu ir num sábado pela manhã visitar a comunidade próxima da sede dharmazônia, e ali se apresentou e conheceu alguns moradores, e se deparou com uma reali-

dade muito triste de uma comunidade amazônica: isolamento e penúria material, e viu uma criança, chamada Suzy, que estava com um enorme inchaço na boca, e nem conseguia falar de tão grave e inflamado. Perguntou quem era o pai, e lhe apontaram um senhor que estava no chão embriagado, a mãe não se sabia o paradeiro, e ninguém cuidava da menina, apenas uma vizinha que dava de comer a ela.

Nosso peregrino ficou chocado com tudo aquilo e perguntou onde tinha médico, e todos riram e disseram: não existe médico aqui, apenas possivelmente na cidadezinha que dista umas 3 horas de barquinho de madeira, mas o pai dela além de ser um bêbado, não tem nem barco e ninguém tem gasolina, que é muito cara aqui.

Nosso peregrino perguntou então: Mas o que se faz com esta menina? E ela respondeu: NADA.

Ele ficou chocado, como nada, e ele se sentiu MUITO EGOÍSTA de estar belamente meditando na floresta enquanto as crianças sofriam ali ao seu lado, e assim tomou uma forte resolução, de que dali para a frente sua maior meditação seria sempre ajudar as crianças que ali tanto precisavam, e mudou seu foco e rumo, trabalhando sem cessar para amparar as crianças dali, que para ele sempre foram as flores mais lindas que ali floresciam, no jardim divino.

E assim o fez, levou a menina na cidade e a levou a um dentista, que se tornaria amigo: Ray, que cuidou da mesma, que melhorou com anti-inflamatórios que ele levaria. E então comprou um barco chamado toldinha, e começou com ele a visitar as famílias do entorno de seu terreno, e viu a catástrofe social que era ali, onde havia inúmeras famílias com muitos filhos sem o que comer, vestir, morar, sem luz, sem nada, apenas: alegria e fé em Deus, inacreditavelmente, e assim estas pessoas se tornaram verdadeiramente os seus mestres espirituais.

Começou a convidar inúmeros amigos médicos e dentistas para irem meditar com ele na floresta e ajudar as crianças, e um deles topou, um médico baiano acupunturista chamado Diego, que morava em São Paulo e que veio visitá-lo junto com o lama e a amiga de São Paulo. E quando nosso peregrino foi buscá-los no aeroporto com a Kombi Anette Maya, e estavam na estrada a caminho da sede, ele lembrou do sonho que teve, pois o lama estava do seu lado como havia sonhado, e ouvindo esta linda história o lama calou e compreendeu a grandiosidade daquilo.

Chegando na sede já com o Happy Kip, o lindo barquinho amarelo que veio de doação do australiano, nosso peregrino, o lama, o médico Diego e outros amigos, inclusive o jovem Gabriel que impressionou muito nosso peregrino por sua imensa mediunidade, que no budismo muito embora se saibam destes fenômenos, não se estuda, e todos começaram a juntos praticar caridade e a meditar profundamente.

Gabriel, sentiu o peregrino, era um espírito muito velho e sábio, apesar de sua tenra idade. Um dia, quando nosso peregrino, anos depois, diante de enormes dificuldades em seu início de trabalho da Universidade do Amor, pensou em desistir várias vezes, mas instruído pelos espíritos elevados persistiu, Gabriel lhe disse, no interior de São Paulo: Peregrino, insista mais um pouco, persista e verás no que a universidade irá se transformar e assim se fez.

Outra vez também recebeu a mesma mensagem, outros tempos em que queria desistir da universidade, diante de incompreensão de tantos, de um amigo gaúcho que lhe disse no litoral: Os espíritos contam com seu trabalho, eles investem em você e esperam que você não desista.

Vários recados assim foram dados , pelo seu amigo Jeff que em vários encontros lhe disse: você se comprometeu com este trabalho antes de reencarnar, não fuja.

Uma vez estava na fazenda Hare Krishna, local que sempre frequentou desde muito jovem e que o remetia a paz interior e à Índia, com que já tinha conexão, muito embora tivesse ido lá bem antes de aventar a possibilidade de viajar neste incrível país, e estava bem arrependido de ter abandonado tudo, sua vida hedonista maravilhosa em Ilhabela, para ir sofrer tantas dificuldades na Amazônia. E nesta mesma fazenda um devoto de Krishna que por ali passava do nada apenas o olhou e disse, do além: agora não adianta se arrepender, arrepender de doar todos os bens materiais, não vale mesmo se arrepender, apenas segue e confia.

O Lama que o estava visitando uma vez levou nosso peregrino na periferia de São Paulo, em uma linda casa espírita de trabalho de cura espiritual, e ele ficou fascinado com aquele lindo e belo trabalho.

Depois da visita do Lama e do primeiro médico que veio, Diego, que retornaram aos seus lares, nosso peregrino se encontrou só na floresta, mas com a certeza de que não iria apenas meditar sozinho na

floresta, mas sim seguir o maior caminho de todos sugerido pelo Buda, o caminho mahayana, o grande caminho, levar benefícios aos seres sem cessar, sem esperar absolutamente nada em troca, e assim o fez em seu decidido voto interno.

Nosso peregrino precisava de voluntários para auxiliar aquela população local tão necessitada, e assim começou sua jornada, em que semanalmente e incansavelmente iria a Manaus todas as quartas feiras oferecer o puro Dharma do Buda às pessoas interessadas, e convidar aos seus alunos a irem no final de semana praticar profundamente ajudando as pessoas locais, aliando caridade e meditação.

Levou em consideração todos os mosteiros, retiros, professores espirituais onde aprendeu muito, mas principalmente de como não se perder como muitos na sensualidade, na vaidade e no comércio indevido, que infelizmente diante da fragilidade das pessoas movimenta muitos recursos, se esquecendo da essência de todo caminho espiritual, que é o de sempre ajudar as pessoas sem ter nada suntuoso, nem terras, nem canais de comunicação exagerados, nem templos, apenas coisas muito mas muito simples, e queria fazer assim como Chico Xavier e Francisco de Assis, que sempre admirou.

E assim o fez, comprou uma voadeira e colocou o nome de CHICO XAVIER, e com ela começou a visitar todos as famílias daquela região ao redor da sede da Universidade do Amor, vendo suas necessidades e provendo o que elas precisavam. E começou a convidar monges, professores espirituais, lamas, todos que quisessem voluntariamente e sem vínculos organizar retiros, com intuito claro de apenas ajudar as pessoas, e muitos foram amorosamente a seu convite, e assim aprendeu muito com todos eles das mais variadas formas de religiosidade.

Alguns foram, e foram dias lindos de muitas bênçãos a muitos participantes, inclusive uma grande amiga pesquisadora de um hospital famoso de São Paulo, que lhe apresentou o considerado homem mais feliz do mundo, um francês chamado Mattieu Ricard, que lhe foi muito simpático, e ela começou a indicar seus conhecidos para irem ensinar e meditar na floresta, e angariar voluntários para ele.

Visitou em Manaus e por todo Brasil vários templos, movimentos espirituais, igrejas, espaços, instituições, Ongs, órgãos públicos convidando-os a auxiliar naquelas condições desumanas, daqueles irmãos

brasileiros da floresta, mas sempre de todos ouviu apenas: que projeto lindo, mas apenas isto, sem nenhum apoio efetivo, cada um com sedes enormes e suntuosas que inibiam a população carente, e ficava triste em ver aquele desperdício, mas ouviu dos espíritos benfeitores: peregrino árvores frondosas sem frutos não servem a nada, o que vale são os frutos e não a árvore. E assim compreendeu e seguiu sem julgar onde todos tem seu livre arbítrio e Deus é onisciente de todas as ações de cada um, verdadeiras ou não, pois não cai uma folha na floresta sem o consentimento do criador, fazendo o que lhe cabia na Universidade do Amor humildemente.

Uma vez num retiro budista ainda ouviu de um lama que ele era muito perigoso, e nosso peregrino com muita compaixão compreendia que muitos falavam lindamente, mas raríssimos praticavam, se perdendo em aplausos, e sentia tristeza em ver pessoas seguindo tais pseudomestres, por sua opção e fragilidade, sem perceber o grande equívoco que aquilo produziria. Mas enfim aprendia a filtrar os ensinamentos dos assim chamados mestres, que eram humanos como ele, e a respeitar, muito embora discordando, o livre arbítrio de todos.

Era ainda sugerido que as pessoas ficassem isoladas do mundo, abandonando tudo, suas famílias, trabalho e o que quer que seja por 3 anos, 3 meses e 3 dias, e incrivelmente as pessoas aceitavam, numa insanidade inexplicável, seguir um caminho. Ao invés deste isolamento, poderiam sim abandonar o apego material, que em excesso nos assola e adoce, e ir ajudar os pobres, mas ninguém ouvia nosso peregrino e muitos preferiam construir templos enormes e comprar terras caríssimas e valiosas ao invés de ajudar o irmão carente que estava na sua frente o tempo todo.

Nosso peregrino sempre foi voto vencido ao dizer que ao invés de templos e luxo, os participantes poderiam ajudar os mais necessitados com aqueles recursos, mas era sempre expelido dos grupos assim ditos espirituais diante de sua maneira que compreendia os ensinamentos espirituais. Paciência se eles não viam da mesma maneira que nosso peregrino, se ninguém queria ouvi-lo sobre venderem todo aquele excesso e ajudarem as pessoas carentes, ele pessoalmente o fazia mesmo que sozinho, e assim incompreendido ele decidiu abandonar e se desvincular de todo estes movimentos, em que claro aprendeu muito sobre os ensinamentos. Mas iria então criar um movimento puro, verdadeiro e muito

muito simples para seguir o que os mestres sempre lhe ensinaram na prática: humildade e caridade verdadeira, e assim começou a organizar mini retiros de meditação na sede aos finais de semana em Novo Airão, com claro ajuda ao próximo com o Happy Kip, aulas às quartas-feiras em Manaus gratuitas e mediante doações, e visitas recorrentes nas casas e comunidades dos indígenas ribeirinhos com a nova e linda voadeira Chico Xavier. E criou o Instituto Dharma, cujo nome teve que mudar, pois posteriormente os locais chamavam instituto da arma, pois não compreendiam a palavra dharma, e então se transformou em Instituto amor, e para apenas muitos anos depois se transformar em Universidade do Amor - iremos descobrir como isto se passou futuramente nas páginas deste diário.

E assim começou em 2014 incessantemente sua linda e árdua jornada com este plano em mente.

EXPEDIÇÃO UNIVERSIDADE DA ALEMANHA E GRUPO DE GRINGOS

Assim como havia conhecido o casal australiano e sua incrível história, foi ao Rio de Janeiro e comprou o barquinho Happy Kip com a linda doação, ele também havia conhecido um professor de música da Alemanha e combinou com ele de trazer seus alunos para ensinar música nas comunidades, e assim foi a primeira experiência de expedição, em que nosso peregrino trouxe estes alemães que deveriam ensinar os jovens locais a tocar música.

A ideia foi linda, os alunos vieram, mas enormes problemas aconteceram, os jovens queriam se divertir e beber e não permitiam às crianças tocarem os instrumentos, e eles tinham muito medo da água, dos bichos, enfim, foi de um lado lindo, porque ao menos fizeram algumas apresentações, e de outro catastrófico, porque os alunos não queriam mesmo ajudar, e sim passear.

Mas foi um enorme aprendizado para nosso peregrino para organizar melhor as futuras expedições, deixando claro que aquilo era CARIDADE e não turismo, tão comum na Amazônia, onde crianças não tem o que comer, e em barcos luxuosos e suntuosos em expedições caríssimas tomam bebidas alcólicas caríssimas, e chegam até de hidro-

avião em resorts de luxo. Paciência, coisas do planeta azul, recorrentes mas incompreensíveis ao nosso peregrino, que pensava, puxa vida, todo este valor seria muito útil para se construir escolas, postos de saúde, doar remédios, mas enfim, era assim.

Resolveu chamar uns jovens estrangeiros para lhe ajudar na sede, plantando a troco de comida e estadia, e foi catastrófico, pois eles se drogavam escondidos e até ameaçaram de morte nosso peregrino dentro da sede, pois eles, na expedição dos jovens músicos alemães, se embriagaram no barco, e nosso peregrino pediu que se retirassem, porque o álcool não era permitido na sede e nem nas ações. Mas tanto os jovens alemães quanto estes jovens gringos que estavam na sede se revoltaram, não concordando e foi inclusive expulso do próprio barco que contratara para a expedição, sendo roubado pelos jovens sua carteira, e como no filme dos piratas foi jogado ao rio, e todo molhado e desolado ficou na sede nesta situação, sem documento, roubado e ridicularizado por estes jovens, que o difamaram por toda a pequena cidade.

Foi um início muito turbulento e tumultuado em que nosso peregrino compreendeu com as palavras de um amigo e do delegado local, pois foi denunciar o ocorrido, que deveria evitar certas pessoas e deixar claro as diretrizes da Universidade do Amor, para que quem participasse soubesse do que se tratava.

Mas com a força da fé e coragem, diante destas adversidades decidiu seguir, e depois desta terrível experiência conheceu um jovem italiano, Francesco, nome de Francisco de Assis, que com ele ficou dias na sede, e depois dois jovens franceses que estavam de passagem e sabendo do projeto e do que se tratava, ficaram, ampararam e ajudaram o peregrino já com uma harmonia melhor e assim seguiu ousando amar.

Este amigo italiano voltou tempos depois com sua namorada austríaca, e muitos anos depois nosso peregrino o visitou em Vienna, e uma história interessante é que quando estavam caminhando para jantar na noite fria europeia, eles viram um cartaz dizendo que haveria ali um encontro budista e foram visitar rapidamente. Nosso peregrino encontrou dois monges tibetanos, que apenas falavam tibetano, e ele então cantou o lindo mantra em tibetano que ele sempre cantava quando percorria os rios da Amazônia. E descobriu muitos anos depois, através de uma amiga que havia virado monja budista que o visitaria no barco Padma (e se deu conta que aquele era seu caminho, e não ter virado monge, o

que até havia passado pela sua cabeça) e colocaria até adesivos dele por lá, que aquele mantra era de Cherenzing ou Avolkistevara, o ser que tinha mil braços para levar benefícios aos seres, que nosso peregrino tinha colado na porta da kombi Anette Maya para lembrar dos votos dos bodisatvas, de levar incessantemente benefícios aos seres com AMOR, COMPAIXÃO, ALEGRIA E EQUANIMIDADE, e que aquele mantra removia obstáculos. E até seu amigo índio um dia perguntou que música era aquela, que parecia abrir caminhos no rio Negro. E que reforçava os votos quando se deparava com dificuldades para continuar sem cessar no caminho que nosso peregrino sempre se esforçava em seguir e praticar, embora as inenarráveis e inúmeras sortes de dificuldades que só quem vive e conhece profundamente a Amazônia sabe. E os monges tibetanos em Vienna ficaram impressionados, sorriram, abraçaram e até tiraram fotos de nosso peregrino e ele sorriu anos depois por ter tido aquela dificuldade e depois ter tido este lindo encontro, aprendendo que a vida é feita sempre de dificuldades, provações e bênçãos e se sentiu muito feliz, e seu amigo Francesco ficou muito impressionado, e seguiram sorrindo e felizes.

Na primeira noite em que o Francesco dormiu na sede, depois do terrível episódio com os estudantes alemães e os jovens gringos, ainda nosso peregrino foi furtado, levaram o motor da voadeira, ficando os dois sem motor, e tiveram que remar para obter ajuda, mais uma das provações sem fim que nosso peregrino estaria fadado a enfrentar no coração da floresta amazônica, para efetivamente praticar o amor incondicional.

Uma vez as formigas estavam invadindo a sede e Francesco queria comprar urgente veneno para matar as formigas, mas nosso peregrino lembrando da lição de Chico Xavier disse: não, vamos conversar com as formigas e elas vão embora.

Francesco achou que era brincadeira, mas assim nosso peregrino o fez e algumas horas depois Francesco viu as formigas se retirando uma a uma numa linda fila e ficou sem palavras para o fenômeno.

Depois da partida do Francesco e franceses, seguiu sozinho nosso peregrino em seu sonho lindo de levar benefícios aos seres, aos irmãos do rio Negro, principalmente às crianças, e contratou um senhor para tomar conta da sede em sua ausência.

Este senhor infelizmente também furtou nosso peregrino, levando seu barco, mas foi descoberto em novo Airão e desapareceu, mas felizmente o barquinho foi recuperado.

Naquela linda terra, mas tão carente, furtos eram infelizmente recorrentes, e haveria que compreender e conviver nosso peregrino com esta situação, aplicando mesmo nestas situações os ensinamentos espirituais mais elevados.

Um rapaz local sabendo destes furtos, doou um motor rabeta para nosso peregrino e começou então a perceber que pelas leis divinas quando era furtado, receberia em dobro o objeto perdido e o que furtou perderia em dobro, uma lei divina universal e assim com este sentimento no fundo do seu coração toda vez que foi enganado e furtado, sentia pena do autor do delito, sabendo que era inevitável a lei de causa e efeito, a lei do karma.

Uma vez depois de tantas dificuldades nosso peregrino estava vindo de um barco de linha regional de Manaus a Novo Airão, que são 12 horas de navegação pelo incrível Parque Nacional de Anavilhanas e suas infinitas ilhas místicas, e acordou no alvorecer e se viu sozinho em meio aquela exuberância amazônica, e como num estado de êxtase indescritível diante do magnífico nascer do sol e todo aquele entorno, se sentiu como se o tempo tivesse parado, e teve uma paz interior e certeza de que estava no local e caminho certo, que ficou marcado em sua memória nesta sua existência.

PRIMEIROS VOLUNTÁRIOS

Uma vez nosso peregrino estava em São Paulo, indo assistir uma apresentação musical de um amigo flautista que tinha ficado com ele na sede por um tempo e que quase seguiu a loucura de se isolar do mundo, abandonar a família na sugestão de um lama vaidoso que movimentava muitas pessoas e muitos recursos, e que uma vez chamou nosso peregrino de perigoso, e na fila do espetáculo conheceu sua irmã e amiga Krau, que disse que era dentista, e ouvindo sobre o projeto e da necessidade dos indígenas ribeirinhos, principalmente odontológica, topou ir, foi, viu, sentiu, compreendeu a necessidade e nunca mais saiu, se tornando parte permanente e indispensável da Universidade do

Amor, contribuindo com muito amor e carinho com a saúde bucal de todos os habitantes dali.

Nosso peregrino havia convidados a muitos, principalmente médicos e dentistas, mas poucos atenderam o chamado, mas ele não esmorecia e continuava a oferecer a oportunidade a todos.

MEDITAÇÃO EM MANAUS

Assim começou a compartilhar o Dharma do Buda em Manaus e a sua maravilhosa meditação em casa de amigos e até numa clínica para dependentes químicos, onde aprendeu muito com os viciados que eram dedicados alunos e se esforçavam para meditar e sair do vício terrível que tinha começado, todos com um simples copo de cerveja, percebendo assim nosso peregrino como o álcool era nefasto para a sociedade e para as pessoas.

Suas aulas eram procuradas e alguns alunos topavam ir no interior ajudar as pessoas, mas muitos iam mais para passear que ajudar, paciência, era o que era e pegava o melhor que tinha, mas uma sua aluna, uma médica venezuelana, vendo aquela situação e em acordo com seu marido topou ir todo final de semana com ele, na voadeira Chico Xavier, atuar de casa em casa, e assim começou o trabalho em conjunto, todo final de semana visitando as casas dos indígenas ribeirinhos e levando saúde, remédios, amor e muitas outras coisas.

Como sua aula era muito procurada em Manaus alguns alunos iam ao interior com ele praticar o profundo Dharma, mas era raríssimo quem continuasse e se comprometesse, apenas a dentista de SP e a médica Venezuela, paciência, nosso peregrino aprendeu a receber o melhor que cada um poderia dar naquele seu estado de consciência e assim foi. Alguns médicos iam também esporadicamente, uma dentista foi, deu uma palestra e doou uma cadeira de dentista, mas nosso peregrino não sabia o que fazer com ela, e decidiu assim comprar um barco maior que comportasse um consultório odontológico.

Assim foi durante o primeiro ano, construindo a sede e atendendo basicamente a todos ao seu redor, e meditações noturnas.

Várias vezes quase afundou a voadeira Chico Xavier, alagando-a devido às enormes tempestades e ventos que só a Amazônia tem, mas seguia confiante.

Certa feita estava ele com a médica e foram visitar num sítio um paciente que tinha pedras nos rins, e lá chegando o senhor vendo que era atendimento médico começou a chorar e se ajoelhou no chão dizendo: Obrigado meu Deus, o senhor atendeu minhas preces, e ali nosso peregrino percebeu que era guiado e toda a Universidade do Amor pelas preces das pessoas ali, muito carentes, que de tanto apoio necessitam.

Foi recebendo alguns professores de meditação de várias linhas e ensinava nas escolinhas locais tanto da comunidade quanto no município.

O professor que havia vendido o terreno da sede ao peregrino, o que havia sonhado com os monges chegando, disse ao peregrino que ele precisava conhecer o movimento espírita em Manaus, pois o budismo e a prática que ele estava perfazendo eram compatíveis com aquela filosofia chamada doutrina espírita.

Nosso peregrino estava satisfeito com os ensinamentos do Buda, mas foi visitar uma mulher amiga do professor num congresso em Manaus para apenas possivelmente chamar mais voluntários à universidade.

Chegando lá conheceu uma querida que lhe disse: eu sonhei com você, estava lhe esperando, e lhe deu alguns livros espíritas: O livro dos espíritos, o livro dos médiuns e o evangelho segundo o espiritismo.

Educadamente recebeu os livros, mas não pensou em lê-los e convidou a senhora a ir com ele na floresta para ajudar o povo de lá, e a mesma topou, e quando podia, ia contribuir nas ações sociais no interior do Amazonas, nas comunidades ao longo do rio Negro.

Decidido, nosso peregrino comprou finalmente um barco maior para acomodar mais pessoas, médicos, voluntários e criar o consultório odontológico, e assim comprou o JOIA RARA, que é como o Dharma raro de ser encontrado nesta vida.

Junto com suas amigas espíritas pegou ele de Manaus e navegou até Novo Airão, onde elas perguntaram: Mas peregrino, você conhece o caminho? E ele, não, mas não se preocupem, chegaremos. Inexplicavelmente, nosso peregrino sabia de alguma maneira o caminho de Anavilhanas e todo o percurso pois sempre se sentiu em casa ali, mesmo sozinho com a voadeira em inúmeras visitas às comunidades mais distantes, como agora naquela navegação, e assim foram e chegaram ao seu destino.

JOIA RARA

Com o Joia Rara, nosso peregrino começou inicialmente a levar as crianças das comunidades, das escolinhas rurais a fazerem excursões para ir ver os botos, pois havia um local famoso que muitos turistas de todo o Brasil e mundo visitavam, menos os locais, e assim foi fazendo estes passeios que eram incríveis de tanta alegria que proporcionava aos participantes e professores, sendo um raro momento de muita alegria, pois passavam o dia imersos nesta atividade. Foram atividades lindas e aí começaram dentro do barco a atender odontologia, criando um consultório a bordo, e os médicos que apareciam também podiam ir atendendo a bordo, e cada vez mais ia a comunidade mais distantes e mais carentes.

Assim sua vida era bem corrida, segundas e terças visitava com a voadeira Chico Xavier as famílias remotas, quartas ia de ônibus para Manaus oferecer o curso gratuito de meditação e ensinamentos espirituais para angariar voluntários, quinta voltava, sexta, sábado e domingo recebia os voluntários que se dispunham a vir, mas principalmente a médica venezuelana que sempre vinha.

Assim começou com saúde, que era prioridade, mas agregou ainda educação e trabalho, sendo os pilares básicos para o desenvolvimento humano: Saúde, educação e trabalho.

R\$13,00 TREZE REAIS

Uma vez o Joia rara quase afundou, pois estava entrando muita água, e nosso peregrino foi em inúmeros estaleiros perguntado se havia conserto e qual seria o valor, e todos que visitou condenaram o barco, dizendo que não tinha mais como, pois estava muito danificado e era inviável.

Nosso peregrino foi no banco local tirar um extrato de sua conta corrente e viu que depois da venda da pousada em lhabela e de tanto doar, lhe restaram apenas R\$13,00, e o barco quebrado, e ficou assim sem saber o que fazer.

Ficou do lado do Joia Rara quebrado em Novo Airão, num lindo sábado de sol, e olhou aos céus e pensou: Meu Deus, o que vou fazer? Este dinheiro não dá nem para eu comer, muito menos comprar outro barco, e depois de todos estes anos de muito trabalho com a motivação pura de apenas levar benefícios aos seres, o que faria?

Ficou ali com o extrato na mão, ao lado do Joia Rara, observando o passar do lindo rio Negro, sem saber efetivamente o que fazer.

Algumas horas depois ele viu um rapaz numa voadeira tentando fazê-la ligar, e ele sugeriu que ele levantasse o motor, pois ele bem sabia o que era um motor não querer ligar de jeito nenhum, aprendeu muito sobre navegação naqueles anos.

O rapaz lhe olhou meio desconfiado, pois ele era amazonense local, e quem era aquele com cara de gringo lhe dando conselhos?

Enfim o rapaz se aproximou e perguntou quem ele era e nosso peregrino disse: moro aqui há anos neste barco, faço um trabalho social com as crianças, mas meu barco quebrou e foi condenado, e não sei o que fazer nem tenho dinheiro para nada.

O rapaz disse: eu trabalho em reforma de barco, vou dar uma olhada.

E assim ele entrou no Joia Rara e disse: meu Deus, este barco não tem o que fazer, mas vamos fazer o seguinte, eu moro em outra comunidade, amanhã eu volto e trago meu tio e vejo a opinião dele.

Nosso peregrino não acreditou muito naquilo, mas não tinha o que fazer, tomou uma sopa com os R\$13,00 e dormiu no Joia Rara, pedindo a Deus amparo e direção.

No outro dia pela manhã o rapaz realmente voltou com seu tio, que averiguou e disse: olha, jeito tem, mas vai ficar caro.

O peregrino respondeu, puxa vida, não tem como pagar, e ficaram ali se entreolhando.

Neste momento toca o telefone do peregrino (o que era raro: funcionar em Novo Airão e ele ainda atender) e ele viu que era um número de fora, e atendendo, uma mulher se apresentou dizendo: olha, me deram o seu número, sou suíça e estou rodando com meus filhos pelo mundo e gostaria de conhecer a Amazônia fazendo o bem, e não como meros turistas sem sentido.

O peregrino disse que adoraria ajudar mas estava com o barco quebrado e não tinha o que fazer, mas a suíça disse: nada é por acaso, com a graça de Deus tudo dará certo, eu pago o valor do conserto do barco e você leva eu e meus filhos para sua sede e conhecer o trabalho nas comunidades locais, e já me mande a conta que adianto 50% do valor.

O peregrino não acreditou naquilo, apenas desligou e disse ao senhor, pode levar o barco e consertá-lo, deixa ele novo, consegui o recurso.

E assim se deu, o senhor levou o barco, a família chegou e todos ficaram muito satisfeitos, e nosso peregrino com o Joia Rara reformado pronto para continuar ajudando mais crianças, e ele cada vez com mais fé no criador e seus espíritos de luz que NUNCA ABANDONAM ninguém, principalmente aqueles que se esforçam no verdadeiro bem.

E nosso peregrino com seu amigo índio aprendeu a falar a língua dos animais, e percebeu que o Joia Rara era direcionado por Deus para amparar os mais necessitados que oravam e pediam ajuda. Compreendeu este lindo direcionamento e apenas ficava atento aos sinais, até quando o Joia Rara quebrava.

JOIA RARA QUEBRA E AMPARA FAMÍLIA

Um vez, retornando de uma expedição, o JOIA RARA quebrou a algumas horas de Manaus e nosso peregrino ficou desolado, pois teria que contratar outro barco de reboque (caro), e os voluntários sem muita paciência para compreender que barcos quebram.

Acabaram dormindo a noite numa praia, esperando o reboque chegar no outro dia, e neste local tinha uma família que estava sem combustível, sem comida e uma mãe com duas crianças fugindo de uma comunidade em que a estavam ameaçando, e o dono do barco não era familiar deles, apenas estava oferecendo uma carona.

Aí mais um aprendizado, pois o Joia Rara providenciou o combustível para eles conseguirem chegar em Manaus e comida, e pegou o local onde estariam aquela mãe e as crianças, para que se precisassem de ajuda, fossem amparados.

Dias depois, já com o Joia Rara em Manaus, ele com outros voluntários foram tentar encontrar esta mãe com as crianças, onde ela havia dito que estariam, e os encontraram debaixo da ponte num flutuante imerso no lixo, numa situação inacreditável de vulnerabilidade e pobreza, e eles os retiraram dali oferecendo comida, alojamento e trabalho digno, ajudando aquelas pessoas. Ele olhou aos céus e compreendeu, e agradeceu pelo Joia Rara ter quebrado ali, e começou a ter melhor entendimento de que nada é por acaso e em tudo deveria dar graças.

CASINHAS DO CAMINHO

Comprou a primeira casinha do caminho na comunidade ao lado da sede, inspirado na história de Jesus e seus discípulos, pois quando Jesus voltou ao plano espiritual, seus discípulos colocaram em prática seus preciosos ensinamentos e, numa casa na estrada entre Jerusalém e o porto de Jope, recebiam pessoas pobres, doentes, inválidos e todos os necessitados, e este local foi chamado de casa do caminho, por praticar caridade, sendo a primeira congregação cristão conhecida. E assim, numa comunidade chamada Sobrado, bem carente, nesta primeira casinha ali começou a dar atendimento médico, levar livros e atividades culturais às crianças e dar oficinas de capacitação no trabalho para as pessoas, através de seu trabalho digno, obterem renda de seu justo suor, e ao longo dos anos várias casinhas foram criadas de Manaus até comunidades distantes no alto rio Negro, sendo este ponto de luz a todos que quisessem obter algum apoio, e ali estava disponível.

Uma vez um ribeirinho perguntou a ele porque estava ali naquele local perdido e isolado, sendo que nosso peregrino poderia estar em qualquer outro local, e ele simplesmente respondeu que ali se sentia bem, pois era útil de alguma forma.

Uma das maiores necessidade é que nem nas escolas, nem nas família havia eletricidade nestes locais, o que era uma dificuldade imensa para os moradores, e uma vez foi visitar num domingo uma invasão de pessoas que tomaram de um alemão que havia ali um terreno na pequena cidade de Novo Airão, e quando ali chegou ficou muito triste por ver inúmeras pessoas, principalmente crianças, em barracos, maltrapilhas e sem nenhuma dignidade humana, e ainda sendo cobradas pelo alemão o valor do terreno, sendo que eles nem tinham o que comer.

Neste dia ficou muito revoltado com tudo, diante de tanta pobreza, tanta injustiça social, e chorou.

Nesta noite sonhou com o Chico Xavier, nosso peregrino deitado em seu colo, ele acariciava os seus cabelos e lhe dizia com todo o amor deste mundo: trabalha , meu filho, trabalha. E aí no dia seguinte teve uma ideia de criar um pequeno sistema de iluminação solar que poderia auxiliar as famílias e oferecer ali inúmeras formas de trabalho para as pessoas poderem conseguir pagar seu terreno dignamente, sem serem despejadas. E assim fez nascendo uma luz, que seria levada posteriormente a tanto lugares com o kit solar que a tantos beneficia, de uma maneira que chamou este programa de Luzes sobre a Amazônia, inspirado num livro espírita de mesmo nome.

Em Manaus, criou um cineminha também numa invasão junto com seus alunos, em uma comunidade muito carente, e que depois se transformou numa casinha feita num container doado por uma ação social de uma empresa multinacional local, e atuava nas ruas de Manaus contribuindo sobremaneira como podia com a enorme pobreza desta linda mas carente cidade no Norte do Brasil.

Neste mesmo período uma vez estava com seus amigos e sua mãe em São Paulo na fazenda Nova Gokula Hare Krishna, onde sempre ia, e lá chegou do nada um senhor que se aproximou e perguntou à sua mãe: quem é o budista aqui? Minha mãe olhou a este senhor e respondeu: o único budista que conheço aqui é o meu filho, e apontou o peregrino. O senhor disse: é com você que preciso falar e pegou ele pelas mãos, se sentou próximo ao templo do local e disse assim: meu irmão, você precisa estudar o espiritismo mais profundamente, ele é a revelação dos espíritos mais atualizados e compreende tudo o que o Buda ensinou, mais Krishna, e agrada ainda o mestre do Amor, Jesus. Você tem que ampliar e se abrir para estes ensinamentos profundos que irão nortear e pautar sua vida.

Nosso peregrino ficou resabiado em ouvir aquilo tudo, estava bem com os estudos budistas, ouviu tudo e ficou em silêncio, e aí o senhor disse: você é muito cabeça dura, mas recado dado, e saiu.

Nosso peregrino acho aquilo tudo muito estranho, de onde havia surgido aquele senhor do nada? Como ele sabia que nosso peregrino era budista? Porque aquele recado de se aprofundar no espiritismo? Iria compreender muito em breve o porquê destes recados.

CASINHA PARA ANINHA

Nos primórdios da Universidade do amor, uma das voluntárias médica que ia aos finais de semana com ele na voadeira Chico Xavier percebeu uma menininha no atendimento com um pontinho branco no olho e disse ao peregrino para ficar atento, pois aquilo não era normal.

Em muito pouco tempo aquele olhinho começou a crescer e a deformar, e ele levou a pequenina para Manaus e a oftalmologista de pronto disse que se tratava de retinoblastoma (câncer de olho), e que em Manaus não havia tratamento.

Fez uma vakinha e juntou recursos para comprar a passagem aérea para a mãe, pai e menininha, e a levaram para o GRAAC em São Paulo, onde foi prontamente e muito bem atendida.

Ali o corpo clínico chamou a mãe e o pai e lhes disse: o caso é gravíssimo, sua filha já tem metástase por todo o corpo, teremos que interná-la de imediato e iremos oferecer alojamento; o tratamento é de no mínimo um ano por aqui, e somente pode ficar uma pessoa acompanhando, o pai ou a mãe, e vocês decidem.

Eles decidiram em conjunto que ficaria a mãe, e o pai voltaria para cuidar os outros inúmeros filhos que ficaram.

Quando estavam no alojamento, a voluntária coordenadora do local viu o peregrino ali com eles e perguntou quem ele era e qual a relação com aquela família.

Ele explicou que era uma família a que ele prestava atendimento médico voluntário da Amazônia, e ela lhe disse que lindo, mas vou te alertar o que irá acontecer diante de minha experiência: quando vocês chegarem, o pai irá fazer campanhas para arrecadar fundos a menina, e ela não precisará porque o GRAAC e o estado oferecerão tudo, mas mesmo assim ele o fará, e depois irá abandonar as crianças, pois isto sempre acontece por aqui, comum com estas pessoas mais isoladas e simples, e assim fique de olho e cuide das crianças que ficaram por lá.

O peregrino ficou sem saber o que dizer diante daquela informação, e assim a Aninha ficou com a mãe e voltou o pai para a Amazônia.

Eis que na primeira semana que voltaram o pai começou junto com os vereadores, igrejas e pessoas locais a fazer campanha para sua

filha, arrecadando dinheiro, e logo depois sumiu, abandonando seus outros filhos que lá ficaram, se realizando efetivamente o que lhe tinha sido avisado em São Paulo no GRAAC.

Enfim, nosso peregrino amparou os demais irmãozinhos, que ficaram com os avós, que já tinham muitos netos. Infelizmente na Amazônia jovens tem muitos filhos, que não sabem quem são seus pais e que são criados pelos avós, pelos tios e até vizinhos num círculo incessante. A Universidade do Amor de alguma maneira se esforçava para, sem interferir, educar aquela população, pois era um padrão de repetição comum por toda a região, muito triste para todos.

E assim decorreu um ano de amparo às crianças, e graças ao criador dos universos e galáxias incredivelmente e por enorme competência clínica dos médicos do GRAAC, a Aninha voltou perfeita e com saúde, apenas perdeu um de seus olhinhos, onde foi colocada uma linda prótese de silicone, que nem se percebia.

Quando a criança chegou, a amiga médica de Manaus que acompanhava o caso disse ao peregrino que se a menininha fosse naquele estado ainda frágil para aquele casebre na comunidade, sem nenhuma condição de saneamento e higiene (outra realidade que a universidade se esforçava em atuar) ela iria provavelmente sucumbir devido a baixa imunidade.

Diante disto nosso peregrino fez uma campanha entre amigos e até convidou uma monja famosa para dar uma palestra em Manaus, para angariar recursos para se adquirir uma casinha em Novo Airão para a Aninha, e com muito esforço e graça divina adquiriu a casinha onde a Aninha morou por três meses com sua mãe, os outros irmãozinhos que vieram de suas tias.

Eis que apenas um mês depois o pai reapareceu do nada e quis morar junto na casinha com a sua família, e a mãe inicialmente não permitiu, pois ele a tinha abandonado nas horas mais difíceis, e ele revoltado jurou de morte nosso peregrino, que segundo ele era o causador daquilo.

Uma vez a tia da Aninha chegou ao peregrino e lhe disse: cuidado, o pai da Aninha e meu ex marido estão planejando te matar por raiva desta situação.

Nosso peregrino ficou incrédulo. Queria apenas ajudar, ele não

tinha nada a ver com a situação, mas passou dias difíceis em alerta constante diante do pai e do cunhado que queriam matá-lo.

Enfim muito ORAR E VIGIAR, e eis que a mãe aceitou o pai de volta, o tempo passou e a Aninha foi para sua casinha no interior, e a casinha da Aninha se tornou uma casa espírita em Novo Airão, com até a visita da caravana espírita que conheceu o trabalho da Universidade do Amor, ficando na sede inclusive, no Dharmazônia, e as coisas se acalmaram.

Muito tempo depois a família se mudou de Novo Airão, mas um dia nosso peregrino estava vindo sozinho da sede na voadeira Chico Xavier e parou para abastecer no posto de gasolina, e deu de cara com o cunhado que disse que iria matá-lo, e que tinha uma energia muito mas muito pesada, e no posto ele olhou ao peregrino e lhe disse: você me dá uma carona até o sítio? O peregrino nem sabia o que dizer apenas recusou dizendo que tinha que antes ir a Novo Airão resolver umas coisas.

Quando saiu do posto de gasolina ouviu uma voz dizendo: Pode voltar e oferecer a carona. Ele não acreditou naquilo, mas a voz insistiu e ele acabou voltando e oferecendo incredivelmente a carona, já achando que seria exterminado no caminho.

Durante o trajeto pelo rio Negro, o rapaz algoz lhe disse: O senhor tem bom coração, queria lhe pedir perdão. O cramunhão estava na minha cabeça me atentando para junto com o pai da Aninha lhe assassinar, e quase o fizemos, mas vendo tudo o que o senhor faz não seria justo, e assim o senhor me perdoa?

O Peregrino disse: claro, meu irmão, que te perdoe, e assim a vida seguiu, ficando mais uma linda lição e provação ao peregrino do amor.

MONJA FAMOSA

O peregrino, seguindo conselhos de um amigo, convidou uma monja famosa a dar uma palestra em Manaus.

Num jantar de confraternização a monja queria saber mais do peregrino, sobre o porquê daquilo tudo, e ele apenas sorriu silente quando uma amiga voluntária disse para a monja: ele sempre diz que a Universidade do Amor é a cuia do Buda, o que a senhora acha que isto quer dizer?

A monja olhou com surpresa, fez uma reverência e disse: a cuia do Buda é a oferta preciosa que o Buda Sakyamuni fazia para todos que encontrasse em seu caminho, para que as pessoas praticassem AMOR através da CARIDADE, pois doando a ele, que não precisava, gerava mérito no outro dentro da lei de causa e efeito. Ou seja um ato singelo mas muito profundo que poucos compreendem.

Nosso peregrino assentiu com a colocação da monja e disse: Monja, a Universidade do Amor é e sempre será como a cuia do Buda, e sorriu.

Nosso peregrino, sempre que conhecia estes assim chamados gurus, guias, líderes, palestrantes, enfim, de sucesso e muita fama, percebeu que eles acabavam infelizmente se afastando da essência e se lembrava do seu “guru” eleito, o humilde Chico Xavier, que dizia que em tudo que muito cresce o amor foge, e ele se lembrou dos ensinamentos de Jesus, que nada tinha, nada material, mas tudo espiritual, e sugeriu aos seus discípulos para também nada terem e terem fé que Deus tudo provê, bastando observar os pássaros no céu que tudo tem, e o homem cuja consciência é acima de uma ave, e Deus teria ainda maior cuidado, nada deixando faltar principalmente àqueles de conduta reta e com motivação pura de beneficiar e amparar ao próximo. E assim nosso peregrino, sempre que tinha a oportunidade de conhecer estes “líderes” espirituais famosos que apareciam frequentemente na televisão, compravam terras para mais templos de pedra ou enaltecere seu ego, se lembrava também do pobrezinho de Francisco de Assis, que de pobre não tinha nada, a não ser pela parca visão material, e aprendia com eles como não ser e se manter sempre humilde, muito humilde, distribuindo todo o eventual excesso aos mais carentes e combatendo veemente o seu ego, e assim seguia livre e leve, sorrindo e cantando, tudo tendo sem nada ter.

PREMIAÇÃO

Uma vez nosso peregrino foi agraciado com uma importante premiação de um médium famoso que ele já conhecia. Ele quis recusar, pois não coadunava com pompas, aplausos, luzes, evitando a vaidade, e que os recursos poderiam ser inclusive melhor empregado para ajudar os mais carentes, mas enfim sem julgar, humildemente decidiu aceitar, não para se auto promover ou por pura vaidade, mas sim para oferecer

a oportunidade de todos amarem na Amazônia e principalmente em homenagem a seu pai, pois ele sabia o quão difícil era para seu pai compreender, muito embora o respeitasse, aquele estilo de vida franciscano puro, enquanto seus amigos e parentes exibiam carrões importados e moravam em condomínios de luxo, nosso peregrino andava a pé e de chinelos em sua kombi que fazia cineminhas em orfanatos, asilos e comunidades, e convidada a todos a participarem do banquete do amor. E visitou onde a maravilhosa irmã Dulce ajudava tanta gente, o centro espírita Sheila do amigo Florêncio, pintor que conheceu na Itália que fazia pintura mediúnica (uma vez nosso peregrino deu um curso de medicina espiritual em Milão, onde conheceu Florêncio que estava na Itália coincidentemente, e que generosamente na matéria chamada mediunidade ele demonstrou aos alunos presentes a pintura mediúnica -psicopictografia, de onde ele desenhava obras lindíssimas de vários artistas como Renoir, Modigliani, que nosso peregrino não conhecia, e até Tarsila do Amaral, que ele admirava pelas obras, principalmente pelo Abaporu, que foi inclusive visitar em Buenos Aires, e ganhou de presente dele um destes desenhos da Tarsila). E tal fenômeno mediúnico impressionou a todos, principalmente quando um dos espíritos olhou a todos e disse: A única motivação e objetivo esta demonstração é mostrar a vocês que não existe morte e que a vida continua aqui do lado espiritual, e se lembrou da linda prosa de Santo Agostinho que dizia assim, e que sempre compartilhava a todos quando perdiam um ente querido:

A morte não é nada (Santo Agostinho)

“A morte não é nada.

Eu somente passei
para o outro lado do Caminho.

Eu sou eu, vocês são vocês.

O que eu era para vocês,
eu continuarei sendo.

Me dêem o nome
que vocês sempre me deram,
falem comigo

como vocês sempre fizeram.

Vocês continuam vivendo
no mundo das criaturas,

eu estou vivendo
no mundo do Criador.
Não utilizem um tom solene
ou triste, continuem a rir
daquilo que nos fazia rir juntos.
Rezem, sorriam, pensem em mim.
Rezem por mim.
Que meu nome seja pronunciado
como sempre foi,
sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
ou tristeza.
A vida significa tudo
o que ela sempre significou,
o fio não foi cortado.
Porque eu estaria fora
de seus pensamentos,
agora que estou apenas fora
de suas vistas?
Eu não estou longe,
apenas estou
do outro lado do Caminho...
Você que aí ficou, siga em frente,
a vida continua, linda e bela
como sempre foi.”

Santo Agostinho

e neste médium famoso recebeu um recado assim indiretamente: O que é o corpo físico para a espiritualidade amiga? E com isto se deu conta de que às vezes buscamos em corpos físicos efêmeros e transitórios parceiros e companheiros pautados na beleza física, mas que era muito fugaz e frágil tal busca, e começou a aprender a buscar o tão almejado puro amor muito além da mera beleza física.

Pois bem aceitou e levou a premiação e se divertiu muito sorrindo e cantando, e entregou o prêmio a seu pai lhe agradecendo a tudo que ele tinha dado e que muito embora ele não morasse num condomínio de luxo ou tivesse um carrão importado, que outrora tivera e nada a

ele agregou espiritualmente, a não ser o mero conforto físico, ele estava muito feliz pelo que ele era atualmente, e se lembrou do ensinamento de Paulo de Tarso, que você poderia doar tudo que tivesse mas se não tivesse amor no coração de nada adiantaria. E ele tinha muito amor no seu coração, e que aplausos, elogios e pompas para ele não tinham valor nenhum e seguia humilde e sempre repetia para si os oitos versos que transformam a mente budista que diz :

Os 8 versos que Transformam a Mente

1. Com a determinação de alcançar
O bem supremo em benefício de todos os seres sencientes,
Mais preciosos do que uma joia mágica que realiza desejos,
Vou aprender a prezá-los e estimá-los no mais alto grau.
2. Sempre que estiver na companhia de outras pessoas, vou aprender
A pensar em minha pessoa como a mais insignificante dentre elas,
E, com todo respeito, considerá-las supremas,
Do fundo do meu coração.
3. Em todos os meus atos, vou aprender a examinar a minha mente
E, sempre que surgir uma emoção negativa,
Pondo em risco a mim mesmo e aos outros,
Vou, com firmeza, enfrentá-la e evitá-la.
4. Vou prezar os seres que têm natureza perversa
E aqueles sobre os quais pesam fortes negatividades e sofrimentos,
Como se eu tivesse encontrado um tesouro precioso,
Muito difícil de achar.
5. Quando os outros, por inveja, maltratarem a minha pessoa,
Ou a insultarem e caluniarem,
Vou aprender a aceitar a derrota,
E a eles oferecer a vitória.
6. Quando alguém a quem ajudei com grande esperança
Magoar ou ferir a minha pessoa, mesmo sem motivo,
Vou aprender a ver essa outra pessoa
Como um excelente guia espiritual.

7. Em suma, vou aprender a oferecer a todos, sem exceção,
Toda a ajuda e felicidade, por meios diretos e indiretos,
E a tomar sobre mim, em sigilo,
Todos os males e sofrimentos daqueles que foram minhas
mães.
8. Vou aprender a manter estas práticas
Isentas das máculas das oito preocupações mundanas,
E, ao compreender todos os fenômenos como ilusórios,
Serei libertado da escravidão do apego.

As 8 preocupações mundanas são:

1. Querer ser elogiado
2. Não querer ser criticado
3. Querer prazer
4. Não querer dor
5. Querer ganhar
6. Não querer perder
7. Querer ser reconhecido
8. Não querer ser ignorado

MEDIUNIDADE

Seguindo em dias seguidos de intenso trabalho, sem cessar, nosso peregrino começou a perceber fenômenos mediúnicos de várias maneiras em si.

Uma vez viu surgir do nada um recado escrito em caneta na porta do seu quartinho de madeira na sede, que dizia assim: Que Deus abençoe o senhor ajudando os ribeirinhos.

Os fenômenos espíritas mediúnicos na Índia são chamados de sidhis, mas ele não estava sabendo o que estava acontecendo, pois não se estudava muito sobre mediunidade nos ensinamentos indianos em que estava imerso, se sentia confuso, mas seguia.

Entretanto uma vez foi forte e intenso um fenômeno, pois estava em seu quarto quando era noitinha e foi atacado por espíritos muito doentes, aborrecidos pela luz, e ele os viu numa falange de vários que apareceram do nada, e fortemente o questionaram quem ele era? Buda, Jesus? E ele não compreendendo aquilo fugiu do quarto, mas deu al-

guns passos e percebeu que o espaço físico pouco importava e eles o seguiriam aonde fosse, e decidiu então voltar ao quarto e encarar este fenômeno destes espíritos, e lembrou dos livros espíritas que a amiga de Manaus o havia presenteado e que estavam no quarto. Pegou um deles, abriu aleatoriamente uma página e leu em voz alta o que ali estava, era uma oração que fez os espíritos se retirarem e ele conseguir dormir.

Aquele evento marcou nosso peregrino, que foi atrás dos amigos espíritas de Manaus, e contando o que havia ocorrido entre outros fatos, foi convidado e estudar mediunidade numa casa espírita em Manaus, onde conheceu duas pessoas que seriam como oráculos e irmãos, a Senhora Mesulan e seu filho Jefferson, ambos estudiosos e trabalhadores do espiritismo, que orientaram o nosso peregrino, o novo neófito espírita, e assim começou a entender o que estava ocorrendo com ele. E assim, seguindo já o recado recebido pelo senhor tempos atrás, começou a estudar a maravilhosa e fantástica literatura espírita que o instruíra e fascinava, e doravante iria nortear o trabalho feito, auxiliado imensamente pela mediunidade de mãe e filho, que sempre lhe davam os recados necessários para o trabalho feito por ele, que segundo os mesmos foi um próprio compromisso do nosso peregrino com a espiritualidade maior. E toda vez que queria abandonar o trabalho, devido a ataques, incompreensões, indiferenças, inveja, era orientado pelos espíritos que diziam a ele: AME MAIS, EXISTEM MUITOS VÉUS DE IGNORÂNCIA AINDA NOS TEUS IRMÃOS, PELO EXEMPLO NO TRABALHO INCESSANTE A CARIDADE, PLANTE A SEMENTE DO AMOR EM TI E NOS AO TEU REDOR.

E assim se aprofundou nos estudos maravilhosos da doutrina espírita, que o transformariam, e como havia aprendido com os Budistas que o budismo é perfeito, mas não os budistas, compreendeu que o espiritismo é perfeito, mas irmãos espíritas não eram perfeitos, ao contrário, eram os que mais precisavam.

VISÕES E RECADOS DOS IRMÃOS ESPÍRITAS

Depois que começou a se aprofundar no estudo da religião dos espíritos do amor cósmico universal, chamado na terra de espiritismo, nosso peregrino começou a peregrinar por vários centros espíritas por todo Brasil, e mergulhou na biografia de Chico Xavier, e quanto mais

sabia de suas histórias, mais ficava fascinado.

Compreendeu a necessidade de se frequentar as casas espíritas, e se conectava sempre com o CORPO ESPIRITUAL da casa e não com os irmãos assim chamados dirigentes, que eram humanos, demasiadamente humanos, mas o corpo espiritual era lindo e aprendeu que era para seu trabalho receber passes e encaminhar os aborrecidos da luz que queriam atrapalhar a Universidade do Amor para serem tratados.

Estes espíritos doentes sempre aprontavam e atacavam principalmente as pessoas ao redor de nosso peregrino para desestabilizá-lo, tentando impedir o trabalho, e assim foi compreendendo o lado B da força e o porquê disto neste planeta tão lindo, mas tão primitivo.

Uma vez sofreu um ataque tão forte que o atordoou, ficando meses em constantes ataques espirituais das mais variadas espécies, jogou livros espirituais fora quando estava sozinho do Joia Rara, vozes que o atormentavam e incutiam medo tentando o intimidar e afastar de seu caminho e do lindo e transformador trabalho da Universidade do Amor, colocavam mil obstáculos, influenciavam pessoas ao seu redor para denegri-lo, roubá-lo, ameaçá-lo mas ele seguia forte com muito amor no coração pois sabia que aqueles espíritos eram irmãos aborrecidos da luz.

Um dia caminhando na praia em Ubatuba e não mais suportando aqueles ataques e não mais sabendo o que fazer, ele pediu ajuda humilde e profunda e ouviu uma frase do plano espiritual, sentido que era de Francisco de Assis que lhe disse amorosamente: Peregrino das estrelas, somos TODOS IRMÃOS e AME A TODOS OS IRMÃOS, MESMO OS ALGOZES.

E compreendeu que ele estava relutante e com receio daqueles ataques e naquela sintonia de baixa vibração, e quando percebeu que eram apenas irmãos muito doentes mesmo lhes fez um convite, e começaria assim a convidar a todos desta maneira: meus irmãos amados, porque ao invés de me atacar vocês não vem me ajudar, aproveitando a enorme oportunidade de resgate cármico para todos nós ousando amar?

E Assim se dissipou aquela nuvem negra e toda vez que nosso peregrino se sintonizava com o medo, que é a falta de amor por influência dos aborrecidos da luz, ele amorosamente como um irmão verdadeiro os convidava a participar do banquete do amor que a Universidade do Amor oferecia e oferece a todos, sem exceção, e melhor compreendeu

o que ocorria com ele e os mais próximos ao seu redor quando leu o livro: aconteceu na casa espírita onde narra os eventos dos aborrecidos da luz contra movimentos puros e verdadeiros, e assim seguiu orando e vigiando e tinha sempre como bússola nos momentos mais difíceis o maravilhoso livreto chamado Fonte viva, que distribuía gratuitamente aos voluntários da Universidade do Amor para que tivessem também o amparo em caso de sofrimento e necessidade.

Mesulan, uma senhora que tinha conexão muito profunda com ele e que era uma excelente médium, mãe de seu também amigo médium Jefferson, ambos foram importantes instrumentos dos quais nosso peregrino recebia muitos recados e orientações, apesar dele mesmo os receber, mas era para ele aprender que os espíritos se comunicam com todos sem exceção de várias formas, seja por outros, seja diretamente, seja num sonho, seja num fenômeno da natureza como um arco íris, um vento, pelos animais e também por recados de textos e números que iam dando a ele a indicação do caminho a seguir, apesar do seu livre arbítrio.

Uma vez na sede, Mesulan lhe disse: este local será um ponto de luz para muitas pessoas, inclusive estrangeiros, virem aqui e sentirem a energia que move universos e galáxias: o Amor.

Uma outra espírita disse: eu vejo esta sede como um local puro onde no plano espiritual tudo é feito de cristal.

Sua amiga que lhe deu os livros espíritas inicialmente que havia sonhado com ele disse: eu vejo que o mentor deste trabalho é um índio muito evoluído e tem uma túnica típica indiana, e que acompanha seus passos, peregrino, e organiza tudo o que virá a ser isto aqui.

Outro lhe disse: você nesta vida muito embora seja de fora, não é de fora, você é filho do rio Negro.

Querendo sempre abandonar tudo devido as enormes dificuldades e adversidades inenarráveis, sempre recebeu os seguintes recados:

...Este foi seu compromisso antes de reencarnar, vai fugir para onde? Você assinou no livro da vida.

...Você foi um índio muito guerreiro e famoso nestas terras, a avenida principal deste povoado chamado Novo Airão remete a quem eras, lembra? E leu o nome da avenida enquanto ambos caminhavam, e assim teve acesso a identidade de sua vida passada naquele local, Aju-ricaba, e entendendo isto doravante, aproveite a maravilhosa oportuni-

dade da sua redenção e não entregue sem lutar, no amor, guerreiro do arco-íris.

.. Você está amparado pelos espíritos mais puros para este trabalho, mas você não é especial e nem escolhido, ninguém o é, mas com uma forte e pura motivação de se verdadeiramente praticar o bem, qualquer espírito encarnado será amparado.

E um dia peregrinando no trabalho em Manaus, a caminho da casa espírita onde se esforçava para estudar mediunidade, escutou esta canção e compreendeu que era relacionado a si de alguma forma:

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do Hemisfério Sul, na América, num claro instante

Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias

Virá

Impávido que nem Muhammad Ali

Virá que eu vi

Apaixonadamente como Peri

Virá que eu vi

Tranquilo e infalível como Bruce Lee

Virá que eu vi

O axé do afoxé Filhos de Gandhi

Virá

Um índio preservado em pleno corpo físico

Em todo sólido, todo gás e todo líquido

Em átomos, palavras, alma, cor

Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico

Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico

Do objeto-sim resplandecente descerá o índio

E as coisas que eu sei que ele dirá, fará

Não sei dizer assim de um modo explícito
Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá
E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio

e também esta que relembra de quem foi na barra do rio Negro,
atual Manaus em 1728 quando desencarnou:

Pavor!
Temor!
Carrancas e feras de madeiras
Rasgaram as águas do grande rio-mar
Mas os monstros não eram anhangueras
Nem mesmo as caravelas
Mas o desbravador
Que trouxe a ordem lusitana
A ferro, fogo e chamas
O kariwa invasor
Uma guerra injusta deflagrou nesse chão
Em combate a bravura de um líder da grande nação
Manaó!
Que resistiu à prisão
Liberdade, o bem maior contra a dominação
Manaó!

Que resistiu à prisão
Liberdade, o bem maior contra a dominação
Eu prefiro a morte do que a escravidão
Esta terra é minha, esta terra é nossa
Me lanço no encontro das águas
Me recebam, ó seres encantados dos rios
Para minha imortalização
Ajuricaba sou eu
Ajuricaba é a selva
Ajuricaba é meu rio
E a resistência eterna

Uma vez nosso peregrino também recebeu uma comunicação de um dos dirigentes da federação espírita do Amazonas que lhe disse: Você terá no futuro um barco e uma sede. Ambos serão como verdadeiras casas espíritas sem dizer que as são, sendo pontos de luz para todos, e posteriormente recebeu outra comunicação de Jefferson com sua mediunidade que lhe disse: você terá a missão de como um comandante, levar as pessoas a bordo de seu barco a se reencontrarem com Deus e seguirem um verdadeiro e puro caminho espiritual, e escutava o que ouvia e sem criar nenhuma expectativa, apenas trabalhava.

Uma vez com o Jefferson, nosso peregrino retornou depois de muitos anos na comunidade indígena Guarani para oferecer uma oficina de energia solar para os jovens de lá, e depois a noite foram convidados para participar de uma cerimônia de cura com o pajé que vinha de longe para cuidar da aldeia, e assim ficaram pela noite em que foi sensacional e extremamente espiritual todo o trabalho, e isto fascinava o peregrino e o Jeff, como os indígenas tinham um vasto e enorme conhecimento da espiritualidade e mediunidade.

TEMPESTADES AMAZÔNICAS

Nosso peregrino passou por inúmeras tempestades na Amazônia. A primeira foi logo no começo quando comprou o terreno - o professor que o vendeu emprestou a sua voadeira, que era enorme, para ele ir começando a construção da sede, e ele foi inúmeras vezes levando material, sempre sozinho, e numa desta ocorreu uma tempestade tão grande e chegou de repente que ele pensou que a voadeira iria afundar, pois alagou, e as ondas eram enormes, um vento que impedia o motor de avançar, e não via um palmo na frente do nariz. E ali nosso peregrino ainda rebeldinho começou a gritar contra a tempestade a desafiando, como se fosse possível, e no fim teve a benção de não afundar ali mesmo, e foi jogado do outro lado da margem num ponto muito distante.

Outra vez era um domingo e já tinha a voadeira Chico Xavier, e decidiu a noite ir para a pequena cidade, e quando estava no meio do rio em altíssima velocidade pensou que tinha visto uma canoa de madeira pequena vindo no sentido contrário, e para não colidir com ela virou bruscamente para o lado, e na violência da velocidade foi arremessado longe da voadeira dentro do rio, e perdeu seus óculos de imediato, e como num filme a voadeira começou a girar em círculos e veio para cima dele duas vezes, e teve que afundar bem profundo para não ser retalhado pela hélice do motor, até que era virou de vez e começou boiar de ponta cabeça.

Nosso peregrino, desolado e naufrago, viu que na verdade não era uma canoa mas sim uma toceira de mato, que dava a forma de uma canoa, e ali mesmo ele ficou em cima de uma pequenina árvore.

Acalmou a mente e ali sentiu que passaria toda a noite pois ainda eram umas oito horas, e começou a ouvir ruídos pensando que era jacarés, mas na verdade eram botos que ficaram ao seu lado, percebendo talvez a necessidade dele e ali fez o que lhe restou, orou, pediu, para Guru Rinponche principalmente, que se ele tivesse algum mérito, que não gostaria de passar a noite ali.

Algum tempo depois viu uma canoa de madeira passando um pouco distante de onde estava e começou a gritar por ajuda, mas incrivelmente a canoa não parou e ia seguindo, e ele então deu um grito tão forte (que ficou dias sem voz) que a canoa veio em sua direção, e havia

um senhor e um menino que gentilmente o socorreram e o levaram a Novo Airão, e eles disseram ao nosso peregrino que não haviam parado porque pensaram que era um espírito que ali estava e ficaram como medo, mas o menino falou ao pai que sentiu que era para eles irem ajudar, ainda bem.

Nosso peregrino neste domingo ficou desolado, dormiu numa pousadinha e assim num estado indescritível perguntou a si mesmo o que estava fazendo.

Porque havia abandonado tudo?

Porque aquele extremo?

Estaria ele no caminho certo?

Estaria ele louco?

Ele não queria provar nada a ninguém, simplesmente queria tri-lhar o puro e verdadeiro caminho espiritual ensinado pelos espíritos mais elevados, o assim chamado Puro Dharma.

Mas teria que passar por tudo aquilo mesmo? Provações sem fim?

E meditou profundamente e com uma forte e inexplicável motivação sentiu no fundo do seu coração que estava no caminho certo, se lembrou de um diálogo que tinha tido com uma psicóloga espírita que tinha ido visitá-lo nos pequenos retiros de meditação. Ele perguntou neste dia a ela se ele seria considerado um louco e ela lhe respondeu: Peregrino, quando você estiver neste trabalho, somente você sem mais ninguém, você será considerado louco, mas se tiver apenas mais alguém do seu lado, está tudo bem. E assim refletiu que muitas pessoas já o apoiavam de alguma maneira, em pequenas doações, em apoio, em trabalho, enfim não estava só, muito embora naquele momento de questionamento profundo se sentisse como se sentiria muitas vezes em toda sua vida e não apenas ali, pois se questionava o porquê das pessoas roubarem, matarem, não se importarem com crianças sem teto para dormir, seria somente ele a ver desta maneira? Mas não compreendeu que muita gente pensava e via a vida como ele, apenas estavam presas no status quo, na ilusão, e que eram completamente dominados pelo medo e que a chave da libertação deste medo que assola a todos e a ele mesmo, sem exceção, seria o AMOR.

E assim no outro dia juntou seus frangalhos e seguiu praticando caridade incessantemente.

Numa expedição uma vez haviam dois psicólogos que conversaram entre si do lado do peregrino rindo entre si e lhe disseram: o que você faz é maravilhoso e tentamos te encaixar em algum perfil e você não encaixa em nenhum, e ele então riu da constatação e seguiu adiante com muita alegria.

Anos depois deste fato, atendendo com os voluntários numa comunidade distante, uma professora lhe disse: peregrino, tem uma criança que está com muita dor de dente mas mora distante e não tem como vir aqui, teria como ir buscá-la?

O peregrino não pensou duas vezes, pegou a voadeira Chico Xavier, a mesma que ele virou naquela fatídica noite, e foi em busca da criança e a levou ao tratamento dentário no Barco Joia Rara.

Depois no final quando o menino já não tinha dor de dente e estava muito feliz e aliviado, antes de nosso peregrino levar o menino de volta à sua casa, o menino olhou para ele e deu um abraço e disse: O senhor não se lembra de mim né? E ele disse, não, meu querido. E o menino: eu fui aquele menino que lhe salvou naquela noite que sua voadeira estava alagada, e nosso peregrino não acreditou, e não se conteve de emoção e lágrimas, e levou o menino e foi encontrar e agradecer também o pai.

Nosso peregrino ali estava começando a aprender a ter fé, e que realmente os ensinamentos espirituais mais elevados funcionam, mas é preciso determinação, uma forte determinação, e amor no coração.

SONHOS

E assim nosso peregrino continuou sua jornada, finais de semana recebendo alguns alunos médicos e outros de Manaus, durante a semana com a voadeira Chico Xavier visita as famílias e comunidades carentes, quartas-feiras ensinava meditação e o dharma, e aprendia mediunidade e estudava profundamente os Vedas e o espiritismo.

Visitava várias casas espíritas em Manaus, bem como um centro budista e da consciência de Khrisna, e compreendia cada vez mais o trabalho.

Percebeu que muitos voluntários iam, mas não se conectavam com o trabalho, e não compreendia, porque as pessoas iam apenas uma

vez e pronto, não continuavam a contribuir naqueles locais tão precários, mas ficava muito feliz que ao menos alguns bem poucos o apoiavam e ficavam por um certo tempo, e entendeu que cada um tem seu tempo, sua necessidade e principalmente sua consciência, e foi se acostumando com isto, neste entrar e sair de voluntários.

Aspirando conseguir mais voluntários, pois as demandas eram enormes, nosso peregrino fez várias parcerias com outras instituições, mas se deparou com enormes problemas, que quase ocasionaram o término do trabalho diante de tanta provação, pois estes parceiros, ao invés de quererem realmente ajudar, apenas tinham outros interesses, com fins econômicos e de se ter visibilidade e notoriedade em mídias, entre outros, contrário à diretriz da universidade e das leis espirituais mais elevadas, e muitos ainda ao invés de ajudar ali os que tanto necessitavam, criavam suas próprias instituições que o abalavam profundamente, por não entender o porquê das pessoas participarem. Mas foi pouco a pouco aprendendo a duras penas que estas pessoas e instituições em verdade eram irmãos queridos mas muito doentes ainda da vaidade que assola a humanidade, e aprendeu com eles, assim como havia aprendido com os assim chamados mestres e professores espirituais, a como não ser.

Ouviu de um amigo que lhe disse: Peregrino, o que você pede das pessoas é muito difícil (amar incondicionalmente sem esperar nada em troca) e ele respondeu: sim, a porta é estreita mas é possível, e a Universidade do Amor será sempre assim. E outra amiga, uma vez que foi convidado a ir a Bali, e estava prestes a abandonar verdadeiramente tudo por uma parceria, por motivos econômicos e vaidosos, quando acabaram com o lindo trabalho lhe disse, como uma mensageira dos espíritos: Peregrino, a culpa é sua, você faz parcerias com estes irmãos doentes ainda porque sua fé ainda não está consolidada. Se tiver verdadeiramente fé, verá que não precisas deste tipo de parceria. E ouviu de uma amiga dizendo: não se preocupe, num futuro estas pessoas que assim ainda agem um dia irão lembrar e compreender que a verdadeira caridade é um presente para quem doa e não apenas ao que recebe.

Estava nosso peregrino em Manaus numa noite sozinho, em suas mil divagações e questionamentos e se perguntando porque a hipocrisia, mesmo em movimentos sociais, de algumas pessoas, e ali num telão passou um programa famoso na televisão, onde um destes parceiros

mostrava a ação social feita, expondo a fragilidade das pessoas e enaltecendo seus egos e os espíritos lhe perguntaram: era isto que você queria? Se enaltecer, aparecer na televisão.

E ele humildemente compreendeu e claramente não queria aquilo, nem exposição de si e muito menos da Universidade e das pessoas carentes que são exploradas sempre, até nestes atos, e lembrou do maravilhoso ensinamento de Jesus: que a mão esquerda não saiba o que doa a direita.

E tinha dúvidas ainda de como conseguir doadores e voluntários sem exposição e foi mais uma vez orientado pelos espíritos: ofereça a todos a oportunidade de amar pela caridade sem expor, apenas ofereça e não se torne o executivo da caridade, a universidade não se trata disto.

E lembrou mais uma vez da CUIA DO BUDA, que seria o que a Universidade teria de ser sempre, pois o Buda, quando se iluminou, por onde passava oferecia sua cuia, pedindo comida a todos que encontrava. Na verdade o Buda não precisava daquilo, mas ele oferecia sempre a todos sem exceção porque o Buda sabia que pelas leis que move universos e galáxias, as leis divinas universais, é dando que se recebe, pela lei de causa e efeito, e oferecer a oportunidade as pessoas de doarem surtirá efeitos maravilhosos no doador, lindos méritos, e assim compreendeu nosso peregrino que a Universidade do Amor seria sempre como a cuia do buda, oferecendo a todos a oportunidade de se amar.

BALI

Esta ilha distante na Indonésia impressionou nosso peregrino, não pelas belezas cênicas e paradisíacas praias, porque no Brasil as praias são exuberantes, mas pela espiritualidade.

Se sente por onde se passa nesta ilha a presença e harmonia espiritual, porque todos os moradores estão em constante oração e isto fascinou nosso peregrino, e claro com as maravilhosas danças de movimentos corpóreos e de mãos inacreditáveis.

E ali nesta ilha recebeu este recado através de sua amiga: TENHA FÉ PEREGRINO, DEUS TUDO VÊ E PROVÊ.

E assim ficou cuidadoso em parcerias, estando aberto claro, mas com parcerias verdadeiras com pessoas verdadeiras, aliás o que nosso

peregrino sempre quis na Universidade do Amor era encontrar pessoas verdadeiras, pois a verdade nos liberta a todos.

Uma vez estava nosso peregrino naquele bairro carente de Novo Airão, e encontrou uma família indígena que havia invadido o assim chamado bairro do alemão.

Nosso peregrino perguntou à mãe indígena se ela precisava de alguma ajuda e ela disse que tinha uma linda menina pré-adolescente com deficiência física, que o peregrino foi visitar, e a mãe então pediu uma cadeira de rodas, pois a menina caminhava no chão.

Ele disse que veria o que era possível e apenas se despediu e andou alguns passos saindo da casa, seu telefone tocou, o que era raro pois nem ele atendia muito telefone, e muito menos ali onde o sinal era péssimo. Era uma senhora chamada Shirley, que se apresentou e disse que havia ouvido falar da Universidade do Amor e gostaria de contribuir de alguma maneira, e nosso peregrino respondeu: olha eu acabei de sair de uma casa aqui em que precisam de uma cadeiras de rodas, e a senhora disse sem titubear: eu compro e doarei a cadeira de rodas.

Este ato assim tão imediato apenas reforçou que o trabalho estava sendo orientado e amparado pelo plano espiritual e que aquilo era apenas para nosso peregrino ir adquirindo a fé raciocinada e ir perdendo o receio da escassez, pois numa pura e verdadeira motivação e ação no bem, Deus nunca deixa de amparar.

Neste bairro tão carente nosso peregrino por anos levou várias ações de saúde, trabalho, horta, fábrica de pães, de kit solares, e criou um sopão solidário amparando de alguma maneira as pessoas ali, que quisessem obviamente, e contratava as pessoas ali, principalmente as mães com inúmeros filhos, para atuarem nas expedições da Universidade do Amor.

Uma vez uma destas mães, por extrema carência furtou talheres do barco numa expedição, mas nosso peregrino começando a seguir os ensinamentos de Jesus, compreendeu a extrema necessidade, muito embora o ato geraria consequências à mãezinha. E para dirimir seu karma, ele como forma de ensinar o amor, e inspirado pelos espíritos elevados, sabendo do fato, ao invés de recriminá-la ou denunciá-la, levou-lhe posteriormente um lindo jogo de talheres de presente, para que ela compreendesse que a miséria está pautada nas ações, e para sairmos delas

precisamos vibrar no amor, e atos assim poderiam inspirar as pessoas a reconsiderarem suas atitudes.

INCORPORAÇÃO NO JOIA RARA

Em uma expedição bem distante nas proximidades do lindo rio Jaú, nosso peregrino estava trabalhando muito e muito cansado, e com o extremo calor e com as dificuldades não via a hora de terminar o atendimento que estava se prolongando e durando o dia todo.

Veio uma senhora que queria lhe falar algo e ele com educação disse: minha senhora na próxima vez que voltar eu falo com a senhora, estou muito ocupado e cansado hoje e se retirou.

Mas envolto numa energia inexplicável no mesmo momento em que se retirava, deu meia volta, se sentou ao lado da senhora e educadamente perguntou: me perdoe, mas o que a senhora necessita mesmo?

E a senhora muito emocionada pediu um remédio urgente que necessitava, e nosso peregrino providenciaria, e sua amiga que estava ao seu lado, chamado Luciana, percebendo isto disse depois: peregrino, o que aconteceu? Não parecia você ali, e ele disse eu também não sei, só sei que fui de alguma sorte incorporado para atender esta senhora. E assim compreendeu que o trabalho era altamente espiritual e que ele meramente era um instrumento dos espíritos na prática da pura caridade, e aprendeu na prática que a sua e qualquer mediunidade, seja qual ela for, somente tem um propósito: servir ao próximo, sem esperar nem pedir absolutamente nada em troca.

RECADO DE JESUS

Nosso peregrino durante a semana ia sempre com a voadeira Chico Xavier visitar as famílias que moravam em sítios distantes e isolados, e ficava muito triste com aquela situação tão precária. E quando levava algo a eles quando precisavam: roupas, remédios, instrumentos de trabalho e até comida quando a situação era extrema, pois não queria criar dependência mas sim propiciar às pessoas sua independência e autonomia, ironicamente olhava e dirigia seus pensamentos aos céus dizendo: Bem, aqui é a terra de Jesus, todo mundo ama Jesus, aqui só

se fala em nome de Jesus, e então estas ações que faço são um presente para Jesus.

E assim o fez inúmeras vezes, neste pensamento irônico, mas seguia trabalhando sem cessar, servindo.

Uma vez na páscoa levou alguns ovos de páscoa às crianças que nunca tinham recebido um, e quando voltou à cidadezinha no meio de um temporal, chorou muito, e contrariado gritou aos céus: por que esta pobreza? Esta exploração? Mas enfim, este é um presente de páscoa para Jesus.

Lembrou de um diálogo que teve na sede com um espírita que era médico e que ajudou no diagnóstico de um menino chamado EMANUEL (Deus conosco) de criptorquidia, que anos depois faria a devida operação, que lhe perguntou: Peregrino o que você acha que Deus espera de você?

Nosso peregrino disse que não sabia, mas o médico lhe disse que possivelmente Deus espera exatamente aquilo que ele estava fazendo. Mas ainda nosso peregrino não compreendia a Deus da maneira humana, um Deus que pune, um Deus que condena, um Deus que desampara crianças, que permite guerra, e então ele não acreditava neste Deus. E muito embora ele soubesse que existe uma inexplicável fonte primordial de onde surgem todos os fenômenos, este Deus concebido e temido pelos homens não existia.

Mas com o tempo e aos pouco foi compreendendo que todo efeito tem uma causa, que ele mesmo como ser, a natureza, o universo e todos os fenômenos surgem de uma causa, e sentiu assim esta energia em tudo que o cercava e assim não compreendeu a Deus, ele o sentiu.

Muito tempo depois destes irônicos pensamentos dirigido a Jesus, uma vez nosso peregrino levou um grupo de estudantes para as expedições que eles tanto amavam, sendo um dia lindo, de muita alegria a todos os participantes, e no final de expedição uma linda mocinha lhe deu uma cartinha que ele guardou e apenas abriu e leu quando deixou as crianças nas suas casas, e retornando sozinho à sede muito feliz, finalmente abriu que estava escrito: Muito obrigada, Peregrino, por este dia inesquecível. Todas as crianças adoraram, mas nunca se esqueça peregrino, que nós somos um presente de Jesus para você.

Ali nosso peregrino caiu em si, e percebeu que em verdade aquele trabalho não era ele ofertando a Jesus algo, mas sim Jesus lhe dando a

rara, única e preciosa oportunidade de neste planetinha tão lindo, mas tão primitivo, praticar a verdadeira caridade, o puro dharma e seu evangelho de luz.

Uma vez encontrou um pastor novo que um amigo havia lhe apresentado e nosso peregrino disse a ele: bem vindo a Carfanaum do século XXI, se referindo aos vilarejos que Jesus percorreu, e que ali tinham a mesma condição, e começou nosso peregrino assim a compreender a grandiosidade de Jesus, não pelas palavras dos homens, mas sim pela experiência direta, pois quando mais praticava caridade, perdão, compreensão e compaixão, mais se sentia próximo ao mestre do amor.

Os encontros com os pastores na Amazônia eram amorosos, mas nosso peregrino tentava mostrar a eles que Jesus não queria templos de pedras ou louvores sem sentido, mas sim mais caridade e amparo ao próximo.

Uma vez foi convidado por um amigo a visitar umas destas igrejas assim chamadas evangélicas, pois era o dia do amigo, e ele humildemente foi, e quando lá chegou viu no telão da igreja um vídeo que mostrava a vida de um jovem no interior da Indonésia com muita carência e dificuldade, e solicitava dízimo para ajudar esta criança. Ali naquele momento ele compreendeu como funciona estas igrejas arrecadando estes dízimos por todo o mundo, e se questionou internamente por que aquelas pessoas ali não ajudavam as pessoas ao seu redor que em Novo Airão eram muito mais carentes que as da Indonésia? Por que as pessoas não viam o que ele via e sentia? E se questionou por que muitos brasileiros vão se voluntariar na distante e claro carente África e adotam crianças de lá e não do Brasil, que tanto necessitava também? Questionamentos sem fim, e iria aos poucos aprendendo a não julgar e fazer a sua parte, e compreender o livre arbítrio de cada um, muito embora de alguma maneira as pessoas estivessem ajudando.

Uma outra vez um senhor evangélico também lhe disse: peregrino, seu trabalho é lindo, mas evocar os mortos é pecado e contrário as leis de Deus que estão na bíblia.

Quis argumentar nosso peregrino que ele seguia o NOVO TESTAMENTO, e que o VELHO TESTAMENTO era velho e que Jesus veio para reformá-lo, em verdade dizendo que DEUS NÃO PUNE ninguém, tudo é consequência cármica de nossos atos, mas ciente da enorme

ignorância destas pessoas, muito embora até com boa intenção, preferiu apenas dizer: meu irmão, o velho testamento é o torá judaico, eu sigo apenas tão somente o evangelho do Cristo, e desconsidero o anterior, que tem muitas passagens contraditórias aos ensinamentos de Jesus, muito embora algumas lindas também. E assim, como podia, com muito amor, levava esta mensagem das pessoas não levarem a ferro e fogo os ensinamentos do velho testamentos, que em muitas passagens há enormes equívocos e contradições, e seguir aquelas em conformidade com os ensinamentos de Jesus.

Mas sabia o que o extremismo religioso poderia provocar e respeitava a opinião de todos, mas discordava de apedrejar mulheres ou as considerarem submissas ao homem, ou sábado santo, e assim humildemente pediu para Jesus em prece para ele se tornar seu discípulo puro e verdadeiro, ensinando estes irmãos equivocados de tais preceitos sem sentido pelas costas, ou seja, pelo exemplo, no incessante trabalho do amor, e assim se tornou um aprendiz do mestre do amor, se esforçando para praticar seus maravilhosos e profundos ensinamentos, amparando e educando, e sempre repetia a si mesmo a frase de Madre Teresa de Calcutá: Mais valem as mãos que ajudam do que os lábios que rezam.

PERIFERIA E ESCOLA EM MANAUS

Manaus tinha muitos alunos, mas poucos iam a Novo Airão, e mais raros os que iam mais de uma vez, assim nosso peregrino pensou que se começasse a atuar na periferia de Manaus, e estivesse mais presente ali, talvez angariasse mais pessoas para ajudar o interior do Amazonas. E assim o fez, abriu uma pequena escola de meditação em Manaus e começou também a ajudar a enorme e extremamente carente periferia de Manaus, numa invasão de várias etnias indígenas.

Foi uma experiência dura e muito difícil, os alunos iam meditar e estudar o dharma mas era muito difícil as pessoas irem ajudar as outras pessoas, alguns raros, e aí nosso peregrino percebeu o outro maior problema da humanidade além da vaidade, o egoísmo.

ENSINANDO UM PACIENTE DE E.L.A (ESCLEROSE) A MEDITAR

Quando estava oferecendo aulas de meditação em Manaus nosso peregrino foi convidado a participar de uma pesquisa de um aparelho em que através da mente seria possível estabelecer comunicação com um computador, para pacientes em estágio avançado de ELA, que é uma terrível esclerose que afeta o sistema nervoso de forma degenerativa, resultando em completa paralisia motora.

E assim com um paciente que estava há anos internado em Manaus com ELA avançada, que somente mexia os olhos, nosso peregrino lá foi para ensinar o paciente a meditar, para ser capaz de utilizar o aparelho para poder se comunicar com textos no computador.

Era uma doença terrível que deixou nosso peregrino muito triste, mas ia lá com o paciente, e acabaram se tornando íntimos mesmo sem dialogar, somente pelo olhar.

Não obteve sucesso, nem o aparelho nem nas aulas, e assim desistiu e foi se despedir do paciente, e quando estava na sala, entrou a sua esposa e o peregrino quis sair, mas a esposa disse para ele ficar.

E assim o paciente e a esposa estavam através de um abecedário no papel se comunicando para decidir o que fazer com o aluguel de vários imóveis que eles tinham, e precisam da permissão do paciente em alguns detalhes.

Foi quando a surpresa de nosso peregrino em ver que mesmo naquela situação totalmente imobilizado, apenas com o único movimento de piscar os olhos, que viu o paciente extremamente apegado a matéria de uma maneira que fugia à compreensão do nosso peregrino.

E assim aprendeu como era difícil as pessoas se desapegarem do plano material e de sua enorme ilusão, e seguiu com mais esta lição em sua vida.

Assim em Manaus, mesmo com quase nenhum voluntário, seguiu por um ano, e criou a casinha do caminho container em uma comunidade, mas aprendeu muito como as forças dominantes destas comunidades que não querem dar liberdade às pessoas, apenas dominá-las com migalhas, e sua aspiração era efetivamente dar autonomia

plena aos seus irmãos para saírem daquela condição, mas a mente de vítima, de não poder, das drogas e de vários outros aspectos mantinham aquelas pessoas naquela situação.

Mas não esmoreceu e nesta casinha, mesmo com todas as adversidades, fazia oficinas e cineminhas para aquelas pessoas tão carentes, e as crianças adoravam aqueles momentos de alegria naquele ambiente trevoso, e quando via no céu a LUA cheia, agradecia a Deus por aquela oportunidade de redenção.

Mas depois de um ano, percebeu que Manaus tinha de alguma forma muito apoio e que o interior era o mais necessitado e que não poderia abraçar o mundo, mundo embora o quisesse, e como raros amigos de Manaus o ajudavam, recebeu outro recado do mundo espiritual, pois ele estava trabalhando muito e cansado, mas não desanimado que foi: não se perca em inúmeras atividades, foque nos mais carentes.

E assim o fez, focando toda suas ações nas comunidades mais carentes do rio Negro, muito embora sempre que possível ia na periferia de Manaus e até numa aldeia bem distante do rio Negro, marajá, no rio abacaxi, da qual ficou muito amigo e ganhou um lindo presente, um tambor feito a mão com pele de onça. E ele guardava com muito amor os presentes que recebia como forma de gratidão pela pura amizade que ele nutria pelos indígenas, que sempre foram, mesmo ali nas suas terras originais, tratados com enorme preconceito infelizmente, mas ao menos nosso peregrino e os voluntários da universidade os tratavam com todo amor do mundo.

MAUÉS

Uma vez foi para Maués, buscar mudas de guaraná e pau rosa para plantar na sede, e lá caminhando numa linda praia, encontrou uma peça muito antiga, e viu que era um tinteiro antigo de penas de escrever, e recebeu um recado assim: este tinteiro é para você saber que terás que escrever livros, e ele ouviu aquele recado e pensou, será mesmo? E continuou caminhando e encontrou uma caneta e ai compreendeu que iria ter que escrever livros para inspirarem as pessoas a terem fé, perderem seus medos, superarem seu egoísmo e vaidade e seguirem um caminho espiritual praticando amor por onde passassem, e assim, anos

depois escreveria nosso peregrino livros simples e diretos, como aqueles pequenos frascos de onde estão os melhores perfumes, livros do puro e maravilhoso dharma.

SONHOS

Os sonhos são formas de manifestação muito interessante e não era diferente com o nosso peregrino.

Uma vez ele fez um retiro espiritual para aprender a ter sonhos lúcidos, ou seja quando estivesse sonhando saberia que aquilo era um sonho e poderia fazer o que quisesse.

Foi interessante e compreendeu que os sonhos eram formas lindas da nossa consciência se manifestar de várias maneiras, mas principalmente também para recados espirituais.

Nosso peregrino estava aprendendo que os recados do mundo espiritual se manifestam de várias formas no material: recados diretos, vindo de algum amigo, de algum médium, de algum livro e de até números que simbolizam e sinalizam, pelos animais, entre outros, e aprendia assim que Deus e seus espíritos se manifestavam sempre mesmo que seus parcos sentidos físicos não permitissem visualizar sempre, mas uma intuição aguçada ajudava muito.

SONHO REFORMA JOIA RARA

Uma vez sonhou que o barco Joia Rara estava afundando e não compreendeu muito bem, até que em uma expedição de fim de semana de atendimento durante a madrugada viu que o barco pendeu para um lado e junto com o dentista Ray voluntário, perceberam que o barco estava alagando cheio de água no porão.

Conseguiram a duras penas tirar a água, atender e retornarem a Novo Airão, e nosso peregrino começou uma reforma no barco, e entendeu que aquele sonho já era um recado, e começou então doravante a observar melhor seus sonhos e seguir sua intuição, pois os sonhos falam a todos nós, sempre.

VISÃO NÃO DUAL

Uma vez nosso peregrino estava caminhando nas pequenas ruas de Novo Airão, e pensava que era uma enorme loucura tudo aquilo que estava fazendo, e brincava consigo mesmo: um homem e seu sonho, e naquele sol tórrido amazônico comprava e levava coisas de lá para cá, sozinho, e sempre que voltava era furtado, um remo, um chinelo, ou seja, sempre, e muito embora compreendesse, começou a esmorecer. Era um sábado quando neste caminhar imaginou como seria a mente de um Buda, de um Krishna, de um Jesus, uma mente que a tudo compreendia além do plano físico sem nenhuma dualidade, a tudo compreendendo.

Assim neste caminhar humildemente pediu aos espíritos mais elevados que se pudesse ter o mérito e privilégio de sentir como seria uma mente assim, recebeu a incrível benção, e foi um dos momentos mais extraordinários que teve.

Compreendeu que tudo ao seu redor estava em vibração e movimento, e que estava tudo dentro de um enorme propósito, e que estava tudo, tudo mesmo, imerso na fonte criadora, Deus, e que tudo era como um tecido de um sonho, e que naquele estado tudo fazia sentido. Foi um momento único e que despertou nosso peregrino para uma compreensão maior da vida, de que tudo aqui nesta existência é feito para que possamos todos sem exceção evoluir, nos unindo nesta fonte criadora, superando nossa grandiosa ilusão mental com o equivocada egoísmo e vaidade que nos prende aqui, gerando medo e falta de fé por pura ignorância, e que um caminho espiritual era sua prática incessante, adquirindo aos poucos, passo a passo, um descortinar gradativo de nossas ilusões, nos libertando de nós mesmos, de nossa poderosa mente.

E assim continuou nosso peregrino a cada vez mais se esforçar para ter esta visão não dual permanente, sendo este o grandioso desafio, mas como disse Jesus, o mestre do amor, a porta é estreita, mas é possível. E a Universidade do Amor seria esta união de pessoas, este servir, este tirar as suas ilusões e de todos que viessem a seguir este lindo caminho com ele na prática pura e incessante, para se tirar a mente dual, unificando-a a Deus na sua energia primordial que move a tudo e a todos, universos e galáxias e a nós mesmos: O AMOR, e compreendeu que esta energia: O AMOR, era assim Deus.

HANUMAN e NAHASINHA

Nosso peregrino assim seguia, entre dificuldades enormes, mas com uma forte motivação, e agora mais confiante seguia e agradecia tudo que acontecia, nada era fácil, mas aprendia pouco a pouco que bom marinheiro se faz com mar revolto, não calmo, e compreendeu que as dificuldades que lhe transformavam numa pessoa melhor.

Uma vez estava com a voadeira Chico Xavier e contemplando aquele céu lindo no mágico rio Negro, durante o dia cheio de nuvens, num espelho inenarrável, e nosso peregrino viu uma forma voando ali. Sabia que era do plano espiritual e viu um homem com cabeça de macaco voando.

Não sabia quem era, ficou intrigado e resolveu buscar saber, e descobriu com uns amigos que era HANUMAN, e foi se aprofundar em quem era ele. E descobriu que Hanuman era um SERVO FIEL e que nosso peregrino estava assim se comportando como tal, e Hanuman se manifestou a ele, e doravante colocou a bandeira de Hanuman sobre todos os barcos que possuía, uma alusão à proteção à carruagem de Arjuna, o guerreiro aprendiz de Krishna no maravilhoso Bhagavad Gita, do Mahabharata, que ele estava estudando profundamente nas noites solitárias em Novo Airão.

Muitos anos depois nosso peregrino viu também, mas desta vez em Ilhabela, outra forma do plano espiritual que não conhecia, um homem com cabeça de leão.

Nosso peregrino quando o viu estava desolado por tantas mentiras, hipocrisias e desilusões que estava sofrendo, sem compreender o porquê, e vendo esta forma foi pesquisar, e descobriu que na verdade era NAHASINHA.

Nahasinha representa o protetor dos homens puros e verdadeiros que resistem ao mal e que querem praticar o puro e verdadeiro dharma, e assim nosso peregrino enxugou suas lágrimas e conformado seguiu seu caminho.

Nosso peregrino assim começou a observar mais os fenômenos naturais na tela mágica do céu amazônico, de onde via muitos sinais, pássaros e botos que lhe indicariam quais comunidades deveria dire-

cionar o barco de atendimento, sons, perfumes e principalmente arco íris, que eram na verdade a manifestação de uma colônia espiritual de espíritos puros que se situam acima da Amazônia.

Uma noite numa linda praia da Amazônia, através da mediunidade de seu amigo Jeff, recebeu inúmeros recados, principalmente que ele estava sendo escolhido como comandante da embarcação do amor e que deveria se preparar para amar ainda mais, e que a Amazônia era o centro de irradiação bioenergética da orbe, onde muitos espíritos vinham se abastecer energeticamente, e inclusive naves de outros planos, sendo ali um lugar mágico. E claro, ali os atuais indígenas eram os invasores brancos do passado, e ele e os demais indígenas do passado atualmente eram de pele branca, que auxiliam a provação daqueles que foram um dia seus algozes, num lindo processo mútuo de redenção.

E quando visse um arco íris, soubesse que representa uma colônia espiritual de espíritos puros elevadíssimos que estão sobre a Amazônia, e que ampararia a ele e toda a universidade do amor se seguissem à risca os ensinamentos mais puros, e assim sempre que havia alguma dificuldade, alguma dúvida, algum empecilho ou mesmo um sinal de que estava no caminho certo, o arco íris se manifestaria e assim ficava exuberante, feliz quando via algum doravante, mesmo diante de enormes dificuldades, medos, dúvidas ou forças contrárias. E seguia assim aprendendo e amando, como os espíritos anteriores como Chico Xavier, Francisco de Assis, Madre Teresa e outros, que haviam percorrido o mesmo caminho com fé e coragem, e ele humildemente se esforçava para trilhar os mesmos passos.

FOGO FÁTUO

Uma linda experiência vivenciada pelo nosso peregrino junto com um grupo numa expedição foi a manifestação espiritual dos espíritos através do ectoplasma enorme da Amazônia, num lindo fenômeno luminoso chamado fogo fátuo.

Uma luz verde surgiu e se manifestou demonstrando que eles, os espíritos, estavam ali presentes e felizes com nossa presença.

Era natural na Amazônia a presença destes espíritos diante de tanta luz e vibrações positivas emitidas pelo barco do amor.

Mas o fenômeno é comum na Amazônia onde muita gente não se dá conta do que é, gerando medo em alguns e fascinação em outros, mas foi para nosso peregrino uma linda manifestação em que os espíritos deixaram claro a todos ali: vocês não estão sós e estamos gratos e participando de tudo isto.

CASAS ESPÍRITAS

Uma vez nosso peregrino foi convidado a ir numa casa espírita no centro e Manaus, e lá o palestrante disse a todos que ali naquele grupo havia alguém que tinha convivido com Francisco de Assis e estava na Amazônia revivendo os passos dele.

O peregrino ouviu aquilo e sentiu intimamente e sem arrogância que se tratava dele, e que iria descobrir sua relação apenas alguns anos depois.

Foi convidado a participar de uma reunião mediúnica como ouvinte, e um espírito se manifestou se dizendo contrário a ele, o chamando de falso. Nosso peregrino compreendeu que espírito era aquele e pediu humildemente perdão por tudo que possivelmente ele tenha feito sofrer àquele espírito, e o convidou a ajudá-lo a ajudar, resgatando assim o Karma de todos.

Nas aulas de mediunidade, uma vez psicografou um lindo poema, e assim cada vez mais compreendia a sutileza, complexidade e possibilidade de se aprimorar e amparar ainda mais o próximo.

E seguiu como podia, estudando ao máximo os livros espíritas, principalmente os mais de 400 títulos trazidos pela maravilhosa mediunidade de Chico Xavier, que são um presente e alento para a humanidade, depois dos cinco livros principais de Allan Kardec, de como se estabelece esta relação, e principalmente comunicação do plano material com o mundo espiritual. E assim como já havia recebido um recado de sua amiga Mesulan, de que deveria ele, nosso peregrino, estudar muito o espiritismo, para propagar este consolador para quem quisesse ouvir e cruzasse seu caminho, principalmente demonstrando na prática no trabalho incessante do servir.

OUSE AMAR

A frase forte e impactante que se tornou slogan da Universidade do amor saiu de um exercício feito pelo nosso peregrino em São Paulo, onde estava como sempre na sua incessante labuta de conseguir os voluntários para contribuir com os povos amazônicos tão carentes, de onde surgiu OUSE AMAR, pois é necessário ousar mesmo, num mundo materialista de enormes ilusões, amar incondicionalmente como os espíritos mais puros ensinaram a todos, e esta frase pautaria sempre seu caminho, doravante ousando amar.

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

Nosso peregrino estava cansado de tanto trabalhar incessantemente nas comunidades indígenas e ribeirinhas ao longo do rio Negro, e decidiu ir descansar e visitar São Gabriel da Cachoeira, a cidade mais indígena do Brasil, a 800 quilômetros de Manaus.

Tomou um barco e cruzou o lindo rio Negro, que vai aos poucos se afinilando, e em seu leito vão surgindo várias incríveis formações rochosas, ilhas, comunidades, num cenário em que se sentia navegando nos campos do Senhor mesmo, de tanta beleza, passando por Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e finalizando em São Gabriel da Cachoeira.

Barcelos era a antiga capital do Amazonas, uma pequena cidade com muitos indígenas onde nosso peregrino percebeu a presença missionária católica latente em toda a região, com muitas igrejas, escolas e enormes prédios que estavam muito obsoletos naquele momento, mas que no passado devem ter tido sua função.

Santa Isabel, uma pequena vila com status de município, mas também com a mesma composição de Barcelos e a presença católica antiga.

E finalmente São Gabriel da Cachoeira, com a mesma característica de enormes prédios católicos em sua extensão, e nosso peregrino não compreendia porque eles não podiam ser mais bem aproveitados para serem lar de muitas crianças que perambulavam pelas ruas da cidade, provenientes de suas comunidades, e a maioria dormia ao relento em barracas improvisadas de plástico.

Pensou nosso peregrino que iria passear e descansar, mas esta realidade que viu o deixou pasmo e atônito, principalmente vendo muito alcoolismo, crianças abandonadas e muito descaso e indiferença.

Deste dia adiante então iria ampliar suas ações e trabalho para este extremo do país, conhecido como cabeça do cachorro, a cidade mais indígena do país.

Uma vez vendo nas comunidades, nas cidades e em todo canto grande prédios que poderiam ser casas de abrigos para estas crianças, escreveu ao Papa em Roma, como outrora Francisco de Assis havia feito em meados de 1200, mas a resposta que obteve foi que procurasse a cúria local, que ele já havia procurado quando chegou, tentando fazer abrigos às crianças utilizando os prédios locais, mas sem resposta favorável.

Paciência, mesmo não compreendendo, decidiu fazer algo por si mesmo, através da Universidade do Amor, e começou a construir um lindo barracão para abrigar estas crianças provenientes de comunidades muito longínquas, para que pudessem ter ao menos um lugar decente para dormir. E assim surgiu a primeira casinha do caminho em São Gabriel, que depois futuramente se tornariam três: uma que virou um posto de saúde numa comunidade indígena yanomami bem distante, e mais outra em São Gabriel, sendo um ponto de luz com várias atividades para os curumins.

Um padre que estava em visita ouvindo anteriormente aquele diálogo na diocese, percebeu a verdade da motivação e pessoalmente se ofereceu ao peregrino como voluntário e disse: olha, eu posso te ajudar? Não como igreja católica institucional, mas como ser humano mesmo. E o peregrino sorriu e o abraçou, e com outros irmãos anônimos começaram a linda obra de amparo inspirado em Francisco de Assis, sempre, e o peregrino mais uma vez compreendeu que as instituições eram deficientes, mas algumas pessoas que faziam parte delas, bem raras, eram humanas puras e verdadeiras (e se lembrou de umas freiras que conheceu em Camarões, na África, que faziam um trabalho lindo de puro amor, devoção e renúncia), e aprendeu assim a distinguir pessoas de instituições, e se lembrou que Chico Xavier sempre dizia que quando algo cresce muito se perde o amor puro e verdadeiro, e decidiu sempre manter a Universidade do Amor pequena e muito amorosa, onde todos os voluntários deveriam se amar primeiro e muito antes de todos,

e acolher as pessoas fraternalmente e amorosamente, e assim sempre encontrava corações dispostos a ajudar verdadeiramente. E aprendeu a entender até onde cada um poderia doar, e aceitava o que vinha sabiamente, pois ninguém faz absolutamente nada sozinho e sempre, sempre oferecia a todos a oportunidade de praticar altruísmo, caridade, mesmo que as pessoas e instituições não percebessem que estavam perdendo um lindo e valioso presente.

Assim a distância amparava as crianças de lá como podia, com muito amor, e duas vezes ao ano ia a esta cidade, com uma incrível beleza cênica, mas uma enorme catástrofe social.

Estava sentado uma vez na avenida principal de São Gabriel, onde observava a triste realidade: pessoas com cargos públicos diversos, ricos comerciantes, militares desfilando em carrões importados com enorme pompa, padres e pastores em meio a enorme pobreza que ela latente nas ruas, e remeteu ao nosso peregrino aos tempos de Jesus, em que havia a mesma característica.

Um vez falando com um militar de alta patente que conhecia, nosso peregrino perguntou porque os militares não ajudavam os mais carentes, principalmente em São Gabriel da Cachoeira, e ele lhe respondeu: nós aprendemos a matar e não a ajudar, enfim ficou claro, apesar de ter conhecido pessoas militares que tinham bom coração. Até algumas entidades religiosas por que ele tinha apreço disseram que ele incomodava por querer ajudar demais, e não entendia mas seguia, paciência, muita paciência.

Estava ainda triste, mas sem julgar. Compreendeu que nas instituições havia pessoas e com algumas raras pessoas podia contar com cooperação, e admirava os jovens professores e técnicos de enfermagem que ficavam dias nas comunidades, mas não com as instituições em si e suas direções extremamente indiferentes, vaidosas, burocráticas, demagogas e hipócritas, sejam quais elas fossem: religiosas, governamentais, acadêmicas, do terceiro setor e empresas, mas que dentro delas sempre encontrava alguém, um ser humano de bom coração que o compreendia e amparava, e já não mais esperava a cooperação dos assim chamados de elite da sociedade, que eram os mais doentes e que podiam fazer muito, mas paciência. E lembrava de Chico Xavier com a frase: Aos outros dou o direito de ser como são, a mim dou o dever de ser cada dia melhor, mas assim nesta condição de observador e de não julgador, mas deso-

lado sentado na calçada na porta de um pequeno supermercado, viu uma mocinha indígena com sua mãe ao seu lado que olhavam a vitrine de uma loja vendo os preços dos chinelos, e estavam saindo pois não tinham recursos para comprar, possivelmente, e ele ofereceu à criança e à mãe o chinelinho, que as fez muito alegres, e também nada compreenderam daquela atitude vinda de um forasteiro, pois nosso peregrino era constantemente confundido com gringo devido ao seu fenótipo europeu característico, mas sorriram e ele perguntou: Qual o seu nome? E ela respondeu no fundo dos olhos dele: Meu nome é MARCELA.

Como alguém poderia ter aquele nome, igual ao do peregrino, e compreendeu que aquilo era um sinal divino dizendo que somos todos irmãos e estamos todos interdependentes mesmo uns dos outros, e chorou de alegria, agradecendo aos céus a oportunidade da caridade, enquanto muitos em sua materialidade ainda não compreendiam e perdiam a enorme oportunidade de amar, e lembrou de outra frase de seu guru Chico Xavier: Para ter algo que você nunca teve, é preciso fazer algo que você nunca fez.

Muitos anos depois, inacreditavelmente no mesmo lugar, nosso peregrino em São Gabriel da Cachoeira, desolado com a enorme indiferença humana em relação às crianças indígenas abandonadas na rua, onde muitas instituições famosas, ONGs, igrejas, militares, órgãos públicos, pouco faziam em relação àquilo, e nosso peregrino foi enganado por pessoas que se apropriavam das imagens e cultura destes povos lindos tradicionais, mas tão carentes, sempre angariando enormes recursos e quase nada repassando aos mesmos, numa exploração que fazia nosso peregrino não compreender tanta hipocrisia e crueldade, onde muitos estavam recendo verbas e premiações em nome dos indígenas, que nada sabiam em suas distantes aldeias, e um sem fim de festas e esbórnias, e todos rodando de camionetes importadas em seus ar condicionados em meio à miséria. E neste estado de tristeza diante de tudo isto, viu ao seu lado uma senhora indígena e uma pré adolescente, e ele a reconheceu e perguntou: você é a Marcela? E ela sorriu e disse que sim, mas não lembrava dele, e ele com aquele reencontro mudou da tristeza e ficou muito mas muito feliz, e compreendeu que este reencontro era um sinal dos Deuses para seguir sua missão de ajudar as crianças indígenas tão abandonadas, praticando os ensinamentos espirituais mais elevados verdadeiramente, na pura caridade, sem esperar nada em troca e refor-

çou seus votos de nada ter e em tudo doar, pois este caminho estava lhe dando tudo internamente, e raras pessoas o compreendiam, o taxando de louco, mas como ele poderia explicar o que ele somente sabia sentir: o amor, a energia que a tudo move, estava sentindo em seu âmagô a Deus, a essência de tudo em suas ações e somente gostaria que todos pudessem sentir o mesmo, e não se perdendo em rituais, templos, vaidade e ego. Mas enfim, novamente o livre arbítrio de cada um.

UM ÍNDIO

Através de uma amiga nosso peregrino conheceu um índio local que por muitos anos foi como um irmão, e com ele muito aprendeu sobre a tradição do rio Negro.

Viajaram juntos nas aldeias mais isoladas, mais extremas, sozinhos, com a voadeira Chico Xavier, se embrenhando nas matas, dormindo em redes, ajudando os curumins, passando por chuvas, enormes dificuldades, oferecendo palestras de cultura indígena pelo Brasil, e indo longe bem longe muito longe para auxiliar os mais remotos, os mais isolados, e inclusive a aldeia dos parentes deste seu amigo, que era muito, mas muito distante, na divisa com a Colômbia, próximo a Yauarete.

Levaram remédios, luz solar, amizade, alegria e amparo de saúde, indo procurar os mais necessitados para depois levar para tratamento em Manaus.

Passaram por inúmeras dificuldades inenarráveis juntos, ameaças, perigos, que daria um livro a parte se tudo fosse contado, mas sabiam que eram amparados pelas mãos divinas, dos espíritos mais elevados da floresta que estavam no plano espiritual velando por eles, e o amigo índio ficava admirado com tudo que via, mesmo não compreendendo.

Ficaram anos juntos até que o índio se casou e não podia mais se ausentar muito do seu lar, e amorosamente terminaram as atividades, mas nunca a amizade, e nosso peregrino seguiu seu destino, seu compromisso com os curumins do rio Negro, e o rio Negro estava se tornando pouco a pouco, passo a passo toda a humanidade, pois por onde passava nosso peregrino via sofrimento, seja em aldeias paupérrimas no interior do Amazonas, seja nos luxuosos condomínios de Manaus e

São Paulo, e compreendeu que as causas de todo sofrimento eram duas: EGOÍSMO E VAIDADE, independentemente da condição econômica, e que as pessoas corriam atrás da matéria desenfreadamente, o que não levava a lugar nenhum, pois ele mesmo era exemplo vivo disto e se lembrava de Luxemburgo, o país mais rico da Europa e com maior índice de suicídio. E que para se acabar com o sofrimento as pessoas deveriam se engajar em combater o egoísmo com a CARIDADE, e a vaidade com a HUMILDADE, devendo ser todas as nossas ações nesta existência focadas nestas corrigendas pessoais e pouco a pouco, passo a passo, nos tornando pessoas melhores, pessoas mais iluminadas, mais alinhadas à fonte primordial: Deus.

Depois de três anos, o índio seguindo o peregrino incessantemente, num dia de sol, pela manhã, os dois tomando banho no mágico rio Negro, o índio olhou para o nosso peregrino e lhe disse:

Depois de todos estes anos eu sei quem você é. Meu pai que já desencarnou falou de você e de que você retornaria para nos ajudar, ajudar nosso povo que em verdade é o seu povo, você é nosso irmão perdido que viria nos reencontrar.

Você é índio, muito embora neste corpo branco nesta existência, seu nome é YUPULI.

Nosso peregrino havia recebido muitos batismos indígenas, espirituais entre outro recebendo vários nomes, inclusive de um lama tibetano na sede da Universidade do Amor, no mirante, numa linda cerimônia que lhe deram o nome de Kelsang nyma. Outra vez pelos irmãos tuyucas na maloca que o batizaram de Nhoron, e ele se autodenominava AYURUS, remetendo ao seu passado de Ajuri=conjunto, caba=coragem (Ajuricaba), e no coletivo, pois ele se lembrou de quando passou em locais sagrados indígenas e sentiu a presença espiritual dos indígenas mais elevados, principalmente na Bolívia, no parque nacional Eduardo Avaroa, quando estava só em profunda meditação em movimento, e também posteriormente na Serra do Caparaó, terra de seu avô materno, o primeiro espírito que viu quando criança, de onde sabia que tudo que fazia não era ele, mas sim UM GRUPO DE ESPÍRITOS. E compreendeu que ele era apenas um instrumento, um médium trabalhador, uma flauta oca e que nunca deveria se envaidecer por isto, pois o importante não é o instrumento, a flauta, mas quem se manifesta através dele.

Sorriu e abraçou seu irmão índio tukano naquele rio e disse: demorou , mas finalmente me reconheceu e se abraçaram e choraram de alegria.

O ÍNDIO E NOSSA SENHORA APARECIDA

Uma vez nosso peregrino levou seu irmão índio para outra irmã que sempre ajudou com tanto amor e esmero os curumins, a Krau, dentista de São Paulo, que nunca mediu esforços de ajudar a Universidade do Amor, sendo parte integrante incondicional da mesma, a tratar de seus dentes, e ela com todo o amor do mundo colocou dentes novos no índio, irmão de ambos.

Mas o tratamento era longo e havia dias livres em que em São Paulo, na selva de pedra, os dois andavam pelos metrô cheios de gente pela capital paulista.

Uma vez estavam na esquina da avenida paulista e o irmão índio perguntou ao peregrino, que ele chamava carinhosamente de cacique.

Cacique, você acha que estas pessoas de São Paulo sabem que estão vivas?

Foi uma pergunta profunda , muito profunda de um olhar que vem da floresta, de um espírito que vê a outro irmão numa incessante correria sem sentido que adoce a todos, e nosso peregrino sorriu e respondeu: certeza que não.

E nosso índio disse: nossos irmãos brancos estão e são muito doentes, e nosso peregrino concordou e disse: então vamos aos poucos dizendo isto a eles, um a um, pouco a pouco, mas dentro da floresta, onde se ouve a Deus em nosso íntimo, e começaram assim a organizar expedições solidárias, oferecendo a todos a oportunidade de saírem daquela condição doentia material e sentir na prática da caridade, na força do coração da floresta amazônica, a força que move a vida, o amor, e assim surgiram as expedições solidárias que a todos transformam na força do amor, inspirado em um certo galileu que nos ensinou a amar, sem templos, sem liturgia, sem nada, apenas com o coração puro e verdadeiro.

A dentista disse que precisaria esperar uns dias para continuar o tratamento e nosso peregrino perguntou ao seu irmão onde ele gostaria de conhecer: a praia, a montanha, já que tinham tempo.

Ele respondeu sem pestanejar : Quero ir para a basílica nacional de Aparecida visitar minha mãezinha (Nossa Senhora).

Surpreso com o pedido, nosso peregrino disse: tudo bem, amanhã vamos juntos, e assim foram.

Nosso peregrino nunca concordou com aquele belo mas enorme templo, aquela catedral, como tantas outras sejam cristãs, budistas, hinduístas, enfim, pois em sua humilde opinião poderiam se transformar aqueles tijolos em casas para pobres com muito mais utilidade. Mas ele era sempre voto vencido, não tinha jeito. Uma vez com a visita do papa no Brasil, ele questionou porque tantos recursos naquela visita que ultrapassava os milhões, sendo que havia tantas favelas no Brasil, mas ele sempre era aparentemente a única voz em meio ao fanatismo, e sempre era duramente criticado por isto, mas era incongruente tanta pompa, tanto ouro, tanto templo em contradição aos ensinamentos de Jesus, paciência, nosso peregrino tinha que aprender a ter muita paciência com a enorme ignorância, pois Jesus ensinou a amar a todos sem exceção, ele mesmo amou aos que o crucificaram dizendo: pai, perdoai-os pois não sabem o que fazem.

No outro dia pela manhã , os dois foram ao santuário nacional de Aparecida, que estava lotado, e nosso peregrino respeitosamente, mas contrariado, seguiu o índio, que quando se aproximou da imagem negra de Nossa Senhora, que é a padroeira do nosso Brasil, a mãe de Jesus que fora encontrada por pescadores no rio paraíba, se ajoelhou e chorou copiosamente, e nosso peregrino se emocionou e em silêncio, à distância, de onde em silêncio fez uma prece (mãe do Brasil, se a senhora estiver me ouvindo, não se esqueça das crianças curumins de nossa Amazônia).

Depois eles saíram da Basílica e o índio lhe contou uma linda história:

Cacique, antes de te conhecer eu perdi minha esposa e tinha muitos filhos. Eu me perdi, não suportei a dor e comecei a beber, me perdi no álcool.

Meus filhos foram criados pela minha irmã e um dia muito triste decidi que iria me matar me jogando da ponte do rio Negro em Manaus. Não mais suportava a dor. Quando estava no ônibus uma senhora percebeu meu estado e me deu um papel e disse: leia, filho.

Quando li havia uma foto de nossa senhora e uma prece atrás e um endereço de uma igreja onde antes de me matar decidi, naquele momento, ir visitar e me despedir.

Quando cheguei na igreja, vendo Nossa Senhora comecei a chorar, e fiz ali uma promessa de que não me mataria e de que iria mudar minha vida, e não mais beberia, e fiz o pedido para ela me ajudar, e se assim o fizesse eu pagaria a promessa de ir visitá-la um dia em Aparecida - SP. E aqui estamos nós, e eu estou muito feliz por ter te conhecido e conseguido pagar minha promessa.

Nosso peregrino ficou sem palavras, mas ficou muito impressionado e feliz com aquela história, e muito embora não concordasse com aqueles templos de pedra, percebeu que o que vale é a fé daquelas pessoas que acreditam naquilo, e passou a ser mais respeitoso para com todos e suas formas de manifestação de fé e louvor.

A noite depois desta linda tarde, nosso peregrino recebeu uma ligação de uma senhora de Santa Catarina que disse que um amigo de seu filho tinha vendido a empresa e gostaria de ajudar alguma causa humanitária, e perguntou se poderia passar o telefone dele ao pretendido doador, e ele respondeu afirmativamente. Logo recebeu o telefonema de uma pessoa de Florianópolis que gostaria de saber no que poderia ajudar, e nosso peregrino disse que gostaria muito de construir um pequeno posto de saúde numa aldeia bem isolada, onde os curumins muito precisavam, e ele disse ao telefone: pode construir eu vou doar o valor.

E nosso peregrino, no mesmo dia que pediu à mãe de Jesus que não esquecesse das criancinhas na visita à basílica com seu irmão índio, recebeu esta inesperada e abençoada ligação, que efetivamente se tornou um lindo posto de saúde que atende até os dias atuais muitas crianças, idosos e adultos no coração da floresta amazônica.

Uma vez, alguns anos depois, foi nesta aldeia isolada visitar o posto construído, e conto esta história aos voluntários que foram junto, que ficaram incrédulos, mas em seu coração e da irmã dentista, que estava junto e era desde sempre da Universidade do Amor, compreendeu a maravilha que é o plano espiritual, e cada vez mais nosso peregrino ia aumentando sua fé na espiritualidade amiga, cético que era, mas diante de tantos fenômenos não tinha mais como duvidar, mas muito mais ainda lhe ocorreria para consolidar sua fé.

Vencerás
Não desanimes.
Persiste mais um tanto.
Não cultives pessimismo.
Centraliza-te no bem a fazer.
Esquece as sugestões do medo destrutivo.
Segue adiante, mesmo varando a sombra dos próprios erros.
Avança ainda que seja por entre lágrimas.
Trabalha constantemente.
Edifica sempre.
Não consintas que o gelo do desencanto te entorpeça o coração.
Não te impressiones nas dificuldades.
Convence-te de que a vitória espiritual é construção para o dia-a-dia.
Não desistas da paciência.
Não creias em realizações sem esforço.
Silêncio para a injúria
Olvido para o mal.
Perdão às ofensas.
Recorda que os agressores são doentes.
Não permitas que os irmãos desequilibrados te destruam o trabalho ou te apaguem a esperança.
Não menosprezes o dever que a consciência te impõe.
Se te enganaste em algum trecho do caminho, reajusta a própria visão e procura o rumo certo.
Não contes vantagens nem fracassos.
Não dramatizes provações ou problemas.
Conserva o hábito da oração para quem se te faz a luz na vida íntima.
Resguarda-te em Deus e persevera no trabalho que Deus te confiou.
Ama sempre, fazendo pelos outros o melhor que possas realizar.
Age auxiliando.

Serve sem apego.
E assim vencerás.

Autor: Emmanuel
Psicografia de Chico Xavier

CURA ESPIRITUAL, FLORAIS E FITOTERÁPICOS

Uma vez nosso peregrino levou seu amigo Jeff e sua mãe para um tratamento espiritual de sua trombose que era grave, e saiu de São Paulo com seu pai para Goiás, onde seria o tratamento em uma cidade chamada Palmelo, considerada a cidade mais espírita do Brasil.

No caminho visitou com o pai um trabalho de florais em Minas Gerais, indicação de um amigo, gostou mas tinha viés muito comercial, muito embora estava começando uma sementinha ali, pois iria sem ainda saber lhe inspirar no futuro o trabalho que faria.

A noite sentiu uma dor de dente e pensou, puxa estou a caminho de ajudar meu amigo, se tiver dor de dente aqui não conseguirei seguir viagem, e pediu em oração que pudesse ser amparado e assim durante a noite sentiu uma equipe espiritual que o ajudou e retirou a dor que sentia, e pode seguir viagem, e teve a plena certeza de ter obtido um tratamento para a nobre finalidade de no outro dia amparar a um amigo.

Se encontraram enfim em Brasília e foram ele, seu pai, Jeff e Mesulan à cidadezinha de Palmelo, considerada a cidade mais espírita do Brasil, e que fazia há muitos anos tratamentos espirituais coletivos gratuitos.

A forma de tratamento era a seguinte, primeiro ia-se à casa espírita, fazia-se uma entrevista com um médium para saber qual seria o tratamento, poderia ser de um simples passe a estudos e até cirurgias em locais indicados na cidade, tudo gratuito.

Era um sábado e esta entrevista com o médium seria no domingo pela manhã, e seu amigo e até seu pai se agendaram.

Estavam alegremente proseando na pequena Palmelo quando um senhor se aproximou do peregrino e lhe dirigiu a palavra: O senhor não é daqui? Veio para um tratamento espiritual? E ele respondeu que não

era, apenas estava ali para levar um amigo que viera de Manaus, e ele da distante São Paulo para de alguma forma ampará-lo.

O senhor disse: mas você não irá passar pelo médium também? E nosso peregrino respondeu: Não, eu não preciso, estou bem. Mas o senhor insistiu: Mas o senhor veio de tão longe, não custa nada ir lá, recomendo que vá também e se retirou.

Diante disto, acabou no outro dia, que era um domingo pela manhã, acompanhando seu amigo, pai e demais e foi também visitar a médium.

Tanto seu amigo e até seu pai foram encaminhados para posteriores cirurgias espirituais, que o fizeram com bons resultados, e o peregrino ouviu a seguinte comunicação do médium em Palmelo:

Vejo que você assumiu muitos compromissos no plano espiritual, saiba que você irá trabalhar com as plantas medicinais e assim é melhor ir estudando e se preparando.

Saiu dali com este recado que nunca imaginaria ouvir e pensou que não seria por acaso que havia passado e até feito quando era muito jovem um pequeno curso de como fazer florais, e recém passado em um local em Minas que os produziam também .

Nos dias em que seu pai e amigo faziam o devido tratamento espiritual, no pequeno Hotel em que ficou, comentou com a dona que havia lhe perguntado o que a médium havia dito a ele, e ele disse sobre as plantas e ela então disse: ah então seria bom você conhecer Goiatuba aqui próximo, em Goiás, que faz há muitos anos um lindo trabalho com fitoterapia, distribuindo gratuitamente para toda a população.

E assim o fez, seguindo sua intuição, despediu do amigo que retornou a Manaus com sua mãe e amiga e com seu pai retornando a São Paulo, passaram em visita em Goiatuba, visitando o lindo centro espírita da paz, que é coordenado pelo amigo pessoal de Chico Xavier, que através de sua magnânima mediunidade repassou as receitas dos fitos, que se chamava Dirceu Abdala, que acabou lhe inspirando no lindo trabalho que iria se desenvolver através da Universidade do Amor, com fitoterápicos e florais.

Conheceu a maravilhosa Terra de Ismael em Ribeirão Preto, onde sua irmã Ana e outros faziam um incrível trabalho científico das plantas medicinais do Brasil, e o amigo Gilson de Franca, que também o fazia e

tinha uma enorme conexão com os índios, e por onde passava aprendia e aprendia e estabelecia laços de amizade com estas maravilhosas casas espíritas que são pontos de luz na terra, e ainda em Araxá onde aprendeu a fazer xaropes de guaco que ajudaria muitas pessoas com gripe na Amazônia.

A Ana lhe disse que ele precisava conhecer Eurípedes Barsanulfo, e ele se dirigiu a Sacramento, onde ficou fascinado com aquele que como ele não era médico formal, mas um médico de almas, e se inspirou muito nele, neste professor do amor de Minas Gerais que ele tanto amava.

Conhecia um irmão farmacêutico de Ilhabela que tinha ido fazer um retiro de yoga na sede Dharmazônia em Novo Airão, e que incrivelmente não se conheceram no período que nosso peregrino por lá morou, mas este farmacêutico, Luciano, disse que havia sonhado com nosso peregrino e sabia que ele era o cabeludo da kombi, e estava escrito nas estrelas pois juntos começaram a fazer uma pesquisa sobre as plantas e sua eficácia, os florais viriam bem depois.

Depois de muito estudar e desenvolver, hoje a Universidade do Amor possui 33 fitoterápicos para 33 patologias associadas, e 7 florais, que são todos distribuídos gratuitamente aos mais carentes que necessitam.

MEDICINA ESPIRITUAL E FLORAIS

Ao longo dos anos do trabalho incessante nosso peregrino percebeu que o corpo clínico voluntário que vinha participar das expedições tinha uma lacuna enorme da história da medicina e medicina e espiritualidade, e tinha todo interesse em saber mais, e assim inspirado uma vez numa aldeia bem isolada e distante no alto da cabeça do cachorro, chamada Maturaca, um local belíssimo, por inspiração mediúcnica desenhou o maravilhoso livro de medicina espiritual e dali começou a oferecer pelo Brasil todo o transformador curso que a muitos inspirava, inclusive em universidades de medicina e saúde em geral.

O primeiro curso foi no Rio de Janeiro, que é para os indígenas do rio Negro, o lago de leite, onde no mito da cosmologia dos mesmos uma enorme cobra grande saiu do oriente, passou pela baía de Guanabara

e cruzou todo o país, entrando pelo Pará e terminando sua viagem no Panore, após São Gabriel da Cachoeira, dando origem a todos os povos indígenas a Amazônia, pois a cobra ia parando em vários pontos. Enfim, quando estava a caminho num ônibus de São Paulo ao belo Rio de Janeiro, pensou consigo mesmo: puxa vida como vou oferecer este curso, mesmo sabendo que era por inspiração mediúcnica, se estou com uma dorzinha física que não passa, seria um hipócrita.

Envolto nestes pensamentos ouviu uma voz que lhe disse, abra tua mochila e leia o livro que está nela.

Nosso peregrino sempre viajava com seus inúmeros livros, seus eternos companheiros de peregrinações e viagens, e quando viu o pequeno mas maravilhoso livro de Edward Bach – Cure a si mesmo, leu as páginas no ônibus e compreendeu que a grande maioria das manifestações físicas, as doenças e dores, estavam correlacionadas com emoções e traumas mal resolvidos, e localizou em si mesmo um sentimento mal resolvido, e quando utilizou o antídoto do perdão e da compreensão, a dor passou.

O primeiro curso foi maravilhoso e nele conheceu uma senhora que sabia muito de florais e lhe sugeriu que pesquisasse mais sobre.

Após o curso, ele levou os alunos a um lugar maravilhoso de cura espiritual chamado Frei Luiz, onde foi visitar um médico que havia escrito um lindo livro chamado A Face oculta da medicina, e acabaram se tornando amigos, e ele tinha muita experiência.

Nesta linda e grandiosa casa espírita, nosso peregrino foi tomar um passe, e quando chegou próximo à médium, a mesma disse: você não precisa de passe, você precisa doar seu ectoplasma aos irmãos que aqui sofrem, e pediu permissão a ele, e cantando baixinho um lindo mantra indiano de Krishna, a médium sorrindo ampliou a alegria do coração do peregrino num lindo intercâmbio mútuo de trocas fluídicas naquele local mágico e de muita paz, onde todos podem ter acesso ao amor, o maior remédio de todos.

O segundo curso seria em Florianópolis onde recebeu caminhando na praia do plano espiritual mais elevado como produzir florais pautados nas cores do arco íris, e visitou as lindas e enormes casas espíritas Nosso lar, na capital de Santa Catarina, que descobriu que um dos mentores era tibetano, e ainda caminhando no fundo de uma das casas,

num jardim, sentiu a presença dos indígenas e Francisco de Assis. Mas antes tomou um café com outro médico que queria muito conhecer, Dr Sérgio Tiessen, que trabalhava há anos com medicina espiritual, principalmente obsessões e esquizofrenia, e juntos travaram um lindo diálogo em que o peregrino explicou que não era médico e o amigo lhe disse: penso que foste médico numa vida passada, e que está resgatando um carma. Nosso peregrino sorriu e disse: exatamente, e advinha de quem fui médico por volta de 1200?

O médico não titubeou e responde: você foi o médico de Francisco de Assis.

Nosso peregrino sorriu e eles se abraçaram e continuaram muito amigos no trabalho do implementar e servir que vem do plano espiritual, que enalteceu o dr Bezerra de Menezes, um espírito do mais alto escol, que comunicou:

ORIENTAÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS PARA QUE NÃO SE PERPETUE SOMENTE NA PRODUÇÃO DE CONFORTOS ORGÂNICOS, UMA VEZ QUE AINDA NÃO SABE SE FUNDAMENTAR NOS POSTULADOS DO ESPÍRITO IMORTAL PARA EDIFICAR A VERDADEIRA SAÚDE NO TERRENO HUMANO.

ACREDITANDO QUE A VIDA É PRODUTO ALEATÓRIO DA MATÉRIA E IGNORANDO QUE A EXISTÊNCIA SE PRESTA A FINALIDADES DIVINAS, A MEDICINA DE NOSSOS DIAS AINDA NÃO FOI CAPAZ DE ALCANÇAR A VERDADEIRA NATUREZA DOS MALES HUMANOS, OPERANDO ERRONEAMENTE NO CAMPO DOS EFEITOS E NÃO DAS CAUSAS.

URGE SOCORRÊ-LA COM OS CONHECIMENTOS ESPIRITUAIS, INFLUENCIANDO DECISIVAMENTE O SEU PROFÍCUO EMPENHO EM TORNAR MAIS FELIZ E SAUDÁVEL O SER NA RIBALTA TERRENA.

E ASSIM VEREMOS NASCER NA TERRA UMA NOVA MEDICINA, ESTABELECENDO UMA PRÁTICA MÉDICA ORIENTADA PELA SABEDORIA DIVINA E NÃO PELA VONTADE HUMANA, FAZENDO DO ESPÍRITO O SEU CAMPO DE PESQUISAS, ELA COMPREENDERÁ, ENFIM, AS RAZÕES ÚLTIMAS DA

DOR, PARA ATUAR NO REINO DAS CAUSAS ESPIRITUAIS, AUFERINDO MEIOS SEGUROS PARA ERRADICAR DEFINITIVAMENTE O SOFRIMENTO DE NOSSAS PAISAGENS INTERIORES.

DR. BEZERRA DE MENEZES

E diante desta premissa nosso peregrinou ofereceu estes lindos ensinamentos de medicina espiritual pelo Brasil e pelo mundo, para levar o conhecimento em conjunto com vários outros pelo movimento que vem dos céus.

Uma vez deu o curso na Universidade de Brasília na faculdade de medicina, e sentiu através de um beija-flor a presença espiritual do fundador da mesma: Darcy Ribeiro, que como ele amava os povos indígenas e o Brasil, sem apegos, mas ciente da característica única desta nova pátria espiritual maravilhosa que reúne todos os povos, todas as tradições e oferece as melhores condições para o estudo e principalmente a prática dos ensinamentos espirituais mais elevados. E em Alto paraíso de Goiás, na magnífica chapada dos veadeiros, recebeu de presente esta poesia:

AONDE VOCÊ FLOR

“Leve alegria, aonde você flor.

Mantenha a visão do novo sempre, ame incondicionalmente, mostre à terra nosso agradecimento, compartilhar paz e alimento. Se lembrar a cada dia de trazer a consciência para a harmonia.

Somos seres vibrantes, em origem e essência, a vibração primordial que se faz carne, planta e ar, se faz fogo , pedra e mar.

Há constantemente um som celestial, aonde somos uma sinfonia universal”... por Mãe da Lua

ISRAEL

Cafarnaum era a cidade onde Jesus começou seu apostolado de amor quando conheceu Pedro e o chamou para ser pescador de ho-

mens, e ali nosso peregrino decidiu ir conhecer e se aprofundar mais nesta luz chamada Jesus.

Tomou um avião, fez como sempre uma escala na Itália, visitando seus amigos parentes, e desembarcou em Israel.

Conheceu a linda Nazareth, onde Jesus nasceu na Galileia, foi até o mar da Galileia, que na verdade é um gigantesco lago, conheceu Jerusalém e tomou banho no rio Jordão, e se impressionou com o diminuto tamanho comparado ao que conhecia da Amazônia, ou seja, era apenas um pequenino igarapé mas com passagens marcantes na história.

Quando chegou em Cafarnaum, antes de pisar pela primeira vez no lago ou mar da Galileia, na frente da antiga casa de Pedro, onde Jesus e seus apóstolos se reuniam com frequência, inacreditavelmente ele viu no chão uma folha, a mesma folha da mesma árvore onde o Buda se iluminou (ficus religiosa), e ficou extasiado com aquilo e compreendeu que Buda fora um enviado de Jesus e que ele estava seguindo à risca, mas que deveria agora seguir além, muito além, muito mais além, seguindo também o mestre do amor através do seu consolador prometido, que é coletivo na verdade, o assim chamado espiritismo.

Ficou muito feliz e compreendeu que não existem divisões no mundo espiritual mais elevado e que na nossa pequenez humana tendemos a dividir a pensar que podemos seguir a uns e não a outros, se apegando ao mensageiro equivocadamente e infantilmente, mas o que vale mesmo é a mensagem, e o que Jesus fez e ensinou ninguém fez, nem de perto, muito embora fossem grandiosos e amorosos preceptores.

E assim peregrinou por ali e sentiu a força do amor emanado pelo Cristo em terras tão áridas e quentes, quando caminhava ao longo do lago viu umas flores lindas (lantânia) que veria depois no locais mais pobres da Amazônia, que o inspiravam a seguir com afinco os ensinamentos de Jesus, que se concentravam na prática incessante do amor incondicional. Até Gandhi disse que se todos os ensinamentos espirituais da Índia se perdessem e ficasse apenas o SERMÃO DA MONTANHA, tudo estaria salvo, pois estes ensinamentos de Jesus são efetivamente o puro dharma, e assim além da folha da árvore do Buda esta flor o inspiraria a seguir nos rincões mais ermos e isolados em que nosso peregrino se enfiava, procurando auxiliar, e se sentia menos só quando as via, estas lindas flores.

Entretanto, se sentindo bem naquelas terras por onde Jesus passou, ficava ao mesmo tempo triste em ver jovens muito jovens, moças e rapazes a paisana com metralhadoras em locais públicos para eventuais atos de terrorismo, indo de encontro a tudo que Jesus tinha ensinado há 2000 anos, paciência, assim era o planetinha azul e compreendia cada vez mais quanto era lindo e primitivo mas com um propósito divino, e que ele poderia fazer a sua parte, aproveitando a existência para aprender a amar sem julgar ninguém.

Conheceu um jovem judeu quando foi ao rio Jordão, que viu em seu pescoço a tao franciscana e torceu um pouco o olhar, e nosso peregrino percebendo isto lhe perguntou: meu irmão, quem foi Jesus para vocês Judeus? E ele rispidamente respondeu: um traidor.

Um traidor, aquele que somente amou e foi crucificado pelos próprios sacerdotes do templo, em nome de Deus, e compreendeu que a mensagem linda de amor deixada por Jesus era uma porta muito estreita, como ele mesmo havia dito que seria para quem quisesse praticar, mas nosso peregrino estava disposto a passar pela porta estreita, e fez ali um voto de seguir os ensinamentos puros e verdadeiros de Jesus, mas longe, bem longe de templos de pedra que não condiziam com o que ele havia feito e dito.

Lembrou de um diálogo que teve uma vez em Manaus com um senhor Judeu, que querendo saber mais sobre a Universidade do Amor, lhe perguntou: você não é nazareno não né? E ele compreendeu a pergunta e respondeu: se para o senhor ser nazareno é amar incondicionalmente, então o sou, e o senhor judeu lhe respondeu: eu admiro os nazarenos (seguidores de Jesus), mas não é fácil tomar um tapa na cara e oferecer o outro lado também.

Nosso peregrino sorriu e disse, pois é, concordo, não é fácil mas é possível, lembremos de Gandhi.

Em Jerusalém, apesar de muito belas as edificações, não gostou muito da energia pesada do local, passou pelos bairros, pelo muro das lamentações e visitou o gólgota e a tumba de Jesus, e se entristeceu com a crueldade que fizeram com aquele que só amou, crucificando-o, e imaginou a via crucis.

Toda vez que subia com caixas de doação nas comunidades e na sede da Universidade do Amor nos derradeiros anos, sempre se lembra-

va do calvário do Cristo e o carregar da cruz, e o honrava através da caridade.

Sempre pensou que talvez pudesse ter sido ele um soldado romano, que ignorante ainda o havia pregado na cruz, pois nosso peregrino tinha em suas mãos pequenos estigmas que remetiam a esta lembrança, e se assim o fez, apenas pedia perdão pois ele não sabia mesmo o que fazia, e conviveu ali com o mestre, a mãe de Jesus e João Evangelista, que viria a ser futuramente Francisco de Assis.

Aconteceu um fato engraçado no hostel em Jerusalém com nosso peregrino, ele estava tomando café quando viu um grupo de pastores brasileiros que começaram do nada a pregar no meio do lobby em português.

Ninguém entendeu nada e nem deu muita bola, pois era meio sem noção dois senhores vestidos socialmente falando em uma língua que ninguém entendia, mas como nosso peregrino era brasileiro, depois da pregação se apresentou gentilmente e curiosamente, e eles se apresentaram dizendo que estavam em missão na terra santa, e ficaram muito felizes de conhecer um brasileiro que falava inglês por ali, pois eles apenas falavam português.

Insistiram muito para nosso peregrino ir com eles visitar um amigo antigo no bairro palestino de Jerusalém, para ser o seu tradutor, e como forma de amizade e gentileza aceitou o convite, e foi fraternalmente traduzir o encontro.

Cruzaram a cidade e entraram num pequeno beco, onde se subia uma escadaria, e encontraram um senhor árabe palestino com seu turbante característico xadrez.

O diálogo era assim, os pastores queriam dízimos do palestino para a igreja deles, e o palestino queria dos pastores recursos para sua vida. Ou seja ambos pedindo dinheiro uns aos outros e nosso tradutor ria da situação pois não tinha consenso, um achando que o outro iria ajudar financeiramente e ambos os lados estavam pedindo. Foi hilário e cômico para se ver como mesmo com um coração puro, nós seres humanos nos confundimos tudo com as leis divinas universais.

Retornou para a Itália depois de passar por onde Jesus passou, e resolveu nosso peregrino ir para Assis para conhecer o local de um dos maiores servos conhecido de Jesus, depois dos apóstolos e Maria Madalena: Francisco de Assis.

ASSIS , TAGORE E O MÉDICO DE RIETI

Chegando em Assis, ainda estava em êxtase da viagem à terra de Jesus, e ali peregrinou pelo principais locais onde o pobrezinho (poverello), que de pobrezinho nada tinha, havia estado, e descobriu que ele meditava e muito, como os antigos Yoguis, os antigos rishis na floresta, em profunda conexão com Deus.

Era lindo ao peregrino sentir aquela energia na belíssima Umbria, região italiana por onde ele passou, e visitar os locais por onde ele passou, e se emocionava várias vezes.

No terceiro dia estava para voltar a Milano, em um pequeno hotel na avenida principal, quando de supetão nosso peregrino viu pela primeira vez a face de seu mentor espiritual, que ele não reconhecia, mas que era muito familiar, que mentalmente lhe disse para abrir a página de um livro da biografia de Francisco de Assis, que estava ao lado, e quando abriu, a face desapareceu. E na página específica contava a passagem de quando Francisco de Assis foi operar os olhos com um médico após seu retorno de sua viagem ao Egito, da qual voltou com tracoma, caminhando a pé de Assis a Rieti.

Esta história intrigou nosso peregrino e o remeteu a seu problema de nascimento aos olhos, já que nasceu cego de um olho com a visão monocular.

No outro dia pela manhã, com forte inspiração tomou um trem para a desconhecida Rieti, da qual nunca tinha ouvido falar, e lá chegando reconheceu e percebeu que a cidade lhe era muito mas muito familiar, e sozinho foi caminhando alguns quilômetros, sentido que estava sendo guiado, e subindo uma montanha chegou num mosteiro franciscano chamado Fonte Colombo, numa linda trilha que passava por uma fonte, uma linda capela com afrescos de Maria Madalena, e finalmente começou a subir uma pequena torre, onde viu um pequeno quarto com uma janela para o vale, e leu ali que naquele local por volta de 1200, Francisco de Assis tinha passado por um terrível intervenção cirúrgica, onde um médico com ferro em brasa tentou em vão curar seus olhos, mas o procedimento em realidade o cegou.

Nosso peregrino sozinho sentou no chão e chorou, chorou, chorou e ali compreendeu porque tinha vindo cego de um olho, porque

sempre estivera conectado com Francisco de Assis e todos os recados espirituais e o trabalho na Amazônia, que não era apenas da vida como Ajuricaba, mas também como este médico que se chamava Giovanni. E também nunca se importou ou se fez de vítima por isto, por esta deficiência física, porque ele queria nesta vida ser como Francisco de Assis, doar tudo aos pobres, não ter nada e seguir um caminho espiritual puro e verdadeiro, pois quando era este médico naquela vida, não compreendia o caminhar de Francisco, mas o inspirou para que em uma vida futura fizesse o mesmo, exatamente como Buda fez, pois Buda e Francisco de Assis tem a mesma história, não são Jesus um espírito altamente evoluído, incomparável, mas abandonaram tudo materialmente para seguir um caminho puro do amor incondicional. E chorando de alegria, num inexplicável êxtase, reforçou seus votos de continuar seguindo seu caminho, de praticar amor incondicional sem cessar.

Abaixo um texto que o marcou, e depois que o leu, até sua antiga casa ele reencontrou em Rieti, quando era este médico, e teve mais uma bênção de um vislumbre de mais uma vida passada.

Pai Francisco!

Abençoaí-nos!

Evocando aquela tarde de 4 de outubro de 1261, com céu transparente e azulado, há setecentos e oitenta e quatro anos, três meses e um dia, quando vos preparáveis para o retorno ao Grande Lar, murmurastes para os poucos irmãos que vos cuidavam: - Fiz o que me cabia. E após suave pausa, entrecortada pela respiração débil, concluístes: - Que Cristo vos ensine o que vos cabe.

As Irmãs cotovias, algumas das quais vos ouviram cantar a Palavra um dia no passado, fizeram-se presentes com outras, alegres com a vossa libertação, voando em círculos sobre a choupana modesta em que vos encontráveis na amada Porciúncula.

Encerrava-se naquele momento uma parte da saga incomparável do vosso testemunho de amor ao Amigo crucificado, crucificado que também estáveis...

Toda uma epopeia de sacrifícios e abnegação ficaria inscrita nas páginas da História, demonstrando quanto se pode fazer e viver sob a inspiração do amor de totalidade.

Quando, na igreja de São Damião, atendestes ao convite que Jesus vos fez, nem sequer tínheis ideia do que vos iria acontecer, mas assim mesmo seguistes adiante...

Naquele período o tédio vos dominava e os prazeres do mundo, filhos da fortuna assim como das honras da cavalaria que antes vos fascinavam, cederam lugar ao fastio, a um vazio existencial, no qual a angústia se alojava, estiolando-vos os sentimentos.

Só depois compreendestes o que Ele desejava e, dando-vos conta do seu significado, renunciastes aos bens do mundo e aos vínculos com a família biológica, a fim de renascerdes das próprias cinzas e abraçardes a Humanidade como vossa irmã.

Desnudando-vos em plena praça, renunciastes a tudo, iniciando a trajetória pela via dolorosa, cantando os dons da pobreza e a fortuna da humildade.

Aqueles que vos conheceram anteriormente, quando jovial e extravagante, não puderam acreditar na grande revolução interna e pensaram tratar-se de alguma nova excentricidade...

Diante, porém, dos fatos grandiosos resultantes da vossa transformação, diversos deles foram buscar-vos para que lhes ensinásseis a técnica luminosa da entrega total a Jesus.

...E porque nada tínheis, vós e eles buscastes refúgio entre os leprosos que se escondiam nos escombros em Rio Torto, que se transformaram no suntuoso lar de vossas residências.

Não faltaram aqueles contemporâneos que vos definiram como um bando de vagabundos e desorganizados, porque eles se encontravam asfixiados pelos gases das utopias e falácias do corpo transitório, embora os vossos feitos em favor dos infelizes. Era, porém, a mentalidade da época de trevas e de ignorância que conseguistes iluminar.

Pedradas, humilhações de todo porte, perseguições e zombarias, fome e necessidades, conseguistes transformar em estímulo para a incommum entrega a Deus.

Quantas vezes, interrogastes: - Quanto é demasiado? ou melhor, reflexionando, pensastes: Sou eu o proprietário de minhas posses ou elas me possuem?

Acostumado antes ao conforto e ao luxo, ao poder e ao destaque entre os endinheirados, era natural que buscásseis o equilíbrio entre a

posse e o possuidor, resolvendo então por nada possuídes.

Selecionastes os recursos para a empresa de santificação, utilizando-vos da não-posse como sendo a libertadora da alma.

Quando a fome derivada dos jejuns e da falta de alimentos vos excrucia a todos, vosso canto em homenagem à Irmã Alegria diminuía a tristeza geral e emoções sublimes tomavam conta de todos vós...

Buscastes com o pequeno grupo o apoio do papa Inocêncio III, o homem mais poderoso da época, mergulhado em luxo e diplomacia, pompa exorbitante e indiferença pela fé, não porque necessitáveis dele, que nada possuía para oferecer-vos em espiritualidade, mas para evitar-des a pecha degradante de heresia em vossa e na conduta daqueles que vos seguiam. E apesar de tudo, o sensibilizastes pela pureza, candura e devotamento a Jesus, dele conseguindo somente uma bênção, perfeitamente dispensável, e algumas palavras de encorajamento.

Vistes ali, no Palácio de Latrão, em Roma, o anticristianismo, o burlesco, o jogo dos interesses vis, nos quais Jesus estava ausente...

As vossas palavras e exemplos tornaram-se estrelas iluminando a grande noite da Idade Média e avolumaram-se aqueles que buscavam Jesus despido das mentiras humanas e dos rituais enganosos da tradição teológica.

O vosso é o Jesus da simplicidade, da pobreza, do amor aos infelizes, da renúncia às ilusões e da sublimada entrega a Deus, não aquele a quem diziam seguir...

Quando Clara buscou o vosso auxílio, deixando para trás o mundo de fantasias, acolhestes a jovem afetuosa, sem recear o poder da sua família, tonsurando-a de imediato, para que ficasse sob a proteção da Igreja e não fosse obrigada a retornar ao século.

Intimorato guerreiro do amor, quanta coragem tínheis!

As vossas dores físicas, naqueles dias, despedaçavam o vosso corpo frágil e afligiam a alma veneranda: malária em surtos contínuos com febre e dores estomacais, com o baço e o fígado comprometidos não conseguiram desanimar-vos...

Ao lado dessas aflições vosso corpo foi lentamente transformado num jardim, no qual passaram a desabrochar as primeiras rosas arroxeadas da hanseníase...

Suportáveis tudo com paz, cantando louvores a Deus e aos Irmãos da Natureza.

Em vossa ingenuidade, um pouco antes, pensando em converter a Jesus o sultão al-Malik-al-Kamir, viajastes ao Egito com vosso irmão Iluminatus, conseguindo dialogar com o nobre muçulmano, que aceitou com a paz a Pelágio mais de uma vez, e que a recusou, redundando em tragédia a Quinta Cruzada.

Embora sentindo-vos fracassar no empenho para a conversão do monarca, buscastes os leprosos e os mais ínfimos pelos sítios por onde peregrinastes.

Com anuência do sultão gentil visitastes os lugares onde nascera, viera e morrera o Amor Incomum, fortalecendo-vos para as crucificações do futuro a que seríeis submetido.

Quando retornastes à querida Assis, já sentíeis as dores quase insuportáveis da conjuntivite tracomatosa, muito comum no Oriente, e que atinge ainda hoje milhões de vítimas, levando-as à cegueira.

Aconselhado por frei Elias e o cardeal Ugolino, que vos amava, aceitastes em submeterdes-vos ao tratamento especial contra o tracoma em Rieti, nas mãos do médico que aqueceu dois ferros até os tornar brasas vivas e vos cegou, na ignorância presunçosa, atribuindo-se conhecimentos que não possuía, abrindo na vossa face duas imensas feridas que chegavam às orelhas. E nem sequer reclamastes, exclamando, confiante: - Oh, Irmão fogo!... Sê bondoso comigo nesta hora...

Como se não bastasse, posteriormente, a fim de estancar a purulência dos vossos ouvidos, novamente experimentastes barras de ferro em brasa que os penetraram, sem que exteriorizásseis um gemido único...

Oh! Pai Francisco!

Nas tempestades que sacudiram então o vosso trabalho e no abandono a que vos atiraram alguns daqueles que ainda amavam mais o mundo e suas mentiras, buscastes meditar nos montes Subásio e Alverne, no último do qual Jesus crucificado, conforme ocorrera diante do crucifixo de São Damião, vos assinalou com a stigmata, que alguns negariam depois...

Quando alguém vos interrogou, posteriormente, o antigo jovem trovador reagiu, dizendo: - Cuide da sua vida.

Não desejáveis que ninguém soubesse da vossa perfeita união com Ele, o Rejeitado sublime.

Aneláveis por viver e sofrer como Ele vivera e sofrera, embora vos considerásseis inútil servo ou um homem inútil.

Com o coração trespassado pelas setas contínuas da ingratidão de muitos que agasalhastes no peito como se fossem cordeiros mansos, embora fossem serpentes venenosas que vos picaram mil vezes, assim mesmo continuastes amando-os.

Assim é o mundo com as suas mancomunações!

Os utilitaristas e a sua perversidade sempre estão presentes em todos os lugares.

Aqueles porém, que vos atraíram também morreram, Pobrezinho de Deus, e despertaram com a hanseníase na alma...

Não vós!

Ave canora que éreis, ascendestes na escala da evolução, vencendo todos os limites e dimensões do conhecimento, recebido por Ele, que vos aguardava com a ternura infinita que reserva para aqueles que O amam.

Ei-los, os ingratos, que se encontram de volta à Terra destes dias, recordando-vos, arrependidos e afáveis, buscando a reabilitação.

Apiedai-vos de todos eles, os vossos crucificadores, e amparai-os na esperança e na coragem para conseguirem a auto iluminação.

Menestrel de Deus!

Neste momento em que a Ciência e a Tecnologia soberbas falharam na tarefa de fazerem felizes os seres humanos, intercedei ao Pai por todos nós que ainda transitamos pela senda libertadora, buscando a perda alegria que desfrutávamos ao vosso lado, naqueles inolvidáveis dias.

Pai Francisco!

Abençoi-vos, mais uma vez.

JOANNA DE ÂNGELIS

Psicografia de Divaldo Franco.

Do livro: Francisco, O Sol de Assis.

E admirou a frase sábia de Francisco de Assis que disse PARA PRATICARMOS SEMPRE O EVANGELHO, E SE NECESSÁRIO FOSSE, UTILIZÁSSEMOS DE PALAVRAS, OU SEJA, MAIS CARIDADE E MENOS PALAVRAS.

Voltou a Milano depois desta maravilhosa revelação, e foi convidado a dar uma palestra espírita sobre a Universidade do Amor, Jesus e Francisco de Assis, e gentilmente oferecido pelos dirigentes da casa pernitoou no local onde, quando estava indo ao seu leito dormir, viu o quadro desenhado por mediunidade de Picasso, e reconheceu que era um auto retrato dele mesmo remetendo apenas a um Olho, a ser um seguidor de Jesus nesta vida (peixes que antigamente simbolizavam os antigo cristãos) e mais uma vez sorriu e agradeceu, e claro, obteve mais força para continuar a trabalhar.

Nosso peregrino começou a perceber agora o porque de sua enorme conexão com a Itália, não apenas pela sua atual ascendência sanguínea paterna, mas de algumas vidas passadas, como este médico de Rieti, e se recordou também que em Roma tinha sido um tal de Marcelo Volusiano, fanfarrão e boa vida que é mencionado no livro AVE CRISTO (fora envenenado e por isto nosso peregrino sempre pensou, quando tomava algo que alguém lhe oferecia, que poderia estar envenenado) e começou a compreender que realmente não existe morte, e que reencarnamos sucessivamente nos aperfeiçoando.

Neste lindo livro, além de lembrar de sua vida passada para não mais repetir os erros de outrora, consta uma lindíssima mensagem que o inspiraria para o trabalho da Universidade do amor:

“Sei que te vês relegado à solidão, sem parentes, sem lar... mas não te esqueças da imensa família humana. Por muitos séculos ainda, os servidores de Jesus (e nosso peregrino pedia para ter a honra de ser um) serão almas desajustadas na terra... Nossos filhos e irmãos encontram-se dispersos por toda a parte... Enquanto houver um gemido de dor no mundo ou uma nesga de sombra no espírito do povo, nossa tarefa não terminará. Por agora, somos desprezados e escarnecidos, no caminho do pastor celeste que nos legou o sacrifício por abençoada libertação e, amanhã, talvez, legiões de homens tombarão pelos princípios do Mestre, que, sendo tão simples em seus fundamentos, provocam o furor e a reação das trevas que ainda governam as nações. Morreremos e renas-

ceremos na carne muitas vezes... até que possamos contemplar a vitória da fraternidade e da verdadeira paz. Contudo, é indispensável amar muito para, antes, vencermos a nós mesmos. Nunca odeies, filho meu. Bendize constantemente as mãos que te ferirem. Desculpa os erros dos outros, com sinceridade e pleno olvido de todo o mal. Ama e ajuda sempre, ainda mesmo os que te pareçam duros e ingratos... Nossas afeições não desaparecem. Quem exercita a compreensão do evangelho acende lume no próprio coração para clarear a senda dos entes queridos, na terra ou além da morte. O mundo reclama servidores leais do bem. Não procure riquezas que o desengano enferruja... Não te prenda a ilusões e nem exijas da terra mais do que a Terra te possa dar... Só uma felicidade jamais termina - a felicidade do amor que honra a Deus no serviço aos semelhantes.

Seu nome atual era Luiz Marcelo, e descobriu bem tardiamente que ambos, Luiz e Marcelo, eram sinônimos e significavam: GUERREIRO, e nosso peregrino era efetivamente um Guerreiro da Luz com muito amor no coração, tanto que era sempre muito enganado e incompreendido.

ROMA – CANONIZAÇÃO MADRE TERESA

Sua estadia na Europa calhou bem com a canonização de Madre Teresa, que fez um grandioso trabalho de caridade na Índia em Calcutá, que nosso peregrino iria conhecer futuramente, e estava ele em plena praça São Pedro no enorme vaticano, de onde pela primeira vez viu, sem querer e sem se preparar, o papa nesta celebração.

Depois saindo pelas ruelas laterais viu um mendigo pedindo esmola, e ficou a uns poucos metros observando quem doava (sem julgar) e passaram por ele, o mendigo, todos tipos de ordens religiosas no fim da celebração pública, e ninguém doou nada, apenas uma família não religiosa, e se lembrou da passagem de Jesus do samaritano, e cada vez mais compreendia a enorme dificuldade dos seres em praticar caridade, mesmo aqueles que se dedicavam a isto, e foi um enorme aprendizado a ele que em algum momento de sua vida gostaria de ter sido monge, padre, sacerdote, e em verdade não precisava de nada daquilo, nem de vestes, nem de nada para se praticar amor, pois o verdadeiro templo do homem é seu coração.

FRANÇA DE ALLAN KARDEC

Dali nosso peregrino foi até Lyon e Paris para saber mais sobre Allan Kardec, o organizador do espiritismo, revendo alguns amigos de estrada por lá na bela França que já conhecia bem, e visitou onde Kardec nasceu, em Lyon. E deu uma palestra na casa espírita de Paris onde a dirigente local, uma brasileira, muito gentilmente o levou até o cemitério Père Lachaise, onde foi enterrado Kardec, e onde sobre sua cripta está a frase:

Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei. E se aprofundou mais neste incrível pedagogo aluno de Pestalozzi, da pedagogia do amor, que cientificamente e com muita seriedade e metodologia nos trouxe o fabuloso e maior livro da humanidade, depois do Mahabharata e os evangelhos, chamado O LIVRO DOS ESPÍRITOS, um marco para a humanidade.

EGITO DE INHOTEP

Anos depois nosso peregrino foi para o INCRÍVEL EGITO, lembrando de sua infância em que via na escola os livros das pirâmides, mas foi com um viés além deste, que era ir no local onde Francisco de Assis tinha estado, um local chamado Dalmietta, onde este se encontrou com um sultão muçulmano numa linda história de fé e amor recíproco.

Ficou impressionado com as pirâmides mas queria se aprofundar sobre o verdadeiro pai da medicina INHOTEP (e não Hipócrates), e guiado pelos espíritos amigos viajou pelos locais mais sagrados, pelos templos iniciativos, pelos interiores das pirâmides, e aprendia que estes antigos egípcios dominavam os ensinamentos espirituais mais elevados (caibalion) e praticavam observando os hieróglifos e imagens na parede, além do papiro do livro dos mortos, a assim chamada MEDICINA ESPIRITUAL, atuando nas causas no perispírito (corpo espiritual) e não apenas no corpo físico, nos efeitos, e tinham plena ciência dos passes magnéticos, das plantas medicinais e da mediunidade. Foram dias maravilhosos de enorme aprendizado, onde aprendeu mais sobre os muçulmanos, e teve um caso engraçado no Cairo, onde errou de vagão no metrô e entrou no da ala feminina, pois lá é dividido, e ficou um clima

engraçado de somente ele homem no meio das mulheres todas de hijab (lenço na cabeça), e ficou muito sem graça apesar dos sorrisos delas. E também no interior, quando num pequeno vilarejo participou de uma celebração de casamento, onde havia lindas músicas árabes mas ninguém falava inglês, mas foi muito bem tratado e recebido, e lembrou da dança sufi que havia aprendido na Índia e se encantou com aquele povo simples, muito embora discordasse de como as mulheres são consideradas inferiores, pois ele já sabia da Amazônia que as mulheres não tem nada de inferior, ao contrário, são muito mais fortes e resilientes que qualquer homem. E na ida a Dalmietta, cidade ao norte do Cairo, em que contratou um taxista que o levou e não compreendia porque ele queria ir naquela cidade aonde nenhum turista ia, mas foram e procurou muito algo relacionado, e nada encontrou.

Por fim chegaram a uma praia e nosso peregrino caminhando feliz, mas desolado por nada achar, se deparou com várias conchas enormes (vieiras), que lhe remeteram ao símbolo do caminho de Santiago, que significa que todos os caminhos levam a Deus, e se alegrou e ficou muito grato com aquele presente, e compreendeu que estava no caminho certo e se lembrou de uma frase de uma moça evangélica que havia feito uma expedição com ele na Amazônia que lhe disse: Nem todos os caminhos levam a Deus, mas Deus está em todos os caminhos.

WALDO

Em Novo Airão conheceu um senhor chamado Waldo, que lhe contou uma linda história.

Sempre as pessoas, em sua maioria, contavam suas vidas todas ao nosso peregrino, e a dele era especial como todas as demais, claro, mas era diferente.

Ele contou que era um menino de rua em Porto Velho e nunca tinha o que comer, uma vez foi num restaurante com muita fome e foi expulso pelo dono de uma maneira muito cruel e insensível.

Os anos se passaram e ele acabou indo parar em Manaus, se esforçou, estudou, casou, se formou e passou com méritos num concurso público.

Depois de todo este tempo retornou a Porto velho , já adulto e pai de alguns filhos, e passou em frente ao restaurante que ainda existia.

Chegando lá reservou todo o restaurante de onde havia sido expulso com o antigo dono, que não o reconheceu, e nem ele de imediato se apresentou, exclusivo para um almoço para um grupo que ele levaria.

Assim feito e reservado todo o restaurante a ele, o mesmo, foi e convidou todos os moradores de rua para irem almoçar lá, e quando chegou o dono não tinha como recuar, pois ele já havia inclusive pago, e o senhor Waldo lhe disse:

Há uns 30 anos o senhor me expulsou daqui, pois eu era um menino de rua com fome, hoje espero que aprenda a ser mais humilde com os mais necessitados.

E esta linda história inspirou o peregrino que admirava ainda mais a tenacidade do povo brasileiro, principalmente os amazônidas tão sofridos das classes mais baixas.

AVÔ RÁDIO

Uma vez nosso peregrino estava falando na rádio de Manaus num programa espírita, e seus tios maternos o estavam ouvindo, e ele percebeu a presença espiritual de seu avô materno, o pastor Delfino, o primeiro espírito que viu e lhe disse para ele cuidar de sua mãe.

Uma vez foi novamente peregrinar na fantástica e indígena Serra do Caparaó, terra de seu avô, e ali sentiu que deveria de alguma maneira unir a família materna dela, pois seus tios , irmãos não se falavam, e foi um pedido do seu avô e de sua avó que estavam no plano espiritual.

Foi paciente e insistente mas conseguiu no fim de muitas viagens e amor unir afinal os seus tios e sua mãe, num lindo ato de amor, e como forma de agradecer a oportunidade de ser este mediador, voltou para fazer o caminho da luz a pé nesta serra com seu tio, e descobriu que numa vida passada seu avô tinha sido Brâmane, e que tinha sido na última vida um pastor cantor, pois cantava louvores a Deus em suas caminhadas nas cidades da serra do Caparaó, local que nosso peregrino se sentia muito em casa por causa dos espíritos indígenas que lá habitam.

Foi realmente uma linda e profunda história de amor.

FISIOTERAPEUTA E PRECONCEITO

Por incrível que possa parecer, Manaus, a cidade mais indígena do Brasil, tem um enorme preconceito com seu povo raiz original.

Tanto que os indígenas que lá chegam não querem ser considerados indígenas e até renegam suas origens providas do interior, exceção se dá àqueles que querem tirar proveito das benesses do estado e se autoproclama indígenas, mesmo sem ter nenhuma vivência na aldeia, apenas os traços que são característicos e latentes.

Raras exceções são aqueles indígenas que realmente o são e tem orgulho de sua origem, infelizmente.

Uma vez numa expedição, se juntou aos voluntários uma fisioterapeuta de Manaus, que tinha o fenótipo indígena e provinha do interior do Amazonas, e nosso peregrino lhe deu as boas vindas e disse: que alegria, uma índia ajudando os irmãos índios de Manaus, o que é muito raro. Ela se ofendeu e disse que não era índia não, e nosso peregrino se desculpou humildemente, pois ele pensava ela ser índia e ter orgulho daquilo, mas não foi o que aconteceu.

Anos depois esta mesma fisioterapeuta retornou em mais uma expedição e antes de embarcar chamou nosso peregrino e disse: Preciso lhe pedir desculpas, aquela vez você me chamou de índia mas eu neguei a minha origem, em verdade sou índia sim, nasci no interior, sou baré, mas aqui em Manaus se eu disser a alguém minha origem, não serei nem reconhecida e muito menos valorizada, infelizmente, pois o preconceito é enorme na capital.

Nosso peregrino sorriu, agradeceu e compreendeu que Manaus ainda vivia como no século XV, onde filhos ricos de abastados funcionários públicos estudavam e moravam no exterior enquanto o povo em sua maioria sofria um enorme preconceito.

Outra vez seu amigo índio foi convidado a se retirar de um restaurante chique flutuante em Novo Airão, pois segundo os proprietários ele não era adequado ao local, e o índio lhe disse: quando estou com você que é branco sou bem tratado, e quando venho sozinho sou desprezado e até expulso. E assim nosso peregrino foi cada vez mais compreendendo a pequenez humana de alguns, principalmente os do-

minantes, e a grandeza dos assim ditos inferiores na classe social, mas que ele amava enormemente.

A este restaurante nunca mais voltaria, muito embora o grande sucesso, onde todos os famosos do Brasil frequentavam sem saber desta triste realidade. E se lembrou de uma vez no Rio de Janeiro quando estava comendo em um restaurante com mesas para fora, muito chique e quando ainda era empresário de sucesso, e que os mendigos ao lado das mesas se preparavam para dormir ao relento, enquanto todos, inclusive ele, estavam se deliciando com as caras comidas e bebidas alcóolicas, mas ele se sentiu muito mal com aquela indiferença de todos, e ao menos tentou servir petiscos aos moradores de rua para amenizar sua consciência mas com olhares de desdém de todos, e iria apenas compreender melhor tais situações estudando profundamente a doutrina dos espíritos, que explicava que o planeta era bem primitivo, onde a vaidade e principalmente o egoísmo eram latentes, e que deveriam ser combatidos sempre com o altruísmo desinteressado.

Nesta época ainda de empresário bom vivante, se deparou com inúmeras situações desta maneira, onde mendigos com crianças pedem e outros bebem na esbórnia indiferentes, mas ia aos poucos, passo a passo ampliando sua capacidade de amar, até muitos anos depois culminar na Universidade do Amor.

Certa vez com um amigo italiano muito rico, estavam no sul da Bahia tomando caipirinha e comendo camarão, num local paradisíaco, onde chegou uma criança vendendo cocada e ofereceu ao seu amigo por R\$1,00 cada. Inacreditavelmente o seu amigo pediu desconto e deu R\$0,50 e se sentiu maior. Nosso peregrino não acreditou e ficou constrangido com aquela cena que não compreendia nem acreditava, e em silêncio seguiu o menino e comprou toda as cocadas com um valor superior e distribuiu a quem via nas vielas, e aquilo o tocou tão profundamente que não julgou o amigo, e nem comentou nada, mas tentou entender o porquê daquilo, e novamente aprendeu com a doutrina dos espíritos que o livre arbítrio é de todos. E também aquela situação o fez sempre refletir sobre a vida hedonista que levava e com certeza o ajudou a ser ao menos não indiferente, e aprendeu sempre que cada um somente pode oferecer o que tem dentro, mas que cada um pode mudar a sua atitude em relação a vida a todo instante, e orava e ora até hoje para todos aqueles amigos que conheceu no passado e se afastaram dele pela

opção de vida de simplicidade e doação, que um dia sentissem o que ele sentia: amor e plenitude, muito além do que qualquer coisa material que a ferrugem come e o tempo leva poderia oferecer, e se lembrou da linda e inspiradora frase de seu guru Chico Xavier: Muito embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim, e tinha a plena certeza que um dia todos sem exceção acordariam do sono profundo da indiferença, egoísmo e vaidade e das ilusões sensoriais transitórias do mundo, que a nenhum lugar levam.

A INCRÍVEL ÍNDIA PELA SEGUNDA VEZ

Uma indiana foi visitar a Universidade do Amor, pois queria saber mais sobre os indígenas do Brasil, uma vez que ela tinha um projeto social com indígenas indianos, que o peregrino nem sabia existir.

Foram dias incríveis e até um Puja (celebração espiritual) fizeram na sede Dharmazônia.

A indiana convidou nosso peregrino para ir em seu projeto na Índia para ensinar os indígenas indianos a também aprenderem a construir os pequenos kits de painéis solares que ele tinha desenvolvido e criado, e tinham uma enorme repercussão, beneficiando a muitos com dignidade e luz nos confins da Amazônia.

Incrivelmente seu pai tinha sido vice-reitor da Universidade que o Tagore havia criado na Índia, e isto encheu o coração do nosso peregrino de vontade de conhecer Shantinetan e Calcutá na Índia, do outro lado em que não tinha ido a primeira vez.

E assim pela segunda vez foi a Índia, e como sempre teve momentos mágicos, transcendentais.

Um dia estava na beira do Ganges meditando na linda, mas turística, Rishikesh, onde todos os turistas do mundo vão para praticar uma yoga que aprendem no ocidente, mas que não tem nada a ver com a pura e verdadeira yoga. Chegam aos milhares com roupas coloridas e tapetinhos debaixo do braço, e os indianos os observam e nem aquelas roupas usam, muito menos os yoguis, paciência com o planetinha azul, ao menos uma sementinha bem pequenininha do yoga ali estava, mas estava longe, bem longe, muito longe da verdadeira yoga que é sentir e

vibrar, e gratuito como todo caminho espiritual, mas assim era e nosso peregrino só observava.

Estava ele esperando os lindos rituais (pujas) diários na beira do Ganges e por um momento pensou em abandonar tudo na Amazônia e se retirar nas profundezas dos himalaias como os antigos rishis, os antigos yoguis, mas neste momento teve um vislumbre e uma linda visão espiritual, onde o Ganges se levantava e começava a subir girando junto com outro rio que ele compreendeu ser o rio Negro, e eles iam se entrelaçando juntos e subindo como a energia representação da kundalini ou do caduceu de Hermes Trimegistros (Inhotep), e no topo desta formação surgiu uma lindíssima flor de lótus, e nesta visão compreendeu que seu local de atuação nesta vida era na Amazônia, no rio Negro, para se praticar o puro Yoga, o Puro Dharma, o puro Amor incondicional.

Nesta viagem teve a sorte de encontrar um verdadeiro e raríssimo yogui, com quem se conectou, e estabeleceram uma verdadeira amizade.

Se conheceram no ashram do Gandhi em Almenabadah, onde passaram juntos dias de intensa alegria e práticas.

Um dia havia um grupo de jovens que vieram de toda a Índia para refazer o caminho que um dia Gandhi fez, marchando ao litoral, em protesto ao invasor inglês, e eles estavam sentados no ashram do Gandhi num jardim a beira rio, e nosso peregrino foi convidado a participar e tinha que ser naquele momento, e ele estava descalço e foi descalço na reunião dos jovens, onde inclusive tinha até um senhor que estava nos trajes e era igualzinho ao Gandhi e alegrava todos os visitantes ali com as fotos.

Estavam todos sentados quando inesperadamente o Yogui que estava palestrando a eles com os diretores do ashram se virou ao nosso peregrino e lhe disse: você que veio de tão longe, da Amazônia, não poderia dar uma palavra de incentivo aos jovens antes desta enorme caminhada?

O peregrino se sentiu lisonjeado e inspirado, falou a todos da importância da prática espiritual em suas vidas, que a Índia era o berço da espiritualidade e estava se perdendo como todo o mundo na ilusão material, e falou com muito amor dos ensinamentos do Bhagavad Gita, e que ali estava todo o caminho que todo homem deve seguir, arjunas que somos.

Foi emocionante, um brasileiro, falando na Índia aos jovens dos ensinamentos espirituais mais elevados.

Todos se sentiram muito felizes e seu amigo yogui lhe abraçou e disse: Peregrino, sabe onde você estava sentado, e falou do Bhagavad Gita aos jovens? Pois é ali naquele mesmo lugar onde você estava sentado, onde todos os finais de semana, Gandhi ensinava a todos sobre o Bhagavad Gita, linda coincidência você não acha? E sorriu para ele.

Nosso peregrino não tinha palavras, apenas explodiu internamente e gostaria que todo o mundo soubesse e praticasse o Bhagavad Gita, não em rituais, mas na prática mesmo.

Uma vez na sede ele recebeu a filha de uma amiga da fazenda Hare Krishna que ele sempre frequentava, e ela participou por meses trabalhando incessantemente na caridade na Amazônia com o peregrino na Universidade do Amor, e um dia eles estavam na sede e nosso peregrino sonhou com o criador do movimento Sri Phabupada que disse a ele no sonho: você está cantando muito bem o mantra Hare Krishna, e compreendeu que a maior prática é ajudar os outros mesmo, sendo este o maior mantra, a maior prática, o mahadharma: ajudar o próximo sem cessar.

Conheceu neste ashram uma senhora famosa que era considerada a nova Madre Teresa, pois ajudava muita gente, juntos depois a pedido do yogui deram uma palestra no próprio ashram sobre seus trabalhos, o dela e o da Amazônia, e depois esta senhora estava com muita gente ao seu redor visitando o ashram, e ele de longe só observando, quando chegou perto da comitiva uma senhora pedindo esmola, e foi ignorada. E nosso peregrino estava sem nada e vendo a distância teve compaixão e queria ajudar, e foi atrás de algo, e quando voltou a mulher não estava mais, parecia verdadeiramente que tinha se desmaterializado, e compreendeu ali as palavras de Paulo de Tarso, que você pode doar tudo aos pobres, renunciar a tudo, mas se não tiver amor em seu coração nada destas ações adiantarão, e levou para si esta lição, que se esforçaria quando fosse abordado por qualquer um, ao menos uma palavra, um abraço ou mesmo escutar o faria, e se esforçava muito nisto em todos os lugares por onde passava, tentando servir ao máximo que podia.

Chegando em Shantineketan, ficou extasiado com a comunidade indígena indiana, onde além de ensinar sobre os kits solares, aprendeu

muito com eles, e ficou muito feliz em ali estar com os curumins indígenas indianos. E quando chegou na casa de sua amiga, estava cantando o mantra Shiva shamboo, e estava muito feliz com o trabalho realizado e a alegria e festa das crianças com ele, e a senhora que cuidava da casa disse: O senhor está cantando este mantra porque hoje é o dia de Shiva? Aquilo era uma surpresa e uma coincidência linda, pois nosso peregrino não sabia da data comemorativa, e aí olhou para ela e sorriu, e dançou ali mesmo a dança de tandava, a dança cósmica do amor que Shiva dançou quando se iluminou, que é representada por toda a Índia pela estátua chamada nataraja.

No outro dia, caminhou pela universidade criada pelo Tagore, visitou sua antiga casa e seu antigo museu e se sentiu muito mas muito em casa, mas percebeu que quando o governo assumiu se perdeu a essência que ali havia, a essência pura do aprender e praticar amor, era o que o Tagore queria, era incrivelmente o que o nosso peregrino estava fazendo agora na Amazônia. E sentiu esta enorme conexão entre ele e o poeta indiano, e se lembrou de quando criança e via as nuvens em Minas Gerais e escrevia poesias em Caçapava, ele, o Tagore, estava sempre ao seu lado e ainda mais na Amazônia, e se lembrou de seu amigo índio que um dia disse: quem é este indiano que está sempre ao seu lado? Se lembrou da amiga espírita que logo no começo lhe disse que o mentor dele e da universidade era um indiano com trajes típicos, lembrou do amigo Jefferson com sua mediunidade lhe dizendo para ler os poemas de Tagore, e enfim descobriu que Tagore era o espírito que ele havia visto em Assis, e que ele era o mentor espiritual da incrível Universidade do Amor e seu pessoal, e ficou muito feliz com isto, e foi meditar e ouvir mantras em um lindo pequeno templo de vidro, sem religião, universal, criado pelo seu pai, que na verdade havia sido seu pai que havia começado e doado o terreno a ele para aquele lindo local.

O peregrino começou a caminhar depois do evento e entrou numa enorme e linda figueira, e se lembrou de Iturama quando era bem criança e ia estudar lendo livros debaixo dela, e fazia bolinhas com a seiva da mesma, parecido com seringueira, e nesta árvore enorme que estava fechada para visitação, sentiu um impulso enorme e ali educadamente entrou, sentou e meditou naquele parque, naquele jardim e se lembrou de mais uma vida passada, e de quem havia sido na Índia. E depois disso seguiu na casa onde ele havia morado em Calcutá, e relembrou de muita

coisa e compreendeu quem ele havia sido, o porquê daquele trabalho na Amazônia, e que ele tinha tido um barco chamado PADMA numa vida passada, e que levava TAGORE para navegar e meditar nos himalaia, pois ele havia sido seu pai, que queria criar um movimento espiritual pautado no Amor sem dogmas, nem rituais, apenas o puro e verdadeiro BRAHMAM DHARMA que ele manifestou assim :

(O puro ensinamento de Deus):

Todos devemos amar e seguir a vontade de Deus: O Criador de tudo e de todos, sem forma, Onisciente e Onipresente.

Devemos realizar sempre ações positivas no mundo, e através destas boas ações que servimos verdadeiramente a Deus , o Único e Absoluto.

Assim a caridade, que são estas ações positivas de corpo, fala e mente , é a mais perfeita e elevada adoração a Deus, devendo assim ser ela o ponto comum e de união de todas as possíveis religiões e seitas espirituais, de onde nenhuma delas deve ser menosprezada ou desrespeitada como forma de manifestação individual de cada um, de acordo com sua afinidade e cultura.

Assim devemos sempre promover e praticar a caridade, bem como o perdão, a benevolência e o amor incondicional, fortalecendo tanto quanto possível , os laços de união fraterna entre os homens de todas as raças, culturas, países, religiões e credos, compreendendo profundamente que somos todos irmãos sem exceção, e que o mais verdadeiro é puro Dharma é praticar amor incondicional sempre.

Assim ciente desta sua vida, decidiu que quando voltasse para a Amazônia o próximo barco se chamaria PADMA e o Instituto Amor se transformaria em UNIVERSIDADE DO AMOR. Anos depois na Itália descobriria que o pai do Tagore havia escrito uma auto biografia e adquiriu em italiano um livro muito antigo, e que se encontra hoje na biblioteca do Padma, junto do AVE CRISTO, TEXTO DE JOANA DE ÂNGELIS DO MÉDICO DE RIETE, AJURICABA e esta autobiografia das vidas passadas lembradas de nosso peregrino, que apenas servem para lhe lembrar o enorme compromisso assumido no plano espiritual.

Depois desta linda recordação que lhe foi agraciada por Deus para que ele continuasse com afinco , sem esmorecer na Amazônia, ape-

sar de todas as dificuldades do mundo, nosso peregrino foi visitar outros projetos sociais em Shantineketan, em Varanasi e bem no interior da Índia, e aprendeu muito com eles como ser e principalmente como NÃO ser, não se envolvendo com o ego e com a política, sendo efetivamente a Universidade do Amor a cuia do buda, ou seja, um lugar onde as pessoas possam contribuir e sentir a energia do amor espiritual neste planeta tão primitivo de provas e expiações, como havia aprendido com a maravilhosa e reveladora religião dos espíritos mais puros. E foi meditar onde Buda deu seus primeiros ensinamentos em Sarnath, e depois foi visitar Kurushetra, local onde há um lindo museu que foi o local de onde Krishna se manifestou para Arjuna como um espírito muito elevado, e compartilhou com ele a essência do puro yoga e o caminho a ser seguido: Primeiro aprendemos os ensinamentos espirituais, depois o praticamos, aí colocamos em nossas vidas estas práticas cotidianamente, até que tudo que fizermos nesta vida seja um louvor a Deus, compreendendo que Deus proverá e provê sempre.

E assim firmou na fonte em que a universidade do amor bebe: os ensinamentos de Buda, de Krishna e, como disse Gandhi, se todos os ensinamentos espirituais da Índia se perdessem e ficasse o SERMÃO DA MONTANHA de Jesus, nada estaria perdido.

Na Índia, compreendeu porquê de muitas pessoas não aceitarem Jesus, obviamente pois foi imposto pelo invasor com muita violência uma religião sem sentido, que estava muito longe de Jesus, e isto o afastava como muita gente.

Aí nosso peregrino teve a sabedoria de não misturar JESUS com seus seguidores e suas igrejas, pois ele era puro e seus ensinamentos o mais puro Yoga, e muito embora não concordasse, ele respeitava o livre arbítrio de cada um, e o dele sempre foi de não concordar com templos e rituais enquanto houvesse crianças e mendigos nas ruas sem casas. Mas compreendia ainda que todos estavam longe da compreensão, mas que ao menos estavam de alguma sorte ainda na sua maneira de ver tentando se melhorar, paciência, muita paciência.

E se recordou nesta vida de aprender mais e praticar os ensinamentos de Jesus, por isto nasceu no berço católico – protestante e ali mesmo viu que ambas estavam longe, muito longe, do puro Jesus, e se lembrou da história de um mestre budista vietnamita por quem ele tinha apreço, THICH NHAT HAM, que deu uma entrevista dizendo

que ele conheceu Jesus a força, chegando com o Invasor do seu país, o Vietnam, e que estes chamados cristãos queimavam templos budistas dizendo que eram pecadores, e que deviam aceitar Jesus, e que criou nele este trauma, mas que só foi entender quem foi Jesus muitos anos depois, quando conheceu Martin Luther King e compreendeu quem era Jesus e seus ensinamentos, e não as igrejas que em seu nome matam e assassinam.

Uma vez seu amigo índio, que era muito grato aos missionários que o ensinaram a ler e escrever e se considerava católico, disse que seu pai contava que quando chegaram os primeiros padres, eles proibiram todos de fazer seus rituais, suas danças e até de falar sua língua, e que todos deviam se arrepender do pecado, pois todos nós tínhamos colocado Jesus na cruz.

Seu pai levantou a mão, isto pelos anos 30, e disse ao Padre: Olha, eu não conheço este homem Jesus, mas não fomos nós quem o colocamos na cruz não.

Conheceu um pajé que lhe contou uma história muito triste, que quando era criança, ele viu os padres queimando as ocas tradicionais de reza e as chamando de MALOCAS (ocas do mal), e todos os instrumentos por eles feitos, que eram sagrados no alto rio Negro.

Depois de velho ele migrou para Manaus, onde ficou sabendo que havia um museu do índio que cobrava para entrar, e que iam muito estrangeiros, e era em um convento da igreja católica, e ele foi visitar e ficou triste e com raiva, pois ele viu todos os instrumentos que disseram que eram do mal e que queimaram, que estavam ali expostos e que haviam sido roubados, demonstrando a incoerência destas instituições e o que Jesus ensinou. E assim nosso peregrino aprendeu a dividir muito bem Jesus e seus ensinamentos, que era como Krishna e Buda, dos assim chamados que podem falar em nome deles, que em verdade são meros humanos, falhos como todos nós.

E seguiu assim praticando a verdade ensinada por estes maravilhosos espíritos de luz na Universidade do Amor e convidando a todos a participarem, sempre.

GOLDEN TEMPLE E HIMALAIAS

Nosso peregrino seguiu até o famoso Golden Temple em Amristar, no Punjab, porque queria conhecer um pouco mais dos sikhis e o sikhismo, pois na primeira vez que foi a Índia conheceu um sikhi que sentou ao seu lado num voo local, e lhe perguntou se ele tinha medo dele. O peregrino sorriu e disse que não e ele disse: pergunto pois vocês ocidentais pensam que nos que temos este turbante e esta barba somos todos terroristas, e nos confundem com os muçulmanos, e ele explicou da origem da religião dele, e que ofereciam comida gratuita e que o templo de ouro era sagrado.

E lembrando deste diálogo se dirigiu a este lindo templo bem longe na fronteira com o Paquistão e ficou admirado com tudo, mas recai na mesma observação: por que um templo de ouro tão lindo, e cheio de crianças pobres mendigando nas ruas, mas foi muito bem tratado e recebido e aprendeu mais sobre esta religião tradicional e desconhecida fora da Índia.

Ficou num hostel em Amristar e viu que na biblioteca dele estava uma biografia do TAGORE, que pediu ao dono de presente, que o deu e ali mesmo leu ele inteiro (este livro está também na biblioteca do PADMA) e resolveu ir dali mesmo aos confins dos himalaia, onde o pai do Tagore o levava para meditar, estudar e aprender sobre estrelas quando criança, mencionado no livro inclusive passando pelo Golden Temple.

Assim tomou vários ônibus no interior da Índia subindo até os himalaia, onde chegou numa gélida noite onde quase teve uma hipotermia, pois estava sem roupas adequadas e ficou numa pequena estalagem tremendo de frio nos altos himalaia em Dalhousie – Himachal Pradesh.

No outro dia pela manhã já recomposto, contratou um taxista e foram em busca deste local desconhecido que nosso peregrino imaginava encontrar para ter alguma resposta, alguma luz, algum ensinamento, algum direcionamento para seguir seu caminho na Universidade do Amor, e como no Egito, que estava buscando onde Francisco de Assis teria encontrado o sultão muçulmano, e o taxista não entendia como alguém pode buscar algo sem saber o que e onde, o mesmo taxista indiano estava impaciente também e nosso peregrino, como ao egípcio,

disse ao indiano, apenas siga, e assim foram até chegarem no alto de um pico bem bonito, e nosso peregrino disse para parar o carro e desceu, e foi caminhando numa trilhazinha, e foi sentido que receberia uma resposta, uma instrução, e quando chegou ao fim viu na sua frente incredivelmente uma imagem de FRANCISCO DE ASSIS, e ali compreendeu tudo, que nesta vida o peregrino deveria se esforçar para seguir os passos do poverello de Assis e praticar o evangelho de Jesus verdadeiramente e puramente. E assim chorou de alegria e compreendeu ainda mais, e com uma forte convicção retornou ao Brasil, e em sua chegada já trocou o nome de Instituto Amor para Universidade do Amor, e seu voo era o último voo, e quando chegou ao Brasil, se estabeleceu no mundo a pandemia do coronavírus.

Tagore viajou o mundo dando palestras, tendo visitado mais do que 30 países nos cinco continentes. Em 1924, fez uma visita ao Peru, a convite do governo peruano. Na semana seguinte, fez uma visita a Buenos Aires, na Argentina. Nunca esteve no Brasil mas ele deu a seguinte entrevista publicada pelo jornalista chileno Alaro Hinojosa quando da visita de Tagore a América do Sul.

Disse Tagore:

“Em minha curta viagem às Américas do Norte, Central e do Sul, pude notar os sintomas das centelhas de consciência.

O Brasil será a capital espiritual do mundo, como o Berço da Nova Cultura brasileira, por ser o Centro Espiritual ligado com outros Mundos. Pois é no Brasil que se dará o evento de onde terá a origem a Luz Sublime da Verdade com a Nova Obra, que o Homem Superior oferecerá aos homens...”

VIRADA JOIA RARA

Ficou 15 dias isolado por que tinha vindo da Índia na pandemia, e percebeu o desespero das pessoas na pandemia, e compreendeu que era um primeiro convite divino para todos mudarem de vida, seguirem um caminho mais espiritual, além do material e ficou latente a verdade da enorme hipocrisia que existe no planeta azul em relação a tudo e a todos, tendo olhos para ver quem quisesse a precariedade do sistema de

saúde do Amazonas, em que a Universidade do Amor atuava, pois sabia que era a maior demanda de toda aquela abandonada população.

Depois da quarentena nosso peregrino foi para a Amazônia em ação humanitária, e a bordo do Joia Rara começou a levar cestas básicas, medicamentos, máscaras, álcool gel, máquinas de costuras e tecidos para se confeccionar máscaras nas comunidades que estavam completamente isoladas pelo lockdown e sem nenhum tipo de apoio.

Foram meses de muito trabalho com afinho e muito amor, verdadeiramente amparando a todos naqueles momentos terríveis em que todos estavam com muito medo, medo mesmo de morrer, que até era uma das maiores causas das internações.

Com muita fé, coragem e amor no coração nosso peregrino seguiu seu destino e atuou como podia naquela catástrofe que se espalhou pelo mundo, amparando seus irmãos indígenas e ribeirinhos, e aproveitou para lançar um programa chamado Modelo de Alimentação Saudável e Sustentável na Amazônia, alertando aqueles povos para não ficarem na total dependência do estado que era quase ausente, e que eles deviam fazer a parte deles trabalhando, produzindo, plantando, e que ele iria ajudá-los para tanto, e que aquela situação tinha um propósito de lembrá-los de se tornarem auto suficientes como sempre os indígenas foram, e não viver de precárias e escassas doações e auxílios governamentais, que eram apenas paliativos e não definitivos. E que a Universidade do Amor, se eles quisessem, iria sempre apoiá-los nestas ações de progresso e desenvolvimento humano pleno, pois todos eram diamantes e tinham muito potencial, e que o assistencialismo apenas os mantinha na pobreza, e que aquilo era apenas um incentivo para eles saírem daquela situação.

Num domingo pela manhã, depois de haver percorrido todas as comunidades faltando apenas a última do lado da sede, nosso peregrino saiu com seu amigo índio que o ajudou em toda a pandemia, para entregar as últimas cestas básicas para a última comunidade, e no meio do rio um forte vento que veio do além virou o JOIA RARA, sendo ele arremessado de dentro da cabine de comando, e o barco ficou a deriva, tombado de lado.

Foi tudo muito rápido, como num filme, e começou um dilúvio na sequência, e ele ficou desesperado porque não via seu amigo índio, e

pensou em mergulhar e procurá-lo, pois talvez estivesse preso dentro do Barco, mas viu no fundo do barco, na popa, o seu amigo inteiro e vivo caminhando em sua direção.

O índio se sentou do lado do peregrino e começou a chorar e nosso peregrino ficou em silêncio, e os dois sendo banhados pela torrencial chuva e vendo as cestas básicas boiando, pois incrivelmente nenhuma se perdeu, e nosso peregrino disse:

Meu irmão, eu não estou compreendendo nada do porquê desta virada do barco, mas me dê a mão e vamos fazer uma oração: EM TUDO DAI GRAÇAS, pois nosso peregrino se lembrou que quando estava na quarentena da pandemia na volta da Índia assistiu um depoimento de um famoso apresentador de tv, que disse que quando passou por um momento de enorme dificuldade na morte de seu pai, lembrou de mesmo naquela enorme dor em tudo dar graças! E assim o fez. Naquele momento de incompreensão profunda, orou em alta voz em pleno rio Negro, com o barco virado: EM TUDO DOU GRAÇAS como Paulo de Tarso um dia nos ensinou.

Depois da virada, o barco foi rebocado por rabetas (pequenas canoas motorizadas) ribeirinhas amigas para a sede da Universidade do Amor, virado, e nosso peregrino com seu amigo índio estavam sem nada, sem documento, sem dinheiro, sem nada pois tudo tinha ido ao fundo.

Estavam assim na sede da Universidade do Amor, na maloca, quando o seu amigo índio lhe disse: e agora peregrino? O que você irá fazer? Você está sem dinheiro, sem documento, sem barco, sem roupa, sem nada, o que você irá fazer?

O peregrino o olhou e chorou, e então disse: Minha motivação é pura, eu apenas quero praticar amor ajudando as pessoas, sem esperar absolutamente nada em troca. Eu não compreendo o que está ocorrendo mas em tudo dou graças, e se os espíritos mais elevados ainda confiarem em mim, eu não vou desistir, eu quero seguir, que assim seja.

Neste exato momento no meio da floresta, na sede da Universidade do Amor, num ponto equidistante entre o atlântico e o pacífico, se ouviu o canto do UIRAPURU, o lindo e inigualável canto raro que a floresta para ouvir, e nosso peregrino compreendeu que seu pedido foi

aceito, sua provação superada e abraçou o índio e choraram juntos e ele somente ouviu uma voz que lhe disse: Agora, somente observe.

E ele ficou assim então seguindo esta voz espiritual, somente observando e o inacreditável começou a acontecer, pouco a pouco, passo a passo: encontraram seus documentos dentro do Joia Rara, teve a inspiração divina para continuar trabalhando como no começo com o Chico Xavier (voadeira) e criar uma campanha para se comprar um novo e lindo barco O PADMA, e assim em conjunto com muitos amigos que já o conheciam, muitas campanhas, ideias e esforços comuns, juntos em quatro meses compraram um lindo e novo barco, o barco ambulatório que ele batizaria com o mesmo nome de um barco que tivera numa vida passada no Ganges, na Índia, e que na sua inauguração no final da expedição foi agraciado com um lindo arco íris, que era a colônia espiritual arco íris se manifestando a ele, que sempre qualquer pessoa que quisesse seguir verdadeiramente e puramente um caminho espiritual seria sempre, sempre amparado. E a virada do Joia Rara foi um presente divino na verdade, pois além dele estar velho e inadequado, até podendo colocar em riscos os voluntários e a ele mesmo, foi também a derradeira prova para ele aprender a ter mais fé, que agora sem dúvidas e sem titubear com a fé raciocinada pela experiência direta, consciente e lúcido que Deus não desempara ninguém, seguiu OUSANDO AMAR e convidando a todos a participarem do banquete do amor, o amor puro e verdadeiro, ensinado por Krishna, Buda e Jesus, e esta prática simples mas profunda, pela caridade, transformaria a todos que participassem, pois ninguém, ninguém, sai ileso da Amazônia, e lembrou da poesia oração que escreveu logo após ouvir o Uirapuru:

O CANTO DO UIRAPURU

O Uirapuru canta na floresta confirmando o sinal divino para o trabalho seguir.

Novo servo fiel do Cristo Jesus, seguindo o seu evangelho de luz, o mais puro Dharma, e caminhando no olhar amoroso de Francisco de Assis e no colo abençoado e calmo de Chico Xavier, e sentindo e seguindo Tagore, meu amado guru e sempre grato pela inspiração dos passos de um certo príncipe, o iluminado, chamado de Buda, e banhado pelos ensinamentos mais profun-

dos da mãe espiritual da terra: a incrível Índia, na doce e profunda flauta de Krishna e seu puro e verdadeiro yoga na essência dos vedas.

Renascido na fé adquirida pela experiência direta, em tudo absolutamente tudo dou graças ao criador dos universos e galáxias, que não compreendo racionalmente diante de minha enorme limitação humana, mas como novo poeta que sou: o sinto em tudo, absolutamente tudo ao meu redor, em seu Jardim divino: a Amazônia, e principalmente em mim mesmo.

E recebeu nosso peregrino uma linda mensagem de seu irmão Pedro, que carinhosamente o chamava de Sepé Tiaraju, com quem tivera lindos momentos juntos, uma vez no interior do RS meditaram juntos. E sentiu que Sepé estava ali, seja o Pedro seja o espírito, não importa, estavam ali dois índios em pele branca sentindo a irmandade e fraternidade. Sepé, o líder indígena gaúcho das missões que uma vez disse aos invasores: esta terra tem dono.

Uma vez num curso de medicina espiritual no sul, o irmão do peregrino sentiu a presença espiritual dos benfeitores e de Tagore, e orou:

Estão desfeitas todas as minhas ilusões de adulto sonhador.

O teu rosto de realidade iluminou os recantos sombrios onde eu guardava as ambições impensadas.

Com a tua claridade, vi que se diluíam as imagens de névoa que adoravam o meu altar de encantamentos

Esvazia-se a taça dos meus desejos , porém me plenifico com a paz que de Ti se irradia e já não anelo por mais nada, exceto seguir a teu lado

Depois enviou ao nosso peregrino uma linda mensagem de amparo para encorajá-lo que assim dizia:

“Este é o meu canto, Senhor, que acompanho com o vibrar da cítara do coração:

que eu permaneça justo, no lugar em que impere a injustiça;
corajoso, onde se estabeleça o medo;

digno, no meio dos corrompidos;
bom, sob o desafio da maldade;
fiel, entre os que escarnecem da honra;
pacífico e pacificador, ao lado dos combatentes e déspotas;
puro e sadio, convivendo com os viciados;
crente e humilde, ouvindo maldições e sofrendo azorragues.

*

A minha é a oração devocional do pleno amor por Ti, pela vida e pelos meus irmãos ainda enganados pela ilusão do corpo.”

Estesia de Tagore no livro Pássaros livres.

Tempos depois já com o novo barco no trabalho, imersos nas enormes dificuldades e provações que sempre tinha no trabalho verdadeiro do amor, recebeu duas mensagens em duas lindas canções cantadas pela sua irmã indígena Clara, numa pequena igreja muito especial, onde nosso peregrino sempre compartilhava os ensinamentos espirituais mais elevados, onde até sua mãe e tio tocaram louvores evangélicos para alegria de seus pais no plano espiritual, e que sempre estava nas expedições com ele após a partida do amigo indígena, também lhe ensinando que ninguém é insubstituível, que dizia assim :

O vento balançou, meu barco em alto mar
O medo me cercou, e quis me afogar
Mas então eu clamei, ao filho de Davi
Ele me escutou, por isso estou aqui
O vento Ele acalmou, o medo repreendeu
Quando Ele ordenou, o mar obedeceu
Não temo mais o mar, pois firme está minha fé
No meu barquinho está, Jesus de Nazaré
Se o medo me cercar, ou se o vento soprar
Seu nome eu clamarei, Ele me guardará
Não temo mais o mar, pois firme está minha fé
No meu barquinho está, Jesus de Nazaré
Se o medo me cercar, ou se o vento soprar

Seu nome eu clamarei, Ele me socorrerá
Tá chorando por quê?
Se você tem um Deus
Que cuida de você, oh, oh
E jamais te esqueceu
Ele sabe de tudo
Que você está passando
E mandou te dizer
Que Ele está cuidando
Lembra de onde você veio
E aonde que você chegou
Lembra de todos os livramentos
Que você já passou
Nem era para você estar aqui
Mas Deus falou assim
Esse aí, vou levantar
E onde colocar a mão, Eu vou abençoar
Não chore
Quem cuida de você não dorme
Levanta
Tem muita gente que te ama
Deus mandou te dizer, que vai acontecer
Deus mandou te falar, que tudo vai passar

E assim seguiu nosso peregrino pelo rio Negro com seguinte mensagem enviada pelo amigo médium Jefferson: Deus te ampara sempre. Que tu percebas essas bênçãos e usufruas junto aos irmãos que tem sido a extensão da tua família. Ama e serve.

Avança sem olhar pra trás. Muitos cairão ao teu lado ou diante de ti. Tu porém medita e recupera os teus objetivos reencarnatórios.

O véu que te cobre em breve será descortinado e terás a recompensa que te é devido.

A meditação é o caminho para o florescimento da alma.

E continuou sua peregrinação por todos os rios e caminhos do

mundo, incessantemente aprendendo e convidando todos a amar no lindo planetinha azul, com a única aspiração de encontrar amigos verdadeiros que quisessem praticar o puro e verdadeiro amor incondicional com ele na Universidade do Amor, praticando os ensinamentos espirituais mais elevados no coração do Jardim de Deus: A Amazônia, com a famosa frase do Buda, em seu coração que transformou sua vida: além, além, muito além, muito mais além, até encontrar a minha iluminação.

E continuou aspirando que todos os seres sejam muito felizes e se livrem de todo o sofrimento, e que amem a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo e que o único e verdadeiro caminho espiritual que há tudo transforma é servir ao próximo sem esperar absolutamente nada em troca.

Ayurus fechou o livro que tinha encontrado, fechou os olhos e sentiu que aquilo seria a sua vida num futuro próximo, e sorriu internamente, e entoou o mantra debaixo de sua árvore preferida, nas margens do místico rio Negro: Gate, Gate, paragate, Parasamgate, Bodi Soha...

Uma vez fui viajar e não voltei.

Não por rebeldia ou por ter decidido ficar; simplesmente mudei.

Cruzei fronteiras que eu nunca imaginaria cruzar. Nem no mapa, nem na vida. Fui tão longe que olhar para trás não era confortável, era motivador.

Conheci o que posso chamar de professores e acessei conhecimentos que nenhum livro poderia me ensinar. Não por serem secretos, mas por serem vivos.

Acrescentei ao dicionário da minha vida novos significados para educação, medo e respeito.

Reaprendi o valor de alguns gestos. Como quando criança, a espontaneidade de sorrisos e olhares faz valer a comunicação mais universal que há – a linguagem da alma.

Fui acolhido por pessoas, famílias, estranhos, bancos e praças. Entre chãos e humanos, ambos podem ser igualmente frios ou restauradores.

Conheci ruas, estações, aeroportos e me orgulho de ter dificuldade em lembrar seus nomes. Minha memória compartilha do meu desejo de querer refrescar-se com novos e velhos ares.

Fiz amigos de verdade. Amigos de estrada não sucumbem ao espaço e nem ao tempo. Amigos de estrada cruzam distâncias; confrontam os anos. São amizades que transpassam verões e invernos com a certeza de novos encontros.

Vivi além da minha imaginação. Contrariei expectativas e acumulei riquezas imateriais. Permiti ao meu corpo e à minha mente experimentar outros estados de vivência e consciência.

Redescobri o que me fascina. Senti calores no peito e dei espaço para meu coração acelerar mais do que uma rotina qualquer permitiria.

E quer saber?

Conheci outras versões da saudade. Como nós, ela pode ser dura. Mas juro que tem suas fraquezas. Aliás, ela pode ser linda.

Com ela, reavaliei meus abraços, dei mais respeito a algumas palavras e me apaixonei ainda mais por meus amigos e minha família.

E ainda tenho muito que aprender.

Na verdade, tais experiências apenas me dirigem para uma certeza – que ainda tenho muito lugar para conhecer, pessoas a cruzar e conhecimento para experimentar.

Uma vez fui viajar...

e foi a partir deste momento que entendi que qualquer viagem é uma ida sem volta.

(texto de autor desconhecido)

DEPOIMENTOS DE VOLUNTÁRIOS DA UNIVERSIDADE DO AMOR

“NINGUÉM SAI ILESO DA AMAZÔNIA”

Ouvi falar pela primeira vez da Universidade do Amor através de uma amiga muito querida, há alguns anos, o que me lembrou meu desejo da adolescência de atender nas comunidades ribeirinhas na Amazônia. Já formada, minha primeira ida a uma expedição foi postergada devido à pandemia, mas em 2021 eu fui, cheia de medos mas também de expectativas. Posso dizer que foi o grande divisor de águas da minha vida - entrei em contato com uma espiritualidade que eu nem imaginava existir, e retomei o contato com a medicina que sempre me atraiu, mas que estava adormecida. Eu encontrei um novo propósito pra minha profissão e pra minha vida no contato com cada morador das comunidades, com cada novo voluntário e com cada amigo das expedições passadas. E é uma oportunidade de entrar em contato com a natureza, o tempo todo, e consigo mesmo, através das meditações, ou simplesmente por sair da correria da vida da cidade. Eu sou eternamente grata por ter a oportunidade de oferecer sem esperar nada em troca, embora eu sempre receba muito mais do que eu ofereço. Sou eternamente grata pela oportunidade de aprender a amar incondicionalmente, nesta que é uma verdadeira universidade do amor.

Voluntária

Particpei de expedições da universidade do amor e realmente mudou minha vida.

Eu particpei de 2 expedições, junho e julho de 2021, onde pude conhecer um pouco mais da nossa história através dos ensinamentos de se estar na Amazônia. O principal e mais importante deles de acordo com a minha percepção é o serviço, pois servindo podemos ver realmente qual é o nosso propósito aqui nesse “planeta azul” como o peregrino (uma pessoa muito especial) sempre falava. Nas expedições, atrás do serviço, reconheci melhor a mim mesma, pois como almas, não nos resta mais nada além de amar mais que ser amado e compreender mais que ser compreendido. A universidade do amor segue as diretrizes do grande santo São Francisco de Assis e através das águas do rio Negro leva esperança e fé, para aqueles que mais precisam, ajudando é que realmente somos ajudados, e quem tiver a oportunidade de entrar neste barco, cuidado! Pois nunca será o mesmo.

Muito obrigada ao peregrino das estrelas pela oportunidade e toda equipe da universidade do amor

Voluntária

Sempre soube que estamos nesse mundo de provas e expiações com um propósito maior e que somente vagar por ele em busca de uma felicidade efêmera é no mínimo irresponsável com minha escolha de vir à Terra!

Nesses anos de busca por evolução espiritual, descobri diversos caminhos sinceros e um deles (talvez o mais verdadeiro e puro) é o servir.

E na @universidade.amor tive a honra de participar da expedição e fui com intuito de servir e buscar meu Dharma, mas passando os dias no Padma (barco) percebi que estava recebendo muito mais que oferecendo, a cada dia que passava uma luz brilhava dentro de mim, a consciência ia se expandindo e o véu de ilusão se desfazendo.

Foi uma experiência transformadora, que recomendo para qualquer pessoa que está nessa busca da verdade e de fazer a diferença na jornada terrena.

“Encontrar o seu Dharma, significa estabelecer a harmonia na

vida e agregar autoconhecimento, além de força necessária para lidar com as verdades”

Voluntária

A Universidade do Amor entrou no meu caminho no ano em que coloquei como propósito conhecer a Amazônia.

Até então, era apenas uma motivação interna de ter contato com os povos indígenas e ribeirinhas mais de perto, emergir nas profundezas dessa terra, dessas águas tão preciosas que eu apenas ouvia falar.

O caminho que antecedeu a expedição foi longo e árduo, com várias intempéries, até que enfim, eu lá cheguei.

Adentrar ao Jóia Rara e depois ter a oportunidade de participar do rito de despedida dele, pisar no Padma e ali também ver a vida pulando e sorrindo, são motivos que enchem meu coração de gratidão, por ter tido a chance de vivenciar tudo o que acontece lá.

O Jardim de Deus, o qual pude navegar através da Universidade do Amor, tem sua magia inexplicável, e ambos fazem jus aos nomes.

No Jardim de Deus, pude conhecer de fato a imensidão divina, através das gargalhadas das crianças, da energia potente e curiosa dos adolescentes, da simplicidade belíssima e o olhar encantado dos idosos. Também o vi no balançar das árvores, no nado dos peixes, na alegria de todo ser vivo que por mim passeava.

Na Universidade do Amor eu tive o privilégio como aluna, de me desconectar do mundo e me conectar com tudo e todos. Um exercício pleno de meditação ativa e incessante, que hora acalmava, hora impulsionava, hora transpirava. E no final, tudo era amor. Fui aluna, mas também professora. O convite estava sempre aberto, as divindades sempre presentes, trabalhando em parceria com cada um que estava ali, a seu modo único de ser.

Existe uma Marini antes e depois da Universidade do Amor, e não fiz nada sozinha. As pessoas viram que era possível ajudar aquele povo tão querido e amado de forma mais próxima, e assim, uma corrente do bem se formou, e sempre que há algo a ser doado pra lá, a mim muitos amigos recorrem.

Pude entender o meu Dharma e praticá-lo de forma mais assertiva, e assim, sigo também espalhando a mensagem da cuia de Buda, dei-

xando ela a disposição de todos aqueles que querem servir, e servindo a quem necessita ser servido.

É uma alegria imensa ter encontrado tudo isso nesse plano e poder contribuir com o que tenho e sou.

Ninguém sai ileso da Amazônia, ainda bem que eu também Ousei Amar.

Voluntária

Durante minha vida fiz muita coisa com o objetivo de sentir que eu gostava da vida, tinha dificuldades em sentir que havia uma explicação, sentia que viver a vida não era algo que valia a pena. Eu senti que muito dessa sensação de a vida não ter um motivo mudou após a viagem, eu comecei a enxergar coisas que antes eu não conseguia valorizar. Eu senti que após a viagem a vida que eu comecei a viver não foi uma vida com dificuldades, minha vida, apesar de continuar a ter seus problemas, deixou de ser algo que eu via com limitações. Eu sinto que foi ter essa experiência na universidade do amor, que gerou dentro de mim a sensação de que eu consigo construir uma vida que vai além da minha concepção, que a minha vida, apesar de ser algo pequeno, vai ser algo que faz coisas felizes e que a consequência dessa felicidade é contribuir com a felicidade de todos aqueles que estão perto e até longe de nós. Foi na universidade do amor que eu entendi o porque a nossa vida não precisa ter medo, durante meu voluntariado, por mais que não aconteça nada sobrenatural, senti uma conexão com algo que eu sei que não tenho explicação, por mais que as dúvidas continuem, foi sentir o que a expedição me proporcionou que faz com que eu todo dia acredite que a nossa vida vai sempre valer. A universidade do amor não é uma experiência que vai se limitar aos poucos dias que a gente experiencia na Amazônia, só que ao nosso contexto da vida como um todo, não é a viagem, mas sim a sintonia que existe .

Voluntário

Eu conheci a Universidade do amor, eu aprendi a amar, a trabalhar a ajudar o meu próximo, eu aprendi e estou aprendendo muito.

Local

A beleza natural da Floresta Amazônica é algo único que sempre me impressionou. No entanto, foi a beleza dos povos originários, suas tradições e ensinamentos, além de um convite para “Ousar Amar”, que me aproximaram da Universidade do Amor e me fizeram entrar para esta grande família.

A Universidade do Amor é muito mais do que um trabalho ou uma grande escola; ela de fato transforma a vida de todas as pessoas que entram no barco e navegam pelo Rio Negro de uma forma única.

Foi a viagem mais especial e a experiência mais importante da minha vida, um verdadeiro divisor de águas. Além do trabalho voluntário, feito com muito zelo e responsabilidade, a troca entre todas as pessoas é bastante significativa.

Aprendi muito sobre como a vida pode ser mais simples, feliz e como é linda a conexão com a natureza e a verdadeira essência humana. Também aprendi a olhar mais para dentro de mim, apreciar o silêncio e me conectar melhor com Deus.

Descobri como é fácil amar e ser amado quando somos nós mesmos. Aprendi que é fácil conhecer e fazer novas amizades quando estamos em um lugar com pessoas com o mesmo propósito, que buscam experiências mais profundas e aprender, nem que seja um pouco, com qualquer uma delas.

Aprendi que o cuidado com o próximo não precisa de muito; pode ser através de conhecimentos teóricos e práticos, mas também pode ser através de um simples abraço e que o amor é sempre o melhor remédio. E que ao doarmos, ganhamos muito mais, mesmo sem pedir nada em troca.

Metade de mim ficou lá, e a outra metade voltou para se reconstruir com mais clareza e firmeza no meu caminho. Meu tempo na floresta foi verdadeiramente transformador. Os relacionamentos que fiz, a consciência que expandi, a maturidade que ganhei e a evolução pessoal que despertou em mim permanecerão comigo para sempre, caminhando ao meu lado para onde quer que eu vá.

A vida é um sonho, e eu agradeço imensamente pela nova vida que ganhei e por ter cruzado o caminho de todos que fazem parte desta família. Foi um privilégio encontrar pessoas tão incríveis que fazem uma grande diferença neste mundo. Que este trabalho continue sempre

vivo, servindo de motivação e inspiração para nos tornarmos pessoas e profissionais melhores a cada dia.

Voluntária

A universidade do amor foi um divisor de águas na minha vida. A imersão me trouxe alargamento de percepção sobre a vida de uma maneira única. Através da energia da Amazônia e toda a sua natureza exuberante pude recarregar toda a minha energia e desenvolver mais sensibilidade em relação ao tempo e o contexto em que pessoas e animais estão inseridos. Os ambientes em que visitamos, as pessoas que conhecemos nos ensinaram a viver com presença cada minuto que temos de vida, sem necessidade de controle ou apego. Sem apego e com muita humildade entrei em contato com um contexto bem diferente do meu e de tamanha riqueza cultura e espiritual.

Aprendi com a imersão a confiar na natureza, a não se apegar e a valorizar cada aqui e agora que tenho de presente da vida.

À todos que fazem parte da Universidade do amor o meu muito obrigada.

Voluntária

Conheci a UA em 2019 e fiquei apaixonada por todo trabalho que eles faziam com as comunidades ribeirinhas, estava me programando para ir em 2020, porém chegou a Pandemia e não consegui.

Embarquei na expedição em julho/21, após 06 meses da perda da minha mãe, minha melhor amiga e minha companheira para tudo, fui em busca de ajudar as pessoas mas na verdade eu é que estava precisando me encontrar e ficar sozinha comigo mesmo, longe de toda a realidade difícil que eu estava vivendo.

Foram 7 dias incríveis aonde além de ajudar eu pude me reconectar comigo mesmo e ver a vida através daqueles que menos tem, mas que mais oferecem e oferecem aquilo que não tem preço, alegria, amor, sorrisos e carinho.

Sou muita grata por conhecer e viver a UA, gratidão também por ter conhecido o peregrino das estrelas, um ser de luz que ilumina a todos ao seu redor.

Na época fiz o seguinte depoimento e ele ainda é muito atual:

Deus tem uma forma misteriosa de nos mostrar as coisas, essa viagem foi muito além de ajudar o próximo, mas sim uma viagem de conexão com a nossa alma, o que nos traz um sentimento de bem estar e gratidão pelo caminho vivido até aqui. É difícil descrever, mas nos traz uma força que nos impulsiona a doar e amar muito mais.

Nesse processo me senti amada, pois quando amamos o outro, nós somos o primeiro a sentir esse amor.

O lema da U.Amor é OUSEM AMAR, então transbordem esse amor seja aonde for.

Voluntária

A experiência de participar, ser voluntária da Universidade do Amor, não pode ser descrita por palavras. É algo tão íntimo, tão profundo, um universo explorado dentro e fora de si.

Cada ida à Amazônia é diferente. Te toca de um jeito diferente. A Amazônia te convida a sentir, a viver.

Lá, a gente vê Deus. A gente fala com ele, consegue senti-lo, tocá-lo.

Lá, a gente realmente descobre o que é amor.

E é isso que a Universidade do Amor significa para mim.

Voluntária

Estamos juntos sempre!

Eu agradeço a Universidade do Amor por ter me oferecido a cuia do Buda.

Posso lhes assegurar que a minha primeira expedição foi um divisor de águas na minha vida.

A partir daí passei a buscar uma mudança de consciência.

O caminho é duro e repleto de armadilhas.

Caio nelas com frequência.

Repito muitos erros.

Em uma palestra esta semana, ouvi que devemos evitar os mesmos erros.

O duro é mudar nossa natureza, mas a universidade do amor me ajuda muito!

Creio que todas as pessoas que procuram a universidade do amor ficam impressionadas com o trabalho e a abnegação

Peço a Deus que lhes deem paciência para compreender e saber orientar cada participante, considerando os diversos níveis de evolução de cada um.

Voluntário

Eu agradeço a Universidade do amor sempre a amizade, confiança e consideração que sinceramente nem considero merecer. E principalmente por viverem a vida Verdadeira e mostrar que é possível vivê-la. Não é fácil lembrar disso, pelo contrário, o mais fácil é se perder na ilusão e no medo.

Um abraço e até breve se Deus quiser

Voluntário

DO AMOR

(de Khalil Gibran)

Quando o amor vos chamar, segui-o.

Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados;

E quando ele vos envolver com suas asas, cedei-lhe,
embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos;

E quando ele vos falar, acreditai nele,
embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos
como o vento devasta o jardim.

Pois, da mesma forma que o amor vos coroa,
assim ele vos crucifica.

E da mesma forma que contribui para vosso crescimento,
trabalha para vossa poda.

E da mesma forma que alcança vossa altura e
acaricia vossos ramos mais tenros que se embalam ao sol,

assim também desce até vossas raízes e
as sacode no seu apego à terra.
Como feixes de trigo, ele vos aperta junto ao seu coração.
Ele vos debulha para expor a vossa nudez.
Ele vos peneira para libertar-vos das palhas.
Ele vos mói até a extrema brancura.
Ele vos amassa até que vos torneis maleáveis.
Então, ele vos leva ao fogo sagrado e
vos transforma no pão místico do banquete divino.
Todas essas coisas,
o amor operará em vós
para que conheçais os segredos de vossos corações e,
com esse conhecimento,
vos convertais no pão místico do banquete divino.

Todavia,
se no vosso temor,
procurardes somente a paz do amor e
o gozo do amor,
então seria melhor para vós que cobrisseis vossa nudez e
abandonásseis a eira do amor,
para entrar num mundo sem estações,
onde ríeis,
mas não todos os vossos risos,
e chorareis,
mas não todas as vossas lágrimas.

O amor nada dá senão de si próprio e
nada recebe senão de si próprio.
O amor não possui,
nem se deixa possuir.
Pois o amor basta-se a si mesmo.
Quando um de vós ama, que não diga:

“Deus está no meu coração”,
mas que diga antes:
“Eu estou no coração de Deus”.
E não imagineis que possais dirigir o curso do amor,
pois o amor,
se vos achar dignos,
determinará ele próprio o vosso curso.
O amor não tem outro desejo senão
o de atingir a sua plenitude.

Se,
contudo,
amardes e precisardes ter desejos,
sejam estes os vossos desejos:
De vos diluirdes no amor e
serdes como um riacho que canta sua melodia para a noite;
De conhecerdes a dor de sentir ternura demasiada;
De ficardes feridos por vossa própria compreensão do amor e
de sangrardes de boa vontade e com alegria;
De acordardes na aurora com o coração alado e
agradecerdes por um novo dia de amor;
De descansardes ao meio-dia e
meditardes sobre o êxtase do amor;
De voltardes para casa à noite com gratidão;
E de adormecerdes com uma prece no coração para “a bem-ama-
da”, e nos lábios uma canção de bem-aventurança.











